

"UM LIVRO QUE SE DESTACA DE TODOS OS OUTROS, DO QUAL
ME LEMBRAREI POR MUITO TEMPO E AO QUAL RETORNAREI."

GEORGE R. R. MARTIN

ESTAÇÃO ONZE

EMILY ST. JOHN MANDEL

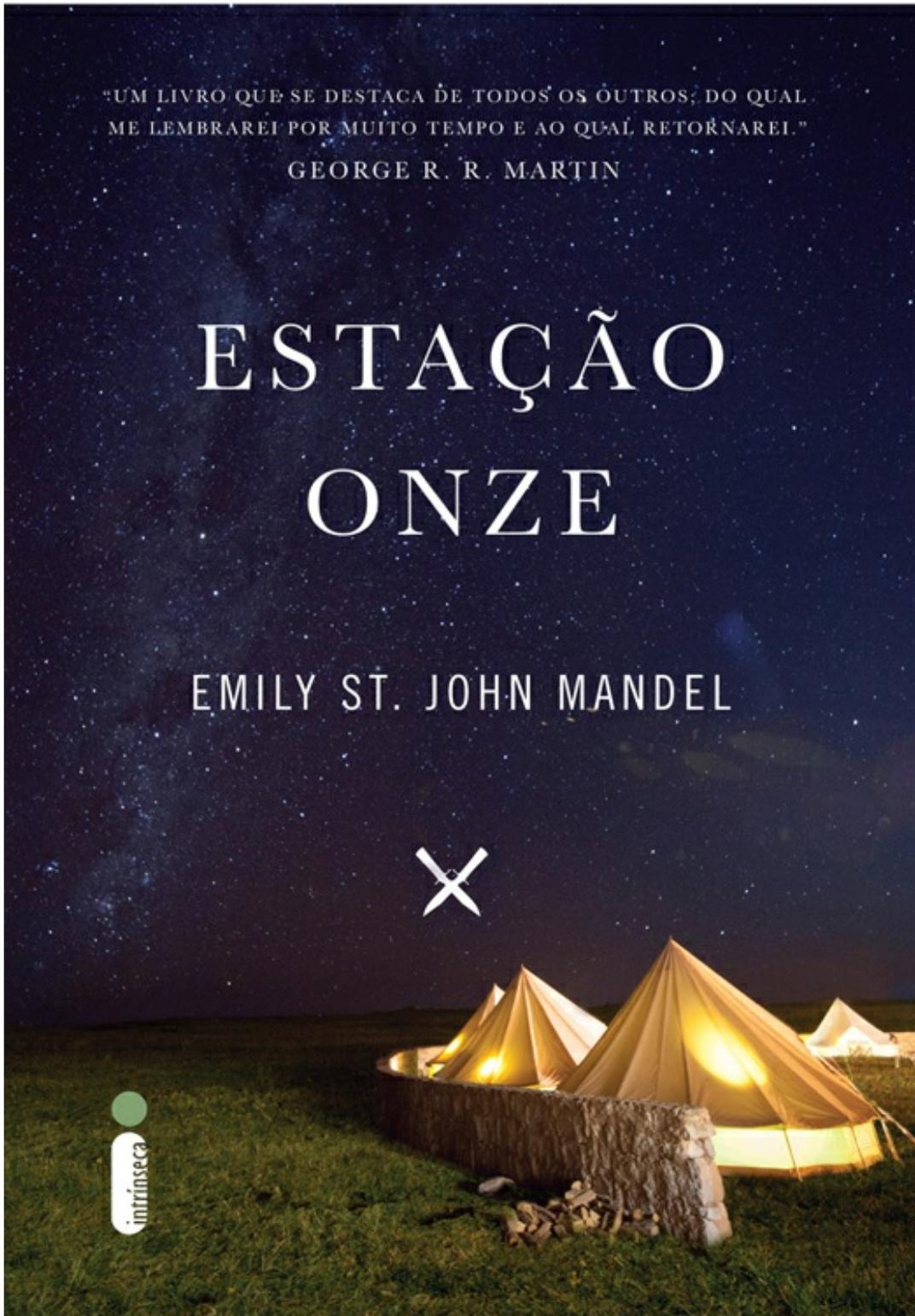


"UM LIVRO QUE SE DESTACA DE TODOS OS OUTROS; DO QUAL
ME LEMBRAREI POR MUITO TEMPO E AO QUAL RETORNAREI."

GEORGE R. R. MARTIN

ESTAÇÃO ONZE

EMILY ST. JOHN MANDEL



EMILY ST. JOHN MANDEL

{ **ESTAÇÃO ONZE** }

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © 2014 by Emily St. John Mandel
Os direitos morais do autor foram assegurados.

TÍTULO ORIGINAL
Station Eleven

PREPARAÇÃO
Tamara Sender

REVISÃO
Milena Vargas
Carolina Rodrigues

ARTE DE CAPA
Abby Weintraub

FOTOGRAFIA DE CAPA
Michael Turek/Gallery Stock

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

REVISÃO DE EPUB
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-708-2

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOLOGIA
Janson Text

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Em memória de Emilie Jacobson

O lado claro do planeta se move rumo à escuridão
E as cidades vão adormecendo, cada uma em sua hora...

– Czeslaw Milosz
Os cadernos dispersos

I. O TEATRO

O REI ESTAVA de pé numa poça de luz azul, à deriva. Era o quarto ato de *Rei Lear*, uma noite de inverno no Elgin Theatre, em Toronto. Mais cedo, no palco, três meninas brincavam de bater ritmadamente as palmas das mãos umas das outras enquanto o público ia entrando, versões infantis das três filhas de Lear, e agora elas retornavam como alucinações na cena da loucura. O rei cambaleava e estendia a mão para alcançá-las enquanto elas esvoaçavam para lá e para cá entre as sombras. O nome dele era Arthur Leander. Tinha cinquenta e um anos e havia flores em seu cabelo.

— Tu me conheces? — perguntou o ator que fazia o papel de Gloucester.

— Recordo bem teus olhos — disse Arthur, distraído pela versão infantil de Cordélia, e foi então que aconteceu.

Houve uma alteração em sua fisionomia; ele tropeçou, estendeu a mão para uma coluna, mas calculou mal a distância e bateu nela com força com o lado da mão.

— Da cintura para baixo, elas são Centauros — disse ele, e não só era a fala errada como a voz saiu num arquejo, quase inaudível.

Aninhou a mão no peito como um pássaro ferido. O ator que encarnava Edgar o observava com atenção. Naquele momento, ainda era possível que Arthur estivesse representando, mas na primeira fileira depois do fosso da orquestra um homem se ergueu da cadeira. Tinha recebido treinamento em primeiros socorros. Sua namorada puxou-o pela manga e cochichou:

— Jeevan! O que você está fazendo?

E o próprio Jeevan, a princípio, ficou em dúvida; as fileiras atrás dele reclamaram em voz baixa, pediram que se sentasse. Um lanterninha veio na sua direção. A neve começava a cair no palco.

— O pintassilgo também faz isso — sussurrou Arthur, e Jeevan, que conhecia muito bem a peça, se deu conta de que o ator havia saltado doze falas. — O pintassilgo...

— Senhor — disse o lanterninha —, por favor...

Mas Arthur Leander estava cambaleante. Oscilou, os olhos desfocados, e para Jeevan era óbvio que ele não era mais Lear. Jeevan empurrou o lanterninha para o lado e correu em direção à escadinha de acesso ao palco, mas um segundo funcionário do teatro vinha apressado pelo corredor entre as cadeiras da plateia, o que obrigou Jeevan a pular direto para o palco. A altura era maior do que havia imaginado e ele teve de chutar o lanterninha, que tinha segurado a manga de seu paletó. A neve era de plástico, Jeevan notou com a visão periférica, pedacinhos de plástico transparente que grudavam no paletó e roçavam na pele. Edgar e Gloucester se distraíram com a comoção, nenhum dos dois olhava para Arthur, que se encostara, com o olhar perdido, a uma coluna feita de madeira compensada. Soaram gritos nos bastidores, duas sombras se aproximavam ligeiras, mas Jeevan já havia alcançado Arthur e segurou o ator na hora em que ele perdeu a consciência, baixando-o ao chão com delicadeza. A neve caía depressa à sua volta, cintilante na luz azul e branca. Arthur não estava respirando. As duas sombras — dois seguranças — tinham parado a poucos passos, supostamente entendendo, naquele momento, que Jeevan não era um fã desvairado. A plateia tornou-se um clamor de vozes, flashes das câmeras de celular, exclamações incompreensíveis na escuridão.

— Meu Deus — disse Edgar. — Minha Nossa.

Havia abandonado o sotaque britânico que usara até então e agora soava como alguém do Alabama, de onde ele era de fato. Gloucester tinha arrancado as ataduras de gaze que cobriam metade do seu rosto — àquela altura da peça, os olhos de seu personagem tinham sido arrancados — e parecia congelado, imóvel, a boca abrindo e fechando como a de um peixe.

O coração de Arthur não estava batendo. Jeevan começou os procedimentos de reanimação cardiopulmonar. Alguém gritou uma ordem, a cortina baixou, um chiado de pano e de sombra que afastou a plateia da cena e reduziu pela metade a luz no palco. A neve de plástico continuava a cair. Os seguranças tinham recuado. As luzes mudaram, os azuis e os brancos da nevasca deram lugar a um brilho fluorescente que, em comparação, parecia amarelado. Jeevan trabalhava em silêncio sob a luz cor de margarina, olhando às vezes para o rosto de Arthur. Por favor, pensava, por favor. Os olhos do homem estavam fechados. Houve um movimento na cortina, do outro lado alguém apalpando o pano em busca de uma passagem, e então um homem mais velho, de terno cinzento, se pôs de joelhos do outro lado de Arthur.

— Sou cardiologista — disse ele. — Walter Jacobi.

Seus olhos estavam ampliados pelas lentes dos óculos e seu cabelo era ralo no alto da cabeça.

— Jeevan Chaudhary — apresentou-se Jeevan.

Não sabia ao certo havia quanto tempo estava ali. Pessoas se moviam à sua volta, mas todos pareciam distantes e vagos, menos Arthur e, agora, aquele outro homem que se juntara a ele. Era como ficar no olho de um furacão, pensou Jeevan; ele, Walter e Arthur juntos ali, naquela calma. Walter tocou na testa do ator com delicadeza, como um pai que tenta apaziguar o filho febril.

— Chamaram uma ambulância — disse Walter.

A cortina baixada conferia ao palco uma intimidade inesperada. Jeevan pensava na ocasião em que havia entrevistado Arthur em Los Angeles, anos antes, durante sua breve carreira de jornalista da seção de entretenimento. Pensava na namorada, Laura, imaginou se ela ainda estaria à sua espera na primeira fila da plateia ou se teria ido para o saguão. Jeevan pensava: Por favor, volte a respirar, por favor. Pensava na maneira como a cortina baixada se tornara uma quarta parede e transformava o palco numa sala à parte, ainda que com um grande vão cavernoso em vez de um teto, abismos formados por passarelas suspensas e luzes, entre as quais a alma de uma pessoa podia se esgueirar e fugir sem ser vista. Que pensamento mais ridículo, disse Jeevan para si mesmo. Não seja idiota. Mas então sentiu uma pontada na nuca, a sensação de ser observado do alto.

— Quer que eu tome seu lugar? — perguntou Walter.

Jeevan entendeu que o cardiologista se sentia inútil, então fez que sim com a cabeça, ergueu as mãos do peito de Arthur, e Walter deu sequência, no mesmo ritmo.

Não propriamente uma sala, pensou Jeevan no momento, olhando o palco à sua volta. Era transitório demais, todas aquelas saídas e aqueles espaços escuros entre os bastidores, e o teto ausente. Parecia antes um terminal, concluiu, uma estação de trem ou um aeroporto, onde todo mundo passava depressa. A ambulância havia chegado; dois médicos se aproximaram debaixo da neve que, absurdamente, continuava a cair, e em seguida, como corvos, se atiraram sobre o ator caído, um homem e uma mulher de uniforme escuro, obrigando Jeevan a se afastar; a mulher era tão jovem que não podia ser mais do que uma adolescente. Jeevan se levantou e

recuou. A coluna junto à qual Arthur tombara era lisa e polida sob a ponta de seus dedos, madeira pintada a fim de parecer pedra.

Havia contrarregras e maquinistas por toda parte, atores, funcionários sem nome com pranchetas na mão.

— Deus do Céu. — Jeevan ouviu um deles dizer. — Será que ninguém pode parar essa porcaria de neve?

Regan e Cordélia estavam de mãos dadas e choravam junto à cortina, Edgar sentara-se no chão, ali perto, de pernas cruzadas, com a mão sobre a boca. Goneril falava em voz baixa no celular. Os cílios postiços lançavam sombras em seus olhos.

Ninguém olhava para Jeevan, e lhe veio à cabeça que seu papel na cena havia terminado. Os médicos pareciam não estar tendo sucesso algum. Ele queria encontrar Laura. Na certa ela estava à sua espera no saguão, abalada. Talvez — essa foi uma ideia distante, mas mesmo assim lhe ocorreu — Laura achasse suas ações admiráveis.

Alguém finalmente conseguiu parar a neve, as últimas e escassas transparências de plástico caíam devagar. Jeevan procurava a maneira mais fácil de sair do palco quando ouviu um choro infantil, e lá estava a criança que ele havia notado antes, uma atriz pequenina, ajoelhada no palco, ao lado da outra coluna de compensado, à esquerda de Jeevan. Ele tinha assistido àquela peça quatro vezes, mas nunca antes com crianças, e viu naquilo um toque inovador na montagem. A menina tinha sete ou oito anos. Continuava enxugando os olhos, num movimento que deixava riscos de maquiagem no rosto e nas costas da mão.

— Afaste-se — disse um dos médicos, e o outro recuou enquanto ele aplicava um choque elétrico no corpo.

— Olá — disse Jeevan para a menina.

Ajoelhou-se diante dela. Por que ninguém a havia tirado daquela confusão? Ela olhava fixamente para os médicos. Jeevan não tinha experiência com crianças, embora sempre tivesse desejado um ou dois filhos, e não sabia ao certo como devia falar com elas.

— Afaste-se — disse o médico de novo.

— Você não quer ficar olhando para isso — disse Jeevan.

— Ele vai morrer, não vai? — A menina respirava entre pequenos soluços.

— Não sei. — Jeevan queria falar algo tranquilizador, mas tinha de admitir que a situação não parecia nada boa. Arthur continuava imóvel sobre o palco depois de levar dois choques, e Walter segurava o pulso do homem olhando para o vazio com ar preocupado, à espera de alguma pulsação. — Qual é o seu nome?

— Kirsten — respondeu a menina. — Kirsten Raymonde. — A maquiagem que ela usara para a cena tinha um efeito desconcertante.

— Kirsten — repetiu Jeevan. — Onde está sua mãe?

— Ela só vem me pegar às onze horas.

— Ligue isso — disse um médico.

— Então quem toma conta de você enquanto fica aqui?

— Tanya, a vaqueira. — A menina continuava a olhar fixamente para Arthur.

Jeevan mudou de lugar a fim de bloquear sua visão.

— Nove e quinze da noite — disse Walter Jacobi.

— Vaqueira? — perguntou Jeevan.

— É como a chamam — disse Kirsten. — É ela quem toma conta de mim enquanto fico

aqui. — Um homem de terno tinha aparecido do lado direito do palco e falava afobado com os médicos, que amarravam Arthur a uma maca. Um deles encolheu os ombros e baixou o cobertor para prender uma máscara de oxigênio no rosto de Arthur. Jeevan entendeu que faziam isso pensando no bem da família do ator, pois assim eles não receberiam a notícia de sua morte pelo noticiário da noite. Jeevan ficou comovido com a dignidade daquele ato.

Pôs-se de pé e estendeu a mão para a criança, que fungava.

— Vamos — disse ele. — Vamos achar Tanya. Ela deve estar procurando você.

Era pouco provável. Se Tanya estivesse procurando sua protegida, sem dúvida já a teria encontrado àquela altura. Jeevan levou a menina para a coxia, mas o homem de terno havia sumido. Os bastidores estavam um caos, tudo era barulho e movimento, gritos para abrir caminho enquanto a procissão que levava Arthur passava, com Walter à frente da maca. O cortejo sumiu pelo corredor rumo à saída de fundos do teatro e a comoção aumentou no rastro de sua passagem, todos gritavam ou falavam nos celulares, se amontoavam em rodinhas contando e repetindo a história uns para os outros — “Aí eu olhei e ele estava caindo” —, ou berravam ordens, ou ignoravam as ordens berradas por outros.

— É tanta gente — disse Jeevan. Ele não gostava muito de multidões. — Está vendo a Tanya?

— Não. Não estou vendo em lugar nenhum.

— Bem — disse Jeevan. — Talvez seja melhor a gente ficar parado e deixar que ela nos encontre.

Lembrou que, certa vez, tinha lido essa recomendação num folheto que ensinava o que fazer ao se perder na mata. Havia algumas cadeiras enfileiradas junto à parede dos fundos, e ele se sentou numa delas. Dali, podia ver o compensado sem pintura por trás do palco. Um contrarregra varria a neve.

— O Arthur vai ficar bom? — Kirsten tinha subido na cadeira a seu lado e agarrava o vestido com os punhos cerrados.

— Agora mesmo ele estava fazendo aquilo de que mais gostava no mundo — disse Jeevan, baseando-se numa entrevista que lera um mês antes, em que Arthur havia falado para um repórter do *The Globe and Mail*: “Esperei a vida inteira para estar velho o bastante e poder representar o papel de rei Lear, e não há nada que eu ame mais do que estar no palco, a sensação de premência que experimentamos...”

Mas, em retrospecto, as palavras pareciam ocas. Arthur era antes de tudo um ator de cinema e, em Hollywood, quem deseja ficar velho?

Kirsten continuou calada.

— Minha ideia é a seguinte: se representar foi a última coisa que Arthur fez na vida — explicou Jeevan —, então a última coisa que ele fez na vida foi algo que o deixou feliz.

— Mas foi mesmo a última coisa que ele fez na vida?

— Acho que foi. Sinto muito.

A neve era agora uma pilha cintilante atrás do cenário, uma pequena montanha.

— Também é a coisa de que eu mais gosto no mundo — disse Kirsten depois de algum tempo.

— O quê?

— Representar — respondeu ela, e foi então que uma jovem com o rosto marcado por lágrimas e de braços abertos surgiu do meio da multidão.

A mulher mal olhou para Jeevan quando segurou a mão de Kirsten. A menina olhou para trás uma vez, por cima do ombro, e foi embora.

Jeevan se levantou e caminhou para a saída do palco. Ninguém o deteve. Tinha alguma esperança de ver Laura aguardando-o no lugar onde ele a havia deixado, no centro da primeira fileira — quanto tempo havia passado? —, mas, quando achou uma abertura no meio das cortinas de veludo, o público todo tinha ido embora, funcionários do teatro varriam o chão entre as filas de cadeiras e juntavam programas abandonados, uma echarpe esquecida no encosto de uma poltrona. Jeevan seguiu para o saguão com tapete vermelho extravagante, tomando cuidado para não fazer contato visual com os lanterninhas, e lá uns poucos remanescentes da plateia ainda aguardavam, mas Laura não estava entre eles. Jeevan telefonou, mas ela desligara o celular durante a peça e pelo visto ainda não o havia ligado de novo.

— Laura — disse ele para a caixa de mensagens. — Estou no saguão do teatro. Não sei onde você está.

Foi até a porta do banheiro feminino e falou com a zeladora, mas ela informou que o banheiro estava vazio. Deu uma volta pelo saguão e foi ao balcão do guarda-volumes, onde seu sobretudo era uma das últimas peças penduradas nos cabides. O casaco azul de Laura tinha sumido.

A neve caía na Yonge Street. Isso surpreendeu Jeevan quando ele saiu do teatro, aquele eco dos pedacinhos de plástico transparente do palco, que continuavam grudados em seu paletó. Meia dúzia de paparazzi haviam passado a noite junto à porta de fundos do palco. Arthur não era mais tão famoso quanto tinha sido, mas suas fotos ainda vendiam bem, sobretudo agora que andava às voltas com um divórcio que era praticamente uma luta de gladiadores contra uma atriz/modelo que o havia traído com um diretor de cinema.

Até bem pouco tempo antes, o próprio Jeevan tinha sido um paparazzo. Esperava passar despercebido entre os ex-colegas, mas aqueles eram homens cujas competências profissionais incluíam a capacidade de notar quando alguém tentava passar despercebido por eles, e no mesmo instante abordaram Jeevan.

— Você está ótimo — disse um dos fotógrafos. — Que bonito casaco você arranjou. — Jeevan vestia sua japona de marinheiro, que não era quente o bastante, mas produzia o efeito desejado de torná-lo menos parecido com seus ex-colegas, que tinham certa tendência a usar paletós folgados e jeans. — Por onde tem andado, cara?

— Cuidando de um bar — respondeu Jeevan. — E estudando para ser paramédico.

— Socorrista? Sério? Está a fim de ganhar a vida catando os bêbados das calçadas?

— Quero fazer alguma coisa que tenha importância, se é o que você está querendo dizer.

— Certo, tudo bem. Você estava lá dentro, não estava? O que aconteceu?

Alguns deles falavam em seus celulares.

— É o que estou dizendo, o cara morreu — disse um deles, perto de Jeevan. — Bem, é claro, a neve fica na frente da foto, mas dê uma olhada na outra que acabei de mandar para você, olhe o rosto dele naquela foto em que estão levando a maca para a ambulância...

— Não sei o que aconteceu — respondeu Jeevan. — Baixaram a cortina no meio do quarto ato. — Deu essa informação, em parte, porque não queria conversar com ninguém naquele momento, exceto talvez com Laura, e em parte porque não queria especificamente falar com eles. — Você viu quando Arthur foi colocado na ambulância?

— Passou por aqui na maca sobre rodinhas e saiu pela porta de fundos do teatro — disse um dos fotógrafos, que fumava um cigarro com movimentos rápidos, nervosos. — Médicos, ambulância, todo o aparato.

— E como ele estava?

— Quer que eu fale francamente? Parecia um cadáver.

— Tem botox e mais botox naquela cara — disse outro paparazzo.

— Houve uma declaração oficial? — perguntou Jeevan.

— Um cara de terno veio lá de dentro e falou com a gente. Estafa e, veja só, desidratação. — Alguns riram. — Sempre a mesma história de estafa e desidratação com essa gente, não é?

— Era de imaginar que alguém se desse o trabalho de explicar para eles — disse o homem do botox. — Alguma boa alma bem que podia fazer a caridade de puxar um ou dois desses atores para o canto e falar: Escute aqui, meu chapa, espalhe isso entre seus colegas. Vocês têm que ingerir líquidos e dormir de vez em quando, ok?

— Acho que vi menos do que vocês viram — disse Jeevan e fingiu receber um telefonema importante.

Foi andando pela Yonge Street com o telefone gelado encostado na orelha e se abrigou num portal, meio quarteirão à frente, a fim de ligar para Laura de novo. O telefone dela continuava desligado.

Se chamasse um táxi, Jeevan chegaria em casa em meia hora, mas gostou de estar ao ar livre, longe das pessoas. Agora a neve caía mais depressa. Ele se sentiu extravagante e culpadamente vivo. A injustiça daquilo, o seu coração continuar pulsando sem hesitação enquanto em algum lugar Arthur jazia estirado, frio e imóvel. Caminhou para o norte, subindo a Yonge Street, com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos do casaco e a neve grudando no rosto.

Jeevan morava em Cabbagetown, a nordeste do teatro. Era o tipo de caminhada que teria feito em seus vinte anos, sem hesitar, uns poucos quilômetros de cidade, com bondes elétricos vermelhos passando. Mas já fazia algum tempo que não dava uma caminhada como aquela. Não tinha certeza de que faria mesmo aquilo, mas, quando dobrou à direita na Carlton Street, sentiu certo ímpeto, o que o levou a seguir adiante, deixando para trás o primeiro ponto do bonde.

Chegou ao parque Allan Gardens, mais ou menos a metade do caminho, e foi aí que se viu atingido por uma inesperada onda de alegria. Arthur morreu, disse a si mesmo, você não conseguiu salvá-lo, não há nenhum motivo para ficar feliz. Porém havia; ele estava exultante porque durante toda a vida se perguntara qual profissão seguir e agora tinha certeza, absoluta certeza, de que queria ser paramédico. Em situações em que as pessoas podiam apenas ficar olhando, Jeevan queria ser alguém capaz de tomar a frente.

Sentiu um desejo absurdo de correr para dentro do parque. A tempestade o transformara num território à parte, todo coberto de neve e sombras, silhuetas negras das árvores, o brilho subaquático da cúpula de uma grande estufa de plantas. Quando menino, Jeevan gostava de ficar deitado de costas no quintal e ver a neve caindo em cima dele. Cabbagetown já estava

visível alguns quarteirões à frente, as luzes da Parliament Street embaçadas pela neve. O celular vibrou no bolso. Ele parou a fim de ler a mensagem de texto enviada por Laura: *Sentir dor de cabeça e fui para casa. Pode comprar leite?*

E então, todo o ímpeto o abandonou. Jeevan não conseguia mais ir além. Sua intenção ao comprar os ingressos da peça era fazer um gesto romântico, algo como “vamos fazer uma coisa romântica, porque a gente só briga o tempo todo”, mas ela o abandonou no teatro, deixou-o em pleno palco, cumprindo os procedimentos de reanimação cardiopulmonar num ator morto, e foi para casa, e ainda queria que ele comprasse leite. Agora que tinha parado de andar, Jeevan sentiu frio. Os dedos dos pés estavam dormentes. Toda a magia da tempestade o abandonara e a felicidade que sentira um momento antes estava desaparecendo. Era uma noite escura e cheia de movimento, a neve caía ligeira e silenciosa, os carros estacionavam na rua, crescendo em suaves contornos de si mesmos. Jeevan tinha medo do que ia dizer, caso fosse para casa encontrar Laura. Pensou em parar em um bar qualquer, mas não queria conversar com ninguém e, quando pensou melhor, viu que também não tinha vontade nenhuma de se embriagar. Queria apenas ficar sozinho por um tempo, enquanto decidia o que fazer. Então entrou em um parque silencioso.

HAVIA RESTADO POUCA gente no Elgin Theatre. Uma mulher lavava o figurino dos personagens no vestiário, um homem passava as roupas a ferro, ali perto. Uma atriz — a que representara Cordélia — bebia tequila nos bastidores junto com o assistente de produção. Um jovem contrarregra passava esfregão no piso e balançava a cabeça no ritmo da música que ouvia em seu iPod. Num camarim, a mulher incumbida de tomar conta das atrizes mirins tentava consolar a menina chorosa que estava no palco quando Arthur morreu.

Seis pessoas permaneciam no bar do saguão, onde o garçom continuava a servir, por compaixão. O técnico de palco estava lá, além de Edgar e Gloucester, um maquiador, Goneril e um produtor executivo que estivera na plateia. Na mesma hora em que Jeevan se arrastava entre as rajadas de neve em Allan Gardens, o garçom servia uísque para Goneril. A conversa naquele momento era sobre o parente mais próximo de Arthur.

— Mas afinal *quem era* a família dele? — Goneril estava empoleirada num tamborete junto ao balcão do bar. Tinha os olhos vermelhos. Sem maquiagem, seu rosto parecia feito de mármore, a pele mais clara e mais perfeita que o garçom tinha visto na vida. Ela era muito menor fora do palco e também muito menos má. — Ele tinha alguém?

— Um filho — disse o maquiador. — Tyler.

— Quantos anos?

— Sete ou oito, não é? — O maquiador sabia exatamente qual era a idade do filho de Arthur, mas não queria que soubessem que lia revistas de fofoca. — Acho que deve morar com a mãe, em Israel, talvez em Jerusalém ou Tel Aviv. — Ele sabia que era Jerusalém.

— Ah, é mesmo, aquela atriz loura — disse Edgar. — Elizabeth, não é isso? Eliza? Algo assim.

— A ex-mulher número três? — perguntou o produtor.

— Acho que a mãe da criança era a ex-mulher número dois.

— Coitado do menino — disse o produtor. — E o Arthur tinha alguém mais próximo?

Aquilo provocou um silêncio incômodo. Arthur vinha tendo um caso com a mulher que tomava conta das atrizes mirins. Todos os presentes sabiam, menos o produtor, mas ninguém sabia se os outros também sabiam. Foi Gloucester quem falou o nome da mulher.

— Onde está a Tanya?

— Quem é Tanya? — perguntou o produtor.

— Ainda não vieram apanhar umas das meninas. Acho que a Tanya está no camarim das crianças. — O técnico de palco nunca tinha visto uma pessoa morrer. Queria um cigarro.

— Bem — disse Goneril. — Quem mais? Tanya, o menino, todas as ex-mulheres, mais alguém? Irmãos, parentes?

— Quem é Tanya? — perguntou o produtor outra vez.

— De quantas ex-mulheres estamos falando, afinal? — O garçom enxugava um copo.

— Ele tem um irmão — disse o maquiador —, mas não consigo lembrar o nome. Só lembro que ele disse que tinha um irmão mais novo.

— Acho que eram três ou talvez quatro — disse Goneril, referindo-se às ex-mulheres. — Três?

— Três. — O maquiador enxugou as lágrimas. — Mas não sei se o último divórcio chegou a ser concluído.

— Então Arthur não estava casado com ninguém na hora em que... não estava casado com ninguém esta noite?

O produtor sabia que aquilo parecia bobagem, mas não encontrou outro jeito de se expressar. Arthur Leander tinha entrado no teatro poucas horas antes e era inconcebível que no dia seguinte não fosse para lá de novo.

— Três divórcios — disse Gloucester. — Dá para imaginar? — Ele próprio tinha se divorciado pouco tempo antes. Tentava lembrar a última coisa que Arthur lhe dissera. Algo sobre um bloqueio no segundo ato, não foi isso? Bem que gostaria de se lembrar. — Alguém já foi informado? Para quem vamos ligar?

— Acho melhor eu ligar para o advogado dele — disse o produtor.

Aquela solução era incontestável, mas tão deprimente que o grupo ficou bebendo durante muitos minutos, em silêncio, antes que alguém conseguisse tomar coragem para falar.

— O advogado dele — disse o garçom, afinal. — Meu Deus, que coisa louca. O homem morre e a gente liga para o *advogado*.

— Para quem mais podemos ligar? — perguntou Goneril. — O empresário dele? O filho de sete anos? As ex-mulheres? Tanya?

— Eu sei, eu sei — respondeu o garçom. — Só que é uma coisa horrível.

Ficaram em silêncio outra vez. Alguém fez um comentário sobre a neve que caía com mais força, e caía mesmo, dava para ver pelas portas de vidro no final do saguão. Vista do bar, era quase abstrata, um filme sobre mau tempo numa rua deserta.

— Bem, um brinde ao Arthur — disse o garçom.

No camarim infantil, Tanya entregou um peso de papel a Kirsten.

— Tome — disse ela, ao colocar o peso nas mãos da menina. — Vou continuar tentando localizar seus pais e você tente parar de chorar, por favor, olhe só que coisa bonita...

E Kirsten, ofegante e de olhos chorosos, poucos dias antes do seu oitavo aniversário, olhava para o objeto e achava que era a coisa mais bonita, mais maravilhosa, mais estranha que já tinham posto em suas mãos. Era uma bola de vidro com uma nuvem de chuva aprisionada lá dentro.

No saguão, as pessoas reunidas no bar fizeram tilintar seus copos batendo-os uns nos outros, num brinde.

— Ao Arthur — falaram.

Beberam durante mais alguns minutos e depois cada um tomou seu rumo, debaixo da neve.

Entre todos que estavam no bar naquela noite, foi o garçom quem sobreviveu por mais tempo. Morreu três semanas depois, na estrada que levava para fora da cidade.

JEEVAN VAGAVA SOZINHO pelo parque Allan Gardens. Deixou que a luz fria da estufa de plantas o atraísse como um farol; os montes de neve acumulada agora batiam em seus joelhos, e ele sentia o prazer infantil de ser o primeiro a deixar pegadas na neve. Quando olhou para o interior, se sentiu apaziguado pelo paraíso que havia na estufa, flores tropicais turvas pelos vidros embaçados, folhas de palmeira que lembravam as férias que ele passara em Cuba, muito tempo antes. Iria visitar o irmão, decidiu Jeevan. Tinha vontade de contar a Frank o que havia acontecido naquela noite, tanto o horror pela morte de Arthur quanto a descoberta de que ser um paramédico era a melhor coisa para fazer de sua vida. Até aquela noite, Jeevan não tinha certeza. Já fazia muito tempo que andava em busca de uma profissão. Tinha sido garçom, paparazzo, jornalista de entretenimento, depois paparazzo de novo, garçom outra vez, e assim haviam se passado doze anos.

Frank morava numa torre de vidro no extremo sul da cidade, de frente para o lago. Jeevan saiu do parque e esperou por um tempo na calçada, dando pulinhos para se aquecer, embarcou num bonde que flutuava como um barco no meio da noite e encostou a testa na janela enquanto o bonde avançava devagar pela Carlton Street, voltando pelo mesmo caminho que Jeevan tinha percorrido. A tempestade agora deixava tudo branco, o bonde avançava na velocidade de um homem caminhando. As mãos de Jeevan doíam do esforço de ter pressionado o coração renitente de Arthur. A tristeza de tudo aquilo, a lembrança de ter fotografado o ator em Hollywood tantos anos antes. Pensava na menina, Kirsten Raymonde, luminosa em sua maquiagem de palco; no cardiologista que se ajoelhou a seu lado, de terno cinzento; nas rugas no rosto de Arthur, suas últimas palavras: “O pintassilgo...” E aquilo fez Jeevan se lembrar dos pássaros, de Frank com seus binóculos nas poucas vezes que os dois estiveram juntos observando pássaros, no vestido de verão predileto de Laura, que era azul com uma revoada de papagaios amarelos, Laura, o que seria deles? Ainda era possível que Jeevan fosse para casa mais tarde, ou que ela telefonasse a qualquer momento para pedir desculpas. Jeevan tinha quase chegado ao local de onde havia partido em sua caminhada, o teatro estava fechado e escuro, alguns quarteirões ao sul. O bonde parou de repente na Yonge Street e ele viu que um carro havia perdido a direção na pista escorregadia e agora estava parado no meio dos trilhos, três pessoas empurravam, enquanto os pneus giravam em falso na neve. O celular de Jeevan vibrou de novo no bolso, mas dessa vez não era Laura.

— Hua — disse ele.

Pensava em Hua como seu melhor amigo, apesar de raramente se encontrarem. Tinham trabalhado juntos num bar durante alguns anos, pouco depois da universidade, enquanto Hua estudava para a prova de seleção da especialização em medicina e Jeevan tentava, sem sucesso, se firmar como fotógrafo de casamentos; então Jeevan seguiu outro amigo até Los Angeles para tirar fotos de atores, e Hua partiu para estudar medicina. Agora Hua trabalhava horas e horas seguidas no Hospital Geral de Toronto.

— Viu as notícias? — perguntou Hua, com a voz estranhamente tensa.

— Agora de noite? Não, fui ao teatro. Na verdade, você nem vai acreditar no que aconteceu, eu...

— Espere, escute, preciso que você me fale com toda a franqueza. Você vai ter um de seus ataques de pânico se eu lhe disser que aconteceu uma coisa muito, mas muito ruim de verdade?

— Faz três anos que não tenho nenhum ataque de ansiedade. Meu médico disse que tudo aquilo não passou de uma situação de estresse temporária, sabe como é.

— Ok. Já ouviu falar da Gripe da Geórgia?

— Claro — respondeu Jeevan. — Você sabe que tento me manter atualizado.

Na véspera, surgira a notícia de uma gripe nova e alarmante na república da Geórgia, matérias conflitantes sobre índices de mortalidade e número de mortos. Os detalhes eram escassos. O nome usado pelos breves textos do noticiário — a Gripe da Geórgia — pareceu irresistivelmente bonito a Jeevan.

— Estou com um paciente na UTI — disse Hua. — Menina de dezesseis anos, chegou de Moscou na noite passada, apresentou sintomas de gripe na emergência do hospital hoje de manhã cedo. — Só então Jeevan percebeu a exaustão na voz de Hua. — A situação não está nada boa para ela. Pois bem, no meio da manhã, já tínhamos mais doze pacientes, os mesmos sintomas, e foi constatado que todos vieram no mesmo avião. Todos contaram que começaram a se sentir mal no avião.

— Parentes? Amigos da primeira paciente?

— Nenhum tipo de relação. Apenas embarcaram no mesmo voo em Moscou.

— A menina de dezesseis anos...?

— Acho que ela não vai escapar. Então existe esse grupo inicial de pacientes, os passageiros que vieram de Moscou. Aí, de tarde, apareceu outro paciente. Os mesmos sintomas, mas esse não estava no avião. É apenas um funcionário do aeroporto.

— Não sei se estou entendendo o que você quer me...

— Um funcionário do portão de embarque — falou Hua. — Estou dizendo que o único contato dele com os outros pacientes foi falar com um deles e mostrar onde devia pegar o transporte para o hotel.

— Ah — disse Jeevan. — Parece coisa séria. — O bonde continuava preso atrás do carro acidentado. — Então pelo visto você vai ficar trabalhando até tarde hoje, não é?

— Lembra da epidemia da SARS? — perguntou Hua. — Aquela conversa que tivemos?

— Lembro que telefonei de Los Angeles para você quando eu soube que seu hospital estava em quarentena, mas não me lembro do que disse.

— Você ficou louco de medo. Tive de me esforçar para acalmá-lo.

— Ah, acho que me lembro, sim. Mas, escute, em minha defesa, eles pintaram aquilo tudo de um jeito muito...

— Você me disse para ligar se acontecesse uma epidemia de verdade.

— Eu me lembro.

— Desde hoje de manhã, já recebemos duzentos pacientes de gripe — disse Hua. — Cento e sessenta nas últimas três horas. Quinze morreram. O setor de emergência está lotado de casos novos. Pusemos leitos nos corredores. O Ministério da Saúde vai fazer uma declaração oficial. — Não era só exaustão, Jeevan se deu conta. Hua estava com medo.

Jeevan puxou a campainha do bonde e seguiu na direção da porta traseira. De repente, se viu olhando para os outros passageiros. A jovem com uma sacola de alimentos, o homem de negócios de terno entretido com algum jogo no celular, o casal de idosos conversando

sosegadamente em hindi. Será que algum deles tinha vindo do aeroporto? Jeevan estava consciente de que todos respiravam à sua volta.

— Sei como você fica paranoico — disse Hua. — Acredite, você é a última pessoa para quem eu ligaria se achasse que é uma coisa à toa, mas...

Jeevan bateu com força a palma da mão no vidro da porta. Quem havia tocado na porta antes dele? O motorista olhou por cima do ombro, mas deixou-o descer. Jeevan andou no meio da tempestade de neve e as portas do bonde fecharam com um chiado às suas costas.

— Mas você não acha que seja uma coisa à toa.

Jeevan passou pelo carro acidentado, as rodas ainda giravam em falso na neve. A Yonge Street estava logo à frente.

— Tenho certeza de que não é coisa à toa. Escute, tenho de voltar para o trabalho.

— Hua, você trabalhou com esses pacientes o dia inteiro?

— Estou bem, Jeevan. Vou ficar bem. Agora preciso ir. Ligo mais tarde.

Jeevan pôs o celular no bolso e foi andando em meio à neve, virou na direção sul na Yonge Street, rumo ao lago e à torre onde o irmão morava. Você está bem, Hua, meu velho amigo, ou *vai ficar* bem? Jeevan estava profundamente preocupado. As luzes do Elgin Theatre estavam logo à frente. O interior do teatro agora estava escuro, os cartazes continuavam a anunciar *Rei Lear*, com Arthur olhando para cima, para a luz azul, com flores nos cabelos e o cadáver flácido de Cordélia nos braços. Jeevan parou um pouco, observando os cartazes. Caminhou devagar, pensando no estranho telefonema de Hua. A Yonge Street estava quase deserta. A fim de tomar fôlego, Jeevan parou na porta de uma loja que vendia malas e olhou um táxi que abria caminho lentamente pela rua atulhada de neve, a tempestade captada pelos faróis, e por um momento aquela visão, a neve nos faróis, transportou-o de volta para a tempestade de neve cenográfica no Elgin Theatre. Balançou a cabeça para desfazer a imagem do olhar vazio de Arthur e seguiu em frente, em seu deslumbramento exausto, entre sombras e luzes laranja, sob o viaduto Gardiner, para a embaçada zona sudeste de Toronto.

A tempestade de neve caía mais feroz em Queens Quay; o vento varria o lago. Jeevan finalmente alcançara o prédio de Frank quando Hua telefonou de novo.

— Eu estava pensando em você — disse Jeevan. — É verdade...

— Escute — disse Hua. — Você tem que sair da cidade.

— O quê? Esta noite? O que está acontecendo?

— Não sei, Jeevan. Essa é a resposta objetiva. Não sei o que está acontecendo. É uma gripe, isso é bastante óbvio, mas nunca vi nada parecido. É muito rápido. Parece se espalhar bem depressa...

— Está piorando?

— A emergência está lotada — disse Hua. — O que é um problema, porque a esta altura metade da equipe da emergência também está doente demais para trabalhar.

— Eles pegaram a doença dos pacientes?

Na entrada do prédio de Frank, o porteiro da noite folheava um jornal, uma pintura abstrata em cinza e vermelho reluzia na parede atrás dele, o porteiro e a pintura se refletiam, em faixas, no piso lustroso.

— É o período de incubação mais rápido que já vi. Acabei de examinar uma paciente. Ela trabalha de arrumadeira aqui no hospital, estava de serviço quando os pacientes começaram a chegar, de manhã. Começou a se sentir mal poucas horas depois do início do seu turno, foi

para casa cedo, o namorado a trouxe de volta há duas horas e agora está na ventilação mecânica. A pessoa é exposta ao vírus e fica doente em poucas horas.

— Você acha que vai se espalhar para fora do hospital...? — Jeevan tinha certa dificuldade para manter os pensamentos em ordem.

— Não, eu sei que está fora do hospital. É uma epidemia completa. Se está se espalhando aqui, também está pela cidade, e eu nunca vi nada parecido com isso.

— Você está dizendo que eu devia...

— Estou dizendo que você devia ir embora já. Ou, se não puder ir embora, pelo menos faça um estoque de comida e fique no seu apartamento. Tenho que dar mais alguns telefonemas. — Desligou.

O porteiro da noite virou a página do jornal. Se fosse outra pessoa que não Hua, Jeevan não teria acreditado, mas ele nunca havia conhecido um homem com maior capacidade de percepção do que o amigo. Se Hua estava dizendo que havia uma epidemia, então *epidemia* não era uma palavra forte o suficiente. Jeevan foi esmagado pela repentina certeza de que era aquilo mesmo, a doença que Hua descrevia iria representar uma fronteira entre um *antes* e um *depois*, uma linha que cortaria sua vida ao meio.

Ocorreu a Jeevan que talvez não tivesse muito tempo. Deu as costas para o prédio de Frank e passou pela cafeteria escura no píer, o pequeno cais cheio de barcos de lazer atulhados de neve, e entrou no mercadinho do outro lado do cais. Ficou ali dentro um pouco. Só um ou dois clientes além dele vagavam entre as prateleiras. Tinha a sensação de que devia telefonar para alguém, mas quem? Hua era seu único amigo de verdade. Veria o irmão em poucos minutos. Seus pais tinham morrido e Jeevan simplesmente não conseguia tomar coragem para falar com Laura. Ia esperar até chegar à casa de Frank, resolveu, ia ver em que pé estavam as notícias e então passaria em revista a lista de contatos de seu celular e telefonaria para todo mundo que conhecia.

Havia uma televisão pequena em cima do balcão de revelar fotos, estava passando o noticiário com legendas automáticas. Jeevan se aproximou. Tomadas de uma repórter na porta do Hospital Geral de Toronto, sob a neve, o texto branco desfilando acima da sua cabeça. O Hospital Geral de Toronto e mais dois hospitais locais tinham sido isolados. O Ministério da Saúde do Canadá confirmava um surto de Gripe da Geórgia. Não estavam divulgando números àquela altura, mas houve mortes, e dariam outras informações mais tarde. Havia indícios de que autoridades russas e georgianas tinham sido pouco claras acerca da gravidade da crise por lá. As autoridades pediam que todos fizessem o máximo esforço para manter a calma.

O conhecimento de Jeevan sobre os preparativos para uma calamidade se baseava inteiramente em filmes de ação; por outro lado, ele tinha visto muitos filmes de ação. Começou com a água: encheu um dos enormes carrinhos de compras do mercado com o maior número de pacotes de garrafas que conseguiu. Houve um momento de dúvida, a caminho da caixa registradora, em face do peso do carrinho — não estaria exagerando? —, mas ele tinha se comprometido, estava decidido, e era tarde demais para recuar. A funcionária do mercado ergueu a sobancelha.

— Meu carro está parado logo ali adiante — disse Jeevan. — Trago o carrinho de volta num instante.

A funcionária fez que sim com a cabeça, cansada. Era jovem, provavelmente vinte e poucos anos, com uma franja preta que toda hora afastava da frente dos olhos. Jeevan forçou o

carrinho incrivelmente pesado para fora e em parte empurrou, em parte deslizou-o pela neve, na saída. Havia uma rampa que descia para uma área com bancos e canteiros de plantas, semelhante a um parque. O carrinho ganhou velocidade na inclinação, atolou na neve funda e derrapou de lado, sobre um canteiro.

Eram onze e vinte. O supermercado fecharia dali a quarenta minutos. Ele estava imaginando quanto tempo ia demorar para levar o carrinho ao apartamento de Frank e descarregar, sem contar as explicações e as tediosas palavras para tranquilizá-lo quanto à sua sanidade mental, antes de poder voltar ao mercado e pegar mais suprimentos. Faria algum mal deixar o carrinho ali por enquanto? Não havia ninguém na rua. Ligou para Hua no caminho de volta para o mercado.

— O que está acontecendo agora?

Jeevan andava depressa pelo mercado enquanto Hua falava. Outro pacote de garrafas d'água (Jeevan estava com a impressão de que nunca era demais) e depois latas e mais latas de comida, todos os atuns, feijões e sopas da prateleira, massa, qualquer coisa que parecesse capaz de durar um tempo. O hospital estava lotado de pacientes com gripe e a situação era a mesma em outros hospitais da cidade. O serviço de ambulância estava sobrecarregado. Agora, trinta e sete pacientes tinham morrido, incluindo todos os passageiros no voo de Moscou e duas enfermeiras do setor de emergência que estavam de plantão quando os primeiros pacientes chegaram. Jeevan parou diante do caixa outra vez, enquanto a funcionária registrava os preços de suas latas e embalagens. Hua disse que tinha ligado para a mulher e dito a ela que pegasse os filhos e saísse da cidade naquela mesma noite, mas não de avião. A parte da noite que havia transcorrido no Elgin Theatre parecia pertencer a alguma outra existência. A funcionária do caixa do mercado trabalhava muito devagar. Jeevan lhe deu o cartão de crédito e ela o examinou com atenção, como se não o tivesse visto cinco ou dez minutos antes.

— Pegue Laura e seu irmão — disse Hua — e saia da cidade esta noite.

— Não posso ir embora da cidade esta noite, não com meu irmão. Não vou conseguir alugar uma van adaptada para transportar uma cadeira de rodas a esta hora.

Em resposta, veio apenas um som abafado. Hua estava tossindo.

— Você está doente? — Jeevan empurrava o carrinho na direção da porta.

— Boa noite, Jeevan.

Hua desligou e Jeevan ficou sozinho no meio da neve. Sentiu-se possesso. Outro carrinho foi abarrotado de papel higiênico. E o seguinte levou mais comida enlatada, além de carne congelada e aspirinas, sacos de lixo, cloro, fita isolante.

— Eu trabalho para uma instituição de caridade — disse à garota na caixa registradora, na terceira ou quarta vez que passou, mas ela não estava prestando muita atenção. Ficava só olhando para o pequeno televisor em cima do balcão, enquanto passava as mercadorias pelo leitor de código de barras. Na sexta viagem pelo mercado, Jeevan telefonou para Laura, mas sua ligação caiu na caixa de mensagens.

— Laura — começou ele. — Laura. — Achava melhor falar com ela diretamente e já eram quase onze e cinquenta, não havia mais tempo para aquilo. Estava enchendo mais um carrinho de comida, movia-se depressa por aquele mundo com cheiro de flor e de pão, aquele lugar já à beira da extinção, e pensava em Frank lá no seu apartamento no vigésimo segundo andar, no alto da tempestade de neve, com sua insônia e seu projeto de livro, seu *New York Times* do dia anterior e seu Beethoven. Jeevan queria desesperadamente alcançá-lo. Decidiu ligar para

Laura mais tarde, depois mudou de ideia e telefonou para casa na hora em que estava no balcão do caixa, tentando evitar qualquer contato visual com a funcionária do mercado.

— Jeevan, onde você está? — A voz de Laura parecia ligeiramente acusatória. Ele entregou o cartão de crédito.

— Está vendo o noticiário?

— Deveria?

— Há uma epidemia de gripe, Laura. É coisa séria.

— Aquele troço na Rússia ou sei lá onde? Eu já soube.

— Agora está aqui. É pior do que todo mundo imaginava. Acabei de falar com o Hua. Você precisa ir embora da cidade. — Ergueu os olhos a tempo de perceber o olhar que a moça do caixa dirigia a ele.

— *Preciso?* Como assim? Onde você está, Jeevan?

Jeevan assinava o nome na nota do cartão e lutava com o carrinho na direção da saída, onde a ordem do mercado terminava e o frenesi da tempestade começava. Era difícil empurrar o carrinho com uma mão só. Já havia cinco carrinhos estacionados de qualquer jeito entre os bancos e os canteiros, agora polvilhados de neve.

— Ligue a tevê para ver o noticiário, Laura.

— Você sabe que não gosto de ver as notícias antes de ir dormir. Você está tendo um ataque de pânico?

— O quê? Não. Vou para a casa do meu irmão para ter certeza de que ele está bem.

— E por que não estaria?

— Você nem está me dando atenção. Nunca me dá atenção. — Jeevan sabia que era irrelevante dizer aquilo, em face da provável epidemia de gripe, mas não conseguiu resistir. Encostou o carrinho nos outros e voltou correndo para o mercado. — Não consigo acreditar que você me deixou lá no teatro fazendo os procedimentos de reanimação cardiopulmonar num ator morto.

— Jeevan, me diga onde você está.

— Estou num mercado. — Eram onze e cinquenta e cinco. Aquele último carrinho estava cheio de comidas leves: legumes, frutas, sacos de laranja e limão, chá, café, bolachas, sal, bolos industrializados. — Escute, Laura, não quero discutir. Essa gripe é grave e é rápida.

— O que é rápido?

— Essa gripe, Laura. É rápida mesmo. O Hua me contou. Está se disseminando muito depressa. Acho que você devia ir embora da cidade. — No último instante, acrescentou um buquê de narcisos.

— O quê? Jeevan...

— A pessoa tem uma saúde perfeita na hora em que pega um avião — disse ele — e logo depois, no dia seguinte, está morta. Vou ficar com meu irmão. Acho que você devia fazer as malas agora mesmo e ir para a casa da sua mãe, antes que todo mundo descubra e as estradas fiquem entupidas.

— Jeevan, agora fiquei preocupada. Para mim isso parece paranoia. Desculpe se deixei você sozinho no teatro. É que tive uma dor de cabeça, é sério, e então...

— Por favor, ligue a televisão e veja o jornal — disse ele. — Ou vá ler na internet ou qualquer outra coisa.

— Jeevan, por favor, me diga onde você está que eu...

— Faça o que estou dizendo, Laura, por favor — disse ele e depois desligou, porque estava no balcão do caixa pela última vez e o impulso de falar com Laura passara. Jeevan fazia um grande esforço para não pensar em Hua.

— A gente vai fechar agora — disse a moça do caixa.

— É meu último carrinho — respondeu ele. — Deve estar achando que sou doido.

— Já vi piores. — Jeevan tinha assustado a moça, percebeu. Ela acabara ouvindo alguns dos seus telefonemas, e também havia a televisão, com as notícias alarmantes.

— Bem, estou só tentando me preparar.

— Para o quê?

— A gente nunca sabe quando uma calamidade pode acontecer — respondeu Jeevan.

— Isso aí? — Ela apontou para a televisão. — Vai ser que nem a SARS — disse ela. — Fizeram o maior alarde e o negócio acabou não dando em nada. — Ela não parecia totalmente convencida.

— Desta vez não é como aquela gripe. Você devia sair da cidade.

Jeevan só queria ser sincero, quem sabe ajudá-la de algum modo, mas logo percebeu que tinha cometido um erro. A moça ficou assustada, mas também achou que ele era maluco. Olhou para Jeevan com o rosto inexpressivo enquanto passava os últimos itens, e logo depois ele estava do lado de fora, na neve outra vez, e um funcionário jovem de cavanhaque já fechava as portas atrás dele. Ao ar livre, com sete enormes carrinhos de compras para transportar no meio da neve até o apartamento do irmão, ensopado de suor e também congelando de frio, sentiu-se um tolo, assustado e um pouco enlouquecido, com Hua presente em seus pensamentos.

Levou quase uma hora para empurrar todos os carrinhos de compra, um por um, pela neve, até a portaria do prédio do irmão, e depois manobrar os carrinhos para o elevador de carga, que Jeevan só pôde usar fora do horário de serviço em troca de uma propina para o porteiro da noite, e depois os levou aos poucos até o vigésimo segundo andar.

— Sou especialista em sobrevivência — explicou Jeevan.

— Por aqui, isso é uma coisa bem rara — disse o porteiro.

— Por isso mesmo é que este é um bom lugar para isso — disse Jeevan, um pouco atabalhado.

— Bom para o quê?

— Para a prática da sobrevivência.

— Sei — respondeu o porteiro.

Sessenta dólares depois, Jeevan estava sozinho diante da porta do apartamento do irmão, os carrinhos de compra dispostos em fila pelo corredor de serviço. Talvez devesse ter ligado antes, ainda do mercado, pensou ele. Era uma hora da madrugada de quinta-feira; no corredor havia só portas fechadas e silêncio.

— Jeevan — disse Frank quando atendeu a porta. — Que prazer inesperado.

— Eu... — Jeevan não sabia como explicar, então recuou e fez um gesto vago para os carrinhos de compras, em vez de falar. Frank manobrou sua cadeira de rodas para a frente e

espiou no corredor de serviço.

— Vejo que você andou fazendo umas comprinhas — disse Frank.

O ELGIN THEATRE estava vazio àquela hora, exceto por um segurança que jogava Tetris em seu celular, no saguão do térreo, e pelo produtor, que havia decidido dar o temido telefonema do escritório no primeiro andar. Ficou surpreso quando o advogado de Arthur atendeu, afinal, já era uma hora da manhã, se bem que o advogado, é claro, estava em Los Angeles. Será que os advogados do mundo do entretenimento trabalhavam normalmente até dez da noite? No Pacífico? O produtor supôs que o nicho profissional em que aqueles advogados trabalhavam era extraordinariamente competitivo. Transmitiu a notícia da morte de Arthur e saiu.

O advogado, que sempre fora um *workaholic* e havia se preparado para sobreviver recarregando as baterias com cochilos de vinte minutos, passou duas horas revendo o testamento de Arthur Leander e depois todos os e-mails do ator. Tinha algumas perguntas. Havia uma porção de questões em aberto. Ligou para o melhor amigo de Arthur, que ele havia conhecido certa vez num confuso jantar em Hollywood. De manhã, depois de alguns telefonemas cada vez mais irritantes, o melhor amigo de Arthur começou a ligar para as ex-mulheres do ator.

MIRANDA ESTAVA NO litoral sul da Malásia quando recebeu o telefonema. Era executiva de uma empresa de navegação e tinha sido enviada para lá a fim de passar uma semana analisando as condições em campo, segundo as palavras de seu chefe.

— Em campo? — perguntara Miranda.

Leon sorria. Seu escritório era contíguo ao dela e tinha a mesma vista para o Central Park. Já fazia um bom tempo que os dois trabalhavam juntos, mais de dez anos, e juntos haviam sobrevivido a duas reestruturações corporativas e à mudança de Toronto para Nova York. Não eram propriamente amigos, pelo menos não no sentido de que se encontravam fora do trabalho, mas ela pensava em Leon como seu aliado mais amistoso.

— Tem razão, é uma escolha de palavras esquisita — dissera ele. — Condições no mar, então.

Naquele ano, doze por cento das frotas de navio do mundo estavam ancoradas ao largo da Malásia, navios de contêineres dormiam inertes por causa de um colapso econômico. De dia, as embarcações volumosas eram vultos cinzentos e marrons ao longo da linha do horizonte, formas difusas atrás da neblina. Em cada embarcação, dois a seis homens; a tripulação muito escassa vagava pelos compartimentos e corredores desertos, ouvindo os ecos dos próprios passos.

— É solitário — falou um deles para Miranda quando ela desceu de um helicóptero da empresa pousado em um dos navios, acompanhada por um intérprete e pelo chefe de tripulação local.

A empresa tinha doze navios ancorados ali.

— Eles não podem simplesmente ficar lá sem fazer nada — dissera Leon. — O chefe de tripulação local não é ruim, mas quero que eles saibam que a empresa está com a situação sob controle. Não consigo deixar de pensar que uma frota inteira está à toa.

No entanto, os homens eram sérios e reservados e tinham medo de piratas. Miranda conversou com um que não ia à terra já fazia três meses.

Naquela noite, na praia, diante do hotel, Miranda se viu dominada por uma solidão que não conseguia explicar. Ela achava que já sabia tudo que havia para saber sobre a frota remanescente, porém não estava preparada para aquela beleza. Os navios estavam iluminados a fim de evitar colisões no escuro e, quando olhou para as embarcações, Miranda sentiu-se perdida, o clarão de luz no horizonte se encheu de mistério e de uma distância inconcebível, um reino de conto de fadas. Ela segurava o celular, à espera do telefonema de um amigo, mas, quando o aparelho começou a vibrar, não reconheceu o número que apareceu na tela.

— Alô?

Perto dela, um casal conversava em espanhol. Miranda vinha estudando a língua havia alguns meses e compreendia uma palavra em cada três ou quatro.

— Miranda Carroll? — Uma voz de homem, quase familiar e muito britânica.

— Sim, quem fala?

— Duvido que se lembre de mim, mas nos encontramos rapidamente faz alguns anos numa festa em Cannes. Clark Thompson. Amigo do Arthur.

— Nós nos vimos outra vez depois disso — falou ela. — Você foi a uma festa em Los Angeles.

— É — disse ele. — Sim, claro, como pude esquecer... — Claro que não tinha esquecido, Miranda percebeu. Clark estava sendo cauteloso. Ele pigarreou. — Miranda — disse. — Infelizmente estou ligando para dar uma notícia muito triste. Talvez seja melhor você se sentar. Ela continuou de pé.

— Fale — respondeu.

— Miranda, o Arthur morreu ontem à noite, teve um ataque cardíaco. — As luzes sobre o mar se borraram e se tornaram uma carreira de halos que se sobrepunham. — Sinto muito. Eu não queria que você ficasse sabendo pelos jornais.

— Mas estive com ele há tão pouco tempo. — Miranda ouviu a própria voz ao falar. — Estive em Toronto duas semanas atrás.

— É difícil acreditar. — Ele pigarreou de novo. — É um choque, é... Eu o conheço desde os dezoito anos. Para mim também parece impossível.

— Por favor — interrompeu ela. — O que mais você pode me dizer?

— Na verdade, ele... Bem, espero que você não ache desrespeitoso se eu sugerir que ele talvez achasse isso adequado, mas o fato é que ele morreu no palco. Disseram-me que foi um enfarte fulminante no quarto ato do *Rei Lear*.

— Ele caiu em cena...?

— Disseram-me que havia dois médicos na plateia, que perceberam o que estava acontecendo, subiram ao palco e tentaram salvá-lo, mas já não havia mais nada a ser feito. Foi declarado morto ao chegar ao hospital.

Então é assim que termina, pensou ela ao desligar, e foi consolada pela banalidade da situação. Você recebe um telefonema em outro país e assim, sem mais nem menos, o homem com quem um dia você achou que ia viver até a velhice deixou este mundo.

A conversa em espanhol continuava, no escuro, perto dela. Os navios seguiam brilhando no horizonte; ainda não havia nenhuma brisa. Era manhã na cidade de Nova York. Miranda imaginou Clark desligando o telefone em seu escritório em Manhattan. Isso aconteceu durante o último mês de uma era em que se podia apertar uma sequência de botões num telefone e falar com outra pessoa num ponto distante do mundo.

UMA LISTA INCOMPLETA:

Não havia mais mergulhos em piscinas de água clorada com luzes verdes por baixo. Não havia mais jogos de bola sob holofotes. Não havia mais luzes na varanda circundadas por mariposas nas noites de verão. Não havia mais trens correndo sob as cidades com a força alucinante do terceiro trilho condutor de eletricidade. Não havia mais cidades. Não havia mais filmes, exceto raramente, exceto quando um gerador de energia estava ligado e abafava metade do diálogo, e mesmo isso só por algum tempo, até que o combustível para os geradores acabou, porque a gasolina dos automóveis estragou depois de dois ou três anos. O combustível dos aviões durava mais tempo, porém era difícil de conseguir.

Não havia mais telas acesas à meia-luz, quando as pessoas erguiam seus celulares acima da multidão para fotografar o palco dos shows. Não havia mais shows iluminados por luzes de halogêneo coloridas como um bolo de aniversário, não havia mais música eletrônica, punk, guitarras elétricas.

Não havia mais remédios. Não havia mais certeza de sobreviver a um arranhão na mão, a um corte no dedo na hora de picar os legumes para fazer o jantar, a uma mordida de cachorro.

Não havia mais voos. Não havia mais cidades vistas do céu pela janela de um avião, pontinhos de luz brilhantes; não era mais possível olhar para baixo a nove mil metros de altura e imaginar como eram as vidas iluminadas por aquelas luzes, naquele momento. Não havia mais aviões, não havia mais pedidos para erguer as mesinhas na poltrona da frente e mantê-las trancadas — mas, não, aquilo não era verdade, ainda existiam aviões aqui e ali. Eles estavam adormecidos em hangares e galpões. Ficavam acumulando neve sobre as asas. Nos meses frios, eram ideais para armazenar alimentos. No verão, os aviões perto de pomares eram abastecidos com tabuleiros de frutas para desidratarem no calor. Adolescentes se esgueiravam dentro dos aviões para fazer sexo. A ferrugem florescia e se espalhava em riscos.

Não havia mais países, todas as fronteiras estavam abertas.

Não havia mais corpo de bombeiros, não havia mais polícia. Não havia mais conservação das estradas ou coleta de lixo. Não havia mais lançamento de naves espaciais no Cabo Canaveral, no Cosmódromo de Baikonur, em Vandenburg, Plessetsk, Tanegashima, que deixavam um risco de fogo na atmosfera ao partirem rumo ao espaço.

Não havia mais internet. Não havia mais redes sociais, não havia mais buscas de significados de sonhos, esperanças nervosas, fotografias de almoços, gritos de socorro, expressão de satisfação, status de relacionamento atualizados com imagens de coração inteiro ou partido, planos para um encontro mais tarde, apelos, queixas, desejos, fotos de bebês com roupa de ursinho no Halloween. Não havia mais como ler e comentar sobre a vida dos outros, logo não havia mais como se sentir menos sozinho. Não havia mais fotos de perfil.

{ II. SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO }

VINTE ANOS DEPOIS do fim das viagens aéreas, os trailers da caravana da Sinfonia Itinerante se deslocavam lentamente debaixo de um sol quente e branco. Era fim de julho e o termômetro de vinte e cinco anos de idade preso à traseira do primeiro trailer indicava 106 graus Fahrenheit, 41 graus Celsius. Estavam perto do lago Michigan, mas não dava para vê-lo dali. Árvores brotavam junto às laterais da estrada e nasciam das rachaduras da pavimentação, os pequenos arbustos se curvando embaixo dos trailers e as folhas macias roçando nas pernas dos cavalos e da Sinfonia também. A onda de calor durava uma semana, implacável.

A maioria deles viajava a pé a fim de reduzir o peso para os cavalos, que tinham de descansar na sombra mais vezes do que todos gostariam. A Sinfonia não conhecia bem a região e queria terminar logo a travessia, mas naquele calor era impossível acelerar. Andavam devagar, armas em punho, os atores decoravam suas falas, os músicos tentavam ignorar os atores, os batedores prestavam atenção a qualquer sinal de perigo, à frente e atrás, na estrada. “Não é um teste ruim”, dissera o diretor, mais cedo, naquele dia. Gil tinha setenta e dois anos, viajava na traseira do segundo trailer da caravana, as pernas já não eram nem de longe o que tinham sido um dia.

— Se vocês conseguirem lembrar suas falas num território duvidoso, então estarão prontos para subir ao palco.

— Entra Lear — disse Kirsten. Vinte anos antes, numa vida da qual ela se lembrava de muito pouca coisa, Kirsten havia representado um minúsculo papel, sem falas, numa montagem de curta duração de *Rei Lear* em Toronto. Agora caminhava de sandálias com sola feita com borracha de pneu de automóvel e três facas metidas no cinto. Levava uma edição da peça em brochura, as indicações de cena destacadas em amarelo. — Louco — disse ela, e prosseguiu: — Vestido de modo extravagante, com flores silvestres.

— Mas quem vem lá? — falou o homem que fazia o papel de Edgar. Seu nome era August e só recentemente passara a representar. Era o segundo violino e um poeta em segredo, o que significa que ninguém na Sinfonia sabia que ele escrevia poemas, exceto Kirsten e o sétimo violão. — Ninguém de mente sã enfeitaria... Como é mesmo a fala?

— Seu senhor desse modo.

— Obrigado. Ninguém de mente sã enfeitaria seu senhor desse modo.

No passado, a caravana era formada por trailers que serviam de casa, mas agora os veículos a motor tinham sido transformados em carroças puxadas por pares de cavalos, com rodas de madeira e aço. Todas as peças que se tornaram inúteis com o fim da gasolina foram removidas das carrocerias — o motor, o sistema de armazenar combustível, todos os outros componentes que ninguém com menos de vinte anos jamais vira em funcionamento —, e tinham instalado um banco em cima de todas as cabines de motorista. As cabines foram despojadas de tudo que acrescentava peso excedente, mas o resto fora deixado intacto, com portas que fechavam e janelas de vidro de carro, difíceis de quebrar, porque quando viajavam por território conturbado era bom ter um lugar relativamente seguro para deixar as crianças. As estruturas principais dos veículos tinham sido montadas no bagageiro das caminhonetes,

lonas impermeáveis amarradas nas bordas. As lonas dos três trailers eram pintadas de cinza metálico, cor de fuzil, com os dizeres SINFONIA ITINERANTE grafados em branco dos dois lados.

— Não, eles não podem pegar-me por cunhar moedas — disse Dieter por cima do ombro.

Estava aprendendo as falas de Lear, apesar de não ser velho o bastante para o papel. Dieter andava um pouco à frente dos outros atores, murmurando para seu cavalo predileto. Bernstein, o cavalo, perdera metade do rabo porque o primeiro violoncelo havia substituído os fios de seu arco uma semana antes.

— Ah — disse August. — Que visão de perfurar o flanco!

— Quer saber o que é de perfurar o flanco de verdade? — resmungou o terceiro trompete. — Ouvir *Rei Lear* três vezes seguidas debaixo da maior onda de calor.

— E sabe o que é de perfurar o flanco mais ainda? — Alexandra tinha quinze anos, a atriz mais jovem da Sinfonia. Eles a haviam encontrado na estrada quando ela era bebê. — Viajar quatro dias entre as cidades nas regiões mais remotas do território.

— Mas o que quer dizer “perfurar o flanco”? — perguntou Olivia.

Tinha seis anos, filha do tocador de tuba e de uma atriz chamada Lin, e vinha na traseira do segundo trailer, com Gil e um ursinho de pelúcia.

— Daqui a algumas horas vamos chegar a St. Deborah by the Water — disse Gil. — Não há absolutamente nenhum motivo para se preocupar.

Houve a gripe que explodiu como uma bomba de nêutrons na superfície da terra e o choque do colapso que se seguiu, os primeiros anos indescritíveis, quando todo mundo ficou viajando, antes de entenderem que não havia nenhum lugar onde a vida pudesse continuar como era antes, e todos se instalaram onde podiam, aglomerados por motivos de segurança em paradas de caminhões, antigos restaurantes, velhos motéis. A Sinfonia Itinerante percorria as cidades do mundo transformado e fazia aquilo desde cinco anos após a calamidade, quando a maestrina reuniu alguns amigos de sua orquestra militar, deixou a base aérea onde eles moravam até então e partiu para o desconhecido.

Àquela altura, a maioria das pessoas tinha se estabelecido em algum lugar, porque a gasolina havia estragado no Ano Três e, afinal, ninguém pode ficar andando para sempre. Depois de seis meses viajando de uma cidade para outra — a palavra *cidade* era usada de maneira vaga; alguns daqueles locais se resumiam a quatro ou cinco famílias que moravam juntas numa antiga parada de caminhões —, a maestrina encontrara a companhia teatral de Gil, os atores shakespearianos haviam fugido juntos de Chicago, trabalhado numa fazenda durante alguns anos e estavam na estrada havia três meses, e os dois grupos então uniram suas atividades.

Vinte anos após a calamidade, eles continuavam viajando para cima e para baixo, pelas margens dos lagos Huron e Michigan; para oeste, chegando até Traverse City; a leste e ao norte, além do paralelo 49, até Kincardine. Seguiram o rio St. Clair para o sul até as cidades pesqueiras de Marine City e Algonac e depois voltaram outra vez. Agora a maior parte daquele território estava tranquila. Muito raramente encontravam outros viajantes, em geral

vendedores ambulantes que comercializavam as mais diversas mercadorias pelas cidades. A Sinfonia apresentava músicas — clássica, jazz, arranjos orquestrais e canções pop anteriores à calamidade — e Shakespeare. Às vezes, nos primeiros anos, apresentavam peças mais modernas, porém, o que era espantoso, o que ninguém poderia prever, era que o público parecia preferir Shakespeare aos demais espetáculos teatrais.

— As pessoas querem o que houve de melhor no mundo — dizia Dieter.

Ele próprio achava difícil viver no presente. Havia tocado numa banda punk na faculdade e tinha saudades do som de uma guitarra elétrica.

Agora estavam apenas a duas horas de St. Deborah by the Water. O ensaio de *Lear* havia se dispersado no meio do quarto ato, todos estavam cansados, os ânimos exaltados por causa do calor. Pararam a fim de dar um descanso aos cavalos, e Kirsten, que não tinha vontade de descansar, foi para um local um pouco mais abaixo da estrada a fim de atirar facas num tronco de árvore. Atirou facas a cinco passos de distância, a dez, a vinte. O som das lâminas batendo na madeira era agradável. Quando a Sinfonia começou a se movimentar outra vez, ela subiu na traseira do segundo trailer, onde Alexandra consertava um figurino.

— Muito bem — disse Alexandra, retomando uma conversa anterior. — Então, quando você viu a tela do computador em Traverse City...

— O que tem?

Em Traverse City, a cidade que eles haviam deixado para trás pouco antes, um inventor tinha montado um sistema elétrico num sótão. Era de alcance modesto, uma bicicleta fixa que, quando pedalada com vigor, conseguia fornecer energia para um laptop, mas o inventor tinha aspirações mais grandiosas: a questão não era, de fato, o sistema elétrico; a questão era que ele estava em busca da internet. Alguns membros mais jovens da Sinfonia sentiram um pequeno calafrio quando o inventor falou aquilo; recordaram as histórias que os mais velhos contavam sobre o wi-fi e a inimaginável Nuvem, se perguntavam se a internet continuaria a existir em algum lugar, invisíveis pontos de luz suspensos no ar em volta deles.

— Foi do jeito como você lembrava?

— Na verdade eu não lembro como eram as telas dos computadores — confessou Kirsten.

O segundo trailer da caravana dava uns solavancos especialmente violentos, e ficar nele sempre produzia a sensação de que os ossos chacoalhavam.

— Como é que você pode não se lembrar de uma coisa assim? Era uma maravilha.

— Eu tinha oito anos.

Alexandra fez que sim com a cabeça, insatisfeita, e obviamente pensando que ela lembraria se tivesse visto um computador funcionando, com a tela acesa, aos oito anos.

Em Traverse City, Kirsten havia olhado para a mensagem na tela: *Esta página da web não está disponível*. Ela não acreditava realmente que o inventor ia conseguir encontrar a internet, mas ficou fascinada com a eletricidade. Nutria visões de uma luminária com quebra-luz cor-de-rosa sobre uma mesinha de cabeceira, um abajur em forma de uma meia-lua inflada, um candelabro aceso numa sala de jantar, um palco cheio de luzes. O inventor tinha pedalado freneticamente para manter a tela acesa, sem apagar, enquanto explicava alguma coisa sobre

satélites. Alexandra ficou fascinada, a tela era uma coisa mágica, sem nenhuma recordação associada. August ficou olhando para a tela com uma expressão desnorçada no rosto.

Quando Kirsten e August entravam em casas abandonadas — era um passatempo dos dois, tolerado pela maestrina porque às vezes eles achavam coisas úteis —, ele sempre ficava olhando para os televisores com saudosismo. Quando menino, August era calmo e um pouco tímido, obcecado por música clássica; não se interessava por esportes e nunca gostara especialmente de se relacionar com as pessoas, o que significava longas horas sozinho em casa depois da escola, sempre mudando de uma residência para outra em várias bases do Exército dos Estados Unidos, enquanto os irmãos jogavam beisebol e faziam novos amigos. Uma coisa boa nos programas de televisão era que estavam em toda parte, idênticos, não importava se os pais tinham sido transferidos para Maryland, a Califórnia ou o Texas. Antes da calamidade, ele ficava muitas horas vendo televisão, tocando violino, às vezes fazendo as duas coisas simultaneamente, e Kirsten podia imaginar aquilo: August aos nove, dez, onze anos, pálido, magricela, o cabelo escuro caído sobre os olhos e uma expressão séria, um tanto fixa, tocando um violino infantil, banhado por uma luz azul de eletricidade. Quando invadiam as casas, agora, August procurava exemplares da revista *Guia da TV*. No geral, já eram obsoletas na ocasião em que a epidemia atacou, mas ainda foram utilizadas por algumas pessoas até o final. August gostava de ficar folheando as revistas mais tarde, em momentos tranquilos. Dizia que se lembrava de todos os programas: as naves espaciais, as salas dos seriados onde havia sofás enormes, policiais correndo pelas ruas de Nova York, tribunais comandados por juízes de cara feia. Ele procurava livros de poesia — ainda mais raros do que os exemplares de *Guia da TV* — e estudava os volumes de versos à noite ou enquanto caminhava com a Sinfonia.

Quando Kirsten estava dentro das casas, procurava revistas de fofoca de celebridades, porque certa vez, quando tinha dezesseis anos, folheou uma revista em cima de uma mesinha de cabeceira enegrecida de poeira e descobriu seu passado:

*Reunião feliz: Arthur Leander busca o filho
Tyler no aeroporto de Los Angeles*

O DESLEIXADO ARTHUR CUMPRIMENTA TYLER, DE SETE ANOS, QUE MORA EM JERUSALÉM COM A MÃE, A MODELO-ATRIZ ELIZABETH COLTON.

A fotografia: Arthur com uma barba de três dias, roupas amarrotadas, boné, segurando nos braços um menino que sorria com o rosto virado para o pai, enquanto Arthur sorria para a câmera. A Gripe da Geórgia chegaria um ano depois.

— Eu o conheci — disse Kirsten para August, sem fôlego. — Foi ele que me deu as revistas em quadrinhos que te mostrei!

August fez que sim com a cabeça e pediu para ver as revistas outra vez.

Havia inúmeras coisas do mundo anterior à calamidade das quais Kirsten não conseguia se lembrar — seu endereço, o rosto da mãe, os programas de TV de que August nunca parava de falar —, mas conseguia se lembrar de Arthur Leander muito bem, e, depois daquela primeira foto que ela achou, Kirsten vasculhava todas as revistas que encontrava, em busca de imagens dele. Colecionava recortes, que guardava em uma bolsinha fechada com zíper dentro de sua mochila. Uma foto de Arthur sozinho na praia, com ar pensativo e fora de forma. Uma foto dele com a primeira mulher, Miranda, e depois mais tarde, com a segunda, Elizabeth, uma loura com aspecto subnutrido e que não sorria para as câmeras. Depois com o filho deles, que tinha mais ou menos a mesma idade de Kirsten, e mais tarde ainda uma terceira mulher, que se parecia muito com a segunda.

— Você é que nem uma arqueóloga — disse Charlie, quando Kirsten mostrava suas descobertas.

Charlie queria ser arqueóloga quando era pequena. Ela tocava o segundo violoncelo e era uma das melhores amigas de Kirsten.

Nada na coleção de Kirsten sugeria o Arthur Leander de que ela se lembrava, mas, afinal, do que ela se lembrava de fato? Arthur era uma impressão difusa de bondade e cabelos grisalhos, um homem que um dia colocara duas revistas em quadrinhos nas mãos dela — “tenho um presente aqui para você”, Kirsten tinha quase certeza de que ele havia falado assim —, e, algum tempo depois daquele momento, a lembrança mais nítida que ela reteve de todo o período anterior à calamidade: um palco, um homem de terno falando com ela enquanto Arthur jazia estirado no chão, imóvel, de costas, com paramédicos debruçados sobre ele, vozes e gritos, e pessoas aglomeradas, a neve que continuava a cair não se sabe como, já que estavam num lugar fechado, e as luzes elétricas brilhando no alto, sobre eles.

AS REVISTAS EM quadrinhos que Arthur Leander deu para ela: dois exemplares de uma série da qual ninguém mais na Sinfonia tinha ouvido falar, *Dr. Onze*, Vol. I, Nº. 1: *Estação Onze* e *Dr. Onze*. Vol. I, Nº. 2: *A perseguição*. No Ano Vinte, Kirsten já tinha memorizado aquilo.

O Dr. Onze é um físico. Mora numa estação espacial, só que é uma estação espacial muito avançada, projetada para se assemelhar a um planeta pequeno. Há mares profundos e azuis e ilhas rochosas ligadas por pontes, céus laranja e roxos, com duas luas no horizonte. O contrafagote, que antes da calamidade trabalhava no ramo gráfico, contou para Kirsten que suas revistas em quadrinhos tinham sido produzidas a um custo muito elevado, com todas aquelas ilustrações coloridas e brilhantes, um papel especial, portanto não eram de jeito nenhum revistas em quadrinhos do tipo das que eram produzidas em massa, talvez aquilo fosse um projeto pessoal de alguém. E quem seria a pessoa? Não havia nenhuma informação biográfica em nenhum dos exemplares, e, no lugar do nome do autor, vinham apenas as iniciais. “M. C.” Na contracapa do primeiro exemplar, alguém tinha escrito “Exemplar 2 de 10”, a lápis. No segundo exemplar, a anotação dizia “Exemplar 3 de 10”. Seria possível que só existissem no mundo dez exemplares de cada uma daquelas revistas?

Kirsten tomava conta das revistas da melhor maneira que conseguia, mas agora já estavam com as pontas das páginas dobradas. O primeiro exemplar caiu aberto em uma página dupla. O Dr. Onze está de pé sobre rochas negras diante de um mar azul-anil, no pôr do sol. Barcos pequenos se movem entre as ilhas, turbinas de energia eólica giram no horizonte. Ele segura seu chapéu-panamá. Um pequeno animal branco está a seu lado. (Alguns membros mais velhos da Sinfonia confirmaram que se trata de um cachorro, mas não parece nenhum cachorro que Kirsten tenha visto na vida. Seu nome é Luli. É como um cruzamento entre uma raposa e uma nuvem.) A linha de texto embaixo do quadrinho diz: *Contemplei meu lar defeituoso e tentei esquecer a doçura da vida na Terra.*

A SINFONIA CHEGOU a St. Deborah by the Water no meio da tarde. Antes da calamidade, era um daqueles locais que não se situavam propriamente em uma cidade nem em outra — um posto de gasolina e alguns restaurantes de franquia perfilados à beira de uma estrada, junto com um motel e um Walmart. A cidade assinalava a fronteira sudoeste do território da Sinfonia e, dali em diante, pouca coisa era conhecida por quem quer que fosse.

Dois anos antes, eles haviam deixado Charlie e o sexto violão ali, Charlie estava grávida e o filho era do sexto violão. Deixaram tudo organizado para que eles ficassem no antigo Wendy's, junto ao posto de gasolina, para que ela não tivesse de dar à luz no meio da estrada. Agora a Sinfonia topou com uma sentinela a postos na extremidade norte da cidade, um rapazinho de uns quinze anos sentado à beira da estrada sob um guarda-sol colorido.

— Eu me lembro de vocês — disse ele quando o alcançaram. — Podem acampar no Walmart.

A Sinfonia percorreu St. Deborah by the Water num ritmo propositalmente vagaroso, enquanto o primeiro trompete tocava o solo de um concerto de Vivaldi, mas o estranho foi que, enquanto passavam, a música não atraiu quase nenhum espectador. Em Traverse City, a multidão que os seguiu pela rua na hora de sua chegada era de cem pessoas, mas ali só quatro ou cinco vieram até a porta ou apareceram no canto das casas para olhar, sem sorrir, e nenhum deles era Charlie ou o sexto violão.

O Walmart ficava na extremidade sul da cidade; o estacionamento ondulava no calor. A Sinfonia estacionou os trailers perto das portas quebradas, cumpriu os rituais conhecidos de cuidar dos cavalos e discutir sobre que peça deviam apresentar naquela noite, ou se não seria melhor apenas tocar música, e ainda assim nem Charlie nem o sexto violão apareceram.

— Na certa estão trabalhando fora em algum canto por aí — disse August, mas para Kirsten parecia que a cidade estava vazia demais.

Miragens se formavam a distância, piscinas fantasmas na estrada. Um homem empurrando um carrinho de mão parecia caminhar sobre a água. Entre as casas, uma mulher carregava uma trouxa de roupa para lavar. Kirsten não viu mais ninguém.

— Sugiro *Lear* para esta noite — disse Sayid, um ator. — Mas talvez assim a gente acabe deixando este lugar ainda *mais* deprimente.

— Dessa vez, para variar, eu concordo com você — disse Kirsten.

Os outros atores ficaram discutindo. *Rei Lear*, porque tinham ensaiado a semana inteira (August parecia nervoso), ou *Hamlet*, porque já fazia um mês que não representavam a peça?

— *Sonho de uma noite de verão* — disse Gil, desfazendo o impasse. — Acho que esta noite pede contos de fadas.

— Sua companhia toda está aqui?

— É melhor chamar por eles de maneira geral, um por um, segundo a lista.

Fazia uma década que Jackson representava o papel de Bottom e era o único que, naquele dia, conseguia dizer suas falas de cor. Até Kirsten precisava consultar o texto algumas vezes. Fazia semanas que não representava o papel de Titânia.

— Este lugar parece muito quieto, não? — Dieter estava com Kirsten, fora de cena, durante o ensaio.

— Dá até arrepio. Lembra a última vez que estivemos aqui? Dez ou quinze crianças seguiram a gente pela cidade quando chegamos e vieram assistir ao ensaio.

— Está quase na sua hora de entrar em cena — disse Dieter.

— Ou será que estou confundindo? — Kirsten ia entrar em cena, no ensaio. — Formou-se uma multidão à nossa volta.

Dieter franziu a testa e olhou para a estrada vazia.

— ...Abra caminho, Fada! — disse Alexandra, que fazia o papel de Puck. — Oberon está chegando.

— E lá vem a minha senhora — disse Lin, que encarnava a Fada. — Quem dera ele fosse embora!

— Que mau encontro ao luar, orgulhosa Titânia.

Sayid se portava com a altivez que tinha levado Kirsten a se apaixonar por ele, certa época. Ali no estacionamento, debaixo de uma opressiva onda de calor, com manchas de suor debaixo dos braços e a calça jeans puída nos joelhos, ele se fazia inteiramente convincente como um rei.

— O que é, ciumento Oberon? — Kirsten avançou com a maior firmeza possível. Os dois ficaram juntos por dois anos, até quatro meses antes, quando ela dormira com um vendedor ambulante mais ou menos por causa do tédio, e agora Kirsten sentia dificuldade de encará-lo ao representar *Sonho de uma noite de verão*. — Fadas, vamos embora. Reneguei o leito e a companhia dele. — Risos abafados soaram fora de cena. Sayid deu um sorriso forçado.

— Meu Deus. — Ouviu Dieter resmungar. — É mesmo necessário?

— Contenha-se, libertina imprudente — disse Sayid, arrastando as palavras. — Não sou eu o seu senhor?

O PROBLEMA DA Sinfonia Itinerante era o mesmo vivido por todos os grupos de pessoas em toda parte desde antes da calamidade, sem dúvida desde bem antes do início dos registros históricos. Tome-se como exemplo o terceiro violoncelo: ele vinha travando uma guerra de desgaste com Dieter havia meses, por causa de um comentário descuidado de Dieter sobre os riscos de estudar um instrumento musical em território perigoso, a maneira como as notas podem alcançar quase dois quilômetros de distância num dia de tempo bom. Dieter nem se deu conta daquilo. No entanto, guardava bastante ressentimento contra a segunda trompa, por causa de alguma coisa que ela dissera um dia sobre seu modo de representar. Aquele ressentimento não passava despercebido — a segunda trompa achava que ele estava sendo mesquinho —, contudo, quando ela pensava nas pessoas de que não gostava muito, classificava Dieter bem abaixo do sétimo violão — na verdade não havia sete violões na Sinfonia, mas os violonistas tinham a tradição de não trocar de número quando um deles morria ou ia embora, de modo que àquela altura o elenco da Sinfonia incluía o quarto, o sétimo e o oitavo violão, com a situação do sexto violão em aberto, uma vez que tinham terminado de ensaiar *Sonho de uma noite de verão* no estacionamento do Walmart, com o cenário da peça erguido entre os trailers, estiveram em St. Deborah by the Water por horas, e o sexto violão ainda não tinha aparecido. De todo modo, o sétimo violão, cuja vista tão fraca que ele não conseguia fazer boa parte dos trabalhos de rotina necessários — executar reparos, caçar e coisas assim —, o que não teria nenhuma importância se ele encontrasse outra maneira de ser útil, só que ele não fazia isso, representava um verdadeiro peso morto, no que dizia respeito à segunda trompa. O sétimo violão era uma pessoa nervosa porque estava quase cego. Antigamente, conseguia enxergar razoavelmente com a ajuda de seus óculos de lentes muito grossas, porém seis anos antes os perdera e desde então passara a viver numa paisagem desorientadora, resumida a uma única cor dependendo da estação — no verão, em geral verde; no inverno, cinzento e branco, sobretudo —, na qual vultos enevoados oscilavam por um momento e depois sumiam, antes que ele pudesse distinguir quem ou o que era. Ele não sabia dizer se suas dores de cabeça eram causadas pelo esforço para enxergar ou pela aflição por nunca ser capaz de identificar o que vinha em sua direção, mas sabia que aquela situação só piorava por causa da primeira flautista, que tinha o mau hábito de suspirar com força toda vez que o sétimo violão precisava interromper o ensaio para pedir um esclarecimento sobre a partitura, que ele não conseguia enxergar.

Por sua vez, a primeira flautista ficava menos irritada com o sétimo violão do que com o segundo violino, August, que vivia faltando aos ensaios, sempre rodando por aí, invadindo casas abandonadas na companhia de Kirsten e, até pouco tempo antes, com Charlie, como se achasse que a Sinfonia fosse um grupo de catadores de lixo que, nas horas vagas, também tocava música. (“Se ele queria fazer parte de um grupo de catadores de lixo”, disse ela para o quarto violão, “por que não se juntou logo a um grupo de catadores de lixo?” “Você sabe como são os violinos”, respondeu o quarto violão.) August ficava aborrecido com o terceiro violino, que gostava de fazer comentários maliciosos sobre ele e Kirsten, apesar de os dois serem apenas bons amigos e, na verdade, terem feito até um pacto secreto para continuarem

assim — amigos para sempre e nada mais —, um juramento feito enquanto bebiam com amigos locais, certa noite, atrás das ruínas de uma garagem de ônibus em alguma cidade na extremidade sul do lago Huron —, e o terceiro violino desgostava da primeira violinista por causa de uma antiga discussão sobre quem tinha usado o final de uma resina para lubrificar os fios do arco do violino, e a primeira violinista tratava Sayid com frieza porque ele havia rejeitado suas investidas, em favor de Kirsten, a qual despendia bastante energia tentando ignorar o hábito do viola de introduzir aleatoriamente palavras francesas nas frases como se mais alguém em toda a desgraçada Sinfonia falasse francês, ao passo que o viola nutria ressentimentos secretos contra sabe-se lá quem mais e assim por diante, em sucessão, e essa coleção de ciúmes mesquinhos, neuroses, casos não diagnosticados de transtorno de estresse pós-traumático e rancores fervilhantes viviam juntos, viajavam juntos, ensaiavam juntos, se apresentavam juntos 365 dias por ano, uma companhia permanente em viagem permanente. O que tornava aquilo tudo suportável, no entanto, eram as amizades, é claro, a camaradagem, a música e Shakespeare, os momentos de beleza e alegria transcendente, em que não importava quem tinha usado o final da resina para esfregar no arco do violino ou com quem fulano ou sicrano tinha dormido, apesar de alguém — provavelmente Sayid — ter escrito: “Sartre: o inferno são os outros”, à caneta, dentro de um dos trailers e alguém depois ter riscado “os outros” e substituído por “os flautistas”.

Às vezes alguém deixava a Sinfonia, mas aqueles que permaneciam compreendiam algo que raramente era declarado em voz alta. A civilização no Ano Vinte era um arquipélago de cidades pequenas. Aquelas cidades haviam expulsado feras, enterrado os vizinhos, vivido, morrido e sofrido juntas ao longo dos anos sangrentos, logo após a calamidade, sobrevivido a percalços indescritíveis apenas se mantendo unidas e tranquilas, e aqueles lugares não estavam dispostos a mudar sua rotina para dar as boas-vindas a forasteiros.

— Cidades pequenas não eram fáceis mesmo *antes* — disse August certa vez, às três da madrugada, na única ocasião em que Kirsten se lembrava de ter conversado sobre o assunto com alguém, numa noite fria de primavera, perto da cidade de New Phoenix.

Na época, Kirsten tinha quinze anos, o que significa que August tinha dezoito, e ela estava com a Sinfonia fazia apenas um ano. Naquele período, Kirsten tinha bastante dificuldade para dormir e muitas vezes ficava sentada com o vigia noturno. August recordava sua vida anterior à epidemia como uma interminável sequência de crianças que não lhe davam atenção e resmungavam variações de “Você não é daqui, é?”, com vários sotaques, em encontros entremeados com caminhões em movimento. *Se na época* já era difícil se integrar a lugares novos, naquele mundo absurdamente fácil, em que a comida ficava disposta em prateleiras de supermercados e viajar era tão fácil quanto se sentar num veículo movido a gasolina e a água saía de torneiras, agora aquilo atingia uma magnitude de dificuldade muito superior. A Sinfonia era insuportável, o inferno eram os outros flautistas, as outras pessoas ou quem tinha usado o final da resina ou quem tinha faltado à maioria dos ensaios, mas a verdade era que a Sinfonia era o único lar deles.

No fim do ensaio de *Sonho de uma noite de verão*, Kirsten estava junto aos trailers pressionando a testa com força com a palma da mão, tentando afastar uma dor de cabeça.

— Você está bem? — perguntou August.

— O inferno são os outros atores — disse Kirsten. — E também os ex-namorados.

— Tente ficar com os músicos. Acho que no geral somos mais equilibrados.

— Vou dar uma caminhada e ver se encontro a Charlie.

— Eu até iria com você, mas estou encarregado do jantar.

— Não me importo de ir sozinha — disse Kirsten.

Um torpor de final de tarde havia caído sobre a cidade, a luz ficou mais densa e as sombras se estendiam sobre a estrada. Ali e em toda parte, as estradas estavam se desintegrando e rachaduras e buracos fundos formavam jardins de ervas. Havia flores silvestres ao longo dos trechos com hortas na beira do asfalto. Ramos de cenoura silvestre roçavam pela mão aberta de Kirsten. Ela passou pelo albergue de beira de estrada onde moravam as famílias mais antigas da cidade; roupas para secar balançavam ao vento, portas abertas nos quartos do motel, um menino brincando com um carrinho entre pés de tomate na horta.

O prazer de ficar sozinha uma vez, longe do alvoroço da Sinfonia. Era possível erguer os olhos para o letreiro do McDonald's e, mantendo o olhar voltado para o alto focando apenas o letreiro e o céu, imaginar fugazmente que aquele ainda era o mundo antigo e que ela poderia entrar e comer um hambúrguer. Na última vez que estivera ali, a franquía de panquecas IHOP abrigava três ou quatro famílias; agora Kirsten ficou surpresa de ver que o lugar tinha as janelas fechadas e tábuas pregadas, uma delas atravessada na porta com um símbolo enigmático pintado com spray prateado — algo semelhante a um *t* minúsculo com uma linha adicional na parte de baixo. Dois anos antes, Kirsten tinha sido seguida pela cidade por um bando de crianças, mas agora só viu duas, o menino com o carrinho de brinquedo e uma garota de uns onze anos que olhava para ela, parada a uma porta. Um homem com uma arma e óculos escuros espelhados montava guarda num posto de gasolina, cujas janelas estavam fechadas por cortinas que, no passado, tinham sido lençóis com flores estampadas. Uma jovem em gravidez avançada tomava banho de sol numa espreguiçadeira junto às bombas de gasolina, de olhos fechados. A presença de um guarda armado no meio da cidade sugeria que o local não era seguro — será que tinham sido atacados recentemente? —, mas sem dúvida não tão inseguro assim, já que uma mulher grávida podia ficar tomando sol à vontade. Aquilo não fazia sentido. O McDonald's havia abrigado duas famílias, mas para onde tinham ido? Agora uma tábua estava pregada na diagonal na porta, pintada de spray com aquele mesmo símbolo esquisito.

O Wendy's era um prédio quadrado e baixo, que parecia ter sido feito às pressas e de qualquer jeito, numa área sem cuidados arquitetônicos, mas tinha uma linda porta da frente. Era uma porta substituta, feita de madeira maciça, e alguém havia se dado o trabalho de entalhar uma série de flores em volta da maçaneta. Kirsten correu a ponta dos dedos pelas pétalas de madeira, antes de bater na porta.

Durante os dois anos que ficara viajando, longe de sua amiga, quantas vezes ela havia imaginado aquele momento? Bater na porta com flores entalhadas, Charlie atender com um bebê nos braços, lágrimas e risos, o sexto violão sorrindo ao lado dela. Estava com tanta saudade de você. Porém a mulher que atendeu a porta era uma desconhecida.

— Boa tarde — disse Kirsten. — Queria falar com a Charlie.

— Desculpe, com quem?

O tom de voz da mulher não era hostil, mas não havia nenhum sinal de reconhecimento em seus olhos. A mulher tinha mais ou menos a idade de Kirsten, ou era um pouco mais jovem, e Kirsten teve a impressão de que ela não se sentia bem. Estava muito pálida e magra demais, com círculos negros abaixo dos olhos.

— Charlie. Charlotte Harrison. Ela ficou aqui dois anos atrás.

— Aqui no Wendy's?

— Sim. — Ah, Charlie, onde você está? — É minha amiga, violoncelista. Ficou aqui com o marido, o sexto... o marido dela, Jeremy. Estava grávida.

— Faz só um ano que estou aqui, mas talvez outra pessoa saiba informar. Não quer entrar?

Kirsten entrou num corredor abafado. Dava para um cômodo coletivo nos fundos do prédio, onde antigamente ficava uma cozinha industrial. Pela porta aberta, nos fundos, Kirsten avistou um milharal, os pés de milho ondulando por dez metros mais ou menos, antes de surgir o paredão da floresta. Uma mulher mais velha estava sentada numa cadeira junto à porta, tricotando. Kirsten reconheceu a parteira local.

— Maria — disse ela.

A luz que vinha da porta aberta deixava à sombra o rosto de Maria. Era impossível ver sua expressão quando ergueu os olhos.

— Você veio com a Sinfonia — disse ela. — Eu me lembro de você.

— Estou procurando a Charlie e o Jeremy.

— Lamento, eles foram embora da cidade.

— Foram embora? Mas por que iriam embora? Para onde iriam?

A parteira olhou de relance para a mulher que havia recebido Kirsten. A mulher olhou para o chão. Nenhuma das duas falou.

— Pelo menos me digam quando foram embora — pediu Kirsten. — Há quanto tempo?

— Pouco mais de um ano.

— Ela teve o filho?

— Uma menina, Annabel. Perfeitamente saudável.

— E isso é tudo que vocês têm para me contar? — Kirsten estava alimentando a agradável fantasia de apontar uma faca para o pescoço da parteira.

— Alissa — disse Maria para a outra mulher. — Você está tão pálida, querida. Por que não vai se deitar?

Alissa desapareceu pela cortina que cobria a porta de outro cômodo. A parteira se levantou rapidamente.

— Sua amiga recusou as investidas do profeta — sussurrou, perto do ouvido de Kirsten. — Eles tiveram de ir embora da cidade. Pare de fazer perguntas e diga para seu pessoal ir embora daqui o mais rápido possível. — Acomodou-se de novo em sua cadeira e retomou seu tricô. — Obrigada por ter me visitado — disse ela, numa voz alta o bastante para que a ouvissem no cômodo ao lado. — A Sinfonia vai se apresentar esta noite?

— *Sonho de uma noite de verão*. Com acompanhamento orquestral. — Kirsten tinha dificuldade para manter a voz firme. Após dois anos, a Sinfonia chegar a St. Deborah by the Water para descobrir que Charlie e Jeremy tinham ido embora era uma hipótese que ela não havia imaginado. — Esta cidade parece diferente de quando estivemos aqui pela última vez

— disse ela.

— Ah! — respondeu a parteira num tom enérgico. — Está mesmo! Está completamente diferente.

Kirsten saiu e a porta se fechou atrás dela. A menina que ela antes vira parada a uma porta a seguira até ali e estava do outro lado da estrada, observando. Kirsten a cumprimentou com um aceno de cabeça. A menina balançou a cabeça em resposta. Uma criança séria, malcuidada, de um jeito que sugeria negligência, o cabelo desgrenhado, a gola da camiseta rasgada. Kirsten teve vontade de chamá-la, perguntar se sabia para onde Charlie e Jeremy tinham ido, mas algo no olhar da garota deixou-a nervosa. Será que alguém havia pedido para a menina vigiá-la? Kirsten deu as costas a fim de seguir seu caminho pela estrada, andando com uma displicência calculada e tentando transmitir a impressão de que só estava interessada na luz do fim de tarde, nas flores silvestres, nas libélulas que planavam nas correntes de ar. Quando olhou de relance por cima do ombro, a menina vinha atrás dela, a certa distância.

Dois anos antes, Kirsten tinha feito aquele mesmo caminho com Charlie, as duas adiando o inevitável nas horas finais, antes de a Sinfonia partir.

— Esses dois anos vão passar depressa — tinha dito Charlie, e de fato passaram depressa, quando Kirsten parou para pensar.

Subir todo o caminho até Kincardine, voltar pelo litoral e depois descer pelo rio St. Clair, passar o inverno numa das cidades pesqueiras do rio St. Clair. Apresentações de *Hamlet* e *Lear* no prédio da sede da prefeitura, que antes fora o ginásio de uma faculdade, *Conto de inverno*, *Romeu e Julieta*, os músicos tocando quase todas as noites, depois *Sonho de uma noite de verão*, quando o tempo ficava mais quente. Uma doença acometera a Sinfonia na primavera, causando febre alta e vômito, e metade do grupo adoecera, mas todos se recuperaram, exceto o terceiro violão — uma sepultura à beira da estrada, na periferia de New Phoenix —, e continuamos, fomos em frente, Charlie, como sempre, todos esses meses, e eu sempre pensei em encontrar você aqui nesta cidade.

Havia alguém à frente, na estrada, andando depressa ao encontro de Kirsten. Agora o sol resvalava pelo topo das árvores, a estrada em sombras, e logo depois ela reconheceu Dieter.

— É melhor a gente ir embora — disse ela.

— Primeiro preciso lhe mostrar uma coisa. Você vai querer ver isso.

— O que é? — Kirsten não gostou do tom de voz dele.

Algo o abalara. Ela contou o que a parteira tinha dito enquanto os dois caminhavam juntos.

Dieter franziu a testa.

— Ela disse que eles foram embora? Tem certeza de que foi isso que ela contou?

— Claro que tenho certeza. Por quê?

Na extremidade norte da cidade, um prédio novo, já com os alicerces prontos, cuja construção fora interrompida pouco antes da chegada da Gripe da Geórgia. Era um tapete de concreto que reluzia com os vergalhões de metal, onde agora as videiras cresciam livremente. Dieter saiu da estrada e levou Kirsten por uma trilha atrás da construção.

Todas as cidades tinham cemitérios e St. Deborah by the Water havia crescido bastante

durante aqueles dois anos, desde que Kirsten andara por ali com Charlie. Talvez houvesse trezentos túmulos, distribuídos em fileiras regulares entre os alicerces do prédio abandonado e a floresta. Na seção mais nova, marcos recém-pintados reluziam brancos no meio do capim. Ela viu os nomes a certa distância.

— Não — disse ela. — Ah, não, por favor...

— Não são eles — respondeu Dieter. — Preciso mostrar isso para você, mas não são eles.

Três marcos em fila na sombra do entardecer, nomes pintados em preto, com capricho: *Charlie Harrison, Jeremy Leung, Annabel (bebê)*. Todos os três com a mesma data: *20 de julho. Ano 19.*

— Não são eles — disse Dieter de novo. — Olhe para a terra. Não há ninguém enterrado embaixo desses marcos.

O horror de ver os nomes deles ali. Kirsten ficou abalada com a cena. Mas Dieter tinha razão, ela se deu conta. Os marcos mais recentes na extremidade do cemitério estavam inequivocamente fincados sobre sepulturas, junto a um montinho de terra. O padrão se repetia num aglomerado de mais ou menos trinta sepulturas, de um ano e meio antes, as datas de morte abrangendo um intervalo de duas semanas. Sem dúvida, alguma doença, algo que se espalhou depressa e com violência, no frio do inverno. Mas depois disso começavam as irregularidades: mais ou menos metade das sepulturas com datas após a doença de inverno pareciam de fato sepulturas, ao passo que as outras, entre elas as de Charlie, de Jeremy e de seu bebê, eram marcos fincados no solo perfeitamente plano, com a terra intacta.

— Não faz sentido — disse ela.

— Podíamos perguntar à sua sombra.

A menina que havia seguido Kirsten pela cidade estava parada no limite do cemitério, perto dos alicerces do prédio, e os observava.

— Ei, você — chamou Kirsten.

A menina recuou.

— Você conheceu a Charlie e o Jeremy?

A menina olhou de relance por cima do ombro. Quando voltou o olhar de novo para Kirsten e Dieter, fez que sim com a cabeça, num movimento que mal deu para notar.

— Eles estão...? — Kirsten apontou para as sepulturas.

— Eles foram embora — respondeu a menina muito depressa.

— Ela fala! — disse Dieter.

— E quando foi que eles...

Mas a coragem da menina acabou antes que Kirsten pudesse concluir a pergunta. Saiu correndo por trás dos alicerces do prédio em construção e Kirsten ouviu seus passos pela estrada. Ficou sozinha com Dieter, as sepulturas e a floresta. Olharam um para o outro, mas não havia nada a dizer.

Pouco tempo depois de retornarem para o Walmart, o tocador de tuba voltou ao acampamento com o próprio relato. Havia encontrado um conhecido que residia no motel. Houvera uma epidemia, o homem contou. Trinta pessoas morreram, fervendo de febre, inclusive o prefeito.

Depois disso, houve uma mudança na administração, mas o conhecido do tocador de tuba não quis entrar em detalhes do que aquilo significava. No entanto, afirmou que vinte famílias tinham ido embora desde então, inclusive Charlie, o sexto violão e seu bebê. Disse que ninguém sabia para onde tinham ido e falou ainda ao tocador de tuba que era melhor não fazer perguntas.

— Uma mudança na administração — disse a maestrina. — Que empresa mais organizada.

Conversaram por um tempo sobre os marcos nas sepulturas. O que as sepulturas podiam representar se não mortes? Será que os marcos estavam à espera de um acontecimento futuro?

— Eu já falei — repetiu Kirsten. — A parteira disse que havia um profeta.

— Isso é fantástico. — Sayid desembulhava um pacote de velas e não olhava para ninguém. O sexto violão era um de seus melhores amigos. — É exatamente o que toda cidade precisa.

— Alguém deve saber para onde eles foram — disse a maestrina. — Devem ter contado a alguém para onde iam. Mais alguém aqui tem amigos nesta cidade?

— Eu conhecia um sujeito que morava na IHOP — disse o terceiro violoncelo. — Mas já fui verificar e a casa foi toda fechada com tábuas pregadas nas janelas e nas portas e aí alguém no albergue de beira de estrada disse que ele foi embora no ano passado. Ninguém quis me contar para onde foram Charlie e Jeremy.

— Aqui ninguém conta nada para a gente. — Kirsten tinha vontade de chorar, mas em vez disso ficou olhando para o chão, empurrando uma pedrinha para a frente e para trás, com o pé.

— Como é que fomos capazes de deixá-los aqui? — Lin sacudiu sua fantasia de fada, um vestido de baile prateado que cintilava como se fosse feito de escamas de peixe, e uma nuvem de pó se levantou no ar. — Sepulturas — disse ela. — Não consigo nem começar a...

— Não são sepulturas — emendou Dieter. — São *marcos* de sepulturas.

— As cidades mudam. — Gil se apoiou em sua bengala junto ao terceiro trailer, enquanto fitava os prédios e os jardins de St. Deborah by the Water, a neblina de flores silvestres ao longo da beira da estrada. O letreiro do McDonald's captou o último raio do sol. — Não podíamos prever.

— Pode haver uma explicação — disse o terceiro violoncelo, em dúvida. — Talvez tenham ido embora, sei lá, e alguém achou que tinham morrido.

— Existe um *profeta* — disse Kirsten. — Há marcos de sepulturas com os nomes deles inscritos. A parteira disse que eu devia parar de fazer perguntas e que era melhor irmos embora daqui bem depressa. Já falei disso?

— Será que nossa voz não estava alta o bastante quando respondemos nas primeiras seis vezes que você disse isso? — perguntou Sayid.

A maestrina deu um suspiro.

— Não podemos partir antes de obter mais informações — disse ela. — Vamos levar adiante a apresentação desta noite e depois faremos uma investigação.

Os trailers estavam estacionados um atrás do outro; o cenário de *Sonho de uma noite de verão* — lençóis costurados uns nos outros, agora encardidos, depois de anos de viagens, representando uma paisagem de floresta — estava pendurado neles. Alexandra e Olivia tinham juntado ramagens e flores a fim de completar o efeito e cem velas assinalavam os limites do palco.

— Eu estava conversando com nossa destemida líder — disse August para Kirsten, mais

tarde, enquanto afinava seu instrumento e ia se juntar ao restante da seção de cordas da orquestra —, e ela acha que a Charlie e o sexto violão devem ter ido para o sul, pela margem do lago.

— Por que para o sul?

— Porque para o oeste é só água, e eles não foram para o norte. Senão teríamos encontrado os três na estrada.

O sol estava se pondo, os habitantes de St. Deborah by the Water se reuniam para assistir ao espetáculo. Um número muito menor do que antes, não mais de trinta pessoas em duas fileiras de rostos sombrios, sobre a brita do terreno que em outros tempos fora um estacionamento. Um cachorro cinzento com jeito de lobo estava deitado de lado na ponta da primeira fila, com a língua para fora. A menina que havia seguido Kirsten não estava mais à vista.

— Mas existe alguma coisa para o sul?

August deu de ombros.

— O litoral é muito grande — disse ele. — Tem de haver alguma coisa daqui até Chicago, não acha?

— Eles podem ter ido para o interior.

— É possível, mas eles sabem que nós nunca vamos para o interior. Só iriam para lá se não quisessem mais nos encontrar, e por que eles iriam... — Balançou a cabeça. Nada daquilo fazia sentido.

— Tiveram uma filha — disse Kirsten. — Annabel.

— É o nome da irmã da Charlie.

— Tomem suas posições — disse a maestrina, e August saiu para se unir aos instrumentos de cordas.

O QUE SE perdeu na calamidade: quase tudo, quase todo mundo, mas ainda existe muita beleza. O pôr do sol no mundo transformado, uma apresentação de *Sonho de uma noite de verão* num estacionamento na cidade misteriosamente batizada de St. Deborah by the Water, o lago Michigan reluzente a uns oitocentos metros. Kirsten no papel de Titânia, uma coroa de flores em seu cabelo bem curto, a cicatriz denteada na bochecha, meio apagada pelo efeito da luz de velas. A plateia está em silêncio. Sayid, andando ao redor de Kirsten vestido num smoking que ela encontrou no guarda-roupa de um homem morto, perto da cidade de East Jordan:

— Contenha-se, libertina imprudente. Não sou eu seu senhor?

— Então eu devo ser sua senhora.

Falas de uma peça escrita em 1594, o ano em que os teatros de Londres reabriram após duas temporadas fechados por causa da peste. Ou talvez escrita um ano depois, em 1595, um ano antes da morte do único filho homem de Shakespeare. Alguns séculos mais tarde, num continente distante, Kirsten anda pelo palco numa nuvem de pano pintado, meio furiosa, meio apaixonada. Usa um vestido de noiva que recolheu numa casa abandonada perto de New Petoskey, o *chiffon* e a seda riscados por sombras de azul de um estojo de guache infantil.

— Mas com suas brigas — prossegue ela — você perturbou nossa diversão. — Kirsten nunca se sente mais viva do que naqueles momentos. Quando está no palco, não tem medo de nada. — Por isso os ventos, soprando em vão sobre nós, como em busca de vingança, sugaram do mar neblinas contagiosas...

Pestilentas, explica uma nota no texto, junto à palavra *contagiosas*, na versão favorita de Kirsten das três que a Sinfonia possui. Shakespeare foi o terceiro filho que seus pais tiveram, mas o primeiro a sobreviver à infância. Quatro de seus irmãos morreram muito novos. Seu filho, Hamnet, morreu aos onze anos e deixou uma irmã gêmea. A peste fechou os teatros muitas e muitas vezes, a morte pairava no horizonte. E agora, na penumbra novamente iluminada por velas, pois a era da eletricidade tinha chegado e partido, Titânia se vira para encarar seu rei imaginário:

— Portanto a lua, a soberana das marés, pálida em sua raiva, banha todo o ar, pois as doenças reumáticas de fato abundam.

Oberon olha para ela com seu cortejo de fadas. Titânia agora fala como se fosse para si mesma, esquecida de Oberon. Sua voz se ergue clara e alta acima da plateia em silêncio, acima da seção de cordas, à espera de sua deixa, à esquerda do palco.

— E em meio a esta destemperança, vemos as estações mudadas.

Todos os trailers da Sinfonia Itinerante estão assinalados com esse nome, SINFONIA ITINERANTE grafado em letras brancas dos dois lados, mas o trailer da frente leva dizeres adicionais: *Porque sobreviver não é suficiente*.

A PLATEIA SE levanta e aplaude de pé. Kirsten estava no estado de suspensão que sempre a domina no final das apresentações, a sensação de ter voado muito alto e aterrissado de maneira incompleta, a alma tentando sair pelo peito. Um homem na primeira fileira tinha lágrimas nos olhos. Na de trás, outro homem, que ela havia notado antes — só ele tinha sentado numa cadeira, trazida do posto de gasolina por uma mulher —, se adiantou e ergueu as mãos acima da cabeça, enquanto passava pela primeira fila. Os aplausos cessaram.

— Meu povo — disse ele. — Por favor, sentem-se.

Era alto, vinte e tantos ou trinta e poucos, cabelo louro batendo nos ombros e barbado. Subiu para o semicírculo formado pelas velas a fim de ficar de pé no meio dos atores. O cachorro deitado na primeira fileira ergueu-se, atento.

— Que prazer — disse ele. — Que espetáculo maravilhoso. — Havia algo quase familiar em seu rosto, mas Kirsten não conseguiu identificar. Sayid franziu a testa. — Obrigado a vocês — disse o homem para os atores e os músicos. — Vamos todos agradecer à Sinfonia Itinerante por este lindo descanso de nossos afazeres cotidianos. — Ele sorriu para todos. A plateia aplaudiu de novo após seu sinal, mas agora com menos vigor. — Somos abençoados — disse ele e, quando ergueu as mãos, os aplausos cessaram de pronto. O profeta. — Somos abençoados por termos estes músicos e atores entre nós hoje. — Algo em seu tom de voz levou Kirsten a querer fugir, havia uma sugestão de armadilha em cada palavra. — Somos abençoados — repetiu ele — de tão variadas maneiras, não somos? Somos abençoados, acima de tudo, por estarmos vivos hoje. Devemos nos perguntar: Por quê? Por que fomos poupados? — Ficou calado por um momento, observando a Sinfonia e a multidão reunida, mas ninguém respondeu. — Suponho — disse o profeta — que tudo que já aconteceu neste mundo aconteceu por algum motivo.

A maestrina estava de pé junto à seção de cordas da orquestra, as mãos cruzadas nas costas. Estava imóvel.

— Meu povo — disse o profeta. — Hoje, mais cedo, fiquei refletindo sobre a gripe, a grande epidemia, e permitam que eu lhes pergunte. Já pensaram na perfeição do vírus? — Um arrepio de rumores e soluços percorreu a plateia, mas o profeta ergueu a mão e as pessoas ficaram em silêncio. — Reflitam — disse. — Aqueles de vocês que se lembram do mundo antes da Gripe da Geórgia pensem nas interações das doenças que a precederam, aqueles surtos insignificantes contra os quais fomos imunizados quando crianças, as gripes do passado. Houve o surto de 1918, meu povo, um momento óbvio, o castigo divino pelo desperdício e pela matança da Primeira Guerra Mundial. Mas e depois, nas décadas que se seguiram? As gripes vinham a cada estação, mas eram fracas, vírus ineficientes que só abatiam os muito velhos, os muito jovens, os muito enfermos. E então veio um vírus semelhante a um anjo vingador, que não deixava sobreviventes, um micróbio que reduziu a quanto a população do mundo caído? Não havia mais estatísticos àquela altura, meus anjos, mas devemos calcular em noventa e nove vírgula nove por cento, não é? Uma pessoa escapa entre cada duzentas e cinquenta, trezentas? Eu tenho de supor, meu amado povo, que um agente da morte tão perfeito só pode ser divino. Pois já lemos sobre tais expurgos no mundo, não é

mesmo?

Kirsten olhou para Dieter, do outro lado do palco. Ele representara o papel de Teseu. Mexia nervosamente nas abotoaduras da camisa.

— A gripe — prosseguiu o profeta —, o grande expurgo que sofremos vinte anos atrás, aquela gripe foi nosso dilúvio. A luz que trazemos dentro de nós é a arca que levou Noé e sua gente por cima das águas terríveis, e tenho de supor que nós fomos salvos — sua voz aumentava — não só para trazer a luz, para espalhar a luz, mas para *ser* a luz. Fomos salvos porque nós *somos* a luz. Nós somos os puros.

O suor escorria pelas costas de Kirsten por baixo da seda do vestido. O vestido, ela percebeu, distraída, não estava cheirando bem. Quando fora a última vez que havia lavado aquela roupa? O profeta continuava falando sobre a fé, a luz e o destino, planos divinos revelados a ele em sonhos, os preparativos que tinham de fazer para o fim do mundo — “pois me foi revelado que a peste de vinte anos atrás foi só o início, meus anjos, só uma colheita inicial dos impuros, que a peste do ano passado foi também uma previsão e vão ocorrer mais colheitas, muitas outras virão” —, e quando seu sermão terminou, ele foi até a maestrina e falou com ela com delicadeza. Ela disse algo em resposta e ele recuou com uma risada.

— Eu não sei — disse ele. — As pessoas vêm e vão.

— É mesmo? — falou a maestrina. — Há outras cidades nas redondezas, talvez descendo o litoral, para onde as pessoas costumam viajar?

— Não há nenhuma cidade nas redondezas — respondeu ele. — Mas todo mundo — olhou por cima do ombro para a multidão calada, sorriu para eles e falou em voz alta o bastante para que todos ouvissem —, todo mundo aqui, é claro, é livre para ir embora quando quiser.

— Claro — disse a maestrina. — Eu não imaginava nada diferente. Só não esperávamos que eles fossem embora sozinhos, já que sabiam que voltaríamos para buscá-los.

O profeta fez que sim com a cabeça. Kirsten chegou mais perto a fim de ouvir melhor o que diziam. Os outros atores se retiravam do palco em silêncio.

— Meu povo e eu — disse ele —, quando falamos da luz, falamos da ordem. Este é um lugar de ordem. Pessoas com o caos no coração não podem permanecer aqui.

— O senhor me perdoe por ser bisbilhoteira, talvez, mas não posso deixar de perguntar sobre os marcos das sepulturas no cemitério.

— Não é uma pergunta descabida — respondeu o profeta. — Vocês estão na estrada já faz algum tempo, não é?

— Sim.

— Sua Sinfonia esteve na estrada desde o princípio?

— Quase — respondeu a maestrina. — Desde o Ano Cinco.

— E você? — De repente, o profeta virou-se para Kirsten.

— Fiquei andando durante todo o Ano Um. — Mas se sentia desonesta por declarar isso, pois não tinha nenhuma lembrança daquele primeiro ano.

— Se vocês estão na estrada há tanto tempo — disse o profeta —, se têm vagado durante toda a vida, como eu, em meio ao caos tenebroso, se vocês se lembram, como eu, de tudo o que viram, então sabem que existe mais de uma forma de morrer.

— Ah, vi muitas formas de morrer — disse a maestrina, e Kirsten notou que ela mantinha a calma com certa dificuldade. — De fato, tudo, desde o afogamento até a decapitação e a febre, mas nenhuma dessas formas explicaria...

— A senhora me entendeu mal — disse o profeta. — Não estou falando das maçantes variações da morte física. Existe a morte do corpo e existe a morte da alma. Vi minha mãe morrer duas vezes. Quando os caídos escapam sem permissão fazemos enterros para eles e erigimos marcos de sepulturas no cemitério, porque para nós eles estão mortos. — Olhou de relance por cima do ombro para Alexandra, que recolhia as flores do palco, e falou no ouvido da maestrina.

A maestrina recuou.

— Não, absolutamente — disse ela. — Está fora de questão.

O profeta fitou-a por um momento antes de lhe dar as costas. Murmurou algo para um homem na primeira fileira, o arqueiro que vigiava o posto de gasolina naquela manhã, e os dois foram embora juntos, deixando o Walmart.

— Luli! — chamou o profeta por cima do ombro, e o cachorro trotou atrás dele.

A plateia se dispersava agora e, minutos depois, a Sinfonia ficou sozinha no estacionamento. Pelo que se lembravam, era a primeira vez que ninguém da plateia ficava para conversar com a Sinfonia depois de um espetáculo.

— Rápido — disse a maestrina. — Arreiem os cavalos.

— Pensei que ficaríamos alguns dias — disse Alexandra, um pouco chorosa.

— É um culto do fim do mundo. — O clarinetista despregava o cenário de *Sonho de uma noite de verão*. — Vocês não ouviram?

— Mas na última vez que estivemos aqui...

— Esta não é a mesma cidade de quando estivemos aqui naquela vez. — A floresta pintada desabou em dobras e caiu sem fazer barulho. — Este é um desses lugares em que a gente nem percebe que todos estão caindo mortos ao redor, a não ser depois que a gente já se embriagou do vinho envenenado. — Kirsten se ajoelhou para ajudar o clarinetista a enrolar o pano. — Talvez fosse melhor você lavar esse vestido — disse o clarinetista.

— Ele voltou para o posto de gasolina — disse Sayid.

Agora havia guardas armados posicionados dos dois lados da porta do posto de gasolina, pouco visíveis na penumbra. Um fogo de cozinha brilhava no motel.

A Sinfonia se pôs em movimento em poucos minutos, partindo por uma estrada vicinal por trás do Walmart, que os levava para longe do centro da cidade. Uma fogueira pequena cintilava à beira da estrada, mais à frente. Ali, encontraram um menino, uma sentinela, assando na ponta de um espeto algo que podia ser um esquilo. A maioria das cidades tinha sentinelas com apitos nos locais de entrada mais óbvios, e a ideia era que seria conveniente receber um pequeno alerta no caso da chegada de saqueadores, mas a idade do menino e a pouca atenção sugeriam que aquele não era um posto considerado especialmente perigoso. Ele ficou de pé quando a caravana se aproximou, segurando seu jantar longe das chamas.

— Vocês têm permissão para ir embora? — gritou.

A maestrina fez um gesto para o primeiro flautista, que conduzia o primeiro trailer, para que ele prosseguisse, e foi falar com o menino.

— Boa noite — disse ela.

Kirsten parou de andar e ficou a poucos passos, escutando.

— Qual é seu nome? — perguntou ele, desconfiado.

— As pessoas me chamam de maestrina.

— E esse é seu nome?

— É o único que uso. Isso é seu jantar?
— Tem permissão para ir embora?
— Na última vez que estivemos aqui — disse ela —, não era necessária nenhuma permissão.
— Agora é diferente. — A voz do menino ainda não havia vacilado. Ele parecia muito jovem.
— E se não tivermos permissão?
— Bem, quando as pessoas vão embora sem permissão, fazemos enterros para elas — explicou o menino.
— E o que acontece quando elas voltam?
— Se já fizemos um enterro... — disse o menino, mas pareceu incapaz de completar a frase.
— Que lugar — resmungou o quarto violão. — Que fim de mundo desgraçado. — Tocou no braço de Kirsten quando passou. — É melhor continuar andando, Kiki.
— Então você não recomenda que voltem para cá — disse a maestrina.
O último trailer estava passando. Sayid, fechando a caravana, segurou o ombro de Kirsten e a impeliu a seguir adiante pela estrada.
— Até que ponto você está querendo correr riscos? — sussurrou ele. — Continue andando.
— Não me diga o que fazer.
— Então não banque a idiota.
— Vocês podem me levar junto? — Kirsten ouviu o menino pedir.
A maestrina disse algo que ela não pôde ouvir e, quando olhou para trás, o menino olhava fixamente para a Sinfonia, que seguia pela estrada, seu esquilo esquecido na ponta do espeto.

A noite esfriou enquanto deixavam St. Deborah by the Water. Os únicos sons eram as batidas dos cascos dos cavalos sobre o asfalto rachado, os rangidos dos trailers, os passos da Sinfonia conforme seus componentes caminhavam e os pequenos rumores que vinham da floresta à noite. O aroma de pinheiro, flores silvestres e capim pairava no ar; as estrelas eram tão brilhantes que os trailers projetavam sombras oscilantes sobre a estrada. Partiram tão afobados que continuavam com os figurinos dos personagens da peça. Kirsten segurava as abas de seu vestido de Titânia para não tropeçar e Sayid proporcionava uma visão estranha em seu smoking de Oberon, o branco da camisa reluzia quando ele virava para olhar para trás. Kirsten o ultrapassou a fim de falar com a maestrina, que como sempre caminhava junto ao primeiro trailer.

— O que você falou para o menino na estrada?
— Que não podíamos correr o risco de que pensassem que estávamos raptando uma criança — respondeu a maestrina.
— O que o profeta lhe disse depois do concerto?
A maestrina olhou para trás, por cima do ombro.
— Você jura que vai manter segredo?
— É provável que eu conte para o August.

— Claro que vai contar. Mas para mais ninguém?
— Tudo bem — respondeu Kirsten. — Mais ninguém.
— Ele perguntou se poderíamos deixar a Alexandra com ele, como garantia de boas relações futuras entre a Sinfonia e a cidade.
— Deixá-la? Por que nós...
— Ele disse que estava em busca de outra noiva.
Kirsten recuou a fim de contar para August, que sussurrou um palavrão e balançou a cabeça. Alexandra andava junto ao terceiro trailer, distraída, olhando para as estrelas.

Pouco depois da meia-noite, a Sinfonia parou para descansar. Kirsten jogou a roupa de Titânia na traseira de um trailer e pôs o vestido que sempre usava quando fazia calor, de algodão leve com remendos aqui e ali. O peso reconfortante das facas na cintura. Jackson e o segundo oboé pegaram dois cavalos e recuaram pela estrada por um quilômetro e meio, depois voltaram para informar que aparentemente ninguém os seguia.

A maestrina estudava um mapa junto com alguns dos membros mais velhos da Sinfonia, sob o luar. Sua fuga os havia levado numa direção estranha, rumo ao sul, pela margem oriental do lago Michigan. As únicas rotas mais ou menos diretas para seu território de costume os levavam ou de volta para St. Deborah by the Water ou para perto de uma cidade conhecida por disparar contra forasteiros assim que os avistavam, ou então para o interior, por dentro da mata que, nos tempos anteriores à calamidade, pertencia a uma reserva florestal.

— O que sabemos a respeito dessa reserva florestal? — A maestrina olhava para o mapa, de testa franzida.

— Eu voto contra — disse o tocador de tuba. — Conheço um mercador que passou por lá. Disse que é uma área arrasada, sem cidades, e com feras violentas.

— Encantador. E o sul, pela margem do lago?

— Nada — disse Dieter. — Falei com alguém que esteve lá, mas isso já faz uns dez anos. Contou que era uma região muito pouco povoada, mas não me lembro dos detalhes.

— Dez anos atrás — disse a maestrina.

— Como eu disse: nada. Mas, olhe, se a gente continuasse indo para o sul acabaria tendo de virar para o interior de qualquer jeito, a menos que vocês estejam especialmente ansiosos para ver o que foi feito de Chicago.

— Vocês souberam daquela história dos atiradores de tocaia na Torre da Sears? — perguntou o primeiro violoncelo.

— Eu vivi essa história — disse Gil. — Mas não havia um povoado ao sul daqui, lá para o lado de Severn City? Um acampamento no terreno do antigo aeroporto, se me lembro bem.

— Também ouvi falar. — Não era comum a maestrina hesitar, mas ela ficou examinando o mapa por mais um tempo, antes de continuar. — Já faz anos que conversamos sobre ampliar nosso território, não é verdade?

— É um risco — disse Dieter.

— Estar vivo é um risco. — Ela dobrou o mapa. — Tenho dois membros da Sinfonia desaparecidos e ainda acho que eles foram para o sul. Se existe um povoado em Severn City,

talvez os habitantes conheçam o melhor caminho para voltarmos ao nosso território de costume. Vamos seguir para o sul, pela margem do lago.

Kirsten subiu no banco do motorista no segundo trailer a fim de tomar um pouco de água e descansar. Desvencilhou-se da mochila que carregava às costas. Era de tamanho infantil, de lona vermelha, com uma figura do Homem-Aranha desbotada e rachada, e dentro dela levava o mínimo possível: água em duas garrafas de vidro que na civilização anterior eram embalagens de Lipton Iced Tea, um suéter, um trapo com que ela cobria o rosto quando entrava em casas empoeiradas, um gancho de arame para abrir fechaduras, a bolsa de zíper em que guardava a coleção de recortes de tabloides e a coleção do *Dr. Onze*, as revistas em quadrinhos, além de um peso de papel.

O peso de papel era uma bola de vidro lisa com nuvens de tempestade em seu interior, mais ou menos do tamanho de uma ameixa. Não tinha mais nenhuma utilidade prática, não passava de um peso morto na bolsa, mas Kirsten achava aquilo lindo. Uma mulher tinha dado o peso de papel a ela pouco antes da calamidade, mas Kirsten não conseguia se lembrar do nome dela. Segurou-o na palma da mão por um tempo antes de se voltar para sua coleção.

Às vezes, gostava de olhar os recortes, um hábito arraigado. Aquelas imagens do mundo das sombras, do tempo anterior à Gripe da Geórgia, pareciam vagas sob o luar, mas ela havia memorizado os detalhes de todas as fotografias: Arthur Leander e sua segunda mulher, Elizabeth, no pátio de um restaurante com Tyler, seu filho bebê; Arthur com sua terceira mulher, Lydia, alguns meses depois; Arthur com Tyler no Aeroporto Internacional de Los Angeles. Uma foto mais antiga, que Kirsten havia encontrado num sótão repleto de revistas de fofoca de três décadas seguidas, uma foto tirada antes de ela nascer: Arthur com o braço em volta da garota pálida de cabelo escuro e cacheado que em breve se tornaria sua primeira mulher, feita pelo fotógrafo na hora em que os dois saíam de um restaurante, a garota inescrutável atrás dos óculos escuros e Arthur ofuscado pelo flash.

{ III. PREFIRO VOCÊ COM A COROA }

A FOTO DO TABLOIDE:

Dez minutos antes da fotografia, Arthur Leander e a garota estão à espera de seus casacos num restaurante de Toronto. Isso foi bem antes da Gripe da Geórgia. A civilização só vai desmoronar dali a quatorze anos. Arthur tinha filmado um drama de época a semana toda, parte num estúdio, parte num parque, na periferia da cidade. Mais cedo naquele dia, ele usava uma coroa na cabeça, mas agora usa um boné do time de beisebol Toronto Blue Jays, o que lhe dá uma aparência bastante comum. Arthur tem trinta e seis anos.

— O que vai fazer? — pergunta ele.

— Vou embora.

A garota, Miranda, tem no rosto um hematoma recente. Os dois conversam aos sussurros para evitar que os funcionários do restaurante escutem.

Arthur faz que sim com a cabeça.

— Certo. — Ele olha para o hematoma, que Miranda tentou esconder com a maquiagem, sem muito sucesso. — Eu esperava que você dissesse isso. Do que você precisa?

— Não sei — diz ela. — Lamento tudo isso. Não posso voltar para casa.

— Tenho uma sugestão...

Arthur se cala, porque a garota que fora buscar os casacos voltou com os agasalhos deles. O de Arthur é imponente, liso e de aspecto caro. O de Miranda é um casaquinho surrado que ela achou numa loja de ponta de estoque por dez dólares. Ela dá as costas para o restaurante quando veste o casaco, fazendo esforço para esconder o rasgo no forro, mas, quando se vira outra vez, algo no sorriso da recepcionista sugere que o esforço foi em vão, enquanto Arthur, que àquela altura da vida já era extraordinariamente famoso, irradia seu melhor sorriso e estende uma nota de vinte dólares para a garota dos casacos. De forma sorrateira, a recepcionista envia uma mensagem para um fotógrafo que lhe deu cinquenta dólares, mais cedo. No lado de fora, na calçada, o fotógrafo lê a mensagem no seu celular: *Está saindo agora.*

— Como eu estava dizendo — murmura Arthur, bem perto do ouvido de Miranda —, acho que você devia ficar comigo.

— No hotel? Não posso... — sussurra Miranda.

— Eu insisto. Sem nenhum compromisso.

Por um momento, Miranda é distraída pela garota dos casacos, que fita Arthur com ar de adoração. Ele sussurra:

— Não precisa tomar nenhuma decisão agora. É só um lugar para você ficar se quiser.

Os olhos de Miranda estão cheios de lágrimas.

— Não sei o que...

— Apenas diga que sim, Miranda.

— Sim. Obrigada. — Quando a recepcionista abre a porta para eles, ocorre a Miranda que ela deve estar com uma aparência horrorosa, o hematoma no rosto e os olhos vermelhos e cheios d'água. — Espere — diz ela, apanhando a bolsa. — Desculpe, só um segundo...

Põe os óculos escuros enormes que estava usando antes, Arthur passa o braço em volta dos

ombros dela, o fotógrafo na calçada levanta a câmera e os dois saem do restaurante, ao encontro do flash ofuscante.

— Então, Arthur. — A jornalista é linda, à maneira das pessoas que gastam uma enorme quantia de dinheiro com cuidados pessoais. Tem os poros profissionalmente fechados, um corte de cabelo de quatrocentos dólares, maquiagem impecável e unhas pintadas com bom gosto. Quando sorri, Arthur fica perturbado com a fantástica brancura dos dentes, embora ele esteja em Hollywood há anos e, a essa altura, já devesse estar acostumado com isso. — Conte-nos quem é aquela morena misteriosa que vimos com você.

— Acho que a misteriosa morena tem direito a privacidade, concorda? — O sorriso de Arthur é calculado para desarmar o comentário e torná-lo charmoso.

— Não vai nos contar nada sobre ela? Nem uma dica?

— Ela é da minha cidade natal — diz ele, e dá uma piscadela.

Na verdade, não se trata de uma cidade natal, mas de uma ilha natal.

— Tem o mesmo tamanho e formato que Manhattan — diz Arthur para as pessoas nas festas, durante toda a vida. — Só que tem mil habitantes.

A ilha Delano fica entre a ilha Vancouver e a costa da Colúmbia Britânica, em linha reta para o norte, partindo de Los Angeles. A ilha é toda formada por florestas pluviais temperadas e praias rochosas, cervos que invadem as hortas e saltam na frente dos carros, musgos em arbustos baixos, o sussurro do vento nos cedros. No meio da ilha, há um lago pequeno, quase perfeitamente redondo e muito profundo, que Arthur sempre imaginou ter sido formado por um asteroide. Certo verão, uma jovem de outro lugar qualquer se suicidou lá. Deixou o carro estacionado na estrada mais acima, com um bilhete, caminhou para a água e depois, quando os mergulhadores foram buscá-la, *não conseguiram achar o fundo do lago*, ou pelo menos era o que as crianças do local diziam umas para as outras em voz baixa, meio apavoradas, meio fascinadas, embora, pensando melhor, anos depois, a ideia de um lago tão profundo lhe parecesse improvável. No entanto, o fato é que uma mulher caminhou para dentro de um lago que não era grande e ninguém encontrou o corpo durante duas semanas, apesar das buscas intensas, e o episódio fulgura nas memórias de infância de Arthur e deixa um arrepio de escuridão que não havia lá na época. Porque, de fato, no dia a dia, não passa de um lago, é apenas seu lugar predileto para nadar, o lugar predileto de todo mundo para nadar, porque o oceano está sempre gelado. Nas memórias que Arthur tem do lago, sua mãe lê um livro embaixo das árvores na margem, enquanto o irmão caçula dá pulos na parte rasa, com boias infláveis nos braços, e insetos planam e pousam em esquadrilhas na superfície. Por motivos desconhecidos, existe uma boneca Barbie nua enterrada até a cintura na terra, na estrada do lago.

Na ilha, há crianças que andam descalças o verão inteiro e usam penas nos cabelos; as vans Volkswagen em que seus pais chegaram na década de setenta enferrujam dentro da floresta. Chove duzentos dias por ano. Há uma espécie de povoado perto do terminal das balsas: um mercado com uma bomba de gasolina, uma loja de comida natural, uma firma imobiliária, uma escola primária com sessenta alunos, uma sala de espetáculos comunitária com duas enormes sereias de mãos dadas formando um arco acima da porta da frente e uma pequenina biblioteca anexa. O restante da ilha é, sobretudo, feito de rochas e florestas, estradas estreitas com saídas de terra que desaparecem no meio das árvores.

Em outras palavras, é o tipo de lugar que quase ninguém que Arthur encontra em Nova York, Toronto ou Los Angeles consegue imaginar, e ele recebe uma porção de olhares desconcertados quando começa a falar de lá. Está sempre tentando descrever o lugar e recorre a generalizações sobre praias e vida vegetal.

— As samambaias eram mais altas que eu — conta para as pessoas, fazendo um gesto que sugere uma altura cada vez maior ao longo dos anos, até que, a certo ponto, aos quarenta e poucos anos, se dá conta de que está descrevendo plantas que chegam a dois metros ou dois metros e meio de altura. — Uma coisa inacreditável, se pensarmos agora.

— Devia ser mesmo lindo. — É a resposta inevitável.

— Era sim — diz ele. — E continua sendo.

Depois encontra um jeito de mudar de assunto, porque é difícil explicar a parte seguinte. Sim, era lindo. Era o lugar mais lindo que eu já vi. Era deslumbrante e claustrofóbico. Eu adorava e sempre quis fugir de lá.

Aos dezessete anos, ele é admitido na Universidade de Toronto. Preenche o pedido de empréstimo para estudantes, seus pais raspam as economias para pagar a passagem de avião e ele vai embora. Achava que queria estudar economia, mas quando chega a Toronto descobre que deseja fazer quase tudo, menos aquilo. Estudou muito no ensino médio, mas na universidade é um estudante indiferente. As aulas são maçantes. O motivo para ter ido àquela cidade não foi a faculdade, conclui Arthur. A faculdade foi só sua rota de fuga. O motivo foi a própria cidade de Toronto. Em quatro meses, larga a universidade e começa a fazer audições para ser ator, porque uma garota na sua aula de Comércio 101 lhe disse que ele devia ser ator.

Os pais ficam horrorizados. Há telefonemas chorosos tarde da noite que esgotam os créditos de cartões telefônicos.

— A questão para mim era ir embora da ilha — diz Arthur para eles, mas não adianta, porque adoram a ilha e querem morar lá.

Contudo, dois meses depois de largar a faculdade, Arthur consegue um papel pequeno num filme americano que está sendo rodado na cidade e em seguida um papel de uma só fala num espetáculo de televisão canadense. A sensação de Arthur é de que não tem a menor noção de como se deve representar, por isso começa a gastar seu dinheiro com aulas de teatro, onde conhece seu melhor amigo, Clark. Vem então um ano esplêndido, quando os dois se tornam inseparáveis e saem para noitadas, usando identidades falsas, até que, quando estão com dezenove anos, Clark sucumbe à pressão dos pais e volta à Inglaterra para cursar a

universidade, ao passo que Arthur obtém sucesso em audições para uma escola de teatro em Nova York, onde trabalha num restaurante ganhando uma ninharia e divide um quarto com colegas em cima de uma padaria no Queens.

Ele se forma na escola de teatro e fica um tempo à espera de alguma oportunidade, fazendo testes e trabalhando horas e horas como garçom, depois aparece um trabalho no seriado *Law and Order* — será que existe algum ator em Nova York que não tenha trabalhado em *Law and Order*? —, e Arthur acaba fazendo contato com um empresário que o leva para representar um personagem que aparece várias vezes num *Law and Order* diferente, um dos muitos desdobramentos da série. Faz alguns filmes de publicidade e dois pilotos de televisão que acabam não emplacando.

— Mas você tem de ir para Los Angeles de qualquer maneira — diz o diretor do segundo piloto, quando telefona para Arthur e lhe dá a má notícia. — Fique na minha casa de hóspedes por algumas semanas, faça uns testes, veja o que acontece.

A essa altura, Arthur já está cheio dos invernos do leste e então faz aquilo, se livra da maior parte de seus pertences e embarca num avião para o oeste.

Em Hollywood, vai a festas e arranja um pequeno papel num filme, um soldado com três falas que vai pelos ares logo nos primeiros dez minutos, mas isso o leva a um papel bem maior em outro filme e é aí que as festas começam a engrenar para valer — cocaína e garotas fáceis de pele perfeita, em casas e em quartos de hotel, uma sucessão de anos que voltam à sua memória, mais tarde, em lampejos, como as luzes de um estroboscópio: sentado à beira de uma piscina em Malibu tomando vodca e conversando com uma garota que diz ter ido ilegalmente do México para lá, atravessando a fronteira escondida embaixo de um carregamento de pimenta, na traseira de um caminhão, quando tinha dez anos; Arthur não tem certeza de que deve acreditar nela, mas acha a garota linda, por isso lhe dá um beijo e ela diz que vai telefonar, mas ele nunca mais a encontra. Passeando de carro nas montanhas com amigos, um dos passageiros de um conversível com o teto rebaixado, seus amigos cantam junto com o rádio, enquanto Arthur olha as palmeiras acima de sua cabeça; dançando com uma garota ao som de “Don’t Stop Believin’” — secretamente sua música predileta — no porão da casa de alguém, que funcionava como boate, com bebidas exóticas, e depois parece um milagre quando ele a encontra em outra festa, uma semana depois, a mesma garota em duas festas naquela cidade infinita, ela sorri para ele com os olhos meio fechados e segura sua mão, o leva para o quintal para ver o sol nascer sobre Los Angeles. A novidade que a cidade representa começa a se desgastar um pouco, àquela altura, mas lá no alto de Mulholland Drive ele entende que ainda existe algum mistério ali, ainda há algo que ele não viu naquela cidade, um mar de luzes se apagam no vale enquanto o sol nasce, a maneira como a garota corre as unhas de leve na pele do braço dele.

— Adoro este lugar — diz Arthur, porém seis meses depois, quando estão quase terminando o namoro, ela joga essa frase na cara dele.

— Você adora este lugar, mas nunca vai se sentir em casa aqui e nunca vai ser escalado num papel principal em nenhum desses filmes idiotas.

A essa altura Arthur tem vinte e oito anos, o tempo passa voando de um jeito que o deixa desconcertado, as festas começam tarde demais e ficam doidas demais; por duas vezes ele vai para a emergência de hospitais à espera de notícias sobre amigos que tiveram overdose com misturas exóticas de álcool e remédios controlados. As mesmas pessoas aparecem sempre,

uma festa depois da outra, o sol nasce sobre cenas de uma devassidão enfadonha, todo mundo parece meio arruinado. Pouco antes de completar vinte e nove anos, ele desencava um papel importante num filme de baixo orçamento sobre um assalto a banco frustrado e fica contente ao saber que a filmagem será em Toronto. Gosta da ideia de voltar em triunfo ao Canadá, tem consciência de que isso é egoísta, mas o que ele pode fazer?

A mãe de Arthur liga certa noite e pergunta se ele se lembra de Susie, a mulher que era garçoneiro no General Store Café quando Arthur era criança. É claro que ele se lembra de Susie. Tem lembranças bem vivas de Susie servindo panquecas para ele no café. De todo modo, a sobrinha de Susie foi morar com ela faz alguns anos, por motivos que continuam ocultos apesar dos dedicados esforços de investigação de todos os fofoqueiros da ilha. A sobrinha, Miranda, está com dezessete anos agora e anda muito *impulsiva*, muito *largada*. Recentemente, se mudou para Toronto a fim de estudar na Escola de Arte, e será que Arthur não podia levá-la para almoçar?

— Por quê? — pergunta ele. — A gente não se conhece. É uma garota de dezessete anos. Vou ficar meio sem graça, não acha? — Ele detesta situações em que fica sem graça e faz de tudo para evitar isso.

— Vocês têm muita coisa em comum — responde a mãe. — Os dois pularam uma série na escola.

— Não estou convencido de que isso signifique que temos muita coisa em comum.

Porém, na hora em que diz isso, se vê pensando: Ela vai saber de onde eu sou. Arthur vive em permanente estado de desorientação, como alguém com uma febre baixa, e a pergunta que paira à volta de tudo é: Como vim de lá para cá? E há momentos — nas festas em Toronto, em Los Angeles, em Nova York — em que ele fala com as pessoas a respeito da ilha Delano e nota certa expressão no rosto delas, ficam interessadas, porém um pouco incrédulas, como se Arthur estivesse descrevendo uma infância em Marte. Por motivos óbvios, muito pouca gente ouviu falar da ilha Delano. Em Toronto, quando ele conta que é da Colúmbia Britânica, invariavelmente as pessoas dizem que adoram Vancouver, como se aquela cidade difusa, a quatro horas e duas viagens de balsa a sudeste de seu lar de infância, tivesse alguma coisa a ver com a ilha onde ele cresceu. Em duas ocasiões distintas, Arthur contou para algumas pessoas em Los Angeles que ele era do Canadá e elas logo perguntaram sobre iglus. Certa vez, um nova-iorquino que se supunha de bom nível de instrução escutou atentamente sua explicação sobre o lugar de onde tinha vindo — Colúmbia Britânica do sudoeste, uma ilha entre a ilha de Vancouver e o continente — e em seguida perguntou, aparentemente com absoluta seriedade, se aquilo significava que ele havia sido criado no Maine.

— Ligue para a Miranda — diz sua mãe. — É só um almoço.

Miranda aos dezessete anos: tem um autocontrole fora do comum e é muito bonita, pálida, de olhos cinzentos e cabelo preto cacheado. Entra no restaurante numa rajada de ar frio, janeiro se agarra a seus cabelos e a seu casaco, e Arthur logo fica impressionado com sua postura. Parece muito mais velha do que é.

— O que está achando de Toronto? — pergunta Arthur.

Não é só bonita, conclui ele. Na verdade, é linda, porém é um tipo sutil de beleza, que leva algum tempo para se tornar aparente. É o contrário das garotas de Los Angeles, com seu cabelo louro, suas camisetas justas e sua pele bronzeada.

— Estou adorando.

A revelação da privacidade: ela pode andar pela rua e *absolutamente ninguém sabe quem ela é*. Talvez ninguém que não tenha crescido numa cidade pequena seja capaz de entender como isso é belo, como o anonimato da vida na cidade dá uma sensação de liberdade. Miranda começa a falar a respeito de seu namorado Pablo, também artista, e Arthur se esforça para sorrir enquanto escuta. Ela é tão jovem, diz para si mesmo. Está cansada de falar sobre si e pergunta sobre ele, e Arthur tenta explicar o surrealismo do mundo em que entrou, onde as pessoas o conhecem, mas ele não as conhece. Arthur diz que adora Los Angeles e que, ao mesmo tempo, aquele lugar o deixa esgotado, diz que se sente desorientado quando pensa na ilha Delano e compara aquela época com sua vida atual. Miranda nunca foi aos Estados Unidos, apesar de ter morado por toda a vida a trezentos quilômetros da fronteira. Arthur percebe que ela está se esforçando para imaginar como é a vida dele lá; os pensamentos de Miranda na certa são uma colagem de cenas de filmes e fotos de revistas.

— Você adora atuar, não é?

— Sim. Em geral, sim.

— Que coisa maravilhosa, ser pago para fazer aquilo que a gente adora — diz ela, e Arthur concorda.

No fim do almoço, Miranda agradece por ele pagar a conta e os dois saem juntos. Do lado de fora, o ar está frio, a luz do sol bate na neve poeirenta. Mais tarde, Arthur vai se lembrar daquilo como uma época de ouro em que podiam sair juntos de restaurantes sem que alguém tirasse fotografias deles na calçada.

— Boa sorte no filme — diz ela, ao entrar num bonde.

— Boa sorte em Toronto — responde Arthur, mas ela já tinha ido embora.

Nos anos seguintes, muitas vezes ele consegue tirar Miranda da cabeça. Ela está longe e é muito jovem. Há uma porção de filmes, uma mudança para Nova York por dezoito meses, por causa da montagem de uma peça de Mamet, e o regresso a Los Angeles para representar um personagem recorrente num seriado da HBO. Arthur namora outras mulheres, algumas atrizes, outras não, duas delas tão famosas que os dois nem conseguem sair em público sem atrair enxames de fotógrafos, que os circundam como mosquitos. Na época em que volta a Toronto para fazer outro filme, Arthur também não consegue sair em público sem ser fotografado, em parte porque os papéis nos filmes se tornaram mais importantes e mais marcantes, em parte porque os fotógrafos se acostumaram a tirar fotos dele quando estava de mãos dadas com mulheres mais famosas. Seu empresário o elogia por essa estratégia ao arranjar namoradas.

— Mas eu não estou pensando em estratégia nenhuma — diz Arthur. — Eu namoro porque gosto delas.

— Claro — responde o empresário. — Estou só dizendo que não faz mal algum.

Será que, de fato, ele escolhia aquelas mulheres porque gostava delas ou, o tempo todo, sua carreira estava por trás de seus pensamentos? A pergunta se torna insistente de forma inesperada.

Arthur tem trinta e seis anos agora, o que significa que Miranda tem vinte e quatro. Ele está se tornando extremamente, desagradavelmente, famoso. Não esperava a fama, embora em segredo, aos vinte anos, como todo mundo, desejasse aquilo mesmo, e agora que tem a fama não se sente seguro do que fazer com ela. É quase constrangedor. Por exemplo, faz o registro no hotel Le Germain, em Toronto, e a jovem funcionária da recepção lhe diz que é uma honra tê-lo como hóspede — “e se o senhor não se importa que eu diga, adorei aquele filme policial” — e, como sempre em tais situações, ele não sabe muito bem o que dizer, sinceramente não tem certeza de que ela tenha de fato gostado do filme policial ou se está apenas tentando ser gentil ou se quer dormir com ele ou alguma mistura de tudo isso, portanto sorri e agradece, envergonhado e sem saber para que lado olhar, pega o cartão-chave e sente o olhar da moça nas suas costas, enquanto caminha para os elevadores. Tentando parecer decidido, tenta também transmitir a impressão de que não se importa com isso e de que não percebe que metade das pessoas no saguão do hotel está olhando fixamente para ele.

Uma vez no quarto, Arthur se senta na cama, aliviado por ficar sozinho, sem que ninguém olhe para ele, mas sentindo-se um pouco desorientado, como sempre acontece nesses momentos, obscuramente vazio, um pouco sem rumo, e então, de repente, ele se dá conta do que deve fazer. Liga para o número de celular que guardou durante tantos anos.

MIRANDA ESTÁ NO trabalho quando Arthur Leander liga para ela de novo. É auxiliar administrativa numa empresa de navegação, a Neptune Logistics, onde passa dias tranquilos diante de uma mesa em formato de ferradura numa área de recepção privada, diante do escritório de seu chefe, um jovem executivo chamado Leon Prevant cuja porta está quase sempre fechada, porque quase sempre ele está fora da cidade. Há vários hectares de tapete cinzento e uma parede de vidro com vista para o lago Ontário perto da mesa de trabalho. Raramente há tarefas suficientes para manter Miranda ocupada durante mais de uma ou duas horas por dia, o que significa que muitas vezes ela pode passar as tardes inteiras desenhando — anda trabalhando numa série de romances em quadrinhos —, com demoradas pausas para o café, durante as quais gosta de postar-se junto à parede de vidro e olhar para o lago. Ali de pé, tem a sensação de estar suspensa, flutuando acima da cidade. A imobilidade da água, o horizonte emoldurado por outras torres de vidro e por barcos em miniatura que vagam ao longe.

O som suave de uma campainha indica a chegada de um e-mail. Durante o longo período em que o posto de Miranda foi ocupado por uma funcionária temporária incompetente — “O inverno da nossa desesperança”, como seu chefe se referia àquela fase —, Leon Prevant preferiu transferir a organização de suas viagens para Thea, a auxiliar administrativa de Hannah, sua subordinada, mulher impecável em seu estilo empresarial e chique, que Miranda admira, e que acabou de enviar os e-mails com a confirmação do voo de Leon para Tóquio no mês seguinte. Na presença de Thea, Miranda se sente tosca e descuidada, os cachos do cabelo emaranhados, em todas as direções, ao passo que o cabelo de Thea é lustroso e arrumado. As roupas de Miranda nunca estão adequadas, enquanto as de Thea são perfeitas. O batom de Miranda é sempre vivo demais ou escuro demais, seus saltos de sapato são altos demais ou baixos demais. Todas as suas meias têm furos e precisam ser usadas de maneira estratégica, com sapatos específicos. Os sapatos têm saltos arranhados, os riscos cuidadosamente cobertos com marcadores de tinta permanente.

As roupas são um problema. A maior parte das roupas de trabalho de Miranda provém de uma ponta de estoque, fora da área da Yonge Street, e sempre pareciam boas sob a luz do provador, mas na hora em que Miranda chega em casa elas estão sempre ruins, as fibras do tecido sintético da saia preta brilham demais, a blusa do mesmo material gruda na pele de um jeito desagradável, tudo tem ar de coisa barata e altamente inflamável.

— Você é uma artista — disse seu namorado Pablo naquela manhã, enquanto a observava experimentando várias opções, para substituir uma blusa que havia encolhido na lavagem. — Por que quer tanto se adaptar a sei lá que código babaca de vestuário empresarial?

— Porque meu emprego exige.

— Minha pobre bonequinha corporativa — diz ele. — Perdida na máquina.

Pablo fala muito em máquinas metafóricas, e também no Homem. Às vezes combina as duas coisas, como: “É assim que o Homem quer que a gente fique, aprisionado no interior da máquina corporativa.” Eles se conheceram na faculdade. Pablo se formou um ano antes dela e, no início, sua carreira parecia tão formidável que Miranda deixou seu emprego de garçonne

por sugestão dele: Pablo vendeu uma pintura por dez mil dólares e depois uma maior por vinte e um mil dólares e foi escalado para se tornar o Próximo Grande Acontecimento das Artes, mas então uma exposição foi cancelada e ele não conseguiu vender mais nada no ano seguinte, absolutamente nada, e Miranda se registrou numa agência de empregos temporários e, pouco depois, se viu em sua mesa de trabalho no alto de uma grande torre, diante da porta do escritório de Leon Prevant.

— Agente firme, garota — disse Pablo naquela manhã, enquanto via Miranda se vestir. — Você sabe que é só temporário.

— Claro — disse ela.

Pablo tem dito isso desde que ela se inscreveu na agência de empregos temporários, porém o que ela não conta para ele é que passou de temporária a permanente depois da sexta semana de trabalho. Leon gosta dela. Gosta de seu jeito sempre calmo, diz ele, seu jeito imperturbável. Chega a apresentar Miranda nesses termos, nas raras ocasiões em que ele está no escritório: “E esta é minha imperturbável assistente, Miranda.” Aquilo a deixa mais satisfeita do que gostaria de admitir.

— Vou vender as pinturas novas — disse Pablo. Estava seminu, na cama, deitado como uma estrela do mar. Depois que Miranda levantava, ele sempre gostava de ocupar todo o espaço da cama e continuar dormindo. — Você sabe que está chegando o dia do pagamento, não é?

— Claro — respondeu Miranda, desistindo da blusa e tentando achar uma camiseta capaz de parecer pelo menos um pouco profissional por baixo de seu blazer de vinte dólares.

— Quase ninguém na última exposição conseguiu vender nada — disse ele, agora falando mais para si mesmo.

— Sei que isso é temporário.

Mas este é o segredo de Miranda: ela não quer que termine. Jamais consegue contar a Pablo, porque ele despreza tudo o que é empresarial, mas ela gosta mais de trabalhar na Neptune Logistics do que de ficar em casa. Sua casa é um apartamento pequeno e escuro, acumulando cada vez mais poeira, a entrada da porta espremida por causa das telas de Pablo encostadas nas paredes, e há um cavalete bloqueando a metade inferior da janela da sala. Seu espaço de trabalho na Neptune Logistics é todo feito de linhas claras e iluminação indireta. Ela trabalha em seu interminável projeto durante horas, todos os dias. Na Escola de Arte, eles falavam horrorizados sobre ter empregos em horário integral. Miranda jamais poderia imaginar que seu dia de trabalho seria a parte mais calma e menos tumultuada de sua vida.

Recebe cinco e-mails de Thea naquela manhã, as confirmações do voo e do hotel da futura viagem de Leon à Ásia. Miranda fica algum tempo examinando o itinerário da viagem: Japão, depois Cingapura, depois Coreia do Sul. Ela gosta de estudar mapas e imaginar que ela mesma viaja por aqueles países. Nunca saiu do Canadá. Como Pablo não trabalha nem vende nenhum quadro, ela se limita a quitar as prestações do empréstimo que fez para cursar a faculdade, e com isso mal consegue pagar o aluguel. Introduce no itinerário a informação do voo de Cingapura para Seul, verifica duas vezes os outros números de confirmação, e se dá conta de que não tem mais nada para fazer durante o resto do dia. São nove e quarenta e cinco da manhã.

Miranda fica lendo as notícias, passa um tempo examinando o mapa da península coreana, percebe que está olhando para a tela sem nenhuma atenção, pensando no mundo de seu projeto, seu romance em quadrinhos, seu seriado em quadrinhos, ou seja lá o que for aquilo em que ela

tem trabalhado desde que se formou na Escola de Arte. Pega seu caderno de desenho no esconderijo que arrumou, embaixo das pastas na gaveta de cima de sua mesa de trabalho.

Existem vários personagens importantes no projeto da Estação Onze, mas o herói é o Dr. Onze, um físico brilhante cuja aparência é muito similar à de Pablo, mas fora isso não tem nada a ver com ele. É um homem do futuro, que nunca reclama. É atrevido e às vezes sarcástico. Não bebe muito. Não tem medo de nada, mas não tem sorte com mulheres. Seu nome deriva da estação espacial onde mora. Uma civilização hostil de uma galáxia próxima tomou o poder na Terra e escravizou a população, mas algumas centenas de rebeldes conseguiram roubar uma estação espacial e fugir. O Dr. Onze e seus colegas conseguiram esgueirar-se com a estação espacial através de um buraco de minhoca no cosmos e se escondem nas regiões remotas e não mapeadas do espaço profundo. Tudo isso acontece mil anos no futuro.

A Estação Onze tem o tamanho da lua terráquea e foi planejada para dar a impressão de que é um planeta, mas é capaz de viajar pelas galáxias e não requer nenhum sol. No entanto, o céu artificial da estação foi danificado por causa da guerra e por isso na Estação Onze sempre é pôr do sol, crepúsculo ou noite. Houve danos também em diversos sistemas vitais relativos ao nível do oceano da Estação Onze, e a única terra que restou é uma série de ilhas que, em outros tempos, foram cumes de montanhas.

Houve uma briga. Algumas pessoas, depois de quinze anos de crepúsculo perpétuo, não veem a hora de voltar para casa, retornar à Terra e implorar anistia, arriscar a sorte sob um governo alienígena. Elas moram em Submarina, uma vasta rede interligada de abrigos nucleares embaixo dos oceanos da Estação Onze. Há trezentas delas agora. Na imagem que Miranda está desenhando, o Dr. Onze está num barco junto com seu mentor, o Capitão Lonagan.

Dr. Onze: Estas águas são perigosas. Estamos passando sobre um portão de Submarina.

Capitão Lonagan: Você devia tentar compreendê-los. (O quadro seguinte é um close de seu rosto.) Tudo que eles desejam é ver a luz do sol outra vez. Não podemos condená-los por isso.

Depois desses dois quadros, Miranda decide que precisa de uma imagem de página inteira. Já imaginou a cena e, quando fecha os olhos, quase consegue ver aquela ilustração presa em seu cavalete, em casa. O cavalo-marinho é uma enorme criatura cor de ferrugem, de olhos vazios como pires, meio animal, meio máquina, a luz azul de um radiotransmissor brilha ao lado da cabeça da criatura. Move-se silenciosamente pela água, belo e aterrador, e um cavaleiro humano de Submarina está montado na curva das costas da criatura. A água azul-profundo alcança o último centímetro no alto do quadro. Na superfície da água, o Dr. Onze e o Capitão Lonagan estão em seu barco a remo, pequeno sob as constelações estranhas do espaço insondável.

No dia em que Miranda se encontra com Arthur de novo, Pablo liga para o telefone do trabalho dela à tarde. Miranda já tomou alguns goles de seu café das quatro horas e está desenhando uma série de quadros que representam os esforços do Dr. Onze para frustrar a mais recente trama de Submarina para sabotar os reatores da estação espacial e obrigar um regresso à Terra. Assim que escuta a voz de Pablo, Miranda entende que vai ser um telefonema ruim. Ele quer saber a que horas ela vai chegar em casa.

— Por volta das oito.

— O que eu não entendo — diz Pablo — é o que você tanto fica fazendo para essa gente.

Miranda enrola o fio do telefone no dedo e olha para a cena em que está trabalhando. O Dr. Onze enfrenta seus inimigos de Submarina no interior de uma passagem subterrânea, perto do reator principal da Estação Onze. Um pensamento num balão: Mas que loucura é essa?

— Bem, eu organizo os itinerários das viagens do Leon. — Ultimamente, tem havido muitos telefonemas ruins e Miranda tenta encará-los como oportunidades para exercitar a paciência. — Cuido dos relatórios das despesas dele e às vezes mando e-mails para ele. De vez em quando recebo mensagens. Cuido do arquivamento.

— E isso acaba tomando seu dia todo.

— Não todo. Já conversamos sobre isso, seu nervosinho. Na verdade passo muito tempo à toa.

— E o que você faz nesse tempo *à toa*, Miranda?

— Trabalho no meu projeto, Pablo. Não sei por que você está assim tão azedo.

Mas o problema é que ela na verdade não se importa. Houve um tempo em que aquela conversa teria feito Miranda chorar, mas agora ela gira na cadeira para olhar o lago e pensa nos caminhões em movimento. Ela podia dizer que está passando mal e pedir dispensa do trabalho, juntar suas coisas e ir embora depois de umas poucas horas. Às vezes é necessário largar tudo.

— ...doze horas por dia — diz ele. — Você nunca está aqui. Sai às oito da manhã e fica fora até nove da noite, e às vezes ainda vai para o trabalho nos sábados, enquanto eu tenho de ficar... Ah, sei lá, Miranda, o que você diria se estivesse no meu lugar?

— Espere — diz ela. — Acabei de entender por que você ligou para o telefone do escritório.

— O quê?

— Você está verificando se estou mesmo aqui, não é? Foi por isso que não ligou para o meu celular.

Um tremor de raiva, inesperadamente profundo. Ela paga todo o valor do aluguel do apartamento deles e Pablo quer verificar se ela está mesmo no trabalho.

— As horas que você trabalha. — Pablo deixa as palavras no ar, até que elas ganhem o peso de uma acusação.

— Bem — diz ela. Uma coisa que sabe fazer muito bem é manter o tom de voz calmo, quando na verdade está irritada. — Como já mencionei, Leon foi muito claro quando me contratou. Quer que eu fique no trabalho até sete da noite quando ele estiver viajando e, quando está aqui, eu estou aqui. Ele me manda mensagens pelo celular quando vem trabalhar no fim de semana e então eu também tenho de ficar aqui.

— Ah, ele manda *mensagens* pelo celular?

O problema é que Miranda se sente imensamente cansada daquelas conversas, e também

cansada de Pablo, e da cozinha na Jarvis Street onde sabe que Pablo está, porque ele só faz aqueles telefonemas ruins quando está em casa. Uma das coisas que os dois têm em comum é o desgosto por gente que briga na calçada e que grita no celular, que trata de seus problemas pessoais em público. E a cozinha é o lugar do apartamento onde o sinal do celular é mais forte.

— Pablo, é só um emprego. A gente precisa do dinheiro.

— Com você, a questão é sempre o dinheiro, não é?

— É isto aqui que está pagando nosso aluguel. Você sabe disso, não sabe?

— Está querendo dizer que eu não estou fazendo a minha parte, Miranda? É o que você está querendo dizer?

Não é possível continuar ouvindo aquilo, então ela coloca o telefone no gancho com delicadeza e se pergunta por que será que não percebeu antes — digamos, oito anos antes, quando começaram a namorar — que Pablo é egoísta. O e-mail dele chega um minuto depois. O assunto é: *Que merda é essa?* O texto diz: *Miranda, o que está rolando? Parece que você ficou estranhamente hostil e meio que passivo-agressiva. O que houve?*

Ela fecha a janela do e-mail sem responder e fica parada junto à parede de vidro por um tempo, olhando para o lago. Imagina a água subindo até cobrir as ruas, canoas se movem entre as torres do bairro financeiro, o Dr. Onze sobre uma grande ponte em arco. Miranda está ali parada quando o celular toca. Ela não identifica o número.

— Aqui é Arthur Leander — diz ele quando ela atende. — Posso pagar outro almoço para você?

— Que tal um jantar?

— Hoje?

— Está ocupado?

— Não — diz ele, sentado na cama em seu quarto no hotel Le Germain, imaginando como vai se livrar do jantar com o diretor naquela noite. — Nem um pouco. Seria um prazer.

Ela resolve que, dadas as circunstâncias, não é necessário ligar para Pablo. Há uma pequena tarefa que deve fazer para Leon, que está prestes a embarcar num voo para Lisboa; Miranda encontra a pasta de arquivos de que Leon precisa, envia para ele por e-mail e depois volta à Estação Onze. Quadros passados em Submarina, pessoas que trabalham tranquilas em salas cavernosas. Elas passam a vida embaixo de luzes que piscam, sempre conscientes da vastidão insondável do oceano acima delas, contrariadas com o Dr. Onze e seus colegas, que mantêm a Estação Onze sempre em movimento pelo espaço. (Pablo manda uma mensagem de texto pelo celular: *??recebeu meu e-mail???*) Elas estão sempre esperando, as pessoas em Submarina. Passam todo o tempo à espera de que sua vida comece.

Miranda fica desenhando a recepção do escritório de Leon Prevant, até perceber o que está fazendo. A infinidade de tapetes, a mesa de trabalho, a porta fechada do escritório de Leon, a parede de vidro. Os dois grampeadores na sua mesa — como foi que ela ficou com dois grampeadores? — e as portas levando aos elevadores e aos banheiros. Tenta transmitir a serenidade do lugar onde passa suas horas mais agradáveis, o refinamento do ambiente, mas

do lado de fora da parede de vidro ela substitui a paisagem por rochas negras e pontes altas.

— Você está sempre meio que na Estação Onze — disse Pablo durante uma briga, mais ou menos uma semana antes — e nem entende direito qual é seu projeto. O que está procurando de verdade nisso?

Pablo não tem o menor interesse por história em quadrinhos. Não entende a diferença entre romances em quadrinhos sérios e tirinhas do jornal de sábado, com passarinhos de olhos esbugalhados e gatos de pernas balofas. Quando está sóbrio, sugere que ela está desperdiçando seu talento. Quando está bêbado, dá a entender que não há mesmo grande coisa para desperdiçar, embora depois peça desculpas e às vezes até chore. Faz um ano e dois meses desde a última vez que vendeu uma pintura. Miranda começou a explicar seu projeto para ele de novo, mas as palavras ficaram presas na garganta.

— Você não precisa entender — disse ela. — É coisa minha.

O restaurante onde Miranda encontra Arthur é todo feito de madeira escura e com luz suave, o teto formado por uma série de arcos e abóbadas. Posso usar isso, pensa Miranda, enquanto o aguarda na mesa. Imagina uma sala assim em Submarina, um local subterrâneo feito de madeira resgatada das florestas submersas da Estação Onze, e lamenta não ter trazido seu caderno de desenho. Às oito e um, chega uma mensagem de Pablo no celular: *estou esperando*. Ela desliga o telefone e joga dentro da bolsa. Arthur chega dez minutos atrasado, esbaforido e pedindo desculpas. Seu táxi ficou preso num engarrafamento.

— Estou trabalhando no projeto de uma história em quadrinhos — diz Miranda, mais tarde, quando ele pergunta sobre seu trabalho. — Talvez seja uma série. Ainda não sei direito.

— O que levou você a escolher esse formato? — pergunta Arthur, verdadeiramente interessado.

— Quando era criança, eu lia muita história em quadrinhos. Já leu *Calvin e Haroldo*?

Arthur a observa com atenção. Ele parece jovem, pensa Miranda, para um homem de trinta e seis anos. Parece só um pouco mais velho do que era quando almoçaram juntos, sete anos antes.

— Claro — responde Arthur. — Eu adorava *Calvin e Haroldo*. Minha melhor amiga tinha uma pilha de revistas.

— Sua amiga também é da ilha? Será que eu a conheço?

— Ela se chama Victoria. Acabou se mudando para Mofino quinze anos atrás. Mas você estava me falando de *Calvin e Haroldo*.

— Sim, isso mesmo. Você se lembra do Astronauta Spiff?

Ela gostava especialmente daqueles quadrinhos. O disco voador de Spiff cruzando os céus infinitos, o pequeno astronauta com óculos de aviador, embaixo da cúpula de vidro do disco voador. Muitas vezes era engraçado, mas também bonito. Miranda conta para ele que voltou à ilha Delano para passar o Natal, em seu primeiro ano na Escola de Arte, depois de um semestre marcado pelo fracasso e por tentativas frustradas no campo da fotografia. Miranda começou a folhear uma revista velha de *Calvin e Haroldo* e pensou: *é isso*. Aquelas paisagens vermelhas e desertas, os céus com duas luas. Ela começou a pensar nas possibilidades do

formato, naves espaciais e estrelas, planetas longínquos, mas um ano se passou antes que inventasse o belo naufrágio da Estação Onze. Arthur olha para ela, do outro lado da mesa. O jantar vai até tarde.

— Você continua com o Pablo? — pergunta Arthur quando saem para a rua.

Está chamando um táxi. Certas coisas foram decididas sem que nenhum dos dois tivesse falado daquilo exatamente.

— Estamos nos separando. Não servimos um para o outro.

Falar em voz alta transforma aquilo em verdade. Entram num táxi, se beijam no banco de trás, ele a conduz através do saguão do hotel com a mão em suas costas, ela o beija no elevador e o segue para o quarto.

Mensagens de texto de Pablo no celular às nove, dez e onze horas:

vc tá com raiva de mim?

??

???

Ela responde — *vou ficar na casa de uma amiga hoje, volto pra casa de manhã e aí podemos conversar* —, o que leva à seguinte resposta:

vc sabe q nem precisa mais vir pra casa

E ela sente uma tontura diferente ao ler essa quarta mensagem. Há pensamentos de liberdade e de fuga iminente. Eu poderia me desfazer de quase tudo, pensa ela, e começar tudo outra vez. A Estação Onze será a minha constante.

Às seis da manhã, ela pega na Jarvis Street um táxi para casa.

— Quero ver você hoje à noite — sussurra Arthur quando ela o beija.

Fazem planos de se encontrar no quarto dele depois do trabalho.

O apartamento está escuro e silencioso. Há pratos empilhados na pia, uma frigideira no fogão com restos de comida grudados. A porta do quarto está fechada. Miranda faz duas malas — uma para as roupas, outra para os mantimentos — e vai embora em quinze minutos. Na academia de ginástica dos funcionários da Neptune Logistics, ela toma banho e veste roupas que ficaram um pouco amassadas dentro da mala, depois encontra o próprio olhar no espelho enquanto refaz a maquiagem. *Não me arrependo de nada*. Uma frase recordada da neblina da

internet. Não tenho coração, pensa Miranda. Porém, mesmo em sua culpa, sabe que isso não é verdade. Sabe que em toda parte há armadilhas que podem fazê-la chorar, sabe como ela morre um pouco toda vez que pedem dinheiro na rua e ela não dá, o que quer dizer que ela é mole demais para esse mundo ou talvez só para essa cidade, ela se sente muito pequena ali. Há lágrimas em seus olhos agora. Miranda é uma pessoa com muito poucas certezas, mas uma delas é que só os covardes vão embora quando as coisas ficam difíceis.

— Não sei — diz Arthur às duas da madrugada. Estão deitados na cama enorme do quarto dele no hotel Le Germain. Arthur está em Toronto para passar mais três semanas e depois vai voltar para Los Angeles. Ela quer acreditar que estão deitados sob o luar, mas sabe que a luz que atravessa a janela é, sobretudo, luz elétrica. — Será que se pode chamar a busca de felicidade de covardia?

— Não há dúvida de que dormir com astros do cinema, quando se está vivendo com outra pessoa, não é uma coisa propriamente corajosa.

Ele se mexe de leve na cama, incomodado com a expressão *astro do cinema*, e beija o topo da cabeça de Miranda.

— Vou voltar para o apartamento de manhã para pegar mais algumas coisas — diz ela por volta das quatro da madrugada, meio dormindo.

Pensa numa pintura que deixou no cavalete, um cavalo-marinho que se ergue do fundo do oceano. Eles conversaram sobre planos. As coisas se consolidaram rapidamente.

— Você não acha que ele pode fazer alguma besteira, o Pablo?

— Não — responde Miranda. — Ele não vai fazer nada, só berrar, talvez.

Ela não consegue ficar de olhos abertos.

— Tem certeza?

Ele espera uma resposta, mas Miranda pega no sono. Arthur beija sua testa — ela murmura alguma coisa, mas não acorda —, puxa o edredom para cobrir os ombros nus de Miranda, desliga a televisão e apaga a luz.

MAIS TARDE, ELES têm uma casa em Hollywood Hills e uma cadelinha lulu-da-pomerânia que reluz como um fantasma quando Miranda a chama à noite, um borrão branco na escuridão, no fundo do quintal. Fotógrafos perseguem Arthur e Miranda pela rua e a deixam sempre aflita e nervosa. Agora, o nome de Arthur aparece acima dos títulos de seus filmes. Na noite do terceiro aniversário dos dois, o rosto dele aparece nos outdoors de todo o continente.

Nessa noite, estão dando uma festa, e Luli, a cachorrinha, observa o movimento, presa no jardim de inverno para onde foi banida por ficar implorando migalhas da mesa. Toda vez que Miranda ergue os olhos, vê Luli espiando através do vidro das portas duplas.

— Seu cachorro parece um marshmallow — diz Elizabeth Colton.

O rosto dela aparece junto ao de Arthur nos cartazes, relampejando um sorriso radioso, com lábios muito vermelhos, mas fora das telas não usa batom algum e parece nervosa e tímida. É linda de uma forma que faz as pessoas esquecerem o que iam dizer quando olham para ela. Fala muito baixo. As pessoas vivem se inclinando para perto de Elizabeth a fim ouvir o que ela diz.

Há dez convidados nessa noite, uma festa íntima para celebrar o aniversário de ambos e também a bilheteria do fim de semana de estreia. “Matar dois coelhos com uma cajadada só”, disse Arthur, mas há algo errado com a festa e Miranda acha cada vez mais difícil esconder seu mal-estar. Por que a comemoração de um aniversário de três anos de casamento deve envolver outras pessoas que não as duas que de fato estão casadas? Quem são todas essas pessoas estranhas sentadas à minha mesa? Miranda está na cabeceira, no extremo oposto ao lugar ocupado por Arthur, e por algum motivo não consegue atrair seu olhar. Ele fala com todos, menos com ela. Ninguém parece ter notado que Miranda não está falando quase nada. “Eu gostaria que você se esforçasse um pouco mais”, disse Arthur para ela, uma ou duas vezes, mas Miranda sabe que nunca vai conseguir se sentir à vontade naquele meio, por mais que se esforce. Aquelas pessoas não são sua gente. Miranda é uma naufraga perdida num planeta estranho. O máximo que consegue fazer é fingir ser imperturbável, quando na verdade não é nada disso.

Pratos e garrafas são colocados e retirados da mesa, transportados por um pequeno exército de garçons, que vão deixar retratos de divulgação e talvez um ou dois roteiros na cozinha quando forem embora, no fim da festa. Luli, do outro lado do vidro, olha fixamente para um morango que despencou do topo da sobremesa da mulher de Heller. A memória de Miranda falha quando ela fica nervosa, ou seja, sempre que está com pessoas da indústria do cinema ou dá uma festa ou, especialmente, as duas coisas ao mesmo tempo, e não consegue de maneira alguma lembrar como se chama a mulher de Heller, apesar de já ter ouvido o nome pelo menos duas vezes nessa noite.

— Ah, foi tão *intenso* — está dizendo agora a mulher de Heller, em resposta a algo que Miranda não ouviu. — Ficamos lá durante uma *semana*, surfando todos os dias. Foi um lance espiritual de verdade.

— O surfe? — pergunta o produtor sentado a seu lado.

— A gente nem imagina, não é? Mas sair todos os dias para o mar, só você, as ondas e um

instrutor particular, foi mesmo uma experiência que exigia muita concentração. Você surfa?

— Eu adoraria, mas ando tão ocupado ultimamente com essa história da escola — diz o produtor. — Na verdade, acho que a gente pode chamar de orfanato. É uma pequena instituição que eu criei lá no Haiti no ano passado, mas a questão é a educação, não se trata apenas de *dar abrigo* para as crianças...

— Não sei, não estou ligado ao projeto dele nem nada. — Arthur está concentrado numa conversa com um ator que foi irmão dele num filme no ano anterior. — Nunca me encontrei com o cara, mas soube por amigos que ele gosta do meu trabalho.

— Estive com ele algumas vezes — diz o ator.

Miranda se desliga das conversas, que se sobrepõem, para olhar Luli, que a observa através do vidro. Miranda gostaria de levar Luli para fora e ficar no quintal com ela até que todas aquelas pessoas fossem embora.

Os pratos de sobremesa estão vazios por volta da meia-noite, mas ninguém se mexe para ir embora, uma languidez encharcada de vinho se instala na mesa. Arthur está concentrado numa conversa com Heller. A esposa sem nome de Heller olha para o candelabro com ar sonhador.

Clark Thompson também está na festa, o mais antigo amigo de Arthur e a única pessoa na mesa, além de Miranda, que não tem envolvimento profissional com o cinema.

— Desculpe — uma mulher chamada Tesch fala agora para Clark —, o que é que você faz exatamente?

Tesch parece ser alguém que confunde rudeza com rigor intelectual. Tem cerca de quarenta anos, usa óculos de armação preta e aspecto severo que, por algum motivo, fazem Miranda pensar em arquitetos. Miranda a conheceu nessa noite e não consegue lembrar o que ela faz, só sabe que obviamente está envolvida de alguma forma com a indústria do cinema, talvez seja uma montadora, quem sabe? E Miranda também não entende o nome de Tesch: é Tesch alguma coisa ou alguma coisa Tesch? Ou tem só um nome mesmo, como a Madonna? Será que é permitido ter só um nome quando não se é famoso? Será possível que Tesch, na verdade, seja extremamente famosa e Miranda seja a única pessoa na mesa que não saiba disso? Sim, parece perfeitamente possível. São essas coisas que a deixam irritada.

— O que faço? Nada muito glamoroso, receio. — Clark é inglês, magro e muito alto, elegante em seu traje habitual, terno fino e tênis Converse, complementados com meias cor-de-rosa. Ele trouxe um presente para o casal, um lindo peso de papel feito de vidro, comprado na loja de lembranças de um museu em Roma. — Não tenho nada a ver com a indústria do cinema — diz ele.

— Ah — diz a mulher de Heller. — Acho isso maravilhoso.

— Sem dúvida é uma coisa exótica — diz Tesch —, mas não reduz tanto assim as possibilidades, não acha?

— Consultor gerencial. Com base em Nova York, com um cliente novo em Los Angeles. Minha especialidade é o reparo e a manutenção de executivos defeituosos.

Clark toma um gole de seu vinho.

— E o que isso quer dizer na nossa língua?

— A premissa da empresa na qual estou empregado — diz Clark — é que, se alguém é o empregador de um executivo que é bom em certos aspectos, mas sofre de deficiências graves em outros, às vezes sai mais barato reparar o executivo do que substituí-lo.

— Ele é um psicólogo de organizações — diz Arthur, do extremo oposto da mesa, emergindo na conversa. — Lembro quando Clark voltou para a Inglaterra para tirar seu ph.D.

— Um ph.D. — diz Tesch. — Que convencional. E você... — Ela se vira para Miranda. — Como anda seu trabalho?

— Vai muito bem, obrigada.

Miranda passa a maior parte do tempo trabalhando no projeto da Estação Onze. Pelos blogues de fofocas, ela sabe que as pessoas ali a encaram como uma excêntrica, a mulher do ator famoso que desenha misteriosas histórias em quadrinhos em que ninguém jamais pôs os olhos — “Minha mulher é muito reservada a respeito de seu trabalho”, diz Arthur nas entrevistas —, que não sabe dirigir, dá longas caminhadas numa cidade onde ninguém vai a pé a lugar nenhum e não tem amigos, a não ser uma cadelinha lulu-da-pomerânia, mas será que alguém conhece mesmo essa última parte? Miranda espera que não. O fato de ela não ter amigos jamais é mencionado nos blogues de fofocas, o que ela acha bom. Espera não ser tão desajeitada com os outros como sente ser consigo mesma. Elizabeth Colton está olhando para ela outra vez, com aquele seu jeito dourado. O cabelo de Elizabeth nunca está escovado e sempre parece esplêndido assim. Ela tem olhos azuis.

— É formidável — diz Arthur. — Estou falando sério. Um dia Miranda vai mostrar para o mundo e então todos vamos dizer que a conhecemos.

— E quando vai ficar pronto?

— Em breve — responde Miranda.

É verdade, agora falta pouco. Há meses vem sentindo que está se aproximando do fim de alguma coisa, embora a história tenha se desmembrado em muitas direções e, no geral, dê a impressão de um emaranhado de fios soltos. Miranda tenta fazer contato visual com Arthur, mas ele está olhando para Elizabeth.

— E quando estiver pronto, o que você planeja fazer com isso? — pergunta Tesch.

— Não sei.

— Vai tentar publicar, né?

— Miranda tem sentimentos complexos a respeito do assunto — diz Arthur.

Será a imaginação de Miranda ou ele está mudando de posição para não ter de olhar diretamente para ela?

— Ah? — Tesch sorri e ergue a sobrancelha.

— Para mim, o importante é o trabalho em si. — Miranda tem consciência de que aquilo parece muito pretensioso, mas será que continua a ser pretensioso se é a verdade? — E não o fato de publicar ou não.

— Acho isso tão incrível — diz Elizabeth. — Sabe, o importante é que isso exista no mundo, não é?

— Mas qual é o sentido de ter todo esse trabalho se ninguém vê? — pergunta Tesch.

— Me deixa feliz. Dá uma tranquilidade, passar horas trabalhando nisso. Para mim, não importa mesmo se alguém vai ver ou não.

— Ah — diz Tesch. — Muito admirável da sua parte. Sabe, me faz lembrar um documentário que vi no mês passado, um filmezinho tcheco sobre uma artista marginal que se

recusava a mostrar seus trabalhos enquanto estivesse viva. Ela morava em *Praha* e...

— Ah — diz Clark —, acho que podemos nos referir à cidade como Praga.

Tesch parece ter perdido a faculdade da fala.

— É uma cidade linda, não é? — Elizabeth tem o tipo de sorriso que faz todos em volta sorrirem também, de modo inconsciente.

— Ah, você esteve lá? — pergunta Clark.

— Fiz um curso de história da arte na Universidade da Califórnia, semanas atrás. Fui a Praga no fim do semestre para ver algumas das pinturas sobre as quais tinha lido. Ali a gente sente o peso da história, não é mesmo? Quis me mudar para lá.

— Por causa da história?

— Cresci nos arredores de Indianápolis — diz Elizabeth. — Moro num bairro onde as construções mais antigas têm cinquenta ou sessenta anos. Sinto que há um forte apelo na ideia de morar num lugar com muita história, não acha?

— Mas então, hoje — diz Heller —, se não estou enganado, hoje é o verdadeiro dia do aniversário de casamento?

— Claro que é — diz Arthur, e taças são erguidas. — Três anos.

Ele sorri para algum ponto situado ao lado da orelha esquerda de Miranda. Ela olha para trás, sobre o ombro, e quando vira de novo para a frente, ele desviou os olhos para outro lugar.

— Como foi que vocês se conheceram? — pergunta a mulher de Heller.

A questão sobre Hollywood, Miranda se deu conta ainda no início, é que quase todo mundo é Thea, sua antiga colega de trabalho na empresa Neptune Logistics, o que significa que quase todo mundo usa as roupas certas, o corte de cabelo certo, tudo certo, ao passo que Miranda roda atabalhoada atrás delas com as roupas erradas e o cabelo desalinhado.

— Ah, entre as histórias do tipo como-nos-conhecemos, não acho que a nossa seja das mais emocionantes. — Um toque de tensão na voz de Arthur.

— Para mim as histórias de como-nos-conhecemos são sempre emocionantes — diz Elizabeth.

— Vocês são muito mais pacientes do que eu — diz Clark.

— Não sei se *emocionante* é a palavra que eu usaria — diz a mulher de Heller. — Mas sem dúvida existe uma doçura nelas, nessas histórias, quero dizer.

— Não, sabe, é que, se tudo acontece mesmo por uma razão — insiste Elizabeth —, como eu pessoalmente acredito que seja, então, quando ouço a história de como duas pessoas se uniram, é como se uma parte de um plano estivesse sendo revelada.

No silêncio que se segue a essa declaração, um garçom enche de novo a taça de vinho de Miranda.

— Somos da mesma ilha — diz Miranda.

— Ah, aquela ilha da qual você nos falou — diz para Arthur uma mulher do estúdio. — Com as tais samambaias!

— Então vocês são da mesma ilha e o que mais? — Heller agora olha para Arthur.

Nem todos estão prestando atenção. Há vários outros focos de conversas ao redor da mesa. O bronzeado de Heller é alaranjado. Correm boatos de que ela não dorme à noite. Do outro lado das portas de vidro, Luli muda de posição para ter uma visão melhor do morango que caiu da mesa.

— Desculpe, um momento — diz Miranda. — Vou soltar a Luli. Arthur sabe contar a história muito melhor do que eu.

Ela escapa em direção ao jardim de inverno através de um segundo conjunto de portas duplas que dão para o gramado dos fundos. Liberdade! Do lado de fora, a noite silenciosa. Luli roça em suas canelas e desaparece na escuridão. O quintal não é grande, a propriedade fica num corte plano na encosta do morro, em que se abre um pequeno platô gramado. O jardineiro trabalhou lá durante o dia, preparando o jardim para a festa à noite, e o ar traz o cheiro de terra molhada e de grama recém-cortada. Miranda se vira para a sala de jantar, ciente de que não podem vê-la por trás dos próprios reflexos sobrepostos nos vidros. Miranda deixou as portas duplas só um pouquinho abertas, a fim de poder ouvir a conversa, e agora a voz de Arthur chega ao quintal.

— Pois é, sabe, o jantar corre bem e depois, na noite seguinte — diz ele —, lá estou eu no meu quarto no hotel Le Germain depois de doze horas de filmagem, esperando Miranda chegar para levá-la para jantar mais uma vez, a segunda noite seguida, num estado de semicoma na frente do televisor, batem na porta e... *Voilà!* Ali está ela de novo, mas dessa vez com uma pequena diferença. — Faz uma pausa de efeito. Agora Miranda pode ver Luli novamente, seguindo um cheiro misterioso na extremidade do gramado. — Dessa vez, não é que a garota está trazendo todos seus pertences com ela?

Risos. A história é engraçada, da maneira como ele conta. Ela aparece na porta do quarto de hotel de Arthur com duas malas, depois de atravessar o saguão com tanta confiança que ninguém imaginaria que não fosse hóspede. (O melhor conselho que a mãe de Miranda já deu para ela: “Entre em qualquer lugar como se fosse a dona.”) Diz algo vago para Arthur sobre o fato de ela própria estar se mudando para um hotel e pergunta se ele não se incomodaria se ela deixasse as malas ali, enquanto os dois saem para jantar, mas ele já está apaixonado e a beija, a leva para a cama e os dois não saem mais do quarto naquela noite, ele a convida para ficar alguns dias e ela não vai mais embora, e agora estão juntos em Los Angeles.

Arthur não conta a história toda. Não conta para o bando reunido ao redor da mesa que, quando Miranda voltou ao seu apartamento na manhã seguinte para pegar uma pintura, um guache que deixara sobre a mesa de desenho, Pablo estava acordado, à sua espera, embriagado e chorando, e ela voltou para o hotel com um hematoma no rosto. Arthur não conta para eles que levou Miranda ao estúdio de filmagem naquela manhã e apresentou-a como sua prima, que ela telefonou para o trabalho e disse que estava doente e não ia trabalhar, e passou o dia no trailer de Arthur lendo revistas e tentando não pensar em Pablo, enquanto Arthur entrava e saía, com os figurinos da filmagem, que incluíam uma comprida capa vermelha de veludo e uma coroa. Tinha um aspecto majestoso. Toda vez que Arthur olhava para ela naquele dia, algo se apertava no fundo do peito de Miranda.

Quando Arthur terminou seu trabalho no início da noite, mandou um motorista levar Miranda para um restaurante no centro da cidade, onde ele se sentou de frente para ela, com um aspecto perfeitamente comum, com um boné do time de beisebol Toronto Blue Jays, e Miranda olhava para ele e pensava: Prefiro você com a coroa. Mas é claro que nunca diria isso em voz alta. Três anos e meio depois, em Hollywood Hills, ela está no quintal e se pergunta se alguém naquela mesa viu a foto publicada num tabloide na manhã seguinte, que mostrava o momento em que os dois saíam do restaurante — Arthur com os braços nos ombros de Miranda, ela de óculos escuros e ele ofuscado pelo flash, que desbotou as feições dela de

maneira tão misericordiosa que, na versão fotográfica daquele momento, o hematoma do rosto foi apagado.

— Que história linda — diz alguém, e Arthur concorda.

Ele está servindo vinho, depois ergue a taça e faz um brinde a Miranda:

— À minha linda e talentosa esposa.

Mas Miranda, olhando lá de fora, enxerga tudo: a maneira como Elizabeth fica imóvel e baixa os olhos, a maneira como Arthur agradece a todos por terem vindo à sua casa, olha para todos, menos para Elizabeth, que, por baixo da mesa, tocou na coxa dele bem de leve, e é aí que Miranda entende. É tarde demais, e já faz algum tempo que é tarde demais. Miranda fica com a respiração irregular.

— Uma história magnífica — diz Heller. — Mas afinal onde *está* sua mulher?

Seria possível, de algum jeito, dar a volta pela parte da frente da casa, entrar sorrateiramente pela porta, subir ao seu escritório sem que a vissem, depois mandar uma mensagem para o celular de Arthur dizendo que estava com dor de cabeça? Ela se afasta do vidro, anda na direção do centro do gramado, onde as sombras são mais cerradas. Dali, a festa parece um diorama, paredes brancas, luz dourada e pessoas glamorosas. Miranda dá as costas para aquilo e procura Luli — a cadela está farejando na grama, fascinada por um cheiro na raiz de um pé de azaleia —, e é então que ouve as portas de vidro se fecharem a suas costas. Clark saiu para fumar um cigarro. O plano de Miranda era fingir que estava procurando a cadela, caso alguém fosse para o quintal. Mas Clark não pergunta nada. Bate o maço de cigarros na palma da mão e oferece-lhe um, sem falar.

Miranda avança pela grama e pega o cigarro, se inclina quando ele acende o isqueiro e observa a sala enquanto traga. Arthur está rindo. A mão dele desliza na direção do pulso de Elizabeth e fica ali por um momento, antes de ele encher de novo a taça de vinho dela. Por que Elizabeth está sentada ao lado dele? Como podem ser tão indiscretos?

— Não é uma coisa bonita de se ver, não é?

Miranda pensa em discordar, mas algo na voz de Clark a impede de fazer isso. Será que todo mundo já sabe?

— O que quer dizer? — pergunta ela, mas sua voz sai trêmula.

Clark lança um olhar para ela e dá as costas para a cena, e, depois de um segundo, ela faz o mesmo. Não há nada a ganhar em ficar olhando para o naufrágio.

— Desculpe por ter sido rude com sua convidada lá dentro.

— Tesch? Por favor, não seja delicado com ela por minha causa. É a mulher mais pretensiosa que já vi na vida.

— Já vi piores.

Fazia tempo que Miranda não fumava, conseguira se convencer de que fumar é desagradável, mas na verdade é um prazer, um prazer maior do que se lembrava. A ponta em brasa no escuro quando ela inala a fumaça. Miranda prefere Hollywood à noite, no silêncio, quando tudo são folhas escuras e sombras e flores que desabrocham após o anoitecer, os contornos atenuados, ruas iluminadas com suavidade e que avançam em curvas pelos morros. Luli vaga perto deles, farejando na grama. Nessa noite, há estrelas, poucas, embora a maior parte esteja desbotada pela névoa da cidade.

— Boa sorte, querida — diz Clark em voz baixa.

Ele terminou seu cigarro. Quando ela vira, ele já está voltando para a sala e ocupa seu lugar

à mesa. — Ah, ela está só procurando o cachorrinho. — Miranda ouve Clark dizer, em resposta a uma pergunta. — Daqui a pouco ela estará aqui de novo.

O Dr. Onze tem um lulu-da-pomerânia. Miranda não havia percebido isso antes, mas faz todo o sentido. Ele tem poucos amigos e, sem um cachorro, seria solitário demais. Naquela noite, em seu escritório, Miranda desenha uma cena: o Dr. Onze está de pé sobre um rochedo, uma silhueta fina com um chapéu fedora bem enfiado na cabeça, observa com atenção o mar revolto e, a seu lado, há um cachorrinho branco, varrido pelo vento. Só depois que está na metade do desenho, Miranda se dá conta de que deu um clone de Luli ao Dr. Onze. Turbinas de energia eólica giram no horizonte. A Luli do Dr. Onze contempla o mar. A Luli de Miranda dorme sobre um travesseiro a seus pés e se remexe em seus sonhos de cão.

A janela do escritório de Miranda dá para o pátio lateral, onde o gramado desce em degraus até a piscina. Ao lado da piscina, há um poste com uma luminária da década de 1950, uma lua crescente na ponta de uma comprida pilastra escura, colocada de tal maneira que há sempre uma lua refletida na água. A luminária é seu objeto predileto naquela casa, embora às vezes ela se pergunte sobre o motivo da presença daquilo. Alguma diva que fazia questão de um luar permanente? Um solteirão que desejava impressionar jovens estrelas de cinema iniciantes? Na maioria das noites, há um pequeno intervalo em que as duas luas flutuam lado a lado na superfície da água. A lua falsa, com a vantagem de estar mais perto e não ser velada pela névoa, quase sempre brilha mais do que a verdadeira.

Às três da madrugada, Miranda deixa a mesa de desenho e desce à cozinha para tomar outra xícara de chá. Todos os convidados foram embora, menos um. No fim da noite, estavam todos embriagados, mas mesmo assim entraram em carros caros, todos menos Elizabeth Colton, que bebeu devagar, com determinação e sem nenhum prazer aparente, até cair desfalecida no sofá, na sala de estar. Clark tirou a taça de vinho da mão dela, Arthur abriu a bolsa de Elizabeth, pegou a chave de seu carro e jogou-a num vaso de vidro fosco sobre o aparador da lareira, Miranda cobriu-a com uma colcha e deixou um copo de água perto.

— Acho que precisamos ter uma conversa — disse Miranda para Arthur, quando o último convidado foi embora, menos Elizabeth, porém Arthur fez um gesto com a mão para que ela se afastasse e seguiu cambaleante na direção do quarto e, enquanto subia a escada, falou algo sobre deixar a conversa para o dia seguinte.

A casa está em silêncio agora, e Miranda se sente uma estranha ali.

— Esta vida nunca foi nossa — sussurra para a cadela, que a segue de um cômodo para outro, e Luli abana o rabo e fita Miranda, com olhos castanhos e úmidos. — No máximo, a gente pegou essa vida emprestada.

Na sala de estar, Elizabeth Colton continua inconsciente. Mesmo desmaiada por causa da

bebida, é uma visão impressionante, sob a luz do abajur. Na cozinha, há quatro fotos de rosto sobre a prateleira. Miranda examina os retratos enquanto a água ferve e reconhece versões um pouco mais jovens e mais pensativas de quatro garçons. Calça chinelos de dedo no jardim de inverno e sai para o ar frio da noite. Senta um pouco na beira da piscina com sua xícara de chá, Luli a seu lado, e remexe a água com o pé, para ver o reflexo da lua ondular e se partir.

Chega um som da rua, uma porta de carro se fecha.

— Fique aqui — diz ela para Luli, que está sentada junto à piscina e olha enquanto Miranda abre o portão que dá para a entrada de carros, onde o conversível de Elizabeth está parado, reluzente.

Miranda desliza a ponta dos dedos pela lateral do carro ao passar, e os dedos saem cobertos por uma fina camada de poeira. A luz da rua na extremidade da entrada de carros é um frenesi de mariposas. Dois carros estão estacionados na rua. Um homem está encostado em um deles, fumando um cigarro. Dentro do outro carro, um homem dorme no banco do motorista. Miranda reconhece os dois, porque seguem Arthur e ela com mais constância do que todos os outros.

— Ei — diz o homem com o cigarro, e estica a mão para pegar a câmera.

Ele é mais ou menos da idade dela, tem costeletas e o cabelo escuro pende por cima dos olhos.

— Não — diz ela em tom severo, e ele hesita.

— O que está fazendo aqui fora tão tarde?

— Vai tirar uma foto minha?

Ele baixa a câmera.

— Obrigada — diz ela. — Em resposta a sua pergunta, só saí para ver se você não tinha um cigarro sobrando.

— Como sabia que eu tenho cigarros?

— Porque você fica fumando na frente da minha casa toda noite.

— Seis noites por semana — diz ele. — Tiro a segunda-feira de folga.

— Qual é seu nome?

— Jeevan Chaudhary.

— Então você tem um cigarro para mim, Jeevan?

— Claro. Tome aqui. Não sabia que você fumava.

— Recomecei agora há pouco. Fogo?

— Então — diz ele depois que acende o cigarro dela —, essa é uma primeira vez.

Ela ignora o comentário e olha para a casa, acima.

— É bonita, vista daqui, não é?

— É, sim — diz ele. — Você tem uma casa linda.

Sarcasmo? Miranda não tem certeza. Ela não se importa. Sempre achou a casa linda, mas parece mais bonita ainda agora que sabe que está indo embora de lá. É uma casa modesta para os padrões das pessoas cujos nomes aparecem acima dos títulos dos filmes, porém é muito mais luxuosa do que qualquer coisa que Miranda havia imaginado para si. Em toda a sua vida, não haverá outra casa como essa.

— Sabe que horas são? — pergunta ele.

— Não sei, umas três? Talvez mais, três e meia, por aí.

— Por que o carro de Elizabeth Colton continua lá dentro?

— Porque ela está totalmente alcoolizada — diz Miranda.

Os olhos dele ficam arregalados.

— É mesmo?

— Não está em condições de dirigir. Mas eu não contei nada para você.

— Claro que não. Obrigado.

— Não tem de quê. Vocês vivem para esse tipo de fofoca, não é?

— Não — diz ele. — Eu ganho a vida com esse tipo de fofoca, é verdade. É o que paga meu aluguel. Agora, *para o que* eu vivo, isso já é uma coisa diferente.

— E para que você vive?

— Para a verdade e a beleza — responde ele, com o rosto impassível.

— Você gosta de seu trabalho?

— Não odeio.

Miranda está perigosamente à beira das lágrimas.

— Então você gosta de ficar de tocaia atrás dos outros?

Ele ri.

— Vamos dizer que esse emprego combina com minha visão do que é o trabalho.

— Não entendi.

— Claro que não. Você não precisa trabalhar para viver.

— Por favor — diz Miranda. — Trabalhei a vida inteira. Trabalhei enquanto estudava. Esses últimos anos são uma anomalia. — No entanto, na hora em que diz isso, não consegue deixar de pensar em Pablo. Ela viveu à custa dele por dez meses, até que ficou claro que o dinheiro ia terminar, antes de Pablo conseguir vender mais um quadro. Na versão seguinte da vida de Miranda, ela decide, será uma mulher totalmente independente.

— Deixa para lá.

— Não, é sério. Estou curiosa. O que você acha que significa trabalho?

— Trabalho é combate.

— Então você odiou todos os empregos que já teve, é isso que está querendo dizer?

Jeevan encolhe os ombros. Olha alguma coisa em seu celular, distraído, e seu rosto fica azulado à luz do aparelho. Miranda volta sua atenção para a casa. Tem a sensação de estar num sonho que vai terminar a qualquer momento, só que ela não sabe se está fazendo força para despertar ou para continuar dormindo. O carro de Elizabeth é todo cheio de curvas, com listras de reflexos luminosos. Miranda pensa nos lugares aonde ela pode ir, agora que Los Angeles acabou, e o que a deixa surpresa é que o primeiro lugar que lhe vem à cabeça é a empresa Neptune Logistics. Miranda sente saudade da ordem do lugar, a completa comodidade de seu emprego, o ar elegante do terno de Leon Prevant, a calma do lago.

— Ei! — diz Jeevan de repente e, quando Miranda se vira, o cigarro a meio caminho da boca, o flash da câmera a captura desprevenida.

Mais cinco flashes em rápida sucessão enquanto ela deixa o cigarro cair na calçada e caminha depressa para longe dele, digita um código num teclado e entra pelo portão lateral, a imagem do primeiro flash perdurando diante de seus olhos. Como ela pôde abaixar tanto a guarda assim? Como pôde ser tão tola?

De manhã, sua foto vai aparecer num site de fofocas: PROBLEMA NO PARAÍSO? ENTRE RUMORES SOBRE A INFIDELIDADE DE ARTHUR, MIRANDA VAGA NAS RUAS DE HOLLYWOOD ÀS QUATRO HORAS DA MANHÃ, CHORANDO E FUMANDO. É a fotografia, a fotografia, Miranda

sozinha, altas horas da madrugada, com lágrimas evidentes nos olhos, pálida à luz do flash, o cabelo em pé e um cigarro entre os dedos, os lábios abertos, uma alça do sutiã à mostra no ponto em que o vestido escorregou.

Mas primeiro é preciso superar o restante da noite. Miranda fecha o portão e fica um bom tempo sentada num banco de pedra junto à piscina, tremendo. Luli salta para ficar a seu lado. Por fim, Miranda enxuga os olhos e volta com Luli para casa, onde Elizabeth continua dormindo, e, no primeiro andar, onde Miranda para a fim de escutar através da porta do quarto, Arthur está roncando.

Ela abre a porta do escritório dele, que fica em frente ao dela, o que significa que a arrumadeira tem permissão para entrar. O escritório de Arthur é exageradamente organizado. Quatro pilhas de roteiros sobre a mesa, feita de vidro e aço. Uma cadeira ergonômica, um abajur de bom gosto. Ao lado do abajur, uma caixa de couro, com uma gaveta, em que uma fita serve como puxador. Miranda abre a gaveta e encontra o que procura, um bloco de notas amarelo no qual ela viu Arthur escrever em outros momentos, mas agora só há um fragmento da carta mais recente de Arthur, dirigida a sua amiga de infância:

Cara V., Dias estranhos. A sensação de que nossa vida parece um filme. Pensando muito no futuro. Tenho tanta

Mais nada. Você tem tanta o quê, Arthur? Será que seu telefone tocou no meio da frase? No alto da página, a data da véspera. Miranda deixa o bloco de notas exatamente na posição em que o encontrou, usa a borda do vestido para limpar a marca da ponta dos dedos que ficou na mesa. Seu olhar pousa no presente que Clark lhes dera naquela noite, um peso de papel de vidro enfumaçado.

Quando ela o ergue, sente um peso agradável na palma da mão. É como olhar para uma tempestade. Ao apagar a luz, Miranda diz a si mesma que está só levando o peso de papel até seu escritório para desenhá-lo, mas sabe que vai ficar com ele para sempre.

Quando volta a seu escritório, o dia está quase nascendo. O Dr. Onze, a paisagem, o cachorro, a caixa de texto para o monólogo interior do Dr. Onze no fundo do quadro: Depois da morte de Lonagan, toda a vida me parecia algo embaraçoso. Tornei-me um estranho para mim mesmo. Ela apaga e reescreve: Depois da morte de Lonagan, eu me sentia um estranho. O sentimento parece correto, mas, por algum motivo, não combina com aquela imagem. Tem de haver outra imagem antes dessa, o close de uma mensagem deixada sobre o cadáver do Capitão Lonagan por um assassino de Submarina: “Não pertencemos a este mundo. Deixe-nos ir para casa.”

Na imagem seguinte, o Dr. Onze segura o bilhete na mão, de pé sobre o rochedo, com o cachorrinho junto a suas botas. Seus pensamentos:

A primeira frase do assassino soa verdadeira: não pertencemos a este mundo. Voltei à minha cidade, à minha vida despedaçada e a meu lar defeituoso, à minha solidão, e tentei esquecer a doçura da vida na Terra.

Comprido demais, além de melodramático. Ela apaga e escreve a lápis, bem claro: *Contemplei meu lar defeituoso e tentei esquecer a doçura da vida na Terra.*

Um barulho atrás dela. Elizabeth Colton se encosta no batente da porta, segurando um copo

de água.

— Desculpe — diz ela. — Não queria incomodar. Vi a luz acesa aqui dentro.

— Entre.

Miranda fica surpresa ao ver que ela está mais curiosa do que qualquer outra coisa. Uma recordação da primeira noite no hotel Le Germain, em Toronto, deitada ao lado de Arthur, a consciência de que algo está começando. E agora ali está o fim, parado junto à porta, meio embriagado, as pernas semelhantes a varetas de limpar cachimbo, em seu jeans skinny, e o cabelo desgrenhado — borrões de maquiagem embaixo dos olhos, um brilho de suor no nariz —, mas ainda belíssimo, ainda um dos espécimes mais admiráveis de sua espécie, em Los Angeles, *de Los Angeles*, de uma forma que Miranda sabe que jamais será, por mais tempo que permaneça ali ou por mais que se esforce. Elizabeth dá um passo à frente e, de súbito, desaba no chão. Por um pequeno milagre, consegue não derramar a água.

— Desculpe — diz ela. — Estou um pouco bamba.

— E não estamos todos? — diz Miranda, mas, como em geral acontece quando ela tenta dizer algo engraçado, seus ouvintes parecem não captar a graça. Elizabeth e a cadela estão olhando atentamente para ela. — Por favor, não chore — diz para Elizabeth, cujos olhos estão brilhando. — Não, por favor, falando sério. É demais.

— Desculpe — diz Elizabeth pela terceira vez.

Aquela vizinha de dar raiva. Parece uma pessoa diferente quando está na frente de uma câmera.

— Pare de pedir desculpas.

Elizabeth pisca.

— Você está trabalhando em seu projeto secreto.

Olha para a sala ao redor. Fica em silêncio e, após um momento, Miranda sucumbe à curiosidade e senta no chão ao lado de Elizabeth para ver o cômodo daquele ponto de vista privilegiado. Pinturas e desenhos estão pendurados nas paredes. Anotações sobre estrutura e cronologia recobrem todo um quadro de madeira. Há quatro páginas de esboços de história pregadas no parapeito da janela.

— E o que vai acontecer agora? — pergunta Miranda.

É mais fácil conversar com Elizabeth quando as duas estão sentadas lado a lado, quando Miranda não precisa olhar para ela.

— Não sei.

— Sabe, sim.

— Só queria ser capaz de dizer para você como eu lamento — diz Elizabeth. — Mas você já me mandou parar de pedir desculpas.

— É que é uma coisa horrível de se fazer.

— Não acho que eu seja uma pessoa horrível — diz Elizabeth.

— Ninguém nunca acha que é horrível, mesmo as pessoas que são horríveis de fato. É uma espécie de mecanismo de sobrevivência.

— Acho que isso está acontecendo porque tinha mesmo de acontecer. — Elizabeth fala com a voz muito mansa.

— Prefiro pensar que eu não estou seguindo um roteiro — diz Miranda, mas está cansada, não há nenhuma agressividade em suas palavras; já passa das quatro horas da madrugada e é tarde demais, em todos os sentidos.

Elizabeth não diz nada, só abraça os próprios joelhos com força e suspira.

Dali a três meses, Miranda e Arthur estarão numa sala de reuniões, com seus advogados, para estabelecer os termos definitivos do divórcio, enquanto os paparazzi fumam cigarros lá fora, na calçada, e enquanto Elizabeth faz as malas para se mudar para a casa com a luminária em forma de lua crescente junto à piscina. Dali a quatro meses, Miranda estará de volta a Toronto, divorciada aos vinte e sete anos, fazendo um curso de comércio, gastando sua pensão com roupas caras e consultas com estilistas, porque ela enfim entendeu que roupas são uma armadura; vai telefonar para Leon Prevant e perguntar se há uma vaga para ela e, uma semana depois, estará de volta à Neptune Logistics, agora num emprego mais interessante, trabalhando sob a orientação de Leon na área de Relacionamento com o Cliente, subindo rapidamente na hierarquia da empresa, até chegar, quatro ou cinco anos depois, a um ponto em que ela viaja constantemente para uma porção de países e vive a maior parte do tempo com aquilo que carrega dentro de uma mala de viagem, uma época em que Miranda leva um tipo de vida que dá uma sensação de liberdade; às vezes dorme com o vizinho do andar de baixo, mas se recusa a namorar quem quer que seja, sussurra “não me arrependo de nada” diante dos espelhos de uma centena de quartos de hotel, de Londres a Cingapura, e de manhã veste as roupas que a tornam invencível; uma vida em que os momentos de frustração e vazio são ínfimos, em que, quando tiver trinta e cinco anos, Miranda se sentirá competente e pelo menos razoavelmente à vontade no mundo, estudando idiomas em cursos de primeira linha e viajando em poltronas confortáveis através dos oceanos, encontrando-se com clientes e vivendo seu trabalho, respirando seu trabalho, até não ter mais certeza do ponto em que ela termina e seu trabalho começa; quase sempre ama sua vida, mas muitas vezes se sente solitária, e então desenha as histórias da Estação Onze em quartos de hotel, à noite.

Mas primeiro há este momento, este quarto iluminado por uma lâmpada: Miranda está sentada no chão ao lado de Elizabeth, cujo hálito está impregnado de vinho, e vai se inclinando para trás até sentir nas costas a solidez do chão. Elizabeth, que está chorando um pouco, morde o lábio e, juntas, as duas olham para os desenhos e pinturas pendurados em todas as paredes. A cadela fica parada, atenta, olha para a janela, onde pouco antes uma mariposa esbarrou no vidro e, por um momento, tudo fica imóvel. A Estação Onze está em volta delas.

TRANSCRIÇÃO DE UMA entrevista feita por François Diallo, bibliotecário da cidade de New Petoskey, editor e produtor do *New Petoskey News*, vinte e seis anos depois da última festa de Miranda e Arthur em Los Angeles e quinze anos depois da Gripe da Geórgia:

FRANÇOIS DIALLO: Obrigado por nos ceder seu tempo e nos dar uma entrevista hoje.

KIRSTEN RAYMONDE: O prazer é meu. O que está escrevendo?

DIALLO: É minha estenografia particular. Fui eu que inventei.

RAYMONDE: É mais rápida?

DIALLO: Muito mais. Consigo transcrever uma entrevista em tempo real e depois traduzir tudo. Pois bem, sou grato por você me atender nesta tarde. Como falei ontem, acabei de lançar um jornal e estou entrevistando todo mundo que passa por New Petoskey.

RAYMONDE: Não sei se tenho tantas novidades assim para contar.

DIALLO: Se falasse sobre as outras cidades por onde passou, já seriam grandes novidades para nós. O mundo se tornou muito local, não acha? Os mercadores nos contam histórias, é claro, mas a maioria das pessoas já não sai mais da própria cidade. Acho que meus leitores vão ter interesse em ouvir pessoas que estiveram em outros locais desde a calamidade.

RAYMONDE: Está certo.

DIALLO: E não é só isso, sabe, produzir o jornal tem sido um projeto revigorante, mas depois pensei: Por que ficar só com o jornal? Por que não criar uma história oral deste tempo em que vivemos, uma história oral da calamidade? Com sua permissão, publicarei trechos desta entrevista na próxima edição e conservarei a entrevista na íntegra em meus arquivos.

RAYMONDE: Está bem. É um projeto interessante. Sei que você é que devia me entrevistar, mas posso lhe fazer uma pergunta?

DIALLO: Claro.

RAYMONDE: Você é bibliotecário há muito tempo?

DIALLO: Desde o Ano Quatro.

RAYMONDE: Aquelas revistas em quadrinhos que lhe mostrei agora há pouco, com a estação espacial. Você já tinha visto antes, ou tinha visto outras da mesma série?

DIALLO: Não, nunca, não fazem parte de nenhuma série de histórias em quadrinhos que eu tenha visto. Você contou que alguém lhe deu as revistas de presente, quando era criança, não foi?

RAYMONDE: Arthur Leander me deu as revistas. Aquele ator sobre o qual falei com você.

UM ANO ANTES da Gripe da Geórgia, Arthur e Clark se encontraram em Londres para jantar. Arthur estava de passagem pela cidade a caminho de Paris, num momento em que Clark por acaso estava visitando os pais, e os dois combinaram de jantar numa parte da cidade que Clark não conhecia muito bem. Saiu cedo, mas quando deixou a estação do metrô viu a imagem de seu celular na bancada da cozinha na casa dos pais, onde ele o havia esquecido, com um aplicativo de mapas aberto na tela. Clark gostava de pensar que conhecia Londres, mas a verdade era que havia passado a maior parte da vida adulta em Nova York, sentia-se seguro na esfera de Manhattan, onde nem mesmo um idiota é capaz de se perder, e naquela noite em particular o emaranhado de ruas de Londres se mostrou inescrutável. A rua transversal que ele estava procurando não queria aparecer de jeito nenhum e Clark se viu vagando sem rumo, numa hora cada vez mais tardia, irritado e constrangido, refazendo os próprios passos e tentando diversos desvios. Pegou um táxi quando começou a chover.

— As duas libras mais fáceis que já ganhei na vida — disse o taxista quando Clark lhe deu o endereço. O táxi virou duas vezes à esquerda, em rápida sucessão, e chegaram ao restaurante, numa rua transversal que Clark podia jurar que não estava ali quando passara, dez minutos antes. — É claro — disse o taxista —, a gente não sabe para onde vai, a menos que saiba para onde está indo. — Quando Clark entrou, Arthur aguardava, embaixo de um trilho de luz, numa baia, nos fundos. Houve um tempo em que Arthur jamais conseguiria encarar o salão de um restaurante, longos períodos em que a única forma de fazer uma refeição em paz era sentar-se de costas para o salão e torcer para que ninguém reconhecesse, pelas costas, seus ombros arqueados e seu corte de cabelo sofisticado, mas agora, Clark se deu conta, Arthur queria ser visto.

— Dr. Thompson — disse Arthur.

— Sr. Leander.

A desorientação de encontrar contemporâneos decadentes, memórias de um rosto mais jovem que se espatifam contra a realidade das papadas, das bolsas embaixo dos olhos, das rugas inesperadas, e depois a terrível compreensão de que, provavelmente, a própria pessoa também tem um aspecto tão envelhecido quanto aquela que está na sua frente. Lembra quando éramos jovens e maravilhosos?, Clark queria perguntar. Lembra quando tudo parecia ilimitado? Lembra quando parecia impossível que você fosse ficar famoso e que eu ia ter um ph.D.? Porém, em vez de dizer qualquer uma dessas coisas, ele desejou ao amigo feliz aniversário.

— Você lembrou.

— Claro — disse Clark. — É isso que eu gosto nos aniversários, eles não mudam. Entra ano e sai ano e eles estão no mesmo lugar do calendário.

— Só que os anos passam cada vez mais depressa, já notou?

Trataram da questão de escolher e pedir os drinques e os aperitivos e, depois, tudo que Clark conseguiu pensar em dizer foi se Arthur havia notado que um casal numa mesa próxima olhava para ele e cochichava entre si. Se Arthur havia notado, mostrou-se totalmente alheio ao assunto, mas a atenção deixou Clark nervoso.

— Vai a Paris amanhã? — perguntou Clark em algum momento entre o primeiro martini e os aperitivos.

— Vou visitar meu filho. Elizabeth está passando as férias lá com ele esta semana. Este ano está sendo um inferno, Clark.

— Eu sei — disse Clark. — Lamento.

A terceira mulher de Arthur o brindara, pouco antes, com os documentos de um pedido de divórcio, e a predecessora havia levado o filho de ambos para Jerusalém.

— Por que Israel? — disse Arthur, em tom desolado. — É essa parte que eu não entendo. Logo lá.

— Ela foi a melhor aluna de história na faculdade. Talvez seja isso que ela aprecie na ideia, toda a história que se concentra num só lugar.

— Acho que vou pedir pato — disse Arthur, e foi a última vez que falaram sobre Elizabeth; na verdade, a última vez que falaram algo com um mínimo de conteúdo. — Ando com uma sorte indecente — disse Arthur, mais tarde, já no quarto martini.

Era uma frase que ultimamente ele vinha repetindo muito. Clark não teria se incomodado com aquilo se não tivesse visto o amigo usar a mesma frase na *Entertainment Weekly*, um ou dois meses antes. O restaurante era um daqueles lugares amplos e mal-iluminados, que pareciam desaparecer nas sombras da periferia, e, na turva meia distância, Clark viu brilhar um pontinho de luz verde, o que significava que alguém estava registrando a imagem de Arthur num celular. Clark sentiu-se cada vez mais tenso. Tinha consciência dos sussurros que se espalhavam, dos olhares que vinham das outras mesas. Arthur ficou falando de algum tipo de patrocínio, de relógios de pulso masculinos, com gestos descuidados. Contou uma história divertida sobre seu encontro com os executivos dos relógios de pulso, algum tipo de mal-entendido engraçado, na sala de reuniões. Estava representando. Clark pensou que ia encontrar seu velho amigo para jantar, mas Arthur não estava jantando com um velho amigo, Clark se deu conta, mas jantando para uma plateia. Clark sentiu-se enojado. Quando foi embora pouco depois, se viu vagando sem rumo, apesar de já saber agora onde estava e como fazer para voltar à estação de metrô. Chuva fria, a calçada brilhante, o chiado dos pneus dos carros na rua molhada. Pensava no terrível abismo de anos entre os dezoito e os cinquenta.

DIALLO: Daqui a pouco vou fazer mais algumas perguntas sobre Arthur Leander e a história em quadrinhos. Primeiro, posso lhe perguntar a respeito de sua vida?

RAYMONDE: Você me conhece, François. Há anos que fazemos apresentações nesta cidade.

DIALLO: Sim, sim, é claro, mas alguns leitores talvez não conheçam você ou a Sinfonia. Tenho entregado exemplares do jornal para os mercadores e peço que distribuam ao longo do caminho deles. Você atua desde muito jovem, não é verdade?

RAYMONDE: Muito jovem. Trabalhei num comercial aos três anos. Você se lembra dos comerciais?

DIALLO: Lembro, infelizmente. O que você estava vendendo?

RAYMONDE: Na verdade, eu não me lembro da coisa propriamente dita, do comercial em si, mas lembro que meu irmão me disse que era de biscoitos de araruta.

DIALLO: Também me lembro desses biscoitos. O que veio depois dos biscoitos?

RAYMONDE: Na verdade, não lembro. Mas meu irmão me contou um pouco. Disse que fiz outros comerciais e, quando eu tinha seis ou sete anos, tive um papel fixo num programa... num programa de tevê.

DIALLO: Lembra qual era o programa?

RAYMONDE: Gostaria de lembrar. Não consigo me lembrar de nada disso. Acho que já falei sobre o assunto antes: tenho problemas de memória. Não me lembro de muita coisa anterior à calamidade.

DIALLO: Não é incomum entre pessoas que eram crianças quando aquilo aconteceu. E a Sinfonia? Você já está com eles há algum tempo, não é?

RAYMONDE: Desde os quatorze anos.

DIALLO: Onde você conheceu a Sinfonia?

RAYMONDE: Ohio. A cidade onde eu e meu irmão fomos parar depois que saímos de Toronto; depois que ele morreu, fiquei morando lá sozinha.

DIALLO: Eu não sabia que eles tinham viajado tão ao sul.

RAYMONDE: Só foram lá uma vez. Foi uma experiência que não deu certo. Queriam ampliar o território, e então, naquela primavera, seguiram o rio Maumee pelas ruínas de Toledo e depois pelo rio Auglaize até chegar a Ohio e acabaram entrando na cidade onde eu estava morando.

DIALLO: Por que você disse que foi uma experiência que não deu certo?

RAYMONDE: Sempre serei grata por terem passado pela minha cidade, mas para eles a expedição foi um desastre. Quando chegaram a Ohio, tinham perdido um ator na estrada, por causa de alguma doença, algo parecido com malária, além de terem levado tiros três vezes, em vários lugares. Um dos flautistas foi alvejado e quase morreu por causa de um ferimento de bala. Eles... nós... a Sinfonia nunca mais saiu de seu território habitual.

DIALLO: Parece uma vida bastante perigosa.

RAYMONDE: Não, isso foi muitos anos atrás. Agora é bem menos perigoso do que era.

DIALLO: As outras cidades por onde vocês passam... Elas são muito diferentes desta aqui?

RAYMONDE: Os lugares para onde voltamos mais de uma vez não são muito diferentes daqui.

Há alguns lugares por onde a gente passa uma vez e não volta nunca mais, porque a gente percebe que há alguma coisa muito errada lá. Todo mundo tem medo, ou parece que algumas pessoas têm comida suficiente enquanto outras passam fome, ou a gente vê meninas de onze anos grávidas e entende que o local não tem lei ou está sob o poder de alguma coisa, um tipo de culto. Há cidades perfeitamente razoáveis, sistemas lógicos de governo e tudo, mas dois anos depois a gente passa por lá e elas caíram na desordem. Todas as cidades têm as próprias tradições. Há cidades que são como esta aqui, onde as pessoas se interessam pelo passado, têm uma biblioteca...

DIALLO: Quanto mais conhecermos a respeito do mundo antigo, melhor compreenderemos o que aconteceu quando ele desmoronou.

RAYMONDE: Mas todo mundo sabe o que aconteceu. A nova variedade de gripe suína e os voos que vieram de Moscou, os aviões repletos de pacientes zero...

DIALLO: Mesmo assim, eu acredito em compreender a história.

RAYMONDE: Entendo. Como eu estava dizendo, algumas cidades são como esta aqui, onde as pessoas querem conversar sobre o que aconteceu, sobre o passado. Em outras cidades, não incentivam essas discussões. Certa vez, fomos a um lugar onde as crianças não sabiam que o mundo tinha sido diferente, embora fosse de imaginar que todos os automóveis enferrujados e os fios de telefone cheios de ferrugem pudessem dar uma pista para elas. Algumas cidades são mais fáceis de visitar do que outras. Alguns locais elegeram prefeitos ou são governados por comitês eleitos. Às vezes, um culto toma conta de tudo e essas são as cidades mais perigosas.

DIALLO: Em que sentido?

RAYMONDE: No sentido de que são imprevisíveis. Não se pode argumentar nada com eles, porque vivem segundo uma lógica totalmente diferente. A gente chega a uma cidade onde todo mundo se veste de branco, por exemplo. Estou pensando numa cidade que visitamos certa vez, logo depois da fronteira de nosso território, a norte de Kincardine, e eles viraram para a gente e disseram que tinham sido salvos da Gripe da Geórgia e que haviam sobrevivido à calamidade porque são pessoas superiores, livres de pecado, e então o que a gente pode responder? Não faz sentido. Não se pode argumentar contra isso. A gente apenas se lembra de nossa família perdida, ou então tem vontade de chorar, ou alimenta sentimentos homicidas.

IV. A NAVE ESPACIAL

ÀS VEZES, A Sinfonia Itinerante achava que fazia algo nobre. Havia momentos, em torno de fogueiras de acampamento, em que alguém dizia algo revigorante sobre a importância da arte e todos achavam mais fácil dormir naquela noite. Outras vezes, parecia um modo difícil e perigoso de sobreviver, algo que provavelmente não compensava, sobretudo em ocasiões em que tinham de montar acampamento a meio caminho entre duas cidades, quando eram repelidos de lugares hostis sob a mira de armas de fogo, quando viajavam debaixo de neve ou de chuva, através de um território perigoso, atores e músicos portando armas de fogo e arcos e flechas, os cavalos bafejando grandes nuvens de vapor, ocasiões em que eles passavam frio, sentiam medo e tinham os pés encharcados. Ou ocasiões como agora, em que o calor era implacável, julho pesava sobre eles, enquanto os paredões indiferentes da floresta passavam dos dois lados, e eles caminhavam durante horas, se perguntando se algum profeta desvairado ou seus homens não estariam no seu encalço, e inventavam argumentos para tentar distrair-se do medo terrível que sentiam.

— O que estou dizendo — explicou Dieter, doze horas depois de deixar St. Deborah by the Water — é que aquela citação no trailer da frente seria muito mais profunda se não a tivéssemos tirado de um episódio de *Star Trek: Voyager*. — Ele estava andando perto de Kirsten e August.

Sobreviver não é suficiente: Kirsten tinha aquelas palavras tatuadas no antebraço esquerdo desde os quinze anos e, desde aquela época, quase sempre discutia com Dieter sobre elas. Ele nutria fortes sentimentos contrários às tatuagens. Dizia ter visto um homem morrer por causa de uma tatuagem infeccionada. Kirsten também tinha duas facas pretas tatuadas no punho direito, mas para Dieter aquilo não era tão problemático, por serem tatuagens muito menores e feitas para assinalar eventos específicos.

— Sim — disse Kirsten. — Sei sua opinião sobre o assunto, mas essas continuam a ser minhas palavras prediletas no mundo.

Ela considerava Dieter um de seus melhores amigos. A discussão sobre a tatuagem, com o passar dos anos, havia perdido toda a agressividade e se tornara uma espécie de ambiente familiar onde os dois se encontravam.

No meio da manhã, o sol ainda não havia despontado acima do cume das árvores. A Sinfonia caminhara durante a maior parte da noite. Os pés de Kirsten doíam e ela quase delirava de exaustão. Era estranho, Kirsten continuava pensando, que o cachorro do profeta tivesse o mesmo nome do cachorro da sua revista em quadrinhos. Kirsten nunca tinha ouvido o nome Luli, nem antes nem depois.

— Veja, isso serve para ilustrar o problema todo — disse Dieter. — A melhor atriz shakespeariana no território, e suas palavras prediletas são de *Star Trek*.

— O problema todo com o quê? — A essa altura, Kirsten tinha a sensação de que devia estar mesmo sonhando e morria de vontade de tomar um banho frio.

— Deve ser uma das melhores frases jamais escritas para um programa de televisão — disse August. — Você viu esse episódio?

— Não posso dizer que eu lembre — disse Dieter. — Nunca fui um fã de verdade.

— Kirsten?

Ela encolheu os ombros. Não tinha certeza se realmente lembrava alguma coisa de *Star Trek* ou se tinha sido August que contara as histórias tantas vezes que ela havia começado a visualizar aquelas histórias em pensamento.

— Não me diga que nunca viu *Star Trek: Voyager* — disse August, esperançoso. — Aquele episódio com o Borg e a Sete de Nove perdidos?

— Me ajude a lembrar — disse Kirsten, e ele se animou visivelmente.

Enquanto ele falava, Kirsten se permitiu imaginar que de fato lembrava. Um televisor numa sala, uma nave se movendo pelo silêncio noturno do espaço, seu irmão vendo o filme a seu lado, os pais — se ao menos ela conseguisse lembrar seus rostos — em algum lugar perto dela.

A Sinfonia parou para descansar no início da tarde. Será que o profeta mandaria seus homens atrás deles, ou teriam recebido a permissão de partir? A maestrina mandou batedores voltarem pela estrada. Kirsten subiu no banco do motorista do terceiro trailer. Um surdo zumbido de insetos soava na floresta, cavalos cansados pastavam na beira do caminho. As flores silvestres que cresciam na beira da estrada eram abstratas, vistas daquele ângulo, pontos coloridos de rosa, roxo e azul, no meio do capim.

Kirsten fechou os olhos. Uma lembrança do início da infância, antes da calamidade: sentada num gramado, com uma amiga, uma brincadeira em que as duas fechavam os olhos, se concentravam com força e tentavam ler os pensamentos uma da outra. Kirsten jamais abandonara de todo a ideia de que, se conseguisse afastar os pensamentos longe o bastante, talvez encontrasse alguém à espera; a ideia de que, se duas pessoas projetassem seus pensamentos para fora no mesmo instante, de algum modo acabariam se encontrando no meio do caminho. Charlie, onde está você? Ela sabia que o esforço era uma tolice. Abriu os olhos. A estrada atrás deles continuava vazia. Olivia colhia flores mais abaixo.

— Vamos seguir em frente mais um pouco — disse a maestrina, em algum ponto mais abaixo, e os cavalos foram atrelados novamente, os trailers rangeram e se puseram em movimento, a Sinfonia exausta caminhou para a frente debaixo do calor até que, horas depois, montaram acampamento à beira da estrada, enquanto aqueles que recordavam o mundo perdido, mesmo depois de tantos anos, pensavam com saudosismo nos aparelhos de ar-condicionado.

— O ar saía através de uma fresta? — perguntou Alexandra.

— Acho que sim — respondeu Kirsten. — Estou cansada demais para pensar.

Tinham andado durante treze horas, das dezoito que haviam se passado desde que deixaram St. Deborah by the Water, através da noite e da manhã e até boa parte da tarde, no esforço de aumentar o máximo possível a distância entre eles e o profeta. Alguns se revezavam, tentando dormir nos trailers, outros caminhavam o tempo todo, até que seus pensamentos se apagaram um a um, como estrelas que morrem, e eles caíram num estado de ausência em que a única coisa que importava ou que já havia existido eram aquelas árvores, aquela estrada, o contraponto de ritmos da batida dos passos humanos e dos cascos dos cavalos, enquanto o luar

se convertia em trevas e depois se transformava na manhã de verão; os trailers rasgavam o ar como aparições no meio do calor e a Sinfonia estava espalhada, aqui e ali, pela beira da estrada, num estado de semidesfalecimento, enquanto aguardavam que o jantar ficasse pronto. Metade da Sinfonia havia se afastado em pares, a fim de caçar coelhos. O fogo para cozinhar lançava um penacho de fumaça branca, como um sinalizador no céu.

— O ar refrigerado saía através de uma fresta — confirmou August. — A gente apertava um botão e *vupt!* Ar frio. Eu tinha um no meu quarto.

Kirsten e August armaram barracas, e Alexandra, cuja barraca já tinha sido montada, estava deitada de costas e olhava para o céu.

— Ah — disse Alexandra. — Então funcionava com eletricidade ou com gás?

August olhou para o tocador de tuba, que estava sentado perto, com a filha nos braços, meio adormecida. Olivia tinha dito que estava cansada demais para esperar o jantar, por isso ele estava contando para a menina uma história de ninar sobre uma sereia, enquanto Lin armava a barraca deles.

— Eletricidade — disse o tocador de tuba. — Os aparelhos de ar-condicionado eram elétricos. — Espichou o pescoço para ver o rosto da filha. — Ela pegou no sono?

— Acho que sim — respondeu Kirsten. Foi aí que ouviu um grito vindo do terceiro trailer.

— Que merda é essa! — gritou alguém.

— Caramba, o que é isso?

E Kirsten se levantou a tempo de ver o primeiro violoncelo puxar pela mão uma menina de dentro do trailer. Olivia ergueu a cabeça e piscou.

— Uma passageira clandestina. — August estava sorrindo. No passado, ele também tinha sido um passageiro clandestino. — Faz anos que a gente não tem um clandestino.

A passageira clandestina era a menina que havia seguido Kirsten em St. Deborah by the Water. Estava chorando e suava, a saia ensopada de urina. O primeiro violoncelo pôs a menina de pé.

— Ela estava embaixo dos figurinos — disse o primeiro violoncelo. — Fui lá procurar minha barraca.

— Dê um pouco de água para ela — disse Gil.

A maestrina praguejou entredentes e olhou para a estrada atrás deles, enquanto os membros da Sinfonia se reuniam. A primeira flautista deu uma de suas garrafas de água para a menina.

— Desculpe — disse a menina. — Desculpe, por favor, não me mandem voltar...

— Não podemos levar crianças — disse a maestrina. — Isto não é a mesma coisa que fugir com o circo. — A menina pareceu confusa. Não sabia o que era um circo. — Aliás — disse a maestrina para as pessoas ali reunidas —, é justamente por isso que verificamos os trailers antes de partir.

— Deixamos St. Deborah na maior afobação — resmungou alguém.

— Eu tinha de ir embora — disse a menina. — Desculpe, desculpe, vou fazer qualquer coisa, só não...

— Por que tinha de ir embora?

— Sou prometida ao profeta — disse a menina.

— Você é o quê?

Agora a menina estava chorando.

— Eu não tinha escolha — disse ela. — Eu ia ser a próxima mulher dele.

— Meu Deus — disse Dieter. — Que mundo desgraçado.

Olivia estava de pé junto ao pai, esfregando os olhos. O tocador de tuba ergueu a menina nos braços.

— Ele tem mais de uma? — perguntou Alexandra, que, por sorte, ainda ignorava os fatos.

— Tem quatro — disse a menina, fungando. — Elas moram no posto de gasolina.

A maestrina tirou do bolso um lenço limpo e deu para a menina.

— Qual é o seu nome?

— Eleanor.

— Quantos anos você tem, Eleanor?

— Doze.

— Por que ele se casaria com uma menina de doze anos?

— Ele teve um sonho em que Deus disse que ele vai repovoar a terra.

— Claro que teve — disse a clarinetista. — Esses caras vivem tendo esses sonhos, não é?

— Pois é, eu sempre achei que isso era um pré-requisito para ser profeta — disse Sayid. —

Caramba, se *eu* fosse um profeta...

— Seus pais permitiram isso? — perguntou a maestrina, ao mesmo tempo que fazia um gesto para Sayid e a clarinetista se calarem.

— Eles morreram.

— Sinto muito.

— Você estava me espionando em St. Deborah? — perguntou Kirsten.

A menina negou com a cabeça.

— Ninguém mandou você espionar a gente?

— Não — respondeu ela.

— Você conheceu a Charlie e o sexto violonista?

Eleanor franziu a testa.

— Charlie e Jeremy?

— Sim. Você sabe para onde eles foram?

— Foram para o... Museu da Civilização. — Eleanor pronunciou *museu* com muito cuidado, da maneira como as pessoas falam palavras estrangeiras de cuja pronúncia não têm certeza.

— O quê?

August assoviou baixinho.

— Foram eles que contaram a você que estavam indo para lá?

— Charlie disse que, se um dia eu conseguisse fugir, era lá que eu os encontraria.

— Pensei que o Museu da Civilização era só um boato — disse August.

— O que é isso? — Kirsten nunca tinha ouvido falar.

— Ouvi dizer que é um museu que alguém montou num aeroporto. — Gil desenrolava seu mapa, piscando os olhos míopes. — Lembro que um mercador me falou a respeito disso, faz alguns anos.

— De qualquer forma, estamos indo naquela direção, não estamos? Parece que fica nos arredores de Severn City.

A maestrina espiou por cima do ombro dele. Ela tocou num ponto do mapa, muito ao sul, ao longo da margem do lago.

— O que sabemos a respeito? — perguntou o tocador de tuba. — Ainda tem gente morando

lá?

— Não faço a menor ideia.

— Pode ser uma armadilha — murmurou o tocador de tuba. — A garota pode estar querendo nos levar para lá.

— Eu sei — disse a maestrina.

O que fazer com Eleanor? Sabiam que corriam o risco de serem acusados de sequestro e fazia tempo que haviam adotado uma rigorosa estratégia de não intervir nos assuntos internos das cidades por onde passavam, mas ninguém conseguia imaginar devolver uma noiva infantil para o profeta. Será que uma pedra tumular com o nome dela já tinha sido cravada na terra? Abririam uma sepultura caso ela voltasse? Não tinham escolha senão levar a menina e enveredar pelo sul desconhecido, descendo pela costa do lago Michigan, para uma região onde nunca haviam estado.

Tentaram entabular conversa com Eleanor durante o jantar. Ela se fechara numa imobilidade desconfiada, o estado alerta dos órfãos. Viajara na traseira do primeiro trailer, de modo que ficara, pelo menos momentaneamente, fora do alcance da visão de qualquer pessoa que se aproximasse da Sinfonia por trás. Eleanor era educada e não sorria.

— O que você sabe sobre o Museu da Civilização? — perguntaram.

— Muito pouco — respondeu. — Só ouvi as pessoas falarem algumas vezes.

— Então a Charlie e o Jeremy souberam do museu pelas conversas com os mercadores?

— O profeta também é de lá — disse Eleanor.

— Ele tem família lá?

— Não sei.

— Fale-nos sobre o profeta — disse a maestrina.

Ele tinha chegado a St. Deborah by the Water pouco depois que a Sinfonia deixara Charlie e Jeremy na cidade, e era o líder de uma seita de andarilhos religiosos. Primeiro, a seita havia se instalado no Walmart, um acampamento comunitário no setor que tinha sido o Departamento de Jardinagem. Disseram às pessoas da cidade que vinham em paz. Alguns poucos ficaram inquietos com eles, aquela população nova com histórias sobre uma viagem ao sul, um território no passado conhecido pelo nome de Virgínia, e ainda mais além — corriam rumores de que o sul era extremamente perigoso, apinhado de armas de fogo, e afinal o que eles teriam feito para sobreviver por lá? —, mas os recém-chegados eram amistosos e autossuficientes. Dividiam a carne que caçavam. Ajudavam nos trabalhos cotidianos e pareciam inofensivos. Eram dezenove e, no geral, cuidavam da própria vida; passou algum tempo antes que os habitantes da cidade entendessem que o homem alto, de cabelo louro, que parecia ser o líder, era tratado apenas por profeta e tinha três mulheres. “Sou um mensageiro”, dizia ele quando era apresentado a alguém. Ninguém sabia seu nome verdadeiro. Dizia ser guiado por visões e sinais. Dizia ter sonhos proféticos. Seus seguidores diziam que ele vinha de um lugar chamado Museu da Civilização e que havia partido pelas estradas ainda quando criança, para espalhar sua mensagem de luz. Contavam a história de que, um dia, haviam partido de manhã cedo, mas pararam algumas horas depois e esperaram até o dia seguinte, porque o profeta tinha visto três

corvos voando baixo acima da estrada, à frente. Ninguém mais tinha visto os corvos, mas o profeta insistiu. Na manhã seguinte, toparam com uma ponte desmoronada e um enterro à beira do rio, uma mulher cantava, vozes se erguiam diante de três mortalhas brancas. Três homens haviam morrido quando a ponte desabou sobre o rio.

— Estão vendo? — disseram os seguidores do profeta. — Não fosse aquela visão, seríamos nós.

Quando a febre de inverno se abateu sobre St. Deborah by the Water e o prefeito morreu, o profeta acrescentou a mulher do prefeito à sua coleção e, junto com seus seguidores, mudou-se para o posto de gasolina, no centro da cidade. Ninguém havia percebido, nem de longe, quantas armas eles possuíam. Suas histórias sobre uma viagem ao sul começaram a fazer sentido. Uma semana depois, tornou-se óbvio que a cidade pertencia a ele. Eleanor não sabia por que o cachorro do profeta se chamava Luli.

DOIS DIAS DE viagem depois de St. Deborah by the Water, a Sinfonia topou com uma cidade de veraneio incendiada. Anos antes, um incêndio havia varrido o lugar e agora a cidade não passava de um prado, com algumas ruínas negras ainda de pé. Um mar de flores cor-de-rosa havia crescido entre os fragmentos das edificações. As cascas calcinadas de hotéis se mantinham erguidas na beira do lago e uma torre de relógio feita de tijolos continuava de pé, alguns quarteirões no sentido contrário à margem do lago, com o relógio parado para sempre às oito e quinze.

A Sinfonia caminhava armada e em alerta máximo. Olivia e Eleanor iam na traseira do trailer da frente, por questões de segurança, mas eles não viram nenhum sinal de vida humana. Só cervos pastando em bulevares cobertos pelo mato, coelhos cavoucando entre sombras de cinzas e gaivotas espiando do alto de postes de iluminação. A Sinfonia alvejou dois cervos para o jantar, que viria mais tarde, arrancaram com esforço as flechas cravadas em suas costelas e amarraram os animais sobre o capô dos dois primeiros trailers. A estrada na beira do lago era uma complicada colcha de retalhos feita de capim e de calçamento rachado.

No extremo da cidade, chegaram ao limite do incêndio, um local onde as árvores eram mais altas e o capim e as flores silvestres eram diferentes. Logo depois da fronteira do incêndio, acharam um antigo campo de beisebol, onde pararam e deixaram os cavalos pastar. Arquibancadas semidesmoronadas, meio cobertas pelo capim alto. Três colunas de refletores haviam sobrevivido acima do campo, mas duas tinham tombado. Kirsten se ajoelhou para tocar no vidro grosso de uma lâmpada bojuda, tentando imaginar a eletricidade que ela havia conduzido e a luz jorrando para baixo. Um grilo pousou na sua mão e pulou para longe.

— Não dava nem para olhar direto para elas — explicou Jackson.

Ele não gostava muito de beisebol na época, mas quando criança tinha ido algumas vezes ver uma partida e, obediente, ficava sentado ao lado do pai nas arquibancadas.

— Vocês vão ficar aí parados o dia todo? — perguntou Sayid, e Kirsten olhou zangada para ele, mas voltou ao trabalho.

Cortavam capim para alimentar os cavalos durante a viagem, no caso de haver alguma região mais à frente, na estrada, onde não houvesse nada para os animais comerem. Eleanor sentara-se sozinha na sombra do primeiro trailer, cantarolando de boca fechada, sem afinação, trançando e destrançando punhados de capim. Ela havia falado muito pouco desde que fora encontrada.

Os batedores disseram ter visto uma escola logo depois das árvores, na extremidade do campo.

— Chame alguns dos outros e verifiquem se não há instrumentos musicais dentro da escola — disse a maestrina para Kirsten e August.

Eles foram até lá com Jackson e a violista. Na sombra da floresta, a temperatura ficava um

ou dois graus mais baixa, a terra era macia por causa das folhas de pinheiro.

— Estou satisfeita de sair daquele campo — disse Viola.

Ela tivera outro nome quando mais jovem, porém adotara o nome de seu instrumento depois da calamidade. Ela fungava discretamente. Era alérgica a capim. A floresta tinha se espalhado até a beira do estacionamento da escola e lançara um pelotão avançado na direção do prédio principal, árvores pequenas crescendo nas rachaduras do calçamento. Havia poucos carros estacionados, com pneus vazios.

— Vamos observar um pouco, antes de entrar — disse August, e ficaram parados por um tempo no fim da mata.

As árvores muito novas no estacionamento balançavam de leve por conta de uma brisa, e a não ser por isso nada se mexia na paisagem, exceto os passarinhos e o tremular das ondas de calor. A escola estava escura e quieta. Kirsten enxugou o suor da testa com as costas da mão.

— Acho que não tem ninguém aqui — disse Jackson, afinal. — O lugar parece desolado.

— Não sei — murmurou Viola. — Escolas me dão arrepios.

— Você se ofereceu para vir — disse Kirsten.

— Só porque detesto cortar capim.

Primeiro, contornaram o prédio, espiaram pelas janelas, e só viram salas de aula em ruínas, com pichações nas paredes. A porta dos fundos estava escancarada e dava para um ginásio. A luz do sol se derramava através de um buraco no teto, plantas rasteiras cresciam no meio dos escombros nos pontos onde a luz tocava no chão. O lugar tinha sido usado como abrigo, ou talvez como hospital de campanha. Havia uma mixórdia de leitos de campanha empilhados num canto do salão. Alguém fizera uma fogueira embaixo do buraco no teto, cinzas antigas se misturavam com ossos de animais. Era fácil ler as linhas gerais da história do salão, um abrigo que mais tarde virou um local onde as pessoas preparavam refeições, mas, como sempre, faltavam todos os detalhes. Quantas pessoas tinham ficado ali? Quem eram? Para onde tinham ido? No outro lado do ginásio, um conjunto de portas dava para um corredor margeado por salas de aula, a luz do sol se derramava pelo chão através da porta da frente desmoronada, na outra ponta.

Aquilo tinha sido uma escola pequena, seis salas de aula. O chão coalhado de cacos de vidro, lixo que não era possível identificar, destroços de fichários e de livros didáticos. Eles foram passando pelas salas, procurando, mas só viam ruínas e desordem. Camadas de pichações, nomes ilegíveis em letras borradas e gotejantes sobre os quadros-negros, recados antigos: “Jasmine L., se você vir isto, vá para a casa de meu pai, no lago. Ben.” Carteiras de pernas para o ar. Um incêndio havia enegrecido o canto de uma sala antes de alguém conseguir apagar as chamas, ou antes de as chamas terem se apagado sozinhas. Dava para identificar imediatamente a sala da banda de música por causa da pilha de estantes de partitura retorcidas sobre o chão. As partituras tinham sumido — na certa, usadas para acender o fogo para cozinhar, no ginásio — e não havia nenhum instrumento musical. Mas Viola achou meio vidro de resina dentro de um armário e Kirsten encontrou uma boquilha de flauta enterrada embaixo do lixo. Palavras pichadas com spray na parede norte: “O fim é aqui.”

— Dá até calafrio — disse Viola.

Jackson apareceu na porta.

— Tem um esqueleto no banheiro masculino.

August franziu a testa.

— De quanto tempo?

— Velho. Buraco de bala no crânio.

— Por que você foi olhar no banheiro?

— Pensei que ia achar um sabonete.

August fez que sim com a cabeça e desapareceu no corredor.

— O que ele está fazendo? — perguntou Viola.

— Ele gosta de fazer uma oração para os mortos. — Kirsten estava agachada, remexendo os destroços com uma régua quebrada. — Me ajude a examinar os armários antes de irmos embora.

No entanto, todos os armários dos estudantes tinham sido esvaziados, as portas estavam penduradas e tortas. Kirsten pegou alguns fichários mofados para ver os adesivos e as frases riscadas à caneta hidrográfica — “Lady Gaga é a bomba”, “Eva e Jason juntos para sempre”, “Eu amo Jesus” etc. — e, num dia mais fresco, ela teria passado mais tempo ali, interessada como sempre em investigar qualquer pista possível sobre o mundo perdido, mas o ar estava fétido e parado, o calor insuportável e, quando August voltou do banheiro masculino, foi um alívio sair para o sol, a brisa e o canto dos grilos.

— Meu Deus — disse Jackson. — Não sei como vocês dois conseguem ficar entrando nesses lugares.

— Bem, nós não entramos em banheiros públicos, isso é para os iniciantes — disse August.

— Eu só queria um sabonete.

— Sei, mas foi uma bobagem. Nos banheiros, sempre tem alguém que foi executado.

— Pois é isso que estou dizendo, não sei como vocês dois aguentam.

Aguentamos porque éramos mais jovens do que vocês quando tudo terminou, pensou Kirsten, mas não éramos jovens o suficiente para não termos absolutamente nenhuma lembrança. Aguentamos porque não temos muito tempo, porque agora todos os telhados estão desabando e, em breve, nenhum dos prédios antigos será um local seguro para entrar. Aguentamos porque estamos sempre em busca do mundo antigo, antes que todos os vestígios desapareçam. Mas explicar tudo isso parecia exagerado, portanto Kirsten encolheu os ombros, em vez de responder.

A Sinfonia descansava embaixo das árvores na margem da estrada. A maioria estava cochilando. Eleanor mostrava para Olivia como fazer uma trança de margaridas. A clarinetista se movia languidamente, passando de uma posição de ioga para outra, enquanto a maestrina e Gil estudavam um mapa.

— Uma boquilha! — disse a primeira flautista quando August mostrou suas descobertas, e, na Sinfonia, August era a pessoa que mais a deixava irritada, mas ela bateu palmas de alegria e o abraçou pelo pescoço.

— O que tinha dentro da escola? — perguntou Alexandra, quando os cavalos foram atrelados e a Sinfonia partiu outra vez.

Ela queria muito entrar nos prédios junto com Kirsten e August, mas Kirsten nunca deixava.

— Nada que valha a pena mencionar — respondeu Kirsten. Cuidadosamente, evitando

pensar no esqueleto no banheiro masculino, Kirsten manteve os olhos fixos na estrada. — Só aquela boquilha de flauta e um monte de destroços.

A ENTREVISTA NO Ano Quinze, continuação:

FRANÇOIS DIALLO: Pois bem, acho que você era muito jovem quando a Gripe da Geórgia chegou, quando ocorreu a calamidade.

KIRSTEN RAYMONDE: Tinha oito anos.

DIALLO: Perdoe-me, mas é uma coisa que me fascina quando falo com pessoas que eram crianças naquele tempo, no tempo da calamidade, e não estou seguro de como dizer isso, mas eu queria saber em que você pensa quando reflete sobre como o mundo mudou ao longo de sua vida.

RAYMONDE: [silêncio]

DIALLO: Ou, para dizer de outra forma...

RAYMONDE: Compreendo a pergunta. Prefiro não responder.

DIALLO: Muito bem. Está certo. Tenho uma curiosidade sobre sua tatuagem.

RAYMONDE: O texto no meu braço? “Sobreviver não é suficiente”?

DIALLO: Não, não, a outra. As duas facas pretas no pulso direito.

RAYMONDE: Não vou falar sobre isso, François, e você sabe que não convém perguntar.

QUANDO KIRSTEN PENSAVA na forma como o mundo havia mudado ao longo de sua vida, os pensamentos, mais cedo ou mais tarde, acabavam voltando para Alexandra. Alexandra sabia atirar, mas o mundo estava ficando mais brando. Havia uma chance razoável, pensava Kirsten, de que Alexandra conseguisse viver sem ter de matar ninguém. Era uma menina de quinze anos, mais jovem do que Kirsten tinha sido com aquela idade.

Alexandra andava em silêncio, chateada porque não a deixaram participar da expedição à escola. A Sinfonia caminhava no final do dia, nuvens se aglomeravam e o ar estava pesado, filetes de suor escorriam pelas costas de Kirsten. O céu escuro e baixo no fim da tarde. Cruzavam uma região rural, sem entradas para carros. Automóveis enferrujados aqui e ali, nas margens da estrada, abandonados nos locais onde havia acabado a gasolina, a caravana se desviando com cuidado ao passar por eles. Clarões de relâmpagos e trovoadas, no início distantes, depois próximos. Eles esperaram a tempestade passar embaixo das árvores, na beira da estrada ao crepúsculo, e fincaram as barracas na terra molhada quando a chuva terminou.

— Noite passada, sonhei que vi um avião — sussurrou Dieter.

Estavam deitados a pouca distância um do outro, no escuro da barraca de Dieter. Sempre tinham sido apenas amigos — de forma nebulosa, Kirsten pensava nele como alguém da família —, mas sua barraca de trinta anos havia, afinal, se desmanchado um ano atrás e ela até agora não conseguira arranjar outra. Por motivos óbvios, ela não dividia mais a barraca com Sayid, portanto Dieter, que tinha uma das mais espaçosas na Sinfonia, abrigava a amiga. Kirsten ouvia vozes suaves do lado de fora, o tocador de tuba e o primeiro violino estavam de vigia. Os movimentos inquietos dos cavalos, encurralados no espaço entre os três trailers, por questões de segurança.

— Já faz muito tempo que não penso num avião.

— É porque você é muito jovem. — Uma leve irritação na voz dele. — Não se lembra de nada.

— Eu me lembro de algumas coisas. Claro que lembro. Tinha oito anos.

Dieter tinha vinte anos quando o mundo acabou. A principal diferença entre Dieter e Kirsten era que Dieter se lembrava de tudo. Ela escutou-o respirar.

— Antigamente, eu ficava observando o céu — disse ele. — Pensava nos países do outro lado do oceano, imaginava se algum deles não teria sido poupado, de algum modo. Se um dia eu visse um avião, seria sinal de que em algum lugar os aviões ainda decolavam. Durante uma década inteira, depois da pandemia, fiquei olhando atento para o céu.

— O sonho foi bom?

— No sonho, eu estava muito feliz — sussurrou Dieter. — Eu erguia os olhos e lá estava ele, o avião tinha chegado, afinal. Ainda existia uma civilização, em algum lugar. Eu caí de joelhos. Comecei a chorar e rir, e depois acordei.

Souu uma voz do lado de fora, alguém falou seus nomes.

— Segundo turno de vigia — sussurrou Dieter. — É nossa vez.

Os vigias do primeiro turno iam dormir. Não tinham nada a relatar.

— Só essas drogas de árvores e corujas — resmungou o tocador de tuba.

A segunda equipe de vigia combinou o procedimento habitual: Dieter e Sayid voltariam pela estrada por oitocentos metros, Kirsten e August ficariam de sentinela no acampamento, o quarto violonista e o oboé seguiriam oitocentos metros à frente, pela estrada. Os batedores partiram em suas respectivas direções e Kirsten ficou sozinha com August. Contornaram o perímetro do acampamento e depois ficaram parados na estrada, escutando e olhando, atentos a qualquer movimento. Nuvens se separaram e revelaram estrelas. O breve lampejo de um meteoro, ou talvez de um satélite caindo. Seria esse o aspecto dos aviões à noite? Apenas riscos de luz que cortavam o céu? Kirsten sabia que eles voavam a centenas de quilômetros por hora, velocidades inconcebíveis, mas ela não tinha certeza de como seria viajar a centenas de quilômetros por hora. A floresta estava repleta de pequenos ruídos: água de chuva gotejando das árvores, movimentos de bichos, uma leve brisa.

Kirsten não lembrava como eram os aviões voando no céu, mas lembrava que tinha viajado num avião. A memória era mais viva do que a maior parte das outras recordações daquela época, e ela achava que isso queria dizer que tinha acontecido muito perto do fim. Devia ter sete ou oito anos e tinha ido a Nova York com a mãe, mas não lembrava por quê. Lembrava que tinha voado de volta para Toronto à noite, a mãe bebeu um copo de alguma coisa, com cubos de gelo que tilintavam e refletiam a luz. Lembrava-se da bebida, mas não do rosto da mãe. Apertava a testa no vidro da janela e via aglomerações e pontos de luz na escuridão, constelações dispersas, ligadas por estradas ou isoladas. A beleza da imagem, a solidão, a ideia de toda aquela gente vivendo suas vidas, cada lâmpada na varanda assinalando outra casa, outra família. Ali naquela estrada na floresta, duas décadas depois, nuvens se moviam para revelar a lua e August voltou os olhos para Kirsten, na luminosidade repentina.

— O cabelo da minha nuca está ficando arrepiado — sussurrou ele. — Acha que estamos mesmo sozinhos aqui?

— Não ouvi nenhum barulho.

Deram mais uma volta pelo acampamento, devagar. Vozes quase inaudíveis vinham de dentro de uma ou duas barracas, os bufos e os movimentos ligeiros dos cavalos. Eles observaram e escutaram atentos, mas a estrada continuava quieta.

— É nessas ocasiões que tenho vontade de parar — sussurrou August. — Você já pensou em parar?

— Você está falando em não viajar mais?

— Alguma vez já pensou nisso? Deve haver uma vida mais estável do que esta.

— Claro, mas em que outro tipo de vida eu poderia representar Shakespeare?

Naquele momento, houve um barulho, uma perturbação que atravessou a superfície da noite, tão rápida quanto uma pedra atirada na água. Um grito, cortado abruptamente? Será que alguém tinha chamado? Se estivesse sozinha, Kirsten talvez pensasse que tinha imaginado aquilo, mas August balançou a cabeça quando ela olhou para ele. O barulho viera de algum ponto mais abaixo na estrada, na direção de onde eles tinham vindo. Ficaram parados, se esforçando para ouvir, mas não escutaram nada.

— Temos de chamar o pessoal do terceiro turno de vigia.

Kirsten tirou as duas melhores facas de seu cinturão. August sumiu no meio das barracas. Ela ouviu a voz dele: “Não sei, um som, talvez uma voz na estrada, vocês têm de tomar nossos lugares para que a gente vá verificar.” E duas sombras surgiram para tomar o lugar deles, bocejantes e cambaleantes.

August e Kirsten partiram da maneira mais rápida e silenciosa que puderam, na direção de onde veio o som. A floresta era uma massa escura dos dois lados, viva e cheia de rumores indecifráveis, sombras como tinta preta, contra o brilho do luar. Uma coruja voou baixo, atravessando a estrada, à frente. Um momento depois, houve um distante bater de asas pequenas, pássaros perturbados em seu sono, pontos pretos se erguendo e rodopiando contra as estrelas.

— Alguma coisa perturbou os pássaros — disse Kirsten, em voz baixa, a boca perto do ouvido de August.

— A coruja? — A voz dele tão baixa quanto a dela.

— Pensei que a coruja tivesse voado numa direção diferente. Os pássaros estavam mais para o norte.

— Vamos esperar.

Esperaram nas sombras, na beira da estrada, tentando respirar sem fazer barulho, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. A claustrofobia da floresta. As primeiras poucas árvores visíveis diante dela. Contrastes monocromáticos de sombras negras e luar branco, e mais além todo um continente, a mata ininterrupta de um oceano a outro, com muito pouca gente que sobrou entre um litoral e outro. Kirsten e August olhavam atentos para a estrada e para a floresta, mas não dava para perceber se algo também estava olhando para eles.

— Vamos andar um pouco mais para a frente — sussurrou August.

Retomaram seu avanço cauteloso pela estrada; Kirsten segurava as facas com tanta força que seus batimentos cardíacos latejavam na palma das mãos. Caminharam bem além do ponto onde os batedores deviam estar, dois quilômetros, três, em busca de algum sinal. Quando começou a clarear, voltaram pelo mesmo caminho, sem falar nada, em meio a um mundo turbulento de cantos de passarinhos. Não havia nenhum vestígio dos batedores, nada na beira da floresta, nenhuma pegada, nenhum sinal de animais grandes, nenhum galho quebrado evidente e nenhum sangue. Era como se Dieter e Sayid tivessem sido sugados da face da terra.

— NÃO CONSIGO ENTENDER — disse o tocador de tuba, no meio da manhã, depois de várias horas procurando Sayid e Dieter.

Ninguém entendia. Ninguém dizia nada. O desaparecimento era incompreensível. Não conseguiram encontrar nenhum vestígio. A Sinfonia fez buscas em grupos de quatro, de modo rigoroso, sistemático, mas a floresta era densa e com uma vegetação muito fechada; eles podiam passar a poucos metros de Dieter e Sayid sem perceber. Naquelas primeiras horas, houve momentos em que Kirsten se viu pensando que podia ter sido apenas um mal-entendido, que Dieter e Sayid haviam simplesmente passado por eles, no escuro, que por algum motivo eles tinham seguido na direção errada, que iam reaparecer a qualquer momento e pedir desculpas, mas batedores tinham percorrido a estrada por quilômetros, sem encontrar nada. Por várias vezes, Kirsten parou na floresta e ficou escutando, atenta. Será que alguém estava olhando para ela? Naquele exato instante, será que alguém tinha pisado num galho? Mas o único barulho que ouvia era o das outras equipes de busca, e todos se sentiam observados. Eles se encontravam na floresta e na estrada a intervalos, olhavam uns para os outros e não diziam nada. A vagarosa passagem do sol pelo céu, o ar oscilante acima da estrada por causa das ondulações do calor.

Quando a noite começou a cair, eles se reuniram junto ao primeiro trailer, que no passado fora uma picape Ford de traseira ampliada. “Porque sobreviver não é suficiente”, as palavras pintadas na capota em resposta à pergunta que perseguira a Sinfonia desde o dia em que puseram o pé na estrada. As palavras surgiram muito brancas à luz do fim de tarde. Kirsten se aproximou do cavalo predileto de Dieter, Bernstein, e apertou a mão aberta no flanco do animal. O cavalo olhava fixamente para ela, com seus enormes olhos pretos.

— Viajamos tanto tempo juntos — disse a maestrina. Há certas tonalidades de luz que confundem os anos. Às vezes, quando Kirsten e August estavam juntos de sentinela ao raiar do dia, ela olhava de relance para ele, enquanto o sol subia, e por um instante fugaz podia ver como ele tinha sido quando menino. Ali, na estrada, a maestrina parecia muito mais velha do que uma hora antes. Passou a mão pelo cabelo curto e grisalho. — Ao longo de todos esses anos — disse ela —, houve quatro ocasiões em que membros da Sinfonia se separaram do grupo e, em todos os casos, eles seguiram o protocolo de separação, e depois nos reencontramos no local de destino. Alexandra?

— Sim?

— Repita o protocolo de separação, por favor.

Aquilo tinha sido inculcado a fundo em todos eles.

— Nunca viajamos sem ter um destino — disse Alexandra. — Se algum dia nos separarmos, se algum dia você se separar da Sinfonia na estrada, siga para o destino e espere.

— E qual é o destino atual?

— O Museu da Civilização no aeroporto de Severn City.

— Sim. — A maestrina ficou calada, olhando para eles. A floresta agora estava envolta em sombras, mas ainda havia alguma luz na faixa de céu acima da estrada, o último tom rosado do pôr do sol que riscava as nuvens. — Estou na estrada há quinze anos — disse ela — e Sayid está comigo há doze. Dieter, há mais tempo ainda.

— Ele esteve comigo no início — disse Gil. — Saímos juntos de Chicago.

— Não estou feliz de deixar nenhum dos dois. — Os olhos da maestrina brilhavam. — Mas não vou pôr o resto de vocês em perigo ficando aqui mais um dia.

Naquela noite, fizeram uma vigia redobrada, grupos de quatro em vez de dois, e partiram antes do raiar do dia, na manhã seguinte. O ar estava úmido entre as muralhas formadas pela floresta, as nuvens pareciam mármore, no alto. Um aroma de pinheiro no ar. Kirsten andava perto do primeiro trailer e tentava não pensar em nada. Uma sensação de ter sido apanhada de surpresa no meio de um pesadelo horrível.

Pararam no fim da tarde. Os verões febris daquele século, o calor intolerável. O lago brilhava entre as árvores. Era um daqueles locais que não chegavam a ser propriamente um subúrbio, mas não ficavam longe disso, um distrito intermediário, em que as casas se erguiam em lotes arborizados. Eles estavam a três dias do aeroporto agora. Kirsten sentou-se num tronco, a cabeça apoiada nas mãos, pensando. Onde vocês estão, onde vocês estão, onde vocês estão, e ninguém a perturbava, até que August veio sentar a seu lado.

— Sinto muito — disse ele.

— Acho que foram capturados — disse ela, sem levantar a cabeça. — E não consigo parar de pensar no que o profeta estava falando em St. Deborah, aquela história da luz.

— Acho que não ouvi. Estava arrumando as coisas para a viagem.

— Eles se chamam de a luz.

— E o que é que tem isso?

— Se você é a luz, então seus inimigos são as trevas, não?

— Acho que sim.

— E se você é a luz, se seus inimigos são as trevas, então não há nada que você não possa justificar. Não há nada a que você não seja capaz de sobreviver, porque não há nada que você não faça.

Ele deu um suspiro.

— A única coisa que podemos fazer é conservar as esperanças — disse August. — Temos de acreditar que a situação vai se esclarecer.

Porém quatro equipes partiram em busca de alimentos para o jantar, e só três e meia voltaram.

— Quando me virei, ela tinha sumido — disse Jackson, referindo-se a Sidney, a clarinetista.

Ele havia voltado para o acampamento, sozinho e abalado. Tinham achado um riacho, disse Jackson, a cerca de quatrocentos metros, descendo pela estrada, na direção de onde vieram. Ele se ajoelhou na beirada para encher a garrafa de água e, quando olhou, ela havia desaparecido. Será que não caiu na água? Não, pois ele teria ouvido o barulho, e ele estava mais abaixo, no sentido do fluxo do riacho, e então ela teria passado por ele. Era um riacho pequeno e as margens nem eram altas. Em volta de Jackson, só havia o mato, a sensação de estar sendo observado. Chamou o nome de Sidney, mas ela não respondeu, não estava em lugar algum. Então ele percebeu que os passarinhos tinham parado de cantar. A mata havia ficado quieta.

Quando terminou de contar, por um momento ninguém falou nada. A Sinfonia se reuniu em torno dele.

— Onde está a Olivia? — perguntou Lin, de repente. Olivia estava na traseira do primeiro trailer, brincando com uma boneca de pano. — Quero que você fique perto de mim — sussurrou Lin. — Não só ao alcance da minha vista, mas das minhas mãos. Entendeu?

— Ela era muito ligada ao Dieter — disse o primeiro oboé.

Era verdade, e todos estavam em silêncio, pensando na clarinetista e procurando pistas em suas recordações. Será que ela parecia normal ultimamente? Nenhum deles tinha certeza. Mas o que significava parecer normal, no decurso de dias tão indescritíveis como aqueles? Como todos eles deveriam parecer, afinal?

— Será que estamos sendo *caçados*? — perguntou Alexandra.

Parecia plausível. Kirsten olhou por cima do ombro para as sombras entre as árvores. Organizaram uma equipe de busca, mas já não havia mais claridade. Acender uma fogueira parecia perigoso demais, por isso jantaram a comida conservada em recipientes protegidos, carne seca de coelho e maçãs secas, e se instalaram para uma noite de inquietação. De manhã, retardaram a partida por cinco horas, procurando, mas não conseguiram encontrá-la. Partiram em mais um dia abrasador.

— Será que existe alguma lógica em pensar que *todos* foram capturados? — August caminhava ao lado de Kirsten. — Dieter, Sayid, a clarinetista?

— Como alguém conseguiria dominá-los de modo tão silencioso? — Havia um nó em sua garganta. Era difícil falar. — Talvez simplesmente tenham ido embora.

— Nos abandonaram?

— Sim.

— Por que fariam isso?

— Não sei.

Mais tarde, naquele dia, alguém pensou em dar uma olhada nos pertences da clarinetista e encontrou um bilhete. O início de uma carta: “Caros amigos, eu me sinto imensamente cansada e fui descansar na floresta.” Terminava aí. A data sugeria que o bilhete tinha sido escrito onze meses antes, ou que a clarinetista não sabia em que mês e em que ano eles estavam, uma coisa ou outra. Nenhuma das possibilidades era improvável. Viviam num tempo em que as datas exatas raramente eram relevantes e acompanhar o calendário exigia certo grau de dedicação. O bilhete tinha sido dobrado e redobrado muitas vezes, as dobras marcadas de leve.

— Parece mais teórico do que qualquer outra coisa — disse o primeiro violoncelo. — Como se ela tivesse escrito isso um ano atrás e depois mudado de ideia. Não prova nada.

— Apenas se supusermos que ela escreveu mesmo um ano atrás — disse Lin. — Mas pode ter escrito na semana passada. Acho que revela uma intenção suicida.

— Onde estávamos um ano atrás? Alguém lembra?

— Mackinaw City — disse August. — New Petoskey, East Jordan, todos aqueles lugarejos que descem pela costa até New Sarnia.

— Não me lembro de ela parecer diferente um ano atrás — disse Lin. — Andava triste na

época?

Ninguém tinha certeza. Todos ficaram com a impressão de que deveriam ter prestado mais atenção. No entanto, os batedores relataram não ter visto ninguém na estrada, nem à frente nem atrás. Era impossível não imaginar que estavam sendo observados da floresta.

O que era a Sinfonia sem Dieter, a clarinetista e Sayid? Kirsten pensava em Dieter como uma espécie de irmão mais velho, ela se deu conta, talvez um primo, um elemento permanente em sua vida e na vida da Sinfonia. De uma forma um tanto abstrata, parecia impossível que a Sinfonia continuasse a existir sem ele. Kirsten nunca fora muito ligada à clarinetista, mas a ausência dela chamava a sua atenção. Ultimamente, Kirsten só falava com Sayid para brigar, mas a ideia de que ele havia sofrido algum mal lhe causava uma dor atroz. A respiração de Kirsten estava sufocada dentro do peito e as lágrimas eram silenciosas e constantes.

Mais tarde, naquele dia, Kirsten achou uma folha de papel dobrada no bolso. Reconheceu a caligrafia de August:

Um fragmento para minha amiga...

Se sua alma deixar esta terra, irei atrás e descobrirei onde está

Silenciosa, minha nave espacial suspensa na noite

Kirsten nunca tinha visto um poema dele antes e ficou incrivelmente comovida.

— Obrigada — disse ela, quando o viu depois.

August fez que sim com a cabeça.

A região se tornou mais inóspita, as casas desmoronadas. Tiveram de parar três vezes para retirar árvores tombadas no caminho. Usavam serrotes de duas pessoas, trabalhavam o mais depressa possível, com o suor ensopando as roupas, batedores postados em vários pontos, vigiando a estrada e a floresta, pulando e apontando as armas a qualquer mínimo ruído. Kirsten e August caminharam bem à frente, apesar das objeções da maestrina. Oitocentos metros além dos trailers parados, eles toparam com uma planície ondulada.

— Um campo de golfe — disse August. — Você sabe o que isso significa.

Certa vez, tinham achado duas garrafas cheias de uísque e uma lata de azeitonas milagrosamente ainda consumíveis na sede de um clube de golfe, e, desde então, August sonhava ver a experiência se repetir.

A sede do clube de golfe ficava no fim de uma estradinha comprida, toldada por uma barreira de árvores. Tinha pegado fogo, o telhado pendia como pano solto, preso nas três paredes remanescentes. Havia carrinhos de golfe tombados de lado sobre a grama. Agora escurecia e era difícil enxergar dentro da sede do clube, na luz que precedia a tempestade, apenas cintilações de cacos de vidro onde antes ficavam as janelas. Era perigoso demais entrar, com o telhado meio caído. Na outra ponta, acharam um laguinho artificial com um píer

apodrecido, o tremular de um movimento sob a superfície da água. Voltaram para os trailers para pegar o equipamento de pesca. O primeiro e o terceiro violoncelos serravam a última árvore caída.

De volta ao lago do campo de golfe, havia tantos peixes que era possível pegá-los só com a rede, colhendo-os de dentro da água superpovoada. Os peixes eram coisinhas miúdas e amarronzadas, desagradáveis de pegar. Houve uma trovoada ao longe e, um pouco depois, os primeiros pingos de chuva. August, que levava seu instrumento em todas as ocasiões, embrulhou a caixa do violino numa capa de plástico que levava dentro da bolsa. Os dois trabalharam durante a chuvarada, Kirsten arrastava a rede pela água, August retirava as vísceras e limpava os peixes. Ele sabia que Kirsten não suportava retirar as vísceras dos peixes — alguma coisa que tinha visto na estrada, no primeiro ano após deixar Toronto, a impressão fugaz de uma visão que ela não conseguia exatamente lembrar, mas que a deixava nauseada toda vez que tentava pensar no assunto — e August sempre se mostrara gentil quanto aquilo. No meio da chuva, Kirsten mal conseguia enxergá-lo. Por um instante, foi possível esquecer que três pessoas tinham desaparecido. Quando, afinal, a tempestade amainou, eles encheram a rede com os peixes e levaram de volta pela estradinha da sede do clube. Subia vapor da estrada. Chegaram ao local onde as árvores tombadas haviam sido serradas e removidas do caminho, mas a Sinfonia tinha ido embora.

— Devem ter passado pela estrada quando estávamos pescando — disse August.

Era a única conclusão razoável. Eles haviam confirmado a rota com a maestrina, antes de retornarem ao campo de golfe levando a rede de pesca. O lago ficava longe o bastante da estrada para que não vissem a Sinfonia passar, pois estavam ocultos atrás da sede do clube, e o barulho da passagem da Sinfonia se perderia no meio da tempestade.

— Eles andaram depressa — disse Kirsten, mas sentia um aperto no estômago, e August sacudia o punhado de moedinhas que tinha no bolso.

Aquilo não fazia muito sentido. Por que a Sinfonia iria viajar debaixo do maior pé-d'água? A menos que houvesse uma emergência inesperada. A tempestade varrera da estrada todas as pegadas e vestígios, havia apenas folhas e gravetos em posições confusas sobre o calçamento, e o calor voltava a subir. O céu tinha um aspecto mais aberto agora, trechos de azul entre as nuvens.

— Os peixes vão estragar depressa nesse calor — disse August.

Era um dilema. Todas as células do corpo de Kirsten clamavam para ir atrás da Sinfonia, porém era mais seguro fazer uma fogueira à luz do dia e eles não tinham comido nada naquela manhã, a não ser uma ou duas tiras de carne salgada de coelho, cada um. Juntaram lenha para a fogueira, mas claro que tudo estava molhado e levaram muito tempo para conseguir acender uma chama, ainda que mínima. O fogo cheirava mal, os olhos deles ardiavam enquanto cozinhavam, mas pelo menos a fumaça substituiu o fedor de peixe que tinha impregnado as roupas. Comeram o máximo que foram capazes e levaram o resto dentro da rede. Partiram pela estrada meio nauseados, passaram pelo campo de golfe, e por algumas casas que obviamente tinham sido saqueadas anos antes, a mobília destruída e espalhada pelo gramado. Depois de um tempo, jogaram fora os peixes — estavam estragando no calor — e aceleraram o passo, caminharam o mais depressa que podiam, mas a Sinfonia continuava fora de vista e, certamente, àquela altura, já deveriam ter avistado algum sinal deles, pegadas, marcas de casco de cavalo ou de rodas na estrada. Os dois não falavam.

Perto do crepúsculo, a estrada passava por baixo de uma rodovia. Kirsten subiu no viaduto a fim de ter uma visão mais ampla, na esperança de que a Sinfonia talvez aparecesse logo à frente, mas a estrada fazia uma curva rumo ao distante brilho do lago e desaparecia por trás das árvores. A rodovia era formada por quilômetros de um engarrafamento perpétuo, e agora pequenas árvores cresciam entre os carros, e milhares de para-brisas refletiam o céu. Havia um esqueleto no banco do motorista do carro mais próximo deles.

Os dois dormiram embaixo de uma árvore perto do viaduto, lado a lado, sobre a capa de plástico de August. Kirsten dormiu um sono entrecortado, consciente, toda vez que acordava, do vazio da paisagem ao redor, e da ausência de pessoas, animais e trailers à sua volta. O inferno é a ausência das pessoas de quem temos saudade.

EM SEU SEGUNDO dia sem a Sinfonia, Kirsten e August toparam com uma fileira de carros no acostamento da estrada. Era o fim da manhã e o calor estava aumentando, uma calma descia sobre a paisagem. Haviam perdido o lago de vista. Os carros lançavam sombras curvas. Tinham sido esvaziados, sem ossos nos bancos traseiros, sem objetos e pertences pessoais abandonados, o que sugeria que alguém morava perto dali e viajava por aquele caminho. Uma hora depois, chegaram a um posto de gasolina, um prédio baixo e isolado, na beira da estrada, com um letreiro amarelo em forma de concha, ainda de pé; veículos aglomerados barravam o caminho uns dos outros, junto às bombas de combustível. Um dos carros tinha cor de manteiga derretida, com letras pretas na lateral. Um táxi de Chicago, Kirsten entendeu. Alguém, já nos dias derradeiros, havia pegado um dos últimos táxis na cidade conturbada, negociado um preço e fugido para o norte. Dois buracos de bala bem nítidos na porta do motorista. Um cachorro latiu e Kirsten e August gelaram, com as mãos nas armas.

O homem que apareceu, vindo de trás do prédio com um cão de caça dourado, tinha cinquenta ou sessenta anos, cabelo grisalho bem curto, um jeito duro de andar que sugeria alguma sequela antiga, e trazia uma espingarda a seu lado. Tinha no rosto uma cicatriz tortuosa.

— Posso ajudar? — perguntou.

Seu tom de voz não era hostil, e esse era o prazer de estar vivo no Ano Vinte, uma era mais tranquila. Durante os primeiros dez ou doze anos após a calamidade, era muito mais provável que o homem atirasse neles assim que os visse.

— Estamos só de passagem — disse Kirsten. — Não queremos fazer nenhum mal. Estamos indo na direção do Museu da Civilização.

— Como? Estão indo para onde?

— O aeroporto de Severn City.

August estava calado junto a Kirsten. Ele não gostava de falar com estranhos.

O homem fez que sim com a cabeça.

— Ainda tem gente lá?

— Esperamos que nossos amigos estejam lá.

— Vocês se perderam deles?

— Sim — disse Kirsten. — Nos perdemos deles.

August suspirou. A ausência da Sinfonia naquele caminho era algo óbvio desde algum tempo. Tinham passado por trechos de terra fofa e não viram nenhum vestígio. Nenhum excremento de cavalo, nenhum sulco de roda recente, absolutamente nenhum sinal de que aquelas vinte e duas pessoas, com três trailers e sete cavalos, estivessem de fato à frente deles, naquela estrada.

— Puxa. — O homem balançou a cabeça. — Má sorte. Lamento saber disso. Aliás, me chamo Finn.

— Sou a Kirsten. Ele é o August.

— Isso é uma caixa de violino? — perguntou Finn.

— É.

— Vocês fugiram de uma orquestra?

— Eles é que nos deixaram para trás — respondeu Kirsten depressa, porque viu o modo como August cerrou o punho dentro do bolso. — Você mora aqui sozinho?

— Claro que não — disse Finn, e Kirsten se deu conta de seu erro.

Mesmo naquela era mais calma, quem admitiria estar em desvantagem numérica? O olhar dele pousou nas fâcas de Kirsten. Ela estava achando difícil não olhar a cicatriz no rosto do homem. Àquela distância não era fácil dizer, mas parecia ser um desenho proposital.

— Mas isto aqui não é uma cidade?

— Não. Eu não posso chamar assim.

— Desculpe, é só curiosidade. Não encontramos muita gente como você.

— Como eu?

— Que mora fora de uma cidade — respondeu Kirsten.

— Ah, bem. Aqui é bem sossegado. Esse lugar de que você falou — disse ele —, esse museu. Vocês sabem alguma coisa a respeito?

— Na verdade, não — respondeu Kirsten. — Mas nossos amigos estavam indo para lá.

— Ouvi dizer que é um lugar onde artefatos do mundo antigo são preservados — disse August.

O homem riu, um som semelhante a um latido. O cachorro ergueu os olhos para ele, com uma expressão preocupada.

— Artefatos do mundo antigo — disse ele. — A questão é a seguinte, garotos: o mundo inteiro é um lugar onde artefatos do mundo antigo são preservados. Quando foi a última vez que vocês viram um carro novo?

Eles se olharam.

— Bem, seja como for — disse Finn —, há uma bomba de água atrás do prédio, caso queiram encher suas garrafas.

Eles agradeceram e o seguiram para a parte de trás. Nos fundos do posto de gasolina, havia duas crianças descascando batatas, gêmeos ruivos de oito ou nove anos e sexo indeterminado. Estavam descalças, mas tinham roupas limpas, cabelo cuidadosamente aparado, e olharam com atenção para os estranhos quando se aproximaram. Kirsten se viu imaginando, como sempre acontecia quando via crianças, se era melhor ou pior nunca ter conhecido outro mundo, exceto o que veio depois da Gripe da Geórgia. Finn apontou para uma bomba manual sobre uma plataforma, na terra.

— Já nos vimos antes — disse Kirsten. — Não é? Você não estava em St. Deborah by the Water dois anos atrás? Eu me lembro desses dois gêmeos de cabelo vermelho me seguindo pela cidade quando fui dar uma volta.

Finn ficou tenso e ela viu no pequeno movimento de seu braço que ele estava prestes a erguer a espingarda.

— Foi o profeta que mandou vocês?

— O quê? Não. Não, não é nada disso. A gente só passou por aquela cidade.

— Fugimos de lá o mais depressa que pudemos — disse August.

— Somos da Sinfonia Itinerante.

Finn sorriu.

— Ah, isso explica o violino — disse ele. — Eu me lembro da Sinfonia, lembro sim. — Relaxou a mão que segurava a espingarda, a tensão se dissipou. — Não posso dizer que sou

um grande apreciador de Shakespeare, mas aquela foi a melhor música que ouvi em muitos anos.

— Obrigado — disse August.

— Você saiu da cidade depois que o profeta tomou o poder? — perguntou Kirsten.

August estava bombeando água enquanto Kirsten segurava as garrafas embaixo do jato, e a água fria espirrava em suas mãos.

— O pessoal mais maluco que já encontrei na vida — disse ele. — Perigosos feito o diabo. Alguns de nós pegamos nossos filhos e fugimos de lá.

— Você conheceu a Charlie e o Jeremy? — Kirsten fechou as garrafas, guardou-as na sua mochila e na bolsa de August.

— Não eram músicos? Ela era negra, e ele, asiático?

— Sim.

— Não conhecia direito. Só dava bom-dia. Foram embora com o bebê, poucos dias antes de eu ir embora também.

— E sabe para onde foram?

— Não tenho a menor ideia.

— Pode nos dizer o que existe nessa estrada?

— Nada, por quilômetros. Algumas cidadezinhas abandonadas, não há mais ninguém lá, que eu saiba. Depois disso, só Severn City e o lago.

— Já esteve lá?

Estavam voltando para a estrada. Kirsten olhou de relance para a lateral do rosto do homem, e a cicatriz se revelou com mais clareza: uma letra *t* minúscula com um traço a mais, o símbolo que tinha visto pintado com spray nos prédios de St. Deborah by the Water.

— Em Severn City? Não depois da calamidade.

— E como é viver aqui, assim — perguntou Kirsten —, fora de uma cidade?

— Sossegado. — Finn encolheu os ombros. — Não teria corrido esse risco oito ou dez anos atrás, mas, a não ser pelo profeta, tem sido uma década tranquila. — Ele hesitou. — Olhe, eu não fui muito sincero com vocês antes. Ouvi falar do lugar que estão procurando, o museu. Dizem que tem muita gente lá.

— E você não se sentiu tentado a ir para lá também, quando foi embora de St. Deborah?

— Dizem que o profeta é de lá — disse ele. — Já pensou se toda aquela gente lá no aeroporto for gente do profeta?

Kirsten e August caminharam em silêncio a maior parte do tempo. Um cervo cruzou a estrada mais adiante e parou para olhá-los antes de desaparecer entre as árvores. A beleza deste mundo onde quase todas as pessoas já se foram. Se o inferno são os outros, o que é um mundo onde não há quase ninguém? Talvez em breve a humanidade fosse simplesmente se extinguir, mas Kirsten considerou esse pensamento mais sereno do que triste. Tantas espécies haviam aparecido e depois sumido desta terra; que diferença faria mais uma? Quantas pessoas restavam mesmo agora?

— A cicatriz dele — disse August.

— Eu vi. E onde está a Sinfonia? Por que eles mudariam de rota?

August não respondeu. Havia uma série de razões para explicar por que a Sinfonia podia ter se desviado de sua rota original. Eles sofreram algum tipo de ameaça e decidiram pegar uma trilha menos direta. Ou, depois de muito refletir, chegaram à conclusão de que havia outro caminho mais rápido e esperavam que Kirsten e August os encontrassem no aeroporto. Ou pegaram a curva errada e sumiram na paisagem.

August achou uma entrada para carros no início da tarde. Estavam descansando numa sombra, quando ele se levantou e atravessou a estrada. Kirsten tinha percebido a fileira de árvores jovens, mas estava cansada e atordoada demais pelo calor para pensar no que aquilo podia significar. August se abaixou, apoiado num joelho, a fim de verificar o solo.

— Cascalho — disse ele.

Era uma entrada para carros com o mato tão grande que quase a escondera por completo. A floresta se abria numa clareira com uma casa de dois andares, dois carros enferrujados e uma picape desmoronada sobre os restos mortais dos pneus. Os dois esperaram um pouco, junto às árvores, observando, mas não perceberam nenhum movimento.

A porta da frente estava trancada, um detalhe incomum. Contornaram a casa, mas a porta dos fundos também estava trancada. Kirsten abriu o cadeado. Desde o instante em que entraram na sala, ficou claro que ninguém mais estivera ali. Almofadas decorativas estavam bem arrumadas sobre o sofá. Um controle remoto jazia em cima da mesinha de centro, coberta de poeira. Os dois se olharam com as sobrancelhas igualmente erguidas por cima dos trapos que haviam amarrado sobre o rosto. Fazia muitos anos que não topavam com uma casa intacta.

Na cozinha, Kirsten passou o dedo na pilha de pratos que estavam no armário, pegou alguns garfos para usar mais tarde. No primeiro andar, havia um quarto que, no passado, pertencera a uma criança. A criança em questão ainda estava presente, uma casca sobre a cama — Kirsten puxou uma colcha por cima da cabeça daquilo enquanto August ainda vasculhava o banheiro no térreo —, e na parede havia uma moldura com a fotografia de um menino com os pais, todos exuberantes e irradiando vida, o menino com um uniforme da Liga Mirim, com os pais ajoelhados, um de cada lado. Kirsten ouviu os passos de August às suas costas.

— Olhe o que encontrei — disse ele.

Tinha achado uma nave espacial *Enterprise* feita de metal. Ergueu-a à luz do sol, um objeto cintilante do tamanho de uma libélula. Foi aí que Kirsten percebeu acima da cama o cartaz representando o sistema solar; a Terra era um ponto pequeno e azul, perto do Sol. O menino adorava o espaço e beisebol.

— É melhor a gente ir embora — disse Kirsten após um momento.

O olhar de August se deteve na cama. Ela saiu do quarto primeiro, para que ele pudesse fazer uma de suas orações, embora Kirsten não tivesse certeza de que a palavra “oração” fosse a mais adequada para definir aquilo. Quando August murmurava diante dos mortos, parecia estar falando só para eles. “Espero que o fim tenha sido sereno”, Kirsten ouviu-o dizer. Ou: “Você tem uma casa bem bonita mesmo. Desculpe por pegar sua bota.” Ou: “Onde quer que você esteja, espero que sua família esteja lá também.” Para a criança na cama,

August falou em voz tão baixa que Kirsten não conseguiu ouvir. As únicas palavras que captou foram “nas estrelas lá em cima”, e ela seguiu ligeiro para o quarto principal, para que ele não percebesse que ela estava escutando às escondidas, mas ela viu que August já tinha passado por ali — os pais do menino tinham morrido na cama, e uma nuvem de poeira pairava no ar, acima deles, porque August havia puxado o cobertor para cobrir seus rostos.

No banheiro da suíte, Kirsten fechou os olhos só por um segundo enquanto apertava o botão do interruptor. Naturalmente, nada aconteceu, mas como sempre, naqueles momentos, ela se viu fazendo um esforço para lembrar como era no tempo em que aquele gesto funcionava: entrar num cômodo, apertar o interruptor e o espaço inteiro se encher de luz. O problema era que Kirsten não tinha certeza de que se lembrava mesmo daquilo ou apenas imaginava lembrar. Deslizou a ponta dos dedos por um pote de porcelana azul e branco, sobre a bancada do banheiro, admirou a fileira de cotonetes guardados ali dentro antes de pegar alguns e pôr no bolso. Pareciam úteis para limpar ouvidos e instrumentos musicais. Kirsten ergueu os olhos e deparou com o próprio olhar no espelho. Precisava cortar o cabelo. Sorriu, depois ajustou o sorriso a fim de atenuar a evidência da mais recente perda de um dente. Abriu um pequeno armário e olhou com atenção uma pilha de toalhas limpas. A que estava em cima era azul com patinhos amarelos e tinha um bolso costurado no canto. Por que os pais não levaram o filho para a cama deles, se todos adoeceram ao mesmo tempo? Talvez os pais tivessem morrido primeiro. Kirsten não queria pensar nisso.

A porta que dava para o quarto extra ficara fechada, a janela tinha uma brecha, portanto o tapete estava estragado, mas as roupas no armário haviam escapado do cheiro de morte. Kirsten achou um vestido de que gostou, feito de seda azul suave, com bolsos, e vestiu-o, enquanto August continuava no quarto do menino. Também havia um vestido de noiva e uma roupa preta. Pegou os dois para servir de figurinos. O que a Sinfonia estava fazendo, o que eles estavam sempre fazendo, era tentar lançar um feitiço, e os figurinos ajudavam; as vidas com as quais eles se defrontavam eram difíceis e esgotadas pelos rigores do trabalho, pessoas que consumiam todo seu tempo nas tarefas ligadas à sobrevivência. Alguns atores achavam que Shakespeare seria mais assimilável se eles se vestissem com as mesmas roupas desbotadas e remendadas que a plateia usava, mas Kirsten achava que era importante ver Titânia num vestido longo, Hamlet de gravata. O tocador de tuba concordava com ela.

— O problema deste mundo novo — dissera o tocador de tuba, certa vez — é que ele sofre de uma terrível carência de elegância.

Ele sabia um pouco sobre elegância. Tinha tocado numa banda militar com a maestrina, antes da calamidade. Às vezes, falava dos bailes militares. Onde ele estaria? Não pense na Sinfonia. Não pense na Sinfonia. Só existe o aqui, disse Kirsten para si mesma, só existe esta casa.

— Vestido bonito — disse August quando ela o encontrou na sala, no térreo.

— O vestido velho estava com cheiro de fumaça e tripa de peixe.

— Achei duas malas no porão — disse ele.

Saíram cada um com uma mala, toalhas, roupas e uma pilha de revistas que Kirsten queria

folhear mais tarde, uma embalagem fechada de sal apanhada na cozinha e várias outras coisas que achavam que podiam ser úteis, mas primeiro Kirsten se demorou na sala alguns minutos, vasculhando as prateleiras de livros, enquanto August procurava um *Guia de TV* ou um livro de poesia.

— Está procurando alguma coisa específica? — perguntou ele depois que terminou sua busca.

Kirsten percebeu que ele estava pensando em levar o controle remoto. August segurava o aparelho na mão e apertava os botões ao acaso.

— *Dr. Onze*, é claro. Mas vou me contentar com *Querida V.*

Tratava-se de um livro que ela havia perdido na estrada, não sabia como, dois ou três dias antes, e desde então tentava encontrar um substituto. O livro pertencera à sua mãe, tinha sido comprado pouco antes do fim de tudo. *Querida V.: Um perfil não autorizado de Arthur Leander*. O texto no alto do papel proclamava que o livro era campeão dos best-sellers. A fotografia da capa era em preto e branco, Arthur olhando por cima do ombro enquanto entrava num carro. A expressão do rosto poderia significar qualquer coisa; um pouco assustado, talvez, mas era igualmente possível que alguém tivesse chamado seu nome naquele instante e ele se virasse para olhar a pessoa. O livro era todo composto por cartas escritas para uma amiga, a anônima V.

Quando Kirsten havia ido embora de Toronto com o irmão, ele contara a ela que podia levar um livro na mochila, só um, e então Kirsten havia pegado *Querida V.*, porque a mãe lhe dissera que ela não tinha permissão para ler. O irmão erguera a sobrancelha, mas não fizera objeção.

ALGUMAS CARTAS:

Querida V.,

Está frio em Toronto, mas gosto do lugar onde moro. Só não me acostumo com os dias nublados, prestes a nevar, quando o céu parece assumir uma cor laranja. Laranja. Sei que é apenas a luz da cidade refletida, mas é sinistro.

Tenho feito longas caminhadas ultimamente, porque depois do aluguel, da lavanderia automática e do mercado, não consigo suportar o trânsito de jeito nenhum. Ontem achei uma moeda brilhante na sarjeta e decidi que era um talismã. Vou colar a moeda nesta carta. Incrivelmente brilhante, não acha? Para comemorar meu décimo nono aniversário, na noite passada, fui ao centro da cidade dançar numa boate, cuja entrada custa cinco dólares. É irresponsável gastar cinco dólares para dançar quando estou trabalhando tão poucas horas no restaurante, mas, dane-se, gosto de dançar, ainda que eu não tenha a menor ideia do que estou fazendo e provavelmente dê a impressão de que estou tendo um ataque epiléptico. Voltei a pé para casa com meu amigo Clark e ele ficou falando sobre uma coisa experimental a que ele assistiu, em que os atores usavam máscaras gigantescas feitas de papel machê, o que pareceu bem legal, ainda que meio pretensioso. Eu disse isso para C., e ele respondeu: Sabe o que é pretensioso? Seu cabelo, e ele não estava querendo ser sacana, mas de manhã eu tinha feito o café da manhã para um de meus colegas de quarto em troca de um corte de cabelo, que não ficou ruim, eu acho. Meu colega de quarto está fazendo curso de cabeleireiro. O rabo de cavalo foi para o espaço! Você nem me reconheceria! Adoro esta cidade e também detesto, e sinto saudade de você.

— A.

Querida V.,

Noite passada, sonhei que estávamos na sua casa de novo, jogando mah jong (escrevi certo?) com sua mãe. Acho que na vida real só jogamos uma vez e sei que estávamos muito doidos, mas curti aqueles tabletezinhas. Hoje de manhã fiquei pensando naquilo que eu gostava da sua casa, aquela ilusão de ótica: o oceano, a imagem que a gente via da sala, quando o oceano parecia estar bem ali na frente, logo depois do gramado, mas, quando a gente saía, percebia que havia um penhasco entre a grama e a água, com aquela escada frágil que sempre me deixava morrendo de medo.

Não vivo propriamente chorando de saudades de casa, mas também não dá para dizer que não sinto falta. Passo muito tempo com Clark, que frequenta comigo as aulas de teatro, e acho que você ia gostar dele. C. tem um cabelo punk-rock, raspado pela metade, tingido de cor-de-rosa na parte que não foi raspada. Os pais de C. querem que ele faça faculdade de administração ou pelo menos tire o diploma de alguma profissão prática, qualquer que seja, e C. me contou que ele prefere morrer a fazer isso, o que parece um tanto radical, mas, por outro lado, lembro quando eu preferia morrer a ficar na ilha, então falei para ele que compreendia

perfeitamente. Tive uma aula boa esta noite. Espero que tudo esteja bem com você. Escreva em breve,

— A.

Querida V.,

Lembra quando ouvíamos música no seu quarto na casa do penhasco? Eu estava pensando em como era bonito aquele tempo, apesar de eu estar prestes a partir para Toronto e, portanto, também era triste. Lembro que ficava olhando para as folhas lá fora, pela sua janela, e tentava imaginar que olhava para arranha-céus e pensava como seria, se eu ia sentir saudade das folhas etc., e depois fui para Toronto e agora acabou que tem uma árvore bem na frente da minha janela e assim tudo o que vejo são folhas. Só que é um pé de ginkgo biloba e eu nunca vi nada parecido aí no oeste. É bonito. As folhas têm formato de leque.

— A.

Querida V.,

Sou um ator horrível, nesta cidade faz um frio de matar e sinto sua falta.

— A.

Querida V.,

Lembra aquela noite em que ficamos acordados para ver o cometa? O cometa Hyakutake, uma noite fria de verdade, em março, com geada na grama, lembro que sussurramos o nome várias vezes, Hyakutake, Hyakutake. Achei que era bonito, aquela luz parada lá no meio do céu. De todo modo, eu estava pensando nisso agora há pouco e queria saber se você também se lembra daquela noite, como eu. Aqui não dá para ver estrela nenhuma.

— A.

Querida V.,

Não contei para você, mas no mês passado, na aula de teatro, o professor me falou que achava que eu estava um pouco sem vida, o que é um jeito de dizer que acha que sou um ator horrível. Ele falou algo vago e quase gentil sobre como pode ser difícil melhorar o desempenho. Respondi: Então preste atenção em mim. E ele pareceu surpreso, meio que piscou para mim, e durante as três semanas seguintes me ignorou a maior parte do tempo. Mas noite passada eu estava fazendo meu monólogo e, quando olhei, ele estava me observando, mas observando mesmo, e me deu boa-noite pela primeira vez em semanas e eu fiquei com a sensação de que existe uma esperança. Sou como um homem numa cadeira de rodas que vê os outros passarem correndo. Consigo entender o que é representar bem, só que não consigo chegar lá, mas às vezes chego bem perto, V. Estou tentando.

Eu estava pensando na ilha. Parece um verbo conjugado no passado, como um sonho que tive um dia. Eu ando por essas ruas, vago para lá e para cá pelos parques, danço em boates e penso: “Um dia, eu estava caminhando pela praia com minha melhor amiga, V.; um dia, eu construí fortalezas de brinquedo com meu irmão caçula na floresta; um dia, tudo o que eu via

eram árvores e mais nada”, e todas essas coisas verdadeiras soam falsas, é como um conto de fadas que alguém leu para mim. Fico à espera de que o sinal passe do vermelho ao verde nas esquinas de Toronto e todo aquele lugar, a ilha, quero dizer, parece outro planeta. Não se ofenda, mas é assustador pensar que você ainda vive aí.

Seu,

— A.

Última carta, querida V., porque você não respondeu a nenhuma das minhas cartas em quatro meses e não escreveu nada mais longo do que um cartão-postal a cada cinco cartas minhas. Hoje saí de casa e as árvores estavam explodindo com as flores da primavera, e não é que eu pensei que você estava andando ao meu lado por essas ruas deslumbrantes? (V., desculpe, meu colega de quarto chegou num espírito generoso e com uma maconha excelente, além disso estou um pouco solitário e confuso, você não imagina o que é viver tão longe de casa, porque nunca vai sair daí, não é, V.?) Mais cedo, eu estava pensando que para conhecer esta cidade a gente primeiro precisa ficar sem nenhum tostão, porque sem nenhum tostão (mas nenhum tostão mesmo, estou falando em não ter nem dois dólares para pagar o metrô) a gente é obrigado a ir a pé para todo lado, e a gente vê melhor a cidade a pé. De todo jeito, vou ser ator e vou ser bom, isso é o importante, quero fazer algo notável, mas não sei o que é. Falei isso para um de meus colegas de quarto na noite passada e ele riu e disse que eu sou muito jovem, mas estamos ficando mais velhos e as coisas estão andando muito depressa. Já tenho dezenove anos.

Estou pensando em fazer um teste para um programa de treinamento de atores em Nova York.

Venho pensando em uma coisa, e vai parecer meio rude, me desculpe: você disse que sempre ia ser minha amiga, mas não é na verdade, é? Só me dei conta disso há pouco tempo. Você não tem nenhum interesse na minha vida.

Isto vai parecer ainda mais amargo, mas não é assim que me sinto, V., só estou mostrando um fato: você só me liga se eu ligar para você primeiro. Já percebeu? Se eu ligar e deixar um recado, você vai me retornar, mas você nunca vai tomar a iniciativa de me ligar.

E acho que isso é uma coisa meio horrível, V., quando a gente se imagina amigo de alguém. Eu sempre procuro você. Você sempre diz que é minha amiga, mas nunca me procura e acho que eu tenho de parar de dar atenção a suas palavras, V., e em vez disso devo levar em conta seus atos. Meu amigo C. diz que minhas expectativas de amizade são exageradas, mas não acho que ele tenha razão.

Cuide-se, V. Vou sentir saudades de você.

— A.

V.,

Faz anos (décadas?) desde a última vez que escrevi, mas penso muito em você. Foi bom vê-la no Natal. Eu não sabia que minha mãe ia convidar tanta gente. Ela sempre faz isso quando vou aí, acho que é para me exhibir, muito embora, se dependesse dela, eu nunca teria saído da ilha e estaria dirigindo o trator de limpar neve do meu pai. É estranho se ver jogado no meio de uma sala junto com todo mundo, mas foi maravilhoso ver você de novo e conversar um pouco, depois de tanto tempo. Quatro filhos! Não consigo imaginar.

Faz anos que não escrevo para alguém, na verdade, não só para você, e confesso que estou sem prática. Mas tenho novidades, ótimas novidades, e quando aconteceu, você foi a primeira pessoa para quem eu quis contar. Vou me casar. É uma coisa muito repentina. Não falei disso no Natal porque ainda não tinha certeza, mas agora tenho e parece absolutamente certo. O nome dela é Miranda e, na verdade, ela é da ilha, mas nos conhecemos em Toronto. É desenhista e faz umas coisas estranhas e maravilhosas, parecidas com histórias em quadrinhos. Ela vai se mudar para Los Angeles comigo, mês que vem.

Como foi que ficamos tão velhos, V.? Lembro-me do tempo em que nós construíamos fortalezas de brinquedo no bosque, aos cinco anos. Não podemos ser amigos outra vez? Sinto saudades imensas de você.

— A.

Querida V.,

Dias estranhos. A sensação de que a vida da gente parece um filme. Estou tão desorientado, V., que nem consigo lhe dizer. Em momentos inesperados, me flagro pensando: como é que vim parar aqui? Como é que acabei caindo nesta vida? Porque parece um desfecho improvável, quando olho para trás e recapitulo a sequência de fatos. Conheço dezenas de atores com mais talento do que eu e que nunca tiveram nada disso.

Conheci uma pessoa e me apaixonei. Elizabeth. Tem um encanto, uma beleza, porém mais importante do que isso é que tem uma espécie de leveza que eu não entendia que estava me faltando. Estuda história da arte quando não trabalha como modelo ou atua em filmes. Sei que é questionável, V. Acho que Clark sabe. Houve uma festa aqui em casa ontem à noite (algo muito constrangedor e imprudente, pensando bem, é uma longa história; na hora pareceu uma boa ideia) e a certa altura ergui os olhos e ele estava me olhando daquele jeito, como se eu o tivesse decepcionado de uma forma pessoal, e me dei conta de que ele tem razão de se sentir decepcionado. Eu também decepciono a mim mesmo. Não sei, V., tudo é uma confusão.

Seu,

— A.

Querida V.,

Clark veio jantar aqui ontem à noite, a primeira vez em seis meses, mais ou menos. Eu estava nervoso com a perspectiva de vê-lo, em parte porque agora acho Clark menos interessante do que quando tínhamos dezenove anos (indelicadeza minha admitir, mas não podemos ser francos a respeito da maneira como as pessoas mudam?), e também em parte porque da última vez que ele esteve aqui eu ainda estava casado com Miranda e Elizabeth não passava de uma convidada do jantar. Mas Elizabeth preparou galinha assada e fez sua melhor representação de uma esposa e dona de casa da década de 1950, e Clark acabou se encantando por ela, eu acho. Ela manteve a aparência mais radiante possível durante toda a noite, se mostrou absolutamente encantadora etc. Pelo menos dessa vez, não bebeu muito.

Lembra aquele professor de inglês que deu aula para a gente no ensino médio e que era doido por Yeats? O entusiasmo dele meio que contagiou você e recordo que durante um tempo você teve uma frase colada com fita adesiva na parede do quarto, na casa do lago, e ultimamente andei pensando naquela frase: O amor é como o dente do leão.

Seu,
— A.

— POR FAVOR, ME diga que está brincando — disse Clark quando Elizabeth Colton telefonou para falar sobre o livro.

Elizabeth não estava brincando. Ela ainda não o tinha folheado, só seria publicado dali a uma semana, mas soubera, por uma fonte confiável, que os dois apareciam no texto. Ela ficou furiosa. Estava pensando em entrar na justiça, mas não sabia a quem devia processar. O editor? V? Resolveu que não era razoável processar Arthur, por mais que a ideia lhe agradasse, porque aparentemente ele também não sabia do livro.

— O que ele diz sobre nós? — perguntou Clark.

— Não sei — respondeu Elizabeth. — Mas parece que fala em detalhes sobre os casamentos e as amizades dele. A palavra que meu amigo usou foi *impiedoso*.

— Impiedoso — disse Clark. — Isso pode significar qualquer coisa. — Mas provavelmente nada de bom, concluiu. Ninguém poderia ser definido como impiedosamente gentil.

— Pelo visto, ele gostava de descrever como eram as pessoas na vida dele. Pelo menos teve a gentileza de se mostrar aborrecido quando telefonei para ele. — Um chiado de estática no telefone.

— O título é *Querida B.*?

Clark estava anotando as informações. Isso aconteceu três semanas antes da pandemia. Eles ainda tinham o luxo indescritível de ficarem preocupados com a publicação de um livro que continha cartas.

— *Querida V.* É a amiga dele, Victoria.

— Ex-amiga, imagino. Vou telefonar para ele amanhã — disse Clark.

— Ele vai ficar enrolando, se esquivando, despistando — disse Elizabeth. — Ou talvez seja esse o jeito como fala comigo. Já aconteceu de você estar conversando com Arthur e ter a sensação de que ele está representando?

— Preciso ir — disse Clark. — Tenho uma reunião às onze horas.

— Vou a Nova York em breve. Talvez pudéssemos nos encontrar e conversar sobre isso.

— Certo, tudo bem. — Fazia anos que Clark não via Elizabeth. — Peça à sua secretária para falar com a minha e então a gente combina alguma coisa.

Quando desligou o telefone, *Querida V.* era a única coisa em que conseguia pensar. Saiu do escritório sem olhar para ninguém, mortificado de um jeito que o impedia de falar com os colegas — será que algum deles tinha lido o livro? — e saiu para a rua Vinte e Três. Queria rastrear imediatamente o *Querida V.* — sem dúvida, conhecia alguém que poderia obter um exemplar para ele —, mas não tinha tempo antes da reunião. Ele estava conduzindo o que chamavam de avaliação de 360 graus numa empresa de consultoria de abastecimento de água, perto da Grand Central Station.

Nos últimos anos, aquelas avaliações tinham se tornado sua especialidade. No centro de cada uma, estava um executivo que a empresa cliente desejava aprimorar e a quem eles se referiam, sem nenhuma ironia, como o alvo. Os alvos atuais de Clark incluíam um vendedor que ganhava milhões para a empresa, mas berrava com seus subordinados; uma advogada

evidentemente talentosa e que trabalhava até três horas da madrugada, mas por alguma razão não conseguia cumprir os prazos; um executivo de relações públicas cuja habilidade para lidar com os clientes só se equiparava a sua total incapacidade para lidar com a equipe de trabalho. Cada uma das avaliações de Clark envolvia entrevistar mais ou menos dez pessoas que trabalhavam muito próximas do alvo, apresentar a ele uma série de relatórios que consistiam de comentários anônimos coletados nas entrevistas — primeiro, comentários positivos, para atenuar o golpe das marretadas — e depois, na fase final do projeto, alguns meses de treinamento.

A rua Vinte e Três não estava muito movimentada — era um pouco cedo para o mar de gente do horário do almoço —, mas toda hora ele se via tolhido por zumbis de iPhone, gente com metade de sua idade que vagava em meio a um sonho, com os olhos cravados nas telas dos celulares. Clark empurrou de leve um ou dois deles, de propósito, caminhando mais depressa do que o habitual, aborrecido de um jeito visceral, o que lhe dava a sensação de estar dando murros na parede, ou correndo a toda velocidade, ou se jogando no meio de uma pista de dança, embora ele não fizesse isso havia duas décadas. Quando dançava, tinha um jeito de se requebrar quase fora do ritmo. Uma jovem parou de repente no alto da escada do metrô e Clark quase se chocou com ela, olhou-a com raiva ao passar — ela nem notou, hipnotizada pela tela de seu celular — e embarcou no vagão pouco antes de a porta fechar, o primeiro pequeno momento de graça do dia. Sentiu-se nervoso durante todo o caminho até a Grand Central Station, onde subiu a escada de dois em dois degraus, até um corredor de mármore logo depois do salão principal, atravessou rapidamente o ar de cheiro carregado do Grand Central Market e seguiu por uma passagem até o edifício Graybar.

— Desculpe pelo atraso — disse Clark a sua entrevistada, que encolheu os ombros e indicou para ele a cadeira das visitas.

— Se você acha que dois minutos são atraso, nós não vamos nos entender muito bem.

Aquilo era um sotaque do Texas? Dahlia tinha cerca de quarenta anos, cabelo curto arrepiado e óculos de armação vermelha que combinavam com o batom.

Clark fez a introdução e passou aos preâmbulos habituais, sobre o projeto de 360 graus que estavam fazendo, sobre o chefe dela, que era o alvo, sobre o fato de Clark estar entrevistando quinze pessoas, e de que tudo seria anônimo, os comentários seriam fragmentados e distribuídos em relatórios diferentes para os subordinados, os funcionários do mesmo nível e os superiores, com o mínimo de três em cada grupo etc. Ele escutava a própria voz a distância e ficou satisfeito ao notar que ela soava firme.

— Então, a questão — disse Dahlia —, se estou entendendo direito, é modificar meu chefe?

— Bem, avaliar áreas de fraqueza potencial — disse Clark.

Pensou em *Querida V.* de novo ao falar aquilo, porque a indiscrição não é a própria definição de fraqueza?

— Para modificá-lo — insistiu ela, com um sorriso.

— Suponho que podemos encarar dessa forma.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Não acredito na perfectibilidade do indivíduo — disse ela.

— Ah — respondeu Clark. A ideia que passou por sua cabeça foi que ela parecia um pouco velha demais para falar como um estudante de filosofia. — Mas e quanto ao aprimoramento do indivíduo?

— Não sei. — Ela se recostou na cadeira, de braços cruzados, refletindo sobre o assunto. Seu tom de voz era leve, mas Clark começava a se dar conta de que não havia nela nada de petulante. Lembrou-se de alguns comentários espontâneos que os colegas de Dahlia tinham feito sobre ela nas entrevistas anteriores, quando as perguntas de Clark focalizaram a equipe de trabalho. Alguém disse que ela era *um pouco diferente*. Outro, Clark lembrou, tinha usado a palavra *intensa*. — Você já faz isso há um bom tempo, não foi o que disse?

— Vinte e um anos.

— As pessoas que você treina, elas mudam de fato? Quero dizer, de algum jeito duradouro e importante?

Ele hesitou. Na verdade, aquilo era algo que ele se perguntava.

— Eles modificam o comportamento — respondeu —, alguns. Muitas vezes as pessoas simplesmente não têm a menor ideia de que são vistas como carentes de aprimoramento em alguma área, mas quando elas veem o relatório...

Dahlia fez que sim com a cabeça.

— Você faz uma distinção entre modificar as pessoas e modificar o comportamento, não é?

— Claro.

— Essa é a questão — disse Dahlia. — Aposto que você pode treinar o Dan e na certa ele vai apresentar algum tipo de guinada, vai melhorar em áreas concretas, mas vai continuar sendo um babaca sem alegria.

— Um babaca...

— Não, espere, não escreva isso. Deixe-me expressar de outra forma. Muito bem, vamos admitir que ele mude um pouco, é provável, se você treiná-lo, só que ele vai continuar a ser uma pessoa de sucesso, mas infeliz, que trabalha até nove horas da noite, toda noite, porque tem um casamento horrível e não quer voltar para casa, e não me pergunte como sei disso, *todo mundo* sabe quando a pessoa tem um casamento horrível. É que nem ter mau hálito, a gente chega perto da pessoa e fica evidente. E, sabe, estou indo bem aqui, mas estou falando de alguém que simplesmente parece sentir que deveria ter feito algo diferente na vida, sabe, é sério, quase qualquer outra coisa, na verdade... Foi demais?

— Não. Por favor. Prossiga.

— Muito bem, eu adoro meu trabalho, e não estou dizendo isso só porque meu chefe vai ver os comentários na minha entrevista, e aliás eu não acredito que ele não seja capaz de identificar quem falou isso ou aquilo, por mais anônimas que sejam as entrevistas. Mas, de todo modo, às vezes eu olho à minha volta e penso... Isso talvez pareça esquisito... É como se o mundo empresarial fosse repleto de fantasmas. E, de fato, deixe-me reformular isso, meus pais são acadêmicos e então eu pude assistir *àquele* show de horrores nas poltronas da primeira fila, sei que a universidade não é diferente, portanto talvez um modo mais justo de expressar minha ideia seja dizer que o mundo dos adultos está repleto de fantasmas.

— Desculpe, não tenho certeza de ter...

— Estou falando sobre essas pessoas que acabaram numa vida em vez de em outra e se sentem muito frustradas. Sabe do que estou falando? Elas fizeram o que esperavam delas. Querem fazer uma coisa diferente, mas agora é impossível, existem os filhos, a hipoteca, um monte de coisas, elas estão presas. Dan é assim.

— Então você acha que ele não gosta do que faz.

— Exato — respondeu Dahlia —, mas acho que ele nem se dá conta disso. Na certa você

encontra gente assim o tempo todo. Sonâmbulos de alto desempenho, basicamente.

O que havia naquele comentário que levou Clark a sentir vontade de chorar? Estava fazendo que sim com a cabeça, falando no tom mais neutro que podia.

— Você acha que ele se definiria como infeliz no trabalho?

— Não — respondeu Dahlia —, porque acho que pessoas como ele acreditam que o trabalho é mesmo uma coisa chata, com raros intervalos de felicidade, mas, quando digo felicidade, quero dizer sobretudo distração. Sabe o que quero dizer?

— Não, por favor, explique — pediu Clark.

— Muito bem, digamos que você entra na sala do cafezinho e lá estão umas pessoas de quem você gosta, digamos que alguém está contando uma história engraçada, você volta para sua mesa de trabalho com uma espécie de, não sei como dizer, acho que um *vestígio de alegria* seria uma definição. Você retorna para a mesa de trabalho com esse vestígio de alegria, mas aí, por volta das quatro ou cinco horas, o dia já se transformou em outro dia e você continua assim, esperando com ansiedade a chegada das quatro ou cinco horas, e depois o fim de semana, e depois as duas ou três semanas anuais de férias remuneradas, entra dia e sai dia, e isso é o que acontece com sua vida.

— Certo — disse Clark.

Naquele momento, ele estava cheio de uma tristeza inexprimível. No dia anterior, havia entrado na sala do cafezinho e ficara cinco minutos rindo com as impressões de um colega sobre um trecho do programa de televisão *Daily Show*.

— É isso que chamam de vida, eu diria. É isso que a maioria das pessoas chama de felicidade. Caras como o Dan são como sonâmbulos — disse Dahlia —, e nada é capaz de acordá-los.

Clark levou a entrevista até o fim, apertou a mão de Dahlia, saiu passando pelo saguão abobadado do edifício Graybar para a avenida Lexington. O ar estava frio, mas ele desejava ficar ao ar livre, longe das pessoas. Tomou um caminho comprido e tortuoso, desviou-se duas avenidas para o leste, rumo à relativamente tranquila Segunda Avenida.

Pensava no livro e no que Dahlia tinha dito sobre sonambulismo, e que ideia estranha lhe ocorreu: será que Arthur tinha visto que Clark era um sonâmbulo? Será que aquilo estava nas cartas para V.? Porque, de fato, ele vivia como um sonâmbulo, Clark se dava conta agora, movimentava-se meio adormecido enquanto cumpria as etapas da vida, e já fazia muito tempo, anos; não propriamente infeliz, mas quando tinha sido a última vez que ele encontrara uma alegria verdadeira em seu trabalho? Quando tinha sido a última vez que ele ficara de fato entusiasmado com alguma coisa? Quando tinha sido a última vez que experimentara espanto ou inspiração? De certo modo, gostaria de voltar e encontrar as pessoas do iPhone que havia empurrado na calçada, mais cedo, e pedir desculpas — perdoem, acabei de me dar conta de que estou tão minimamente presente neste mundo quanto vocês, não tenho direito de condenar ninguém — e queria também telefonar para todos os alvos de todos os relatórios de avaliação 360 graus e pedir desculpas a eles também, porque é uma coisa horrível aparecer no relatório de outra pessoa, ele agora via isso, é uma coisa horrível ser um alvo.

{ V. TORONTO }

HOUVE UM MOMENTO na Terra — improvável, se pensarmos agora, e na realidade mais breve do que um momento, no espectro geral da história humana, apenas um piscar de olhos — em que era possível ganhar a vida fotografando e entrevistando pessoas famosas. Sete anos antes do fim do mundo, Jeevan Chaudhary agendou uma entrevista com Arthur Leander.

Jeevan vinha trabalhando como paparazzo havia alguns anos e recebia razoavelmente bem, mas já estava cansado de perseguir celebridades, escondido atrás de canteiros de plantas na calçada, e ficar à espera durante horas, deitado dentro de carros estacionados, por isso vinha tentando se tornar jornalista no ramo do entretenimento, que ele considerava um trabalho desprezível, mas menos desprezível do que sua profissão atual.

— *Conheço esse cara* — disse ele para um editor que havia comprado algumas de suas fotografias no passado, quando o assunto Arthur Leander surgiu em uma mesa de bar. — Vi todos os filmes dele, alguns vi duas vezes. Já persegui o sujeito pela cidade inteira, fotografei suas esposas. Posso fazer com que ele fale comigo.

O editor concordou em lhe dar uma matéria, e assim, no dia marcado, Jeevan foi a um hotel e apresentou sua identidade e suas credenciais a uma jovem agente de relações públicas, postada na porta de uma suíte na cobertura.

— Você tem quinze minutos — disse ela, e o fez entrar.

A suíte tinha piso de parquê e era muito bem iluminada. Havia uma sala com canapés na mesa e vários jornalistas olhando fixamente para seus celulares, e outro quarto, onde estava Arthur. O homem que Jeevan acreditava ser o melhor ator de sua geração estava sentado numa poltrona estofada perto da janela que dava para o centro da cidade de Los Angeles. Jeevan, que tinha bom olho para coisas caras, registrou o peso das cortinas, o estofamento liso da poltrona, o corte do terno de Arthur. Jeevan continuava dizendo a si mesmo que não havia motivo para Arthur saber que fora ele que havia tirado a fotografia de Miranda, mas é claro que havia: tudo o que ele conseguia pensar era como tinha sido burro ao dizer seu nome para Miranda naquela noite. Toda a ideia de ser jornalista de entretenimento tinha sido um erro, agora aquilo ficara óbvio. Quando atravessou o piso de parquê, chegou a ter a ideia de simular um mal-estar repentino e cair fora dali, antes de Arthur erguer os olhos, mas o ator sorriu e estendeu a mão quando a relações-públicas fez as apresentações. O nome de Jeevan, pelo visto, não significava nada para Arthur, e seu rosto aparentemente também não expressou reconhecimento. Jeevan tinha se esforçado para mudar de aparência. Raspara as costeletas. Havia tirado as lentes de contato e usava óculos, e esperava com isso ter um aspecto mais sério. Sentou-se numa poltrona de frente para Arthur e colocou seu gravador na mesinha entre ambos.

Revira todos os filmes de Arthur nos dois dias anteriores e ainda fizera uma pesquisa substancial. Mas Arthur não queria falar sobre o filme em que estava trabalhando no momento, nem sobre o início de sua carreira ou sobre suas influências, nem sobre o que o levou a ser ator, nem se ainda se via como um estranho naquele ambiente, como dissera numa de suas primeiras entrevistas, alguns anos antes. Respondeu com monossílabos às primeiras três perguntas de Jeevan. Parecia zozzo e de ressaca. A impressão era de que fazia algum tempo

que não dormia bem.

— Então me diga — falou Arthur, depois de um silêncio que Jeevan achou incomodamente longo. A relações-públicas tinha colocado um cappuccino nas mãos de Arthur um momento antes. — Como é que uma pessoa se torna jornalista de entretenimento?

— Isso é uma dessas coisas pós-modernas? — perguntou Jeevan. — Você vira a mesa e passa a me entrevistar, como aquelas celebridades que tiram fotografias dos paparazzi?

Cuidado, pensou ele. Sua frustração com o desinteresse de Arthur em falar com ele azedava e se transformava em hostilidade e, por baixo daquilo, estavam à espreita uma porção de perguntas importantes, do tipo daquelas que o mantinham acordado durante a noite: entrevistar atores era melhor do que persegui-los pela rua? Que tipo de carreira jornalística era aquela? Que tipo de vida? Algumas pessoas conseguiam fazer coisas que eram verdadeiramente importantes. Algumas pessoas, seu irmão Frank, por exemplo, estavam cobrindo a guerra no Afeganistão para a Reuters. Jeevan não queria ser Frank, especificamente, mas não podia deixar de sentir que tinha feito uma série de escolhas erradas, em comparação com o irmão.

— Não sei — disse Arthur. — Estou só curioso. Como foi que começou nesse ramo de trabalho?

— Aos poucos, e depois, de repente.

O ator franziu a testa como se tentasse lembrar uma coisa.

— Aos poucos, e depois, de repente — repetiu. Ficou calado um momento. — Não, falando sério — disse ele, quebrando o silêncio. — Sempre tive curiosidade de saber o que leva vocês a fazer isso.

— Dinheiro, falando em termos gerais.

— Claro, mas não existem trabalhos mais fáceis? Toda essa história de jornalismo de entretenimento... Quero dizer, não acho que um cara como você seja igual aos paparazzi. — Obrigado por prestar tão pouca atenção, pensou Jeevan. — Sei que o que você faz não é a mesma coisa que o que eles fazem, mas já vi uns caras que... — Arthur ergueu a mão, conteve aquele pensamento e engoliu metade do cappuccino. A infusão de cafeína fez seus olhos abrirem de leve. — Já vi caras subirem em árvores — disse ele. — Não estou brincando. Isso aconteceu durante meu divórcio, mais ou menos na época em que a Miranda estava saindo de casa. Eu estava lavando a louça, olhei pela janela e lá estava um sujeito balançando no galho, com a câmera levantada.

— Você lava a louça?

— Sim, a empregada andava fofocando com a imprensa, por isso eu a demiti, e então a máquina de lavar louça quebrou.

— Desgraça pouca é bobagem, não é mesmo?

Arthur sorriu de leve.

— Gostei de você — disse ele.

Jeevan sorriu, constrangido ao perceber como se sentia lisonjeado com aquilo.

— É um ramo de trabalho interessante — disse ele. — Você conhece gente interessante.

E também algumas das pessoas mais chatas da face da terra, mas ele achou que um pouco de elogio não faria mal algum.

— Sempre me interessei pelas pessoas — disse Arthur. — O que as motiva, o que as estimula, essas coisas. — Jeevan procurou algum sinal de sarcasmo no rosto de Arthur, mas ele parecia absolutamente sincero.

— Eu também, na verdade.

— Só estou perguntando isso — disse Arthur — porque você não parece ser como a maioria de seus colegas.

— Não pareço? É mesmo?

— Quero dizer, você sempre quis ser um cara ligado ao entretenimento?

— Eu era fotógrafo.

— Que tipo de fotografia? — Arthur estava terminando seu cappuccino.

— Casamentos e retratos.

— E passou disso para escrever sobre pessoas como eu?

— Foi — respondeu Jeevan. — Passei.

— Por que fez isso?

— Estava de saco cheio de ir a casamentos. Paga melhor. Tem menos atrito. Mas por que está perguntando?

Arthur estendeu a mão sobre a mesa e desligou o gravador de Jeevan.

— Você sabe como estou cansado de falar sobre mim mesmo?

— Você dá muitas entrevistas.

— Demais. Não escreva que falei isso. Era mais fácil quando era só o teatro e a televisão. Um perfil ou um retrato ou uma entrevista de vez em quando. Mas a gente faz sucesso no cinema, e então, meu Deus, vira essa confusão toda. — Ergueu a xícara de cappuccino num gesto abrangente e Jeevan ouviu os saltos dos sapatos da relações-públicas estalando no piso atrás dele. — Desculpe — disse Arthur —, sei que parece um pouco desonesto reclamar de um trabalho como o meu.

Você nem tem ideia, pensou Jeevan. Você é rico e sempre será rico e, se quiser, pode parar de trabalhar agora mesmo e nunca mais voltar a trabalhar.

— Mas você faz filmes há anos — disse ele, com voz mais neutra.

— Pois é — respondeu Arthur. — Acho que ainda não me acostumei. Continua a ser uma coisa embaraçosa para mim, toda essa atenção. Digo para as pessoas que nem reparo mais nos paparazzi, mas reparo. É que não consigo mais nem olhar para eles.

E eu agradeço a gentileza, pensou Jeevan. Estava ciente de que seus quinze minutos estavam se esgotando depressa. Ergueu o gravador para que Arthur visse bem, apertou o botão de gravar e colocou o aparelho na mesinha entre ambos.

— Você fez um sucesso considerável — disse Jeevan. — E com isso, é claro, vem também certa perda de privacidade. É justo dizer que você acha difícil lidar com essa atenção toda?

Arthur suspirou. Cruzou as mãos, e Jeevan teve a impressão de que ele estava reunindo forças.

— Sabe — disse Arthur em tom claro e vivo, representando um novo personagem, do tipo que-se-dane-todo-mundo, que quando escutado mais tarde não pareceria a voz de um homem pálido que obviamente não dormia bem, com olheiras escuras e profundas. — Eu encaro isso como parte de um negócio, entende? Temos muita sorte por estar nesta posição, todos nós que ganhamos a vida como atores, e, francamente, acho pouco sinceras as reclamações sobre invasão de privacidade. Quero dizer, vamos falar a verdade agora: nós queríamos ser famosos, não é? Não se pode dizer que não sabíamos o que teríamos de enfrentar.

O discurso pareceu tirar algo de dentro dele. Arthur definiu visivelmente e aceitou um novo cappuccino da relações-públicas, com um gesto de agradecimento com a cabeça. Seguiu-

se um silêncio incômodo.

— Então, você simplesmente fugiu de Chicago — disse Jeevan, desorientado.

— Sim, foi isso. — Arthur estendeu o braço e desligou o gravador de Jeevan outra vez. — Diga-me uma coisa — falou. — Qual é seu nome mesmo?

— Jeevan Chaudhary.

— Se eu disser algo para você, Jeevan Chaudhary, quanto tempo eu tenho antes que isso apareça publicado?

— Bem — respondeu Jeevan —, o que você quer me dizer?

— Uma coisa que ninguém mais sabe, mas quero vinte e quatro horas, antes que seja publicado em qualquer lugar.

— Arthur — disse a relações-públicas, em algum ponto atrás de Jeevan. — Nós vivemos na era da informação. Vai sair nos sites de notícias de entretenimento antes mesmo que ele chegue ao estacionamento do hotel.

— Sou um homem de palavra — disse Jeevan.

Naquele ponto de sua vida sem rumo, ele não tinha certeza de que aquilo era verdade, mas era bonito pensar que podia ser.

— O que isso significa? — perguntou Arthur.

— Significa que faço o que digo que vou fazer.

— Muito bem, olhe aqui — disse Arthur —, se eu lhe contar uma coisa...

— Exclusividade garantida?

— Sim. Não vou contar para mais ninguém, sob a condição de que você me dê vinte e quatro horas.

— Combinado — disse Jeevan. — Posso lhe dar vinte e quatro horas antes que saia publicado.

— Não só antes que saia publicado. Vinte e quatro horas antes que você conte a quem quer que seja, porque não quero que nenhum sabidinho de onde quer que você trabalhe deixe escapar alguma coisa.

— Tudo bem — disse Jeevan. — Vinte e quatro horas antes que eu conte para quem quer que seja. — Ele estava gostando da intriga.

— Arthur — chamou a relações-públicas —, posso falar com você um momento?

— Não — disse Arthur. — Tenho de fazer isso.

— Não tem de fazer nada — disse ela. — Lembre com quem está falando.

— Sou um homem de palavra — repetiu Jeevan.

Dito pela segunda vez, aquilo soou um pouco mais tolo.

— Você é um jornalista — disse ela. — Não seja ridículo, Arthur...

— Tudo bem, escute — disse Arthur para Jeevan. — Vim direto do aeroporto para cá.

— Certo.

— Cheguei aqui duas horas antes, quase três na verdade, porque eu não queria ir para casa primeiro.

— Por que não...?

— Vou deixar minha mulher e me casar com Lydia Marks — disse Arthur.

— Ah, meu Deus — exclamou a relações-públicas.

Lydia Marks era a atriz principal do filme que Arthur tinha acabado de terminar em Chicago. Jeevan a tinha fotografado saindo de uma boate em Los Angeles, de olhos radiantes e

numa elegância quase inacreditável, às três da madrugada. Ela era o tipo de pessoa que gostava dos paparazzi e às vezes chegava a chamar os fotógrafos antecipadamente. Lydia tinha aberto para Jeevan um sorriso triunfante.

— Vai deixar a Elizabeth Colton — disse Jeevan. — Por quê?

— Porque preciso. Estou apaixonado por outra pessoa.

— E por que está me contando isso?

— Vou morar com Lydia Marks no mês que vem — disse ele —, e Elizabeth ainda não sabe. Vim para cá uma semana atrás, quando tive um dia de folga nas filmagens, especificamente para contar a ela, mas não consegui fazer isso. Olhe, o que você precisa entender sobre a Elizabeth é o seguinte: jamais aconteceu com ela nada de ruim.

— Nada?

— Não escreva isso em sua matéria. Eu não devia ter mencionado. A questão é que não fui capaz de contar para ela. Não consegui fazer isso nenhuma das vezes que conversamos por telefone e hoje também não consegui. Mas, se você me garantir que essa matéria só vai ser publicada amanhã, isso acaba me obrigando a falar, não é?

— Vai ser uma matéria delicada — disse Jeevan. — Você e a Elizabeth ainda são amigos e você só deseja o melhor para ela, não tem mais nada a comentar sobre o assunto e deseja que a privacidade dela seja respeitada neste momento difícil. É assim?

Arthur deu um suspiro. Pareceu bem mais velho do que seus quarenta e quatro anos.

— Pode dizer que foi decisão dos dois, para o bem dela?

— A separação foi de comum acordo e, uh, amigável... respeito considerável um pelo outro, e decidiram juntos que o melhor para ambos é seguirem caminhos separados, e você deseja privacidade neste, não sei, momento difícil?

— Perfeito.

— Quer que eu mencione o...?

Jeevan não terminou a frase, mas não precisava. Arthur se retraiu e olhou para o teto.

— Sim — respondeu ele, com voz tensa. — Mencione o bebê. Por que não?

— Sua prioridade é o filho, Tyler, cuja guarda vão compartilhar. Vou redigir a ideia de maneira menos desajeitada, pode deixar.

— Obrigado — disse Arthur.

ARTHUR AGRADECEU A ele, e depois o quê? No sofá do irmão, num arranha-céu no extremo da zona leste de Toronto, oito dias depois da morte de Arthur, Jeevan fitava o teto e tentava lembrar como aquilo havia terminado. Será que a relações-públicas tinha mesmo oferecido a ele um cappuccino? Não, não ofereceu, mas bem que teria sido gentil da parte dela. (Jeevan pensava bastante em cappuccino, porque era uma das coisas de que ele mais gostava, e lhe ocorrera que, se tudo estava tão mal quanto as notícias da televisão sugeriam, ele talvez nunca mais voltasse a beber um cappuccino. A gente cisma com cada coisa, pensou ele.) De todo modo, a relações-públicas: ela o acompanhou até a saída sem olhar para ele, fechou a porta na sua cara e de alguma forma aquilo ocorrera havia sete anos.

Jeevan estava deitado no sofá, acompanhando lampejos de memórias ao acaso e pensando em coisas como cappuccinos e cerveja, enquanto Frank trabalhava em seu mais recente projeto de ghost-writer, no caso as memórias de um filantropo cujo nome, por contrato, ele estava proibido de mencionar. Jeevan não parava de pensar em sua namorada, na sua casa em Cabbagetown, e se perguntava se voltaria a vê-la. Os celulares já haviam parado de funcionar, àquela altura. Seu irmão não tinha telefone fixo. Lá fora, o mundo estava acabando e a neve continuava a cair.

ELE MANTIVERA A palavra. Era um dos muito poucos momentos de sua vida profissional de que Jeevan se orgulhava. Não tinha contado para ninguém que Arthur e Elizabeth estavam se separando, absolutamente ninguém, durante vinte e quatro horas completas, após a entrevista.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Frank.

— Arthur Leander.

Muito antes, em outra vida, Jeevan tinha ficado à espera na porta da casa de Arthur, de madrugada, fumando cigarros e vigiando as janelas, atordoado pelo tédio. Certa noite, ludibriou a primeira mulher de Arthur e a fotografou numa cena pouco lisonjeira, e Jeevan ganhou um bom dinheiro com aquela fotografia, mas ainda se sentia mal por causa disso. A maneira como ela havia olhado para ele, perplexa e triste, com o cigarro na mão, o cabelo desganhado, com pontas em várias direções, a alça do vestido caída. Era estranho pensar naquilo agora, nessa cidade fria.

— VOCÊ PRECISA PARAR de cantar essa música — disse Frank.

— Desculpe, mas é a música perfeita.

— Não discordo, mas você tem uma voz horrível para cantar.

“It’s the End of the World”! E era mesmo o fim do mundo como eles o conheciam. Jeevan estava com aquela música grudada na cabeça havia muitos dias, desde quando aparecera na porta da casa do irmão com os carrinhos de compras. Por um tempo, viveram plantados na frente do televisor, vendo o noticiário, com o volume baixo, o murmúrio de uma ladainha de pesadelos que os deixava esgotados e cambaleantes, numa sonolência constante, entrando e saindo do sono. Como era possível morrer tanta gente e tão depressa? Os números pareciam impossíveis. Jeevan colou plásticos com fita adesiva em todas as aberturas e frestas de ar do apartamento e se perguntou se aquilo seria o bastante, se o vírus ainda conseguiria alcançá-los pelas brechas ou, de algum jeito, pela beirada das fitas adesivas. Cobriu as janelas com as toalhas de banho de Frank para evitar que a luz escapasse à noite, e empurrou o armário para a frente da porta. Às vezes, pessoas batiam e, quando isso acontecia, Jeevan e Frank ficavam em silêncio. Tinham medo de todos que não fossem eles. Por duas vezes, tentaram entrar à força, remexendo ao redor da fechadura com alguma ferramenta de metal, enquanto Frank e Jeevan aguardavam numa imobilidade desesperada, mas o ferrolho resistiu.

Os dias passaram rápido e as notícias continuavam, até que começou a parecer algo abstrato, um filme de horror que não terminava. Os locutores tinham um jeito de falar entorpecido, monótono. Às vezes choravam.

A sala de Frank ficava na quina do prédio, com vista para a cidade e também para o lago. Jeevan preferia a vista para o lago. Quando virava o telescópio de Frank para a cidade, ele avistava a via expressa, o que era perturbador. O tráfego andava muito lentamente durante os dois primeiros dias, carros puxando trailers, com caixas de plástico e malas amarradas no teto, mas na terceira manhã o congestionamento era absoluto e as pessoas começaram a caminhar entre os carros, com suas malas, seus filhos e cachorros.

No Dia Cinco, Frank ficou escrevendo em vez de ver o noticiário, porque achava que as notícias iam deixar os dois loucos, e àquela altura a maioria dos locutores nem eram mais locutores, mas pessoas comuns que trabalhavam para o canal de tevê e pareciam pouco à vontade em ficar do outro lado das câmeras, pessoas da administração, ou os próprios cinegrafistas, que falavam hesitantes diante das lentes, e então os países pararam de enviar

notícias, uma cidade de cada vez — nenhum relato de Moscou, depois nada de Pequim, depois Sydney, Londres, Paris etc., as redes sociais fervilhavam com rumores históricos —, e as notícias locais se tornaram cada vez mais locais, as estações caíam uma a uma, até que por fim o último canal que estava no ar começou a mostrar apenas uma imagem estática, na redação da emissora, os funcionários se revezavam, se postavam na frente da câmera e transmitiam qualquer informação que tivessem, e então, certa noite, Jeevan abriu os olhos às duas da madrugada e a redação estava vazia. Todo mundo tinha ido embora. Ele ficou olhando para o lugar vazio durante muito tempo.

Àquela altura, todos os outros canais só transmitiam estática e imagens de teste, exceto os que repetiam o tempo todo uma mensagem de emergência do governo, uma recomendação inútil sobre ficar em casa e evitar locais com aglomeração.

Um dia depois, alguém finalmente desligou a câmera na redação vazia, ou então a câmera parou de funcionar sozinha. E no dia seguinte, a internet saiu do ar.

Toronto estava ficando silenciosa. A cada manhã, o silêncio era mais profundo, o zumbido perpétuo da cidade se extinguia. Jeevan mencionou aquilo para Frank, que disse:

— Todo mundo está ficando sem gasolina.

A questão, Jeevan se deu conta, olhando para os carros parados na via expressa, era que, ainda que as pessoas não tivessem ficado sem gasolina, agora não poderiam ir para lugar algum. Todas as estradas deviam estar bloqueadas por carros abandonados.

Frank nunca parava de trabalhar. As memórias do filantropo estavam quase terminadas.

— Ele já deve ter morrido — disse Jeevan.

— É provável — concordou Frank.

— Por que continua escrevendo sobre ele?

— Assinei um contrato.

— Mas todo mundo que assinou o contrato...

— Eu sei — respondeu Frank.

Jeevan estava com seu celular inútil na mão, perto da janela. A mensagem de “sem serviço” brilhava na tela. Ele deixou o telefone cair no sofá e olhou para o lago. Talvez chegasse um barco e...

Nas tardes de silêncio no apartamento do irmão, Jeevan se pegava pensando em como a cidade é humana, como tudo é humano. Nós reclamamos de como o mundo moderno é impessoal, mas isso é mentira, era o que lhe parecia; nunca tinha sido impessoal, nem de longe. Sempre houve uma sutil e sólida infraestrutura de gente, todos trabalhando à nossa volta, sem serem notados, e, quando as pessoas param de trabalhar, todo o sistema emperra e para. Ninguém fornece gasolina aos postos de combustível ou aos aeroportos. Os carros ficam

parados, abandonados. Os aviões não podem voar. Os caminhões continuam nos pontos de origem. Os alimentos nunca chegam às cidades; os mercados fecham. As lojas ficam trancadas e depois são saqueadas. Ninguém vai trabalhar nas usinas de energia nem nas subestações, ninguém remove as árvores caídas nas fiações de eletricidade. Jeevan estava de pé junto à janela quando as luzes apagaram.

Houve um momento idiota em que ele ficou perto da porta da frente, apertando o interruptor de luz. Liga, desliga, liga, desliga.

— Pare com isso — disse Frank. Estava fazendo anotações nas margens de seu manuscrito, sob a luz turva filtrada pelas persianas. — Está me deixando maluco, assim.

Frank estava se escondendo em seu trabalho, Jeevan se deu conta, mas não podia censurar a estratégia do irmão. Se Jeevan tivesse um projeto de trabalho, também teria se escondido atrás dele.

— Pode ser só aqui em casa — disse Jeevan. — Talvez um fusível queimado no porão.

— Claro que não é só aqui em casa. A única coisa espantosa é que as luzes tenham demorado tanto tempo para apagar.

— É que nem na casa da árvore — disse Frank.

Isso aconteceu por volta do Dia Trinta, alguns dias depois que parou de correr água dentro dos canos. Eles passavam dias inteiros sem se falar, mas havia inexplicáveis momentos de paz. Jeevan nunca se sentira tão ligado ao irmão. Frank trabalhava nas memórias do filantropo e Jeevan lia. Passava horas examinando o lago pelo telescópio, mas o céu e a água estavam vazios. Nenhum avião, nenhum barco, e onde estava a internet?

Fazia muito tempo que ele não pensava na casa da árvore. Ficava no quintal da casa onde moravam, na infância, nos subúrbios de Toronto, e os dois passavam horas lá, com revistas em quadrinhos. Havia uma escadinha de cordas que podia ser içada a fim de evitar a chegada de invasores.

— Podemos esperar aqui por mais um tempo — disse Jeevan.

Estava controlando o suprimento de água, que ainda era razoável. Tinha enchido todos os recipientes do apartamento antes de as torneiras secarem, e mais recentemente havia coletado neve nas panelas e tigelas, sobre o parapeito da janela.

— Sim — disse Frank. — Mas e depois?

— Bem, vamos ficar aqui até que a luz volte ou a Cruz Vermelha apareça ou alguma outra coisa.

Ultimamente, Jeevan andava com uma queda para devaneios cinematográficos, imagens se amontoando e se sobrepondo, e seu filme favorito envolvia caminhar de manhã ao som de um alto-falante, o exército chegando e anunciando que tudo estava terminado, toda aquela história de gripe estava extinta, resolvida, tudo havia voltado ao normal. Ele ia tirar o armário da frente da porta, descer ao estacionamento, talvez um soldado lhe oferecesse uma xícara de café, desse um tapinha nas suas costas. Jeevan imaginava pessoas lhe dando os parabéns por ter se precavido ao armazenar comida.

— O que leva você a pensar que a luz vai voltar? — perguntou Frank, sem erguer os olhos.

Jeevan fez menção de responder, mas as palavras lhe faltaram.

ENTREVISTA DE KIRSTEN Raymonde, por François Diallo, bibliotecário da biblioteca de New Petoskey e editor do *New Petoskey News*. Ano Quinze, continuação:

DIALLO: Desculpe. Eu não devia ter perguntado a respeito da tatuagem das facas.

RAYMONDE: Está desculpado.

DIALLO: Obrigado. Mas eu fico em dúvida: será que eu podia lhe fazer perguntas sobre a calamidade?

RAYMONDE: Claro.

DIALLO: Você estava em Toronto, eu creio. Estava com seus pais?

RAYMONDE: Não. Naquela última noite, o Dia Um em Toronto, ou acho que era a Noite Um, não é isso? Bem, chame como quiser. Eu estava trabalhando numa montagem do Rei Lear e o ator principal tinha morrido em cena. O nome dele era Arthur Leander. Você lembra, já falamos sobre isso alguns anos atrás e você publicou o obituário dele num de seus jornais.

DIALLO: Mas talvez você não se importe, em benefício de nossos leitores...

RAYMONDE: Tudo bem. Ele teve um ataque do coração em cena, como eu estava dizendo. Não me lembro de muitos detalhes, porque não me lembro de muita coisa daquele tempo, mas conservei uma espécie de impressão dele, se isso faz sentido. Sei que era bom comigo e que tínhamos uma espécie de amizade, e me lembro muito claramente da noite em que ele morreu. Eu estava no palco, junto com duas meninas que faziam parte da produção, eu estava atrás de Arthur, portanto não via seu rosto. Mas lembro que houve certa comoção na frente do palco. Depois lembro que ouvi um barulho, um estalo forte, e foi a mão de Arthur que bateu na coluna de madeira compensada, perto da minha cabeça. Ele meio que tropeçou e caiu para trás, o braço abanou no vazio, e então um homem da plateia subiu no palco e correu na direção dele...

DIALLO: O misterioso espectador que conhecia técnicas de primeiros socorros e reanimação cardiopulmonar. Ele aparece no obituário do *New York Times*.

RAYMONDE: Ele foi gentil comigo. Sabe o nome dele?

DIALLO: Acho que ninguém sabe.

NO DIA QUARENTA e sete, Jeevan viu fumaça subindo ao longe. Não imaginava que o fogo fosse se espalhar muito, por causa de toda aquela neve, mas a ideia de incêndios numa cidade sem bombeiros ainda não havia passado por sua cabeça.

Às vezes, Jeevan ouvia tiros à noite. Nem as toalhas enroladas nem os plásticos nem as fitas adesivas podiam barrar o fedor que vinha do corredor de serviço, então mantinham as janelas abertas o tempo todo e se vestiam com várias camadas de roupa. Dormiam bem juntos, na cama de Frank, para se aquecer.

— Mais cedo ou mais tarde, teremos de sair — disse Jeevan.

Frank baixou a caneta e olhou pela janela, ao lado de Jeevan, na direção do lago e do céu frio e azul.

— Não sei para onde iríamos — disse ele. — Não sei como eu faria isso.

Jeevan se esticou sobre o sofá e fechou os olhos. Decisões precisariam ser tomadas em breve. Havia comida só para mais duas semanas.

Quando Jeevan olhava para a via expressa, a ideia que o atormentava era que seria impossível manobrar a cadeira de rodas de Frank no meio daquele emaranhado de carros parados. Teriam de tomar rotas alternativas, mas e se todas as ruas estivessem assim?

Fazia mais de uma semana que não ouviam ninguém passar no corredor de serviço, portanto naquela noite Jeevan resolveu se arriscar a sair do apartamento. Empurrou o armário para o lado, liberando a porta, e subiu a escada até o terraço. Depois de tantas semanas fechado em casa, sentiu-se exposto ao ar frio. O luar refletia nos vidros, mas não havia nenhuma outra luz. Uma beleza radical e inesperada, a metrópole silenciosa, nenhum movimento. Acima do lago, as estrelas estavam se apagando, se extinguindo uma de cada vez, atrás de uma barreira de nuvens. Ele sentiu o cheiro de neve no ar. Iriam embora, decidiu Jeevan, e usariam a tempestade para ocultá-los.

— Mas o que vai acontecer lá fora? — perguntou Frank. — Não sou idiota, Jeevan. Ouço o barulho dos tiros. Vi os noticiários antes de os canais de tevê saírem do ar.

— Não sei. Uma cidade, em algum lugar. Uma fazenda.

— Fazenda? Você é fazendeiro? Ainda que não estivéssemos no meio do inverno, Jeevan, fazendas funcionam sem eletricidade e sem sistemas de irrigação? O que você acha que vai nascer na primavera? O que você vai comer nesse meio-tempo?

— Não sei, Frank.

— Você sabe caçar?

— Claro que não. Nunca dei um tiro.

— Sabe pescar?

— Pare com isso — falou Jeevan.

— Depois que levei o tiro e me disseram que eu não ia mais andar e fiquei deitado na cama do hospital, passei muito tempo pensando na civilização. O que ela significa e o que acho que tem valor nela. Lembro que pensei que nunca mais queria ver uma zona de guerra enquanto eu vivesse. E ainda não quero.

— Ainda existe um mundo lá fora — disse Jeevan. — Fora deste apartamento.

— Acho que lá fora só existe a sobrevivência, Jeevan. Você deve sair e tentar sobreviver.

— Não posso deixar você assim.

— Vou embora primeiro — disse Frank. — Já pensei bastante sobre isso.

— O que você quer dizer? — perguntou, mas ele sabia o que Frank queria dizer.

RAYMONDE: Você ainda tem aquele obituário do Arthur Leander? Lembro que você me mostrou, há anos, mas não lembro se trazia o nome...

DIALLO: Se ainda tenho a penúltima edição do *New York Times*? Que pergunta. Claro que tenho. Mas, não, o nome não aparece. O homem que veio da plateia e fez a reanimação cardiopulmonar em Arthur Leander não é identificado. Em circunstâncias normais, teria havido uma reportagem no dia seguinte, é de imaginar. Alguém teria descoberto quem era ele, procurado o homem. Mas me diga o que aconteceu. O Sr. Leander caiu e depois...

RAYMONDE: Sim, ele desabou e depois um homem veio correndo pelo palco e percebi que tinha vindo da plateia. Estava tentando salvar o Arthur, fazia a reanimação cardiopulmonar, e aí chegaram os socorristas e o homem da plateia ficou sentado comigo, enquanto eles trabalhavam. Lembro que a cortina baixou e fiquei sentada no palco, olhando para os socorristas, e o homem da plateia conversou comigo. Ele era muito calmo, é isso que lembro sobre ele. Ficamos sentados nos bastidores por um tempo, até a pessoa responsável por mim me encontrar. Era a babá, eu acho. O trabalho dela era cuidar de mim e também das duas outras meninas que faziam parte do elenco.

DIALLO: Você lembra o nome dela?

RAYMONDE: Não. Lembro que ela estava chorando, até soluçava, e aquilo me fez chorar também. Ela limpou minha maquiagem e então me deu um presente, aquele peso de papel que mostrei para você um dia.

DIALLO: Você continua a ser a única pessoa que conheço que leva um peso de papel na mochila.

RAYMONDE: Não é tão pesado assim.

DIALLO: Parece um presente estranho para uma criança.

RAYMONDE: Eu sei, mas achei lindo. E ainda acho.

DIALLO: É por isso que o levou quando deixou Toronto?

RAYMONDE: Sim. Mas, como eu ia dizendo, ela me deu o presente e acho que acabamos nos acalmando. Lembro que, depois disso, ficamos no camarim jogando cartas e aí ela tentou várias vezes telefonar para meus pais, mas eles nunca chegavam.

DIALLO: Eles ligaram de volta para ela?

RAYMONDE: Ela não conseguiu localizar meus pais. Na verdade, eu não me lembro dessa parte, mas meu irmão me contou. No final, ela telefonou para o Peter, meu irmão, que estava em casa naquela noite. Ele disse que também não sabia onde eles estavam, mas disse que ela podia me levar para casa que ele ia tomar conta de mim. Peter era muito mais velho do que eu, tinha quinze ou dezesseis anos na época, então ele cuidava bastante de mim. A mulher me levou de carro para casa e me deixou lá.

DIALLO: E os seus pais...?

RAYMONDE: Nunca mais vi meus pais. Tenho amigos com histórias parecidas. As pessoas simplesmente desapareceram.

DIALLO: Eles estavam entre os primeiros, então, se isso ocorreu no Dia Um em Toronto.

RAYMONDE: Sim, devem ter estado. Às vezes me pergunto o que aconteceu com eles. Acho

que talvez tenham adoecido em seus locais de trabalho e foram para a emergência de algum hospital. Parece a hipótese mais provável. E, quando chegaram lá, bem, não posso imaginar como alguém poderia sobreviver em qualquer hospital.

DIALLO: Então você ficou em casa com seu irmão, esperando que eles voltassem.

RAYMONDE: Não sabíamos o que estava acontecendo. Por algum tempo, esperar pareceu fazer sentido.

— LEIA ALGUMA COISA para mim — disse Jeevan, no dia cinquenta e oito.

Estava deitado no sofá, olhando para o teto, e ora pegava no sono, ora acordava. Era a primeira coisa que dizia depois de dois dias de silêncio.

Frank pigarreou.

— Alguma coisa em especial?

Também fazia dois dias que ele não falava.

— A página que você está escrevendo agora.

— Sério? Quer ouvir os pensamentos de um filantropo, coberto de privilégios, acerca das obras de caridade dos atores de Hollywood?

— Por que não?

Frank pigarreou de novo.

— As palavras imortais de um filantropo cujo nome não estou autorizado a divulgar e de quem você, em todo caso, jamais ouviu falar — disse.

O que gosto de ver é quando atores usam sua fama de modo interessante. Alguns têm instituições de caridade, fazem coisas como tentar atrair a atenção geral para o apelo de mulheres e meninas no Afeganistão, ou tentar salvar o rinoceronte branco africano, ou então descobrem uma paixão pela alfabetização de adultos ou outra coisa qualquer. Todas são causas meritórias, é claro, e sei que a fama deles ajuda na divulgação.

Mas vamos ser francos. Nenhum deles entrou na indústria do entretenimento porque queria fazer o bem neste mundo. Falando por mim mesmo, nem pensava em caridade antes de alcançar o sucesso. Antes de ficarem famosos, meus amigos atores se limitavam a fazer testes e lutar para serem notados, aceitavam qualquer trabalho que aparecesse e apenas tentavam se virar como podiam. Representavam porque adoravam fazer isso, mas também, sejamos honestos, porque adoravam ser notados. A única coisa que desejavam era serem vistos.

Ultimamente, ando pensando na imortalidade. No que significa ser lembrado e pelo que desejo ser lembrado, e outras questões relativas à fama e à memória. Adoro filmes antigos. Vejo na tela os rostos de pessoas que morreram muito tempo atrás e penso que elas nunca vão morrer de fato. Sei que isso é um clichê, mas, no caso, é mesmo verdade. Não só os famosos, que todo mundo conhece, os Clark Gable, as Ava Gardner, mas também os atores secundários, a empregada que traz uma bandeja, o mordomo, os caubóis no bar, a terceira garota, da esquerda para a direita, na boate. Todos eles são imortais para mim. Primeiro, só desejamos ser vistos, porém quando somos vistos, isso já não é mais suficiente. Depois, queremos ser lembrados.

DIALLO: Como foram aqueles últimos dias antes de você ir embora de Toronto?

RAYMONDE: Fiquei no porão vendo televisão. O bairro estava ficando deserto. Peter saía à noite, para roubar comida, eu acho, e então, certa manhã, ele disse: “Kiki, a gente tem de ir embora.” Fez uma ligação direta num automóvel que os vizinhos tinham abandonado e viajamos de carro por um tempo, mas acabamos barrados pelo engarrafamento. Todos os viadutos para a via expressa estavam bloqueados por automóveis abandonados, as estradas vicinais também. No fim, a gente teve de ir a pé, como todo mundo.

DIALLO: Para onde foram?

RAYMONDE: Para o leste ou para o sul. Demos a volta no lago e descemos para os Estados Unidos. A fronteira estava aberta, a essa altura. Todos os guardas tinham ido embora.

DIALLO: Vocês tinham um destino determinado?

RAYMONDE: Não. Acho que não. Mas a opção era ir embora ou esperar em Toronto, e o que estaríamos esperando?

JEEVAN RESOLVEU SEGUIR pela margem do lago. A praia era só de cascalho e pedras, difícil de andar debaixo de neve, no crepúsculo. Ele tinha medo de torcer o tornozelo e não gostava das pegadas que ia deixando para trás, mas estava decidido a se manter afastado das estradas, o máximo que pudesse. Queria muito evitar outras pessoas.

Em sua última noite no apartamento, ficou parado junto à janela, observando a via expressa através do telescópio. Em três horas de observação, tinha visto apenas duas pessoas, ambas andavam para longe do centro, furtivas, olhando para trás, por cima dos ombros. Em todos os momentos daquelas horas, Jeevan tinha consciência do silêncio que provinha do quarto de Frank. Havia verificado duas vezes se o irmão não estava mesmo respirando, sabia que conferir uma segunda vez era irracional, mas seria terrível para Frank acordar ali sozinho. Ele sentira um desmoronamento vertiginoso, o penhasco desabara embaixo de seus pés, porém conservava a sanidade graças à pura força de vontade. Ele não estava bem, mas alguém estava?

Enquanto esperava o dia terminar, ficou sentado diante da mesa de trabalho de Frank, olhando para o lago. Tentava manter a tranquilidade naqueles últimos momentos, ali no apartamento do irmão, onde ficara por tanto tempo. Frank deixara seu manuscrito sobre a mesa. Jeevan localizou a página que ele estava escrevendo, os pensamentos de um filantropo sobre a fama e os filmes antigos. A caligrafia impecável de Frank, no alto da página: *Ultimamente, ando pensando na imortalidade*. Então aquela frase era de Frank e não do filantropo? Impossível saber. Jeevan dobrou a folha de papel e pôs no bolso.

Logo depois do pôr do sol, saiu do apartamento com uma mochila empoeirada que Frank costumava levar para caminhadas, em seus tempos de passeios, antes da lesão na medula espinhal. A existência da mochila era um mistério. Será que Frank imaginava que, um dia, ia voltar a andar? Tinha planos de dar a mochila para alguém? Quando a última luz se extinguiu acima do lago, Jeevan empurrou para o lado o armário que bloqueava a porta, saiu para o corredor horrendo, com seu fedor de morte e lixo, e desceu a escada no escuro. Ficou alguns minutos parado atrás da porta que dava para a portaria, escutando com atenção, antes de abri-la e esgueirar-se com o coração aos pulos. A portaria estava deserta, mas as portas de vidro tinham sido espatifadas.

O mundo havia esvaziado desde a última vez que ele o vira. Não identificou nenhum movimento na praça ou na rua, nem na via expressa, distante. Um cheiro de fumaça no ar, com um toque de química, que remetia a escritórios e casas incendiadas. Porém o mais chocante era a ausência absoluta de luz elétrica. Certa vez, quando tinha vinte e poucos anos, Jeevan estava andando pela Yonge Street por volta das onze horas da noite quando todas as luzes da rua apagaram. Por um instante, a cidade inteira desapareceu à sua volta, e então as luzes voltaram a acender tão depressa que parecia uma alucinação e todos na rua perguntavam a seus companheiros se também tinham visto aquilo — “Só eu que vi?” — e naquele momento sentiram um calafrio diante da ideia de uma cidade às escuras. Estava tão assustador quanto ele havia imaginado. Tudo o que queria era escapar.

Era noite de lua crescente. Ele andou o mais silenciosamente possível, a mochila pesando

em suas costas a cada passo. Evitou as rodovias o máximo que conseguiu. O lago à sua esquerda, a água preta cintilando. A orla era pálida à meia-luz. Impossível não pensar em Frank, deitado imóvel na cama, um frasco vazio de soníferos na mesinha de cabeceira, mas agora ele não deveria ocupar a mente com o irmão, porque cada barulho poderia significar o fim de tudo, cada sombra poderia esconder alguém com uma arma, alguém que estaria querendo sua mochila. Percebeu seus sentidos se aguçando, um foco absoluto assumindo o controle. Era isso mesmo que seria necessário.

Havia alguma coisa no lago, uma forma branca boiando. Um veleiro, decidiu ele, provavelmente o mesmo que tinha visto do apartamento semanas antes, e provavelmente não havia ninguém a bordo. Ele seguiu andando e a cidade continuava empurrando-o para longe do lago. Escalou barragens e percorreu as ruas que margeavam o lago, até que conseguiu voltar para a água, até que finalmente a cidade ficou para trás. De quando em quando ele parava para ouvir, mas tudo o que conseguia escutar era a água na orla pedregosa, uma brisa suave.

Após algumas horas, ele ouviu tiros ao longe, dois ruídos agudos e breves, e então a noite se fechou sobre os sons, e agora havia somente Jeevan, somente a água, somente almas assustadas que porventura tivessem permanecido ali. Ele gostaria de poder correr mais depressa.

A lua estava baixando. Jeevan passava ao lado de uma área industrial devastada. Então lhe ocorreu que estava muito cansado e também que seria perigoso dormir. Por algum motivo, não tinha parado para pensar em como seria cair no sono ali fora, desprotegido. Estava com frio. Já não conseguia mais sentir os dedos dos pés, nem a língua, porque vinha pondo neve na boca a fim de se manter hidratado. Colocava uma pitada de neve na língua e pensava no tempo em que fazia sorvete de neve com Frank e sua mãe, quando eram pequenos — “Primeiro a gente bate junto com baunilha” —, Frank de pé em cima de um banco, sobre suas pernas maravilhosamente funcionais, antes da Líbia; a bala que ia seccionar sua medula espinhal ainda estava a vinte e cinco anos de distância, mas já se aproximava: uma mulher estava dando à luz uma criança que, um dia, ia puxar o gatilho de uma arma, um projetista desenhando a arma ou seu percussor, um ditador tomando uma decisão que, quando a hora chegasse, ia deflagrar o conflito do outro lado do oceano que Frank teria de cobrir para a agência de notícias Reuters, as peças de um esquema já se movimentavam e se aproximavam, para afinal se encaixarem.

Jeevan sentou-se num tronco seco para ver o nascer do sol. Imaginou o que poderia ter acontecido com sua namorada. Ela parecia muito distante. Pensou na sua casa e imaginou se algum dia a veria outra vez, para quase no mesmo instante entender que isso não aconteceria. Quando o céu clareou, ele construiu um abrigo de troncos secos e sacos de lixo, que havia trazido, uma estrutura provisória que barrava o vento e, vista de longe, assim esperava, daria a impressão de um monte de lixo. Abraçou-se a sua mochila e caiu num sono entrecortado.

Quando acordou mais tarde, naquela manhã, houve um momento em que não sabia onde estava. Nunca na vida sentira tanto frio.

Caminhou durante cinco dias antes de ver uma pessoa. Primeiro, a solidão foi um alívio — tinha imaginado um mundo sem lei, pensara mil vezes que iam roubar sua mochila e abandoná-lo sem suprimentos, para morrer de fome. Porém, à medida que os dias passavam, o significado do vazio começou a se definir melhor para ele. A Gripe da Geórgia foi tão eficiente que não havia sobrado quase ninguém.

Mas no quinto dia ele avistou pessoas ao longe, na praia, e seu coração deu um pulo. Estavam indo na mesma direção que Jeevan. Manteve-se mais ou menos um quilômetro e meio atrás deles, durante o dia todo. Ao cair da noite, fizeram uma fogueira na praia e Jeevan resolveu arriscar. Eles ouviram seus passos e ficaram olhando enquanto ele se aproximava. Jeevan parou a uns seis metros de distância, ergueu as mãos para mostrar que não estava armado, falou uma palavra de saudação e esperou até que um deles fizesse um gesto para Jeevan se aproximar. Eram dois homens de dezenove ou vinte anos e uma mulher mais velha — Ben, Abdul e Jenny —, cansados e exauridos, à luz do fogo. Tinham caminhado um dia a mais do que ele, atravessaram a cidade toda, desde os subúrbios do norte.

— Tem muito crime na cidade?

— Claro — respondeu Abdul. Era magro e nervoso, o cabelo comprido chegava aos ombros, enrolava um cordão no dedo enquanto falava. — Anarquia, não é? Nenhuma polícia. Coisa medonha.

— Mas, na verdade, não tem tanto crime quanto era de se esperar — disse Jenny. — Não tem tanta gente assim.

— Foram embora ou estão todos...?

— Se a pessoa ficou doente — disse Ben —, morreu em vinte e quatro horas. — Ele sabia do que estava falando. A namorada, os pais e as duas irmãs tinham morrido na primeira semana. Ele não conseguia explicar por que não havia morrido também. Tinha cuidado de todos eles, porque no Dia Três todos os hospitais já estavam fechados. Cavou cinco sepulturas no quintal de casa.

— Você deve ser imune — disse Jeevan.

— É. — Ben olhava fixamente para as chamas. — Sou a pessoa mais sortuda que existe, não sou?

Viajaram juntos durante quase uma semana, até chegarem a um ponto em que Jeevan queria continuar seguindo o lago enquanto os outros três queriam dobrar para o oeste, rumo à cidade onde a irmã de Jenny morava. Discutiram a questão durante uma ou duas horas. Jeevan estava convencido de que se aventurar em uma cidade era um erro, mas os outros discordavam, Jenny

tinha receio de nunca mais ver a irmã, e no fim desejaram sorte uns aos outros e tomaram caminhos diferentes. Enquanto caminhava sozinho, Jeevan sentiu que desaparecia na paisagem. Era uma coisa pequena, insignificante, vagando desgarrado pela margem. Nunca se sentira tão vivo e tão triste.

Alguns dias depois, houve uma manhã clara em que ele ergueu os olhos e avistou Toronto do outro lado do lago, fantasmagórica àquela distância. A ponta azul e fina de uma torre perfurava o céu, uma cidade de vidro. De longe, parecia uma visão de conto de fadas.

Às vezes, cruzava com outros viajantes, mas muito poucos. Quase todo mundo ia para o sul.

— Até parece aqueles filmes de catástrofe — tinha dito para Frank, já fazia agora mais de dois meses, na terceira ou quarta noite no apartamento. Eram os dias anteriores ao fim da televisão. Estavam atordoados pelo horror, mas a ideia ainda não havia penetrado a fundo em suas mentes, nem de longe, e naquela noite houve uma espécie de vertigem horrorosa. Todos os sinais indicavam que o centro não estava resistindo. “Isso está mesmo acontecendo?”, perguntavam um para o outro. Mas tinham água e comida, estavam pelo menos momentaneamente seguros e não estavam doentes.

— Sabe — dissera Jeevan —, na versão para o cinema, há o apocalipse e depois...

— O que leva você a pensar que vamos conseguir chegar ao que vem depois?

Frank era sempre tremendamente calmo em relação a tudo.

Aquela paisagem silenciosa. Neve e automóveis parados, com coisas terríveis em seu interior. Passar por cima de cadáveres. A estrada parecia perigosa. Jeevan a evitava, mantinha-se o máximo possível na floresta. Na estrada, tudo que havia eram viajantes que passavam com fisionomias de neuróticos de guerra, crianças com cobertores por cima do casaco, pessoas sendo mortas pelo que traziam na mochila, cachorros esfomeados. Jeevan ouvia tiros nas cidades, por isso as evitava também. Entrava e saía sorrateiramente de casas de campo, em busca de comida enlatada, enquanto os donos jaziam mortos no primeiro andar.

Estava ficando cada vez mais difícil continuar a ser quem ele era. Jeevan tentava repetir uma ladainha de fatos biográficos enquanto caminhava, tentando se ancorar a esta vida, a esta terra. Meu nome é Jeevan Chaudhary. Era fotógrafo e depois me preparei para ser paramédico. Meus pais eram George de Ottawa e Amala de Hyderabad. Nasci no subúrbio de Toronto. Tinha uma casa na Winchester Street. Mas aqueles pensamentos se desmancharam em sua cabeça e foram substituídos por fragmentos estranhos: Isto é minha alma e o mundo se

desenrolando, isto é meu coração no ar parado do inverno. Por fim, sussurrava as mesmas duas palavras, muitas e muitas vezes: “Continue andando. Continue andando. Continue andando.” Ergueu a cabeça e encontrou os olhos de uma coruja, que o observava, pousada num galho coberto de neve.

DIALLO: E então você foi embora, ficou simplesmente andando sem nenhum destino em mente?

RAYMONDE: Até onde sei, foi assim. Na verdade, não me lembro de nada daquele ano.

DIALLO: Nada?

RAYMONDE: Absolutamente nada.

DIALLO: Bem, o choque deve ter sido muito grande.

RAYMONDE: Claro, mas depois acabamos parando numa cidade e, daí em diante, me lembro de tudo. A gente pode se acostumar com tudo. Na verdade, acho que foi mais fácil para as crianças.

DIALLO: As crianças pareciam supertraumatizadas.

RAYMONDE: Na época, é claro. Todos estavam. Mas e dois anos depois? Cinco anos? Dez? Olhe, eu tinha oito anos. Nove, quando paramos de caminhar. Não consigo lembrar aquele ano que passamos na estrada e acho que isso significa que não me lembro do pior de tudo. Mas minha tese é a seguinte: não parece a você que as pessoas que passaram pelo pior nesta... nesta era atual, chame como quiser... no mundo depois da Gripe da Geórgia, não parece provável que as pessoas que mais tiveram de lutar são aquelas que se lembram com mais clareza do mundo antigo?

DIALLO: Eu não tinha pensado nisso.

RAYMONDE: O que quero dizer é que, quanto mais a gente lembra, mais a gente perdeu.

DIALLO: Porém você se lembra de algumas coisas...

RAYMONDE: Mas é tão pouco. Minhas memórias de antes da calamidade parecem sonhos agora. Me lembro de olhar pela janela de um avião, deve ter acontecido no último ano, ou no ano anterior, e ver lá embaixo a cidade de Nova York. Você já viu isso?

DIALLO: Sim.

RAYMONDE: Um mar de luzes elétricas. Me dá um arrepio só de pensar. Na verdade, não me lembro dos meus pais. Só tenho umas impressões. Lembro o ar quente que saía da grade da calefação no inverno e as máquinas que tocavam música. Lembro como eram os computadores, com a tela acesa. Lembro como a gente podia abrir a geladeira e o ar frio e a luz se derramavam em cima da gente. Ou os congeladores, mais gelados ainda, com aqueles cubinhos de gelo, em bandejinhas. Você se lembra dos congeladores?

DIALLO: Claro. Já faz muito tempo que vi um deles servir para outra coisa que não ser usado como um armário.

RAYMONDE: E tinham uma luz interna, além do frio, não era? Não estou imaginando isso, estou?

DIALLO: Tinham uma luz interna.

VI. OS AVIÕES

QUANDO KIRSTEN E August saíram da casa no bosque, quando arrastaram e carregaram suas malas novas entre as árvores na direção da estrada, houve um momento em que Kirsten parou e ficou olhando para trás, para a estradinha que levava para a casa, onde o mato estava alto, enquanto August organizava sua carga — passou os livros de poesia e as garrafas de água da mochila para dentro da mala de rodinhas, a fim de diminuir o peso nas costas — e, se não fossem as provas físicas e concretas, as malas cheias de toalhas, xampus, e aquela embalagem de sal que eles acharam na cozinha, o vestido de seda azul que ela estava usando e o volume da nave espacial *Enterprise* no bolso do colete de August, Kirsten talvez achasse que os dois tinham imaginado a casa.

— Uma casa que não foi saqueada — disse August, quando voltaram a andar. As rodinhas da mala estavam emperradas e Kirsten não gostava do barulho que elas faziam na estrada, mas, a não ser por isso, as malas estavam perfeitas. — Nunca imaginei que ia ver outra mala.

— Foi incrível. Quase quis trancar a porta atrás de nós.

Morar numa casa seria assim, ela se deu conta. A gente saía e trancava a porta e ficava com a chave o dia inteiro. Dieter e Sayid provavelmente recordavam como era morar em casas e guardar a chave no bolso. Todos os pensamentos levavam a eles.

August acreditava na teoria dos universos múltiplos. Afirmava que a tese tinha respaldo rigoroso na física, como ele dizia: se não exatamente na física dominante, então nos confins da mecânica quântica, ou, de um jeito ou de outro, não se tratava absolutamente de uma teoria maluca que ele mesmo tinha inventado.

— Acho que eu não tenho a menor ideia do que se trata — dissera o tocador de tuba quando Kirsten lhe pedira uma confirmação daquilo, alguns anos antes.

Ninguém tinha a menor ideia. Nenhum dos membros mais antigos da Sinfonia sabia grande coisa sobre ciência, o que era mesmo de enlouquecer, tendo em vista quanto tempo aquelas pessoas tiveram à disposição para pesquisar as coisas na internet antes de o mundo acabar. Gil havia oferecido uma lembrança vaga sobre um artigo que lera um dia, algo sobre a maneira como as partículas subatômicas constantemente desaparecem e reaparecem, o que significava, ele supunha, que existia outro lugar onde se podia existir, o que ele imaginava sugerir que, teoricamente, uma pessoa era capaz de estar ao mesmo tempo presente e ausente, talvez levando uma vida de sombra, em um ou dois universos paralelos.

— Mas, olhe, nunca fui um cara entendido em ciência — dissera ele.

Em todo caso, August gostava da ideia de um número infinito de universos paralelos, perfilados em todas as direções. Kirsten imaginava aquele sistema como algo semelhante aos planos sucessivos que se formam quando dois espelhos se refletem, as imagens ficando mais verdes e mais nebulosas a cada repetição, até desaparecerem no infinito. Tinha visto aquilo, certo dia, numa loja de roupas, num shopping abandonado.

August disse que, em razão do número infinito de universos paralelos, tinha de existir um universo em que não havia ocorrido nenhuma pandemia, e onde ele se tornara físico, como havia planejado, ou um mundo em que houvera uma pandemia, mas o vírus tivera uma estrutura genética sutilmente diferente, uma minúscula variação que o tornava não letal, ou pelo menos um universo em que a civilização não tinha sido tão brutalmente interrompida. Os dois estavam conversando sobre isso no final da tarde, no alto de uma barragem, onde descansavam e folheavam uma pilha de revistas que Kirsten havia trazido da casa.

— Num universo alternativo — disse August —, você estaria nas fotos dos tabloides. Esta aqui não é uma das viúvas do seu ator?

— Será? — Kirsten pegou a revista da mão dele.

Lá estava a terceira esposa de Arthur, Lydia, fazendo compras em Nova York. Usava sapatos instáveis e carregava uma dúzia de sacolas de compras. A pandemia ia atingir a América do Norte dali a menos de um mês. A imagem era interessante, mas não o bastante para se somar à sua coleção.

Na última revista, Kirsten achou outra ex-mulher. A fotografia de uma mulher de quase quarenta anos, ou quarenta e poucos anos, com o chapéu inclinado de modo a cobrir o rosto, fitando a câmera enquanto saía de um edifício:

Reacendendo a chama???

PUXA, ALÔ, MIRANDA! MIRANDA CARROLL, EXECUTIVA DE UMA EMPRESA DE NAVEGAÇÃO E PRIMEIRA MULHER DO ATOR ARTHUR LEANDER, DESPERTOU CURIOSIDADE COM SUA SAÍDA FURTIVA PELA PORTA DOS FUNDOS DO TEATRO DE TORONTO ONDE LEANDER ESTÁ REPRESENTANDO O PAPEL PRINCIPAL NA PEÇA *REI LEAR*. UMA TESTEMUNHA DISSE QUE OS DOIS FICARAM SOZINHOS NO CAMARIM DE LEANDER DURANTE QUASE UMA HORA! “FICAMOS TODOS UM POUCO SURPRESOS”, DISSE A TESTEMUNHA.

— Acho que eu estava lá — disse Kirsten. — Eu devia estar nesse prédio naquele momento.

Atrás de Miranda, ela viu apenas uma porta de aço, a parede de pedra de um prédio. Será que ela havia passado por aquela porta? Devo ter passado, pensou Kirsten, e gostaria de poder lembrar.

August examinou a foto com interesse.

— Você se lembra de ter visto essa mulher lá?

A impressão de um caderno para colorir, o cheiro de lápis de cor, a voz de Arthur, uma sala aquecida com um tapete vermelho, luz elétrica. Não havia uma terceira pessoa na sala? Kirsten não tinha certeza.

— Não — disse ela. — Não me lembro dela.

Cortou a fotografia da página, deixando de lado o texto.

— Olhe só a data — disse August. — Duas semanas antes do apocalipse!

— Pois é, ainda bem que pelo menos as fofocas de celebridades sobreviveram.

Não havia mais nada nas outras revistas, mas aquela descoberta era notável, era o bastante. Separaram duas revistas para acender a fogueira mais tarde e enterraram as outras embaixo de folhas.

— Seria você a aparecer nas fotos desses tabloides — disse ele, retomando o tema dos

universos paralelos. — Quer dizer, é você que aparece nas fotos no universo paralelo onde a calamidade não aconteceu.

— Ainda acho que você inventou a teoria dos universos paralelos — disse ela, mas uma das poucas coisas que August não sabia a respeito de Kirsten era que às vezes, quando ela olhava sua coleção de fotografias, tentava imaginar e situar a si mesma naquela outra vida de sombra.

Ela entra na sala, aperta o interruptor e a sala se enche de luz. Coloca o lixo dentro de sacos na beira da calçada e um caminhão vem e o transporta para um lugar invisível. Quando ela está em perigo, chama a polícia. Água quente jorra das torneiras. Ela pega o fone ou aperta um botão no telefone e pode falar com qualquer um. Toda a informação do mundo reunida na internet, e a internet está em toda a volta, circula no ar como o pólen ou como a brisa de verão. Existe dinheiro, tiras de papel que podem ser trocadas por qualquer coisa: casas, barcos, dentes perfeitos. Existem dentistas. Kirsten tentava imaginar aquela vida transcorrendo em algum lugar, no momento presente. Alguma Kirsten paralela, num quarto com ar-condicionado, acordando de um sonho perturbador, em que andava sem rumo numa paisagem devastada.

— Um universo paralelo onde inventaram a viagem espacial — disse August.

Era uma brincadeira que faziam havia dez anos. Agora estavam deitados de barriga para cima, sedados pelo calor. Ramos de bétula balançavam na brisa, a luz do sol filtrada pelo verde. Kirsten estava de olhos fechados e observava as silhuetas das folhas flutuando por trás das pálpebras.

— Mas a viagem espacial foi inventada, não foi? Já vi fotografias.

A mão de Kirsten se moveu até a cicatriz em sua bochecha. Se existiam universos melhores, também deviam existir outros piores. Universos em que ela se lembrava de seu primeiro ano na estrada, por exemplo, ou em que ela se lembrava do que havia causado a cicatriz em seu rosto, ou em que ela se lembrava de como havia perdido mais de dois dentes.

— Nós só chegamos até aquela lua cinzenta — disse August. — Mais nenhum lugar, nunca fomos além. Estou falando do tipo de viagem espacial que a gente só via em programas de televisão, sabe, outras galáxias, outros planetas.

— Como as minhas revistas em quadrinhos?

— Suas revistas em quadrinhos são esquisitas. Eu estava pensando em coisas como *Star Trek*.

— Um universo paralelo onde minhas histórias em quadrinhos são reais — disse ela.

— O que você quer dizer?

— Estou falando de um universo paralelo onde embarcamos na Estação Onze e fugimos antes de o mundo acabar — disse Kirsten.

— O mundo não *acabou* — disse ele. — Continua girando. Mas, em todo caso, você gostaria de viver na Estação Onze?

— Acho lindo. Todas aquelas ilhas e pontes.

— Mas é sempre noite, ou quase noite, não é?

— Acho que não me importo com isso.

— Prefiro este mundo aqui — disse August. — Na Estação Onze, eles pelo menos têm uma orquestra? Ou o negócio lá é só ficar em pé, em cima das pedras, sozinho, no escuro, tocando meu violino para os cavalos-marinhos gigantes?

— Está bem, um universo paralelo com um serviço odontológico melhor — disse Kirsten.
— Você vai direto ao ponto, não é?
— Se você tivesse perdido um dente, saberia do que estou falando.
— Sem dúvida. Lamento pelos seus dentes.
— Um universo paralelo onde eu não tivesse tatuagens de facas.
— Eu também gostaria de viver lá — disse August. — Um universo paralelo onde o Sayid e o Dieter não sumissem.
— Um universo paralelo onde os telefones ainda funcionassem e a gente pudesse ligar para a Sinfonia e perguntar onde eles estão, e depois a gente telefonaria para o Dieter e o Sayid e todos nós nos reuniríamos em algum lugar.
Ficaram calados, olhando para as folhas das árvores, no alto.
— Vamos encontrá-los — disse Kirsten. — Vamos voltar a ver a Sinfonia. — Mas é claro que não podiam ter certeza.

Arrastando suas malas, desceram pela barragem até a estrada. Estavam muito perto de Severn City agora. No crepúsculo, a estrada fez uma curva para trás, rumo à beira do lago, e surgiram as primeiras casas de Severn City. Jovens bétulas entre a estrada e o lago, mas fora isso nada de floresta, só mato crescido onde havia antigos gramados, casas submersas em trepadeiras e arbustos, uma praia de pedras e areia.

— Não quero fazer isso à noite — disse August.

Escolheram uma casa aleatoriamente, atravessaram o quintal com dificuldade e montaram acampamento atrás de um barracão de jardim. Não havia nada para comer. August fez uma exploração e voltou com mirtilos.

— Eu fico de sentinela, primeiro — disse Kirsten. Estava exausta, mas achava que conseguiria aguentar sem dormir. Sentou em cima de sua mala, as costas apoiadas na parede do barracão, uma faca na mão. Observava o voo baixo dos vaga-lumes no capim e ouvia o barulho da água na praia, do outro lado da estrada, o sussurro do vento nas folhas. Um bater de asas e o guincho de um roedor, uma coruja matando sua presa.

— Lembra aquele homem que a gente encontrou no posto de gasolina? — perguntou August. Kirsten achava que ele estivesse dormindo.

— Claro. O que tem ele?

— Aquela cicatriz no rosto. — August sentou-se. — Fiquei pensando e descobri o que é.

— O profeta o marcou.

A memória causou uma agitação. Kirsten moveu o pulso com força, sua faca cortou a cabeça de um cogumelo branco, projetada a mais ou menos um metro de distância.

— Sim, mas o símbolo, o formato da cicatriz. Como você descreveria?

— Não sei — respondeu ela, guardando a faca. — Parecia uma letra *t* minúscula, com um traço horizontal extra.

— Uma linha mais curta. Perto da base. Não é nada abstrato.

— Eu *estou* pensando. Pareceu abstrato para mim.

— É um avião — disse August.

DUAS SEMANAS ANTES do fim das viagens aéreas comerciais, Miranda voou de Nova York para Toronto. Era o final de outubro e fazia meses que ela não ia ao Canadá. Sempre gostara de pousar naquela cidade, as torres lotadas de gente, perto da margem do lago, o modo como um oceano de subúrbios intermináveis se estendia para longe do lago e se afunilava num vértice na Torre CN. Ela achava a Torre CN feia de perto, mas inesperadamente encantadora quando vista pela janela de um avião. Como sempre, a sensação de que Toronto existia em camadas: a cidade que a havia chocado com sua vastidão, quando Miranda chegou da ilha Delano aos dezessete anos, ainda existia, porém ocupava o mesmo espaço geográfico de uma cidade que agora lhe parecia muito menor, um lugar diluído pelos anos que Miranda havia passado viajando entre Londres, Nova York e as cidades portuárias da Ásia. O avião desceu nos subúrbios. Ela passou sem incidentes pela alfândega, o agente do Serviço de Fronteira do Canadá lutou para encontrar nas páginas do documento dela um cantinho sem nenhum carimbo, e Miranda embarcou num automóvel que a esperava para levá-la ao quartel-general da empresa Neptune Logistics, onde ela desejou bom-dia ao motorista e lhe deu uma nota de vinte dólares, por cima das costas do banco.

— Obrigado — disse ele, surpreso. — Quer troco?

— Não, obrigada.

Miranda dava gorjetas altas desde que começara a ter dinheiro. Pequenas compensações por ter sido afortunada. Puxou sua mala de bordo ao entrar no saguão da Neptune Logistics, passou pela segurança do prédio e pegou o elevador para o oitavo andar.

Via fantasmas de si mesma em toda parte do edifício. Miranda aos vinte e três anos, com as roupas erradas e o cabelo em pé, lavando as mãos e espiando-se aflita no espelho do banheiro feminino. Miranda aos vinte e sete anos, recém-divorciada, andando desengonçada pelo saguão, de óculos escuros, com lágrimas nos olhos e querendo sumir, porque tinha visto a si mesma num site de fofocas naquela manhã, e o título era de matar: SERÁ QUE ARTHUR ESTÁ VENDENDO MIRANDA EM SEGREDO? (Resposta: não.) Aquelas versões antigas de si mesma estavam tão distantes agora que recordá-las era quase como lembrar-se de outras pessoas, velhas conhecidas, mulheres jovens que Miranda havia encontrado muito tempo antes, e sentia pena delas. “Não me arrependo de nada”, disse para seu reflexo no espelho do banheiro feminino, e acreditava no que dizia. Naquele dia, participou de uma série de reuniões e, no fim da tarde, outro carro a levou para o hotel. Ainda tinha uma ou duas horas livres antes de ir ver Arthur de novo.

Ele tinha ligado para Miranda no escritório de Nova York em agosto.

— A senhora atende um telefonema de Arthur Smith-Jones? — perguntara a secretária, e Miranda sentiu-se gelar por um momento.

O nome era uma piada interna dos dois, que vinha do tempo em que eram casados. Depois

de tantos anos, ela não tinha mais a menor lembrança de qual seria a graça da escolha do nome *Smith-Jones*, mas sabia que era ele.

— Obrigada, Laetitia, eu atendo. — Um estalo. — Oi, Arthur.

— Miranda? — A voz dele pareceu insegura.

Miranda se perguntou se sua voz também teria mudado. Ela havia adotado o tom mais confiante e seguro de si, o mesmo que usava para falar em grandes reuniões de trabalho.

— Arthur. Há quanto tempo. — Um momento de silêncio no telefone. — Está ouvindo?

— Meu pai morreu.

Miranda girou a cadeira para ficar de frente para o Central Park. Em agosto, o parque ganhava uma tonalidade subtropical que a encantava, uma sensação de peso e de languidez na exuberância das árvores.

— Lamento, Arthur. Eu gostava do seu pai.

Estava pensando numa tarde na ilha Delano, no primeiro ano de seu casamento, a única vez que voltaram ao Canadá para passar o Natal com a família. O pai de Arthur falava com muita animação sobre um poeta que tinha acabado de ler. A memória havia se apagado desde a última vez que voltara à sua mente; a imprecisão avançava sorrateira. Ela já não lembrava o nome do poeta nem mais nada daquela conversa.

— Obrigado — respondeu ele, com voz confusa.

— Você lembra o nome daquele poeta de que ele gostou? — Miranda se ouviu perguntando. — Faz muito tempo. Quando fomos lá passar o Natal.

— Provavelmente era Lorca. Ele falava muito sobre Lorca.

Havia uma pessoa no parque usando uma camiseta muito vermelha que fazia um esplêndido contraste com o verde. Miranda observou a camiseta desaparecer numa curva.

— Ele dirigiu o trator de remover neve e trabalhou com marcenaria a vida inteira — disse Arthur.

Miranda não tinha muita ideia do que deveria responder — ela sabia quais eram as ocupações do pai de Arthur —, mas Arthur também não parecia contar com alguma resposta. Ficaram calados por um momento, Miranda observando para ver se a camiseta ia reaparecer. Mas não apareceu mais.

— Eu sei — disse ela. — Você me mostrou a oficina dele.

— Sabe, para ele, minha vida deve ter parecido uma coisa insondável.

— Provavelmente sua vida parece insondável para a maioria das pessoas. Por que ligou para mim, Arthur? — Seu tom foi o mais delicado possível.

— Você foi a pessoa para quem tive vontade de ligar quando recebi a notícia — respondeu.

— Mas por que eu? Não nos falamos mais desde a última audiência do divórcio.

— Você sabe de onde vim — disse ele, e Miranda entendeu o que ele queria dizer.

No passado, morávamos numa ilha, no oceano. Pegávamos a balsa para ir ao colégio e, à noite, o céu ficava brilhante, na ausência de todas aquelas luzes da cidade. Quando remávamos canoas até o farol para ver as gravuras rupestres, pescávamos salmão e caminhávamos em florestas fechadas, mas tudo isso não tinha nada de notável, porque todo mundo que conhecíamos fazia a mesma coisa, e aqui nestas vidas que construímos para nós, aqui nestas cidades duras e reluzentes, nada daquilo pareceria real se não fosse você. E além disso, ela se deu conta, Arthur estava sem esposa no momento.

Arthur era o ator principal na peça *Rei Lear*, em pré-estreias apresentadas no Elgin Theatre. Os dois tinham combinado de encontrar-se lá, porque Arthur estava negociando o divórcio com a terceira mulher, Lydia, e temia que qualquer restaurante em que entrasse acabaria atraindo uma multidão de fotógrafos.

Fazia muito tempo que os paparazzi tinham enjoado da sem-gracice da vida de Miranda pós-Arthur e haviam parado de segui-la; no entanto Miranda gastou um bom tempo cuidando da aparência antes de sair de seu quarto de hotel, tentando apresentar o mínimo possível de semelhança com a pessoa que tinha sido. Escovou e prendeu com grampos o cabelo, até formar um capacete brilhante — em sua vida em Hollywood e nos tabloides, sempre aparecia com uma massa de cachos —, e vestiu seu terninho predileto, cinza-escuro com debrum branco. Sapatos brancos e caros, de salto alto, de um tipo que ela muitas vezes usava em reuniões, mas que a esposa de Hollywood Miranda jamais teria pensado em usar.

— Você parece uma executiva — disse para si mesma, no espelho, e o pensamento que veio por trás disso foi: Você parece uma pessoa estranha. Ela o rejeitou.

Miranda saiu no crepúsculo. O ar estava claro e cortante, com o vento frio do lago. A familiaridade daquelas ruas. Ela parou para tomar um café descafeinado com leite na Starbucks e ficou espantada com o cabelo verde brilhante da moça que a serviu do balcão.

— Seu cabelo está lindo — disse ela, e a moça sorriu.

O prazer de caminhar nas ruas frias com um café quente na mão. Por que ninguém na Estação Onze tinha cabelo verde? Talvez alguém em Submarina. Ou um dos parceiros do Dr. Onze. Não, em Submarina. Quando estava a três quarteirões do teatro, pôs uma touca de tricô, que cobriu o cabelo, e óculos escuros.

Havia cinco ou seis homens do lado de fora do teatro, câmeras com lentes de zoom presas em alças, penduradas no pescoço. Fumavam cigarros e mexiam em seus celulares. Miranda sentiu uma rigidez mortal cair sobre ela. Gostava de pensar em si como alguém que não tinha ódio de ninguém, mas o que ela sentia em relação àqueles homens, senão ódio? Tentou passar da forma mais discreta possível, mas usar óculos escuros depois do pôr do sol foi um erro tático.

— Aquela não é a Miranda Carroll? — perguntou um deles.

Parasita desgraçado. Ela continuou de cabeça baixa sob uma explosão de flashes e atravessou depressa a porta dos fundos do teatro.

O camarim de Arthur mais parecia uma suíte. Um ajudante cujo nome ela imediatamente esqueceu levou-a até uma sala de estar, onde dois sofás ficavam frente a frente, com uma mesinha no meio. Através das portas abertas, Miranda vislumbrou um banheiro e um camarim, com um cabideiro para os trajes de cena — ela percebeu um manto de veludo — e um espelho rodeado por lâmpadas. Foi desse segundo cômodo que veio Arthur.

Ele não era velho, mas não estava envelhecendo muito bem. Era a frustração que havia

baixado sobre seu rosto, pareceu a Miranda, e seus olhos tinham um traço de tensão que ela não lembrava ter visto antes.

— Miranda — disse ele. — Quanto tempo faz?

Aquilo pareceu a ela uma pergunta tola. Miranda então se deu conta de que achava que todo mundo sabe a data do divórcio, da mesma forma que todo mundo lembra a data do casamento.

— Onze anos — disse ela.

— Por favor, sente-se. Posso oferecer alguma coisa?

— Tem chá?

— Tenho chá.

— Achei que teria. — Miranda pôs de lado o casaco e o chapéu e sentou num dos sofás, que era exatamente tão desconfortável quanto parecia, enquanto Arthur mexia numa chaleira elétrica sobre uma pequena bancada. Aqui estamos nós, pensou ela. — Como vão as pré-estreias?

— Vão bem — disse ele. — Melhor do que isso, na verdade. Pois é. Faz muito tempo que não represento Shakespeare, mas estou trabalhando com um instrutor. Na verdade, acho que *instrutor* não é a palavra correta. Um especialista em Shakespeare.

Voltou para o sofá e sentou-se de frente para ela. Miranda observou o olhar dele deslizando sobre seu terninho e seus sapatos reluzentes, e se deu conta de que Arthur estava executando as mesmas reconciliações que ela: adaptava a imagem mental de um cônjuge muito antigo à figura sentada à sua frente.

— Um especialista em Shakespeare?

— É um pesquisador do assunto. Da Universidade de Toronto. Adoro trabalhar com ele.

— Deve ser muito interessante.

— É mesmo. Ele tem um reservatório de conhecimentos muito impressionante, contribui demais e, ao mesmo tempo, dá todo o respaldo à visão que tenho do papel.

Dá todo o respaldo à visão que tenho do papel! Ele havia adotado novos padrões de fala. Mas é claro que sim, pois, desde a última vez que Miranda o vira, tinham se passado onze anos de amizades, interações superficiais, reuniões, festas, viagens para toda parte, estúdios de filmagem, dois casamentos e dois divórcios, um filho. Fazia sentido, ela supunha, que Arthur fosse agora uma pessoa diferente.

— Que oportunidade excelente — disse Miranda —, poder trabalhar com alguém assim. — Será que algum dia ela já havia sentado num sofá tão desconfortável? Apertou os dedos na espuma e eles mal deixaram marca. — Arthur — disse ela —, lamento por seu pai.

— Obrigado. — Olhou para ela e pareceu lutar para encontrar as palavras certas. — Miranda, tenho de lhe contar uma coisa.

— Não parece coisa boa.

— Não é. Escute, vai sair um livro.

Sua amiga de infância Victoria tinha publicado as cartas que recebera dele. *Querida V. Um retrato não autorizado de Arthur Leander* estaria à venda dali a uma semana e meia. Um amigo que trabalhava no ramo editorial tinha mandado um exemplar para ele.

— Eu apareço no livro? — perguntou Miranda.

— Infelizmente. Desculpe, Miranda.

— Conte-me.

— Falei de você algumas vezes quando escrevi para ela. Só isso. Quero que saiba que

nunca disse nada de desagradável sobre você.

— Certo. Muito bem.

Seria justo sentir-se tão furiosa como estava? Ele não podia saber que Victoria ia vender as cartas.

— Talvez você ache difícil acreditar — disse Arthur —, mas tenho certo senso de discrição. Na verdade, é uma das coisas pelas quais sou conhecido.

— Desculpe — disse ela —, mas será que você acabou de dizer que é famoso por sua discrição?

— Olhe, o que quero dizer é que eu não contei tudo para a Victoria.

— Sou grata por isso. — Um silêncio tenso, durante o qual Miranda desejou que a chaleira comesse a apitar. — Você sabe por que ela fez isso?

— Victoria? Tenho de supor que foi por dinheiro. A última notícia que tive dela era que trabalhava de arrumadeira num resort na costa oeste da ilha de Vancouver. Na certa, ganhou mais dinheiro com esse livro do que numa década inteira de trabalho.

— Você vai processá-la?

— Só serviria para atrair mais publicidade. Meu agente acha que é melhor deixar o livro seguir seu curso. — A chaleira apitou, afinal; ele se levantou depressa e Miranda entendeu que ele também estava querendo que a água fervesse logo. — Vamos torcer para que, quando o livro for publicado, renda apenas uma ou duas semanas de notícias e depois afunde e desapareça. Chá verde ou camomila?

— Verde — disse ela. — Deve ser revoltante ter suas cartas publicadas.

— No início, fiquei furioso, e ainda estou furioso, mas a verdade é que mereci tudo que me aconteceu.

Levou duas canecas de chá verde até a mesinha de centro, onde elas deixaram duas marcas redondas de vapor no vidro.

— Por que acha que mereceu?

— Tratei a Victoria como um diário. — Arthur levantou sua caneca, soprou na superfície do chá e a colocou de novo na mesa, com todo o cuidado. Havia algo de estudado naquele movimento e Miranda teve a estranha impressão de que ele estava representando uma cena. — No início, a Victoria escrevia para mim, bem no início. Talvez duas cartas e três cartões-postais quando comecei a escrever para ela, de Toronto. Depois, alguns bilhetes ligeiros para me comunicar mudanças de endereço, com um texto feito às pressas no começo, você sabe: Oi, desculpe por não escrever mais vezes, ando ocupada, aqui vai meu novo endereço.

— Então, todas as vezes que vi você escrevendo para ela — disse Miranda —, ela mesma nunca respondia.

E ficou surpresa ao ver como aquilo a deixou triste.

— Pois é. Eu a usei como recipiente para meus pensamentos. Acho que parei de pensar nela como um ser humano que lia uma carta. — Arthur ergueu os olhos... e então fez uma pausa, em que Miranda quase pôde ver a indicação no roteiro: “Arthur ergue os olhos. Corta.” Será que ele estava representando? Miranda não conseguia saber. — A verdade é que acho que esqueci que ela era real.

Será que aquilo acontecia com todos os atores, aquele apagamento da fronteira entre representação e vida? O homem que representava o papel do ator que envelhece tomou um gole de seu chá e, naquele momento, atuando ou não, pareceu a Miranda que ele era

profundamente infeliz.

— Pelo visto você teve um ano bem difícil — disse ela. — Lamento.

— Obrigado. Não tem sido fácil, mas não paro de lembrar que outras pessoas têm anos muito piores do que o meu. Perdi algumas batalhas — disse ele. — Mas isso não é o mesmo que perder a guerra.

Miranda levantou sua caneca.

— À guerra — disse ela, o que provocou um sorriso. — E o que mais está acontecendo?

— Estou sempre falando de mim mesmo — disse ele. — Como vai sua vida?

— Bem. Muito bem. Não tenho queixas.

— Trabalha com navegação, não é?

— Sim, adoro fazer isso.

— Casada?

— Meu Deus, não.

— Sem filhos.

— Minha posição sobre o assunto não mudou. Você teve um filho com a Elizabeth, não foi?

— Tyler. Acabou de fazer oito anos. Está com a mãe em Jerusalém.

Então, bateram na porta e Arthur levantou-se. Miranda o viu recuar até a extremidade da sala e pensou no último jantar dos dois, na casa em Los Angeles: Elizabeth Colton desfalecida no sofá, Arthur subindo a escada, para o quarto. Miranda não estava exatamente segura do que fazia ali.

A pessoa na porta era muito pequena.

— Oi, Kiki — disse Arthur.

A visitante era uma menina de sete ou oito anos. Tinha um caderno de colorir na mão, um estojo de lápis na outra. Era muito loura, o tipo de criança que parece quase incandescente sob certo tipo de iluminação. Miranda não conseguia imaginar que papel poderia haver na peça *Rei Lear* para uma menina dessa idade, mas já vira muitos atores mirins no passado e sabia reconhecer um assim que o via.

— Posso ficar aqui colorindo meu caderno? — perguntou a menina.

— Claro — respondeu Arthur. — Entre. Quero que você conheça uma amiga, Miranda.

— Oi — disse a menina, sem interesse.

— Oi — respondeu Miranda.

A menina parecia uma boneca de porcelana, pensou ela. Uma pessoa de quem cuidavam muito bem e que foi mimada a vida inteira. Na certa, era alguém que ia crescer para ser igual a Laetitia, a secretária de Miranda, igual a Thea, a secretária de Leon, sem ousadia e muito protegida.

— Kirsten gosta de me visitar às vezes — explicou Arthur. — Conversamos sobre como representar. Sua babá sabe onde você está?

Pela maneira como ele olhava para a menina, Miranda percebeu que Arthur sentia saudades do próprio filho, o filho distante.

— Ela estava no telefone — disse Kirsten. — Eu escapuli.

Sentou-se no tapete, perto da porta, abriu o caderno de colorir numa página inacabada, que mostrava uma princesa, um arco-íris, um castelo distante e um sapo. Tirou os lápis do estojo e começou a traçar riscos vermelhos em volta da saia rodada do vestido da princesa.

— Você ainda desenha? — perguntou Arthur para Miranda.

Com Kirsten na sala, ele ficou visivelmente mais relaxado.

Sempre. Sim. Quando viajava, Miranda levava o bloco de desenhos na mala, para os momentos em que ficava sozinha nos quartos de hotel, à noite. O foco do trabalho havia mudado gradualmente. Durante anos, o Dr. Onze tinha sido o herói da narrativa, mas ultimamente ele passara a incomodar Miranda e ela voltara seu interesse para Submarina. Aquelas pessoas que viviam embaixo da água, em abrigos nucleares, aferradas à esperança de que o mundo que tinham apenas na memória podia ser recuperado. Submarina era um limbo. Miranda passava longas horas desenhando vidas que transcorriam em câmaras subterrâneas.

— Na verdade, foi bom você me lembrar. Trouxe uma coisa para você.

Ela havia finalmente concluído as duas primeiras revistas em quadrinhos da série do *Dr. Onze* e mandara imprimir alguns exemplares por conta própria. Tirou da bolsa dois exemplares de *Dr. Onze*, Vol. I, Nº 1: *Estação Onze*, e de *Dr. Onze*, Vol. I, Nº 2: *A perseguição*, e estendeu-os por cima da mesa.

— Seu trabalho. — Arthur sorriu. — São lindos. A capa deste primeiro estava na parede do escritório em Los Angeles, não?

— Você lembra?

Uma imagem que Arthur dissera, um dia, ser o plano geral de uma cena de filme: as pontudas ilhas da Cidade, ruas e prédios erguidos em degraus escavados nas rochas, pontes altas entre as ilhas. Lá embaixo, na escuridão da água, as silhuetas das portas das câmaras pressurizadas que levavam a Submarina, formas volumosas nas profundezas do oceano. Arthur abriu o primeiro exemplar ao acaso numa cena que tomava duas páginas, oceano e ilhas ligadas por pontes, crepúsculo. O Dr. Onze de pé sobre um rochedo, com seu cãozinho lulu-da-pomerânia ao lado. Texto: *Contemplei meu lar defeituoso e tentei esquecer a doçura da vida na Terra*.

— Ele estava numa estação espacial — disse Arthur. — Eu tinha esquecido. — E virou as páginas. — Você ainda tem a cadela?

— Luli? Morreu faz alguns anos.

— Lamento saber disso. As revistas estão lindas — disse ele outra vez.

— Obrigada.

— O que é isso? — perguntou a menina, no tapete.

Miranda a tinha esquecido por um momento.

— Umhas revistas que minha amiga Miranda fez — respondeu Arthur. — Vou mostrar para você mais tarde, Kiki. O que você está colorindo aí?

— A princesa — respondeu Kirsten. — Matilda disse que eu não podia colorir o vestido dela com listras.

— Bem — disse Arthur. — Não posso dizer que eu concordo com ela. Foi por isso que você escapuliu do seu camarim? Estava brigando com a Matilda de novo?

— Ela disse que não era para o vestido ter listras.

— Acho que as listras ficam ótimas.

— Quem é Matilda? — perguntou Miranda.

— Também é atriz — disse Kirsten. — Às vezes, ela é bem chata mesmo.

— É uma montagem fora do comum — explicou Arthur. — Três meninas no palco, no início, representam diferentes versões infantis das filhas do rei Lear, e depois, no quarto ato, voltam como alucinações. Não têm falas, só ficam paradas.

— Ela acha que é melhor do que todo mundo, porque vai à National Ballet School — disse Kirsten, voltando a falar de Matilda.

— Você também dança? — perguntou Miranda.

— Sim, mas não quero ser dançarina. Acho balé uma bobagem.

— Kirsten me contou que quer ser atriz — disse Arthur.

— Ah, que interessante.

— É — disse Kirsten, sem erguer os olhos. — Já fiz uma porção de coisas.

— É mesmo? — disse Miranda. Como é que se fala com uma menina de oito anos? Olhou de relance para Arthur, que encolheu os ombros. —

O quê, por exemplo?

— Uma porção de coisas — repetiu a menina, como se Miranda não fosse a pessoa adequada para saber daquelas coisas.

Miranda lembrou-se de que nunca havia gostado de atores mirins.

— Kirsten fez um teste em Nova York no mês passado — disse Arthur.

— Fomos num avião. — Kirsten parou de colorir e observou a princesa. — O vestido está errado — disse. Sua voz vacilou.

— Acho que o vestido dela está lindo — disse Miranda. — Você fez um trabalho excelente.

— Tenho de concordar com a Miranda — disse Arthur. — As listras foram uma boa escolha.

Kirsten virou a página. Silhuetas vazias de um cavaleiro, um dragão, uma árvore.

— Não vai terminar a princesa? — perguntou Arthur.

— Não ficou perfeito — disse Kirsten.

Ficaram em silêncio por um tempo, enquanto Kirsten preenchia o dragão com matizes alternados de verde e roxo, e Arthur virava devagar as páginas de *Estação Onze*. Miranda tomou seu chá e tentou não analisar demais a expressão facial de Arthur.

— Ela visita você muitas vezes? — perguntou Miranda com voz suave, quando Arthur chegou à última página.

— Quase todo dia. Não se dá muito bem com as outras meninas. Criança infeliz.

Ficaram bebendo chá por um tempo, em silêncio. O ruído do atrito dos lápis de cor da menina no papel do caderno de colorir, os anéis de vapor que as canecas deixavam no vidro da mesinha de centro, a quentura agradável que vinha do chá, o calor e a beleza daquela sala: foram coisas de que Miranda se lembrou, nas últimas horas, duas semanas depois, quando sua mente oscilava entre o delírio e a vigília, numa praia na Malásia.

— Quanto tempo vai ficar em Toronto? — perguntou Arthur.

— Quatro dias. Parto para a Ásia na sexta-feira.

— O que está fazendo lá?

— Trabalhando para o escritório de Tóquio, na maior parte do tempo. Há uma possibilidade de eu ser transferida no ano que vem. Reuniões com as subsidiárias locais em Cingapura e na Malásia, visitas a alguns navios. Você sabia — disse ela — que doze por cento da frota da marinha mercante mundial está atracada a oitenta quilômetros do porto de Cingapura?

— Não sabia. — Ele sorriu. — Ásia — disse. — Que vida. Nem dá para acreditar.

Miranda só se lembrou do peso de papel quando voltou para o hotel. Largou a bolsa na cama e ouviu o tilintar do objeto batendo nas chaves. Era o peso de papel de vidro fosco que Clark Thompson tinha levado para o jantar em sua casa, em Los Angeles, onze anos antes, e ela o havia pegado, naquela mesma noite, no escritório de Arthur. Sua intenção era devolver para ele.

Miranda segurou o peso de papel um momento, admirou-o sob a luz da luminária. Escreveu um bilhete numa folha de recados do hotel, calçou os sapatos de novo, desceu até a recepção e pediu que um mensageiro o levasse ao Elgin Theatre.

DUAS SEMANAS DEPOIS, pouco antes de o mundo antigo acabar, Miranda estava de pé numa praia no litoral da Malásia, olhando para o mar. Após um dia de reuniões, tinha sido levada de volta ao hotel, onde passara um tempo terminando um relatório e comendo o jantar trazido pelo serviço de quarto. Seu plano era dormir cedo, mas pela janela podia ver as luzes na frota de porta-contêineres no horizonte e então caminhou até a beira da água para observar mais de perto.

Os três aeroportos mais próximos tinham fechado fazia noventa minutos, mas Miranda ainda não sabia. Ouvira falar sobre a Gripe da Geórgia, é claro, mas estava com a impressão de que se tratava de uma nebulosa crise sanitária em curso na Geórgia e na Rússia. Os funcionários do hotel tinham recebido instruções para evitar qualquer alarme entre os hóspedes, portanto ninguém comentou a pandemia quando Miranda atravessou o saguão, embora ela tenha percebido, de passagem, que o balcão de recepção parecia contar com poucos funcionários. Em todo caso, era um prazer escapar do frio de caixão do ar-condicionado do hotel, caminhar pela trilha bem-iluminada até a praia, tirar os sapatos e ficar descalça na areia.

Mais tarde, naquela noite, ela se sentiria confusa e até um pouco admirada, em certos momentos, com a lembrança de como todo mundo usava e abusava da palavra *colapso*, antes que entendessem o que a palavra significava de fato, mas em todo caso tinha havido um colapso econômico, ou pelo menos era assim que todo mundo chamava na época, e agora a maior frota da marinha mercante jamais reunida estava atracada oitenta quilômetros a leste do porto de Cingapura. Vinte embarcações pertenciam à Neptune Logistics, incluindo dois navios da classe Panamax, que ainda não haviam carregado nenhum contêiner sequer; o convés ainda estava brilhando, recém-saído do estaleiro da Coreia do Sul, navios encomendados num momento em que parecia que a demanda ia continuar a crescer para sempre, construídos ao longo de três anos, enquanto a economia implodia, e inúteis agora, quando ninguém gastava dinheiro nenhum.

Mais cedo, naquela tarde, no escritório da subsidiária, Miranda havia sido informada de que os pescadores locais estavam com medo dos navios. Os pescadores desconfiavam da presença de algo sobrenatural naqueles cargueiros, massas imóveis no horizonte durante o dia, iluminadas quando escurecia. No escritório, o diretor local rira do despropósito dos temores dos pescadores e Miranda sorriu, acompanhando todos os demais, na mesa, mas afinal era mesmo tão insensato assim desconfiar de que aquelas luzes não pertenciam totalmente a este mundo? Miranda sabia que os navios ficavam iluminados apenas para prevenir colisões, mas, de pé na praia, naquela noite, ainda lhe parecia que aquela visão tinha mesmo algo de outro mundo. Quando seu celular vibrou na mão, era Clark Thompson, o mais velho amigo de Arthur, ligando de Nova York.

— Miranda — disse ele, depois de algumas palavras desajeitadas. — Receio que estou ligando para dar uma notícia muito ruim. Talvez seja melhor você sentar.

— O que aconteceu?

— Miranda. Arthur morreu de um ataque cardíaco ontem à noite. Lamento muito.

Ah, Arthur.

Clark desligou o telefone e recostou-se na cadeira. Trabalhava em um tipo de empresa em que as portas nunca ficavam fechadas, a menos que alguém estivesse sendo demitido, e Clark sabia que, àquela altura, sem dúvida, era o foco da especulação geral no escritório. Drama! O que será que estava acontecendo na sala de Clark? Tinha se aventurado a sair uma vez para pegar um café, e todo mundo fizera uma cara de neutralidade, ainda que com um toque de preocupação, quando ele passou — aquela fisionomia que diz: “não quero pressionar, mas se houver alguma coisa que você precise falar com alguém...” —, e ele estava tendo uma das piores manhãs de sua vida, porém ainda assim se sentiu satisfeito por conseguir ficar sem falar nada e não pôr lenha na fogueira da fofoca. Riscou uma linha sobre o nome de Miranda Carroll, ergueu o fone para ligar para Elizabeth Colton, mudou de ideia e foi até a janela. Um jovem na rua, lá embaixo, tocava saxofone. Clark abriu a janela e a sala foi inundada pelo som, as notas agudas do instrumento na superfície da cidade oceânica, um clamor de hip-hop subiu da janela de um carro que passou, o motorista buzinando, na esquina. Clark fechou os olhos, tentando se concentrar no saxofone, mas naquele instante sua secretária ligou para seu telefone, de novo.

— É o advogado de Arthur Leander outra vez — disse Tabitha. — Devo dizer que o senhor está em reunião?

— Inferno, esse desgraçado não dorme?

Tinha sido Heller que deixara o recado no correio de voz à meia-noite, em Los Angeles, três da madrugada em Nova York — “uma situação urgente, por favor, me telefone imediatamente” —, o mesmo Heller que já estava trabalhando quando Clark telefonou de volta, às seis e quinze da manhã em Nova York, três e quinze em Los Angeles. Ficou combinado que era Clark quem devia avisar aos familiares, porque havia conhecido a família de Arthur no passado e pareceu mais delicado que fosse desse modo. Clark resolveu comunicar também às ex-mulheres, mesmo a mais recente, de quem ele não gostava muito, porque parecia errado deixá-las saber da notícia pelos jornais; Clark tinha a ideia — sentimental demais para dizer em voz alta, e ele sabia que nenhum de seus amigos divorciados jamais admitiria aquilo — de que algo devia permanecer, uma semivida conjugal, uma espécie de memória sensorial do amor, ainda que não o amor propriamente dito, é óbvio. Ele achava que aquelas pessoas deviam ter alguma importância umas para as outras, mesmo que não se gostassem mais.

Heller ligara para ele outra vez, meia hora depois, para confirmar se Clark havia informado a família, o que Clark, é claro, não tinha feito, porque três e quarenta e cinco da madrugada em Los Angeles é também três e quarenta e cinco da madrugada na costa oeste do Canadá, onde morava o irmão de Arthur, e Clark achava que havia limites para o horário em que alguém devia receber telefonemas, por qualquer razão que fosse. Agora, ainda eram só nove horas da manhã em Nova York, seis da manhã na costa de Heller, e parecia obsceno que aquele homem, que pelo visto não dormira a noite inteira, ainda estivesse acordado e, ainda por cima, trabalhando. Clark estava começando a imaginar Heller como uma espécie de morcego, um sinistro advogado vampiro morto-vivo, que dormia de dia e trabalhava de noite. Ou quem sabe era apenas um viciado em anfetamina? Os pensamentos de Clark divagaram para uma semana especialmente agitada, em Toronto, quando tinha dezoito ou dezenove anos e ele e

Arthur haviam aceitado algumas pílulas oferecidas por um novo amigo numa boate e ficaram acordados direto, por setenta e duas horas.

— O senhor quer atender?

— Ok. Passe a ligação, por favor.

Por um instante, Tabitha não fez nada e, depois de sete anos trabalhando juntos, muito próximos um do outro, ele sabia o que aquele silêncio queria dizer: “Diga-me o que está acontecendo, você sabe que gosto de fofoca.” Mas ele não cedeu e conhecia Tabitha de sobra para captar o toque de descontentamento nas palavras estritamente profissionais que vieram a seguir:

— Aguarde na linha, por favor.

— Clark? É o Heller.

— Era o que eu imaginava — disse Clark. Havia algo de insolente, a seu ver, nas pessoas que se apresentavam pelo sobrenome enquanto tratavam as outras pelo prenome. — Como vai, Gary? Já faz uns bons noventa minutos que não nos falamos.

— Na batalha, na batalha. — Mentalmente, Clark acrescentou aquilo à sua lista particular das banalidades mais detestadas. — Eu me antecipei e já comuniquei à família — disse Heller.

— Por quê? Pensei que tínhamos combinado...

— Sei que você não queria acordar os familiares, mas nesse tipo de coisa, numa situação como essa, a gente *tem* que acordar a família. Na verdade, a gente *quer* acordar a família, entende? Na verdade, é mais decente. A gente quer que a família saiba antes que alguém mande alguma coisa, uma fotografia, um vídeo, sei lá, e aí o *Entertainment Weekly* liga para a família fazer um comentário e eles vão ficar sabendo desse jeito. Pense bem; afinal de contas, o homem morreu em cena.

— Certo — respondeu Clark. — Entendo. — O saxofonista tinha sumido. O cinzento céu de novembro o fazia lembrar que ele estava devendo uma visita aos pais, em Londres. — A Elizabeth foi avisada?

— Quem?

— Elizabeth Colton. A segunda mulher.

— Não, quer dizer, ela não chega bem a ser uma pessoa da família, não é? Quando a gente falou em comunicar à família, eu estava na verdade pensando no irmão do Arthur.

— Sim, mas ela é mãe do único filho do Arthur.

— Certo, certo, é claro. Quantos anos ele tem?

— Oito ou nove.

— Coitado do menino. Uma idade horrível para essas coisas. — Uma vacilação na voz de Heller, tristeza ou exaustão, e Clark reformulou sua imagem mental, do advogado morcego pendurado de ponta-cabeça para um homem triste e viciado em cafeína, com insônia crônica. Será que tinha visto Heller alguma vez? Será que Heller estava presente naquele tétrico jantar em Los Angeles, tantos anos antes, às vésperas de Arthur e Miranda se divorciarem? Talvez. Clark teve um branco. — Ei, então, escute — disse Heller, de novo num tom de negócios, mas num estilo pseudoinformal que Clark associava forçosamente à Califórnia —, em seus momentos de convívio com o Arthur, sobretudo recentemente, alguma vez ele mencionou algo sobre uma mulher chamada Tanya Gerard?

— O nome não me é familiar.

— Tem certeza?

— Não. Por quê? Quem é?

— Bem — disse Heller —, que isso fique entre nós, mas parece que o Arthur estava tendo um pequeno caso.

Não era prazer que havia em sua voz, não exatamente. Era um sentimento de importância. Era um homem que gostava de saber coisas que os outros não sabiam.

— Entendo — respondeu Clark. — Mas confesso que não consigo ver como isso pode ser da nossa...

— Ah, claro — disse Heller —, claro que não, você sabe, o direito à privacidade e tudo o mais, não é da nossa conta, certo? Não estão fazendo mal a ninguém, são adultos, é consensual etc., e garanto que sou o homem mais discreto do mundo, nem tenho Facebook, Deus me livre! E isso mostra bem como acredito nessa história, na privacidade, bem entendido, o último cara neste mundo a não ter uma conta no Facebook. Mas, seja como for, parece que essa tal de Tanya era a figurinista na montagem do *Rei Lear*. Eu só queria saber se o Arthur havia mencionado o nome dela.

— Não, Gary, acho que ele nunca mencionou.

— O produtor me contou que era tudo muito secreto, parece que era a garota que fazia roupas ou na verdade talvez fosse a babá, tinha alguma coisa a ver com as atrizes mirins da peça, cuidava das roupas para as atrizes mirins, será? Acho que era isso, se bem que crianças na peça *Rei Lear*? Não dá para entender. Mas, olhe, de todo jeito, ele...

Aquilo lá do outro lado do East River seria a luz do sol? Um raio tinha atravessado as nuvens muito ao longe e descia oblíquo sobre o Queens. O efeito fez Clark lembrar-se de uma pintura a óleo. Estava pensando na primeira vez que viu Arthur, numa escola de atores na avenida Danforth, em Toronto. Arthur aos dezoito anos: confiante, apesar de não ter progredido nada durante os primeiros seis meses como aluno de teatro, ou pelo menos foi o que o professor lhe disse certa noite, tomando drinques num bar servido apenas por *drag queens*, enquanto o professor tentava cantar Clark, que lhe oferecia apenas uma resistência simbólica. E como era lindo, como Arthur era lindo, naquele tempo.

— Então, a questão obviamente — estava dizendo Heller — é se ele tinha intenção de deixar alguma coisa de herança para essa garota, porque ele me mandou um e-mail na semana passada falando em mudar o testamento, disse que tinha conhecido uma pessoa e queria acrescentar um beneficiário e tenho de supor que ele estava se referindo a ela, e na verdade o que estou pensando aqui é na pior hipótese possível, ou seja, que exista um testamento alternativo metido em algum canto, algum documento informal que ele mesmo redigiu, porque ia passar algumas semanas sem me encontrar, e esse é o xis da questão que estou querendo deixar clara aqui...

— Você devia ter conhecido o Arthur — disse Clark.

— Eu devia ter conhecido... Desculpe, o que disse?

— Lá atrás, bem no início, quando ele estava só começando. Você veria o talento dele, o talento dele era óbvio, mas conheceria o Arthur antes de tudo isso, antes de todos os tabloides e filmes e divórcios, da fama, todas essas coisas que desvirtuam.

— Desculpe, não tenho certeza de que estou entendendo o que você quer dizer, eu...

— Ele era maravilhoso — disse Clark. — Naquele tempo, lá no início. Fiquei muito impressionado com ele. Não estou falando em termos românticos, não é nada disso. Às vezes

a gente simplesmente *encontra* uma pessoa. Ele era tão bom, é disso que me lembro com mais nitidez. Era bom com todo mundo que encontrava. Havia uma humildade nele.

— O quê...?

— Gary — disse Clark. — Vou desligar agora.

Pôs a cabeça para fora da janela a fim de inspirar fundo o revigorante ar de novembro, voltou à sua mesa de trabalho e ligou para Elizabeth Colton. Ela deu um longo suspiro quando Clark lhe comunicou a notícia.

— Estão organizando o enterro?

— Toronto. Depois de amanhã.

— Toronto? Ele tem família lá?

— Não, mas o testamento é muito minucioso, ao que parece. Acho que ele sentia certa ligação com o local.

Enquanto falava, Clark recordou uma conversa que tivera com Arthur anos antes num bar em Nova York. Estavam discutindo sobre as cidades onde moraram.

— Você é de Londres — disse Arthur. — Um cara como você acha uma cidade a coisa mais natural do mundo. Para alguém como eu, que vem de um povoado pequeno... olhe, eu penso na minha infância, na vida que eu levava na ilha Delano, aquele lugar era tão pequeno. Todo mundo me conhecia, não porque eu fosse especial nem nada, era só porque todo mundo conhecia todo mundo, e como aquilo era claustrofóbico, nem lhe conto. Eu só queria alguma privacidade. Desde que me entendo por gente, eu só pensava em cair fora de lá, e então fui para Toronto e ninguém me conhecia. Toronto me deu uma sensação de liberdade.

— E aí você se mudou para Los Angeles e ficou famoso — disse Clark. — E agora todo mundo conhece você outra vez.

— Certo. — Arthur estava ocupado com a azeitona dentro do martíni, tentando espetá-la com um palito de dentes. — Acho que se pode dizer que Toronto foi o único lugar onde me senti livre.

No dia seguinte, Clark acordou às quatro da manhã e pegou um táxi para o aeroporto. Era a hora em que escapamos de acidentes por um triz, a hora dos milagres, o que só percebemos dias depois, quando recapitulamos o que aconteceu. A gripe já estava se infiltrando pela cidade, mas ele conseguiu pegar um táxi em que o motorista não estava doente e onde ninguém contaminado havia tocado em nenhuma superfície à sua frente, e de dentro daquele carro, de uma sorte improvável, Clark observou as ruas passando na penumbra que antecede o nascer do sol, a luz pálida das mercearias, com flores atrás de cortinas de plástico, uns poucos trabalhadores noturnos nas calçadas. As redes sociais estavam cheias de boatos sobre a chegada da gripe a Nova York, mas Clark não participava de nenhuma rede social e não estava sabendo de nada.

No aeroporto internacional John F. Kennedy, Clark passou por um terminal em que, graças a alguma jogada da sorte, ele conseguiu não passar muito perto de nenhuma pessoa contaminada — àquela altura, havia algumas pessoas contaminadas naquele terminal específico — e conseguiu não tocar em nenhuma superfície nociva, na verdade conseguiu até embarcar num

avião cheio de pessoas igualmente felizardas — o vigésimo sétimo dos últimos vinte e sete aviões a decolar do aeroporto. Durante todo aquele tempo Clark dormira tão pouco, tinha ficado acordado até tão tarde fazendo as malas, estava tão cansado, tão envolvido nos pensamentos sobre Arthur, na música de Coltrane que ouvia nos fones de ouvido, no trabalho que fazia sem entusiasmo redigindo relatórios das avaliações de 360 graus ao chegar à sala de embarque, que só se deu conta de que estava no mesmo voo que Elizabeth Colton quando ergueu os olhos e a viu embarcando no avião com o filho.

Foi uma coincidência, mas não uma coincidência enorme. Dias antes, ao telefone, Clark contara a ela que planejava viajar para Toronto no voo das sete horas da manhã, antes que a tempestade de neve prevista chegasse e causasse confusão nos aeroportos, e Elizabeth respondeu que ia tentar pegar o mesmo voo. E então lá estava ela, de vestido escuro, cabelo curto, mas reconhecível de imediato, com o filho ao lado. Elizabeth e Tyler iam viajar na primeira classe e Clark, na classe econômica. Cumprimentaram-se quando Clark passou pela poltrona dela e depois não voltaram a se falar, até uma hora e meia após a decolagem, quando o piloto anunciou que o voo estava sendo desviado para algum lugar de Michigan, de que Clark jamais tinha ouvido falar, e todos desembarcaram, confusos e desorientados, no aeroporto de Severn City.

DEPOIS QUE CLARK transmitiu a notícia da morte de Arthur, Miranda permaneceu na praia mais algum tempo. Ficou sentada na areia, pensando em Arthur e observando um barquinho que vinha para a costa, uma luz solitária e forte deslizando sobre a água. Miranda estava refletindo sobre a maneira como ela sempre tomara como garantida a existência no mundo de determinadas pessoas, estivessem elas no centro dos dias de Miranda ou fossem invisíveis, em quem raramente ela pensava. E como, sem qualquer uma dessas pessoas, o mundo se tornava um lugar transformado, de modo sutil, mas inconfundível, o botão de controle tendo girado apenas um ou dois graus. Miranda estava muito cansada, ela se deu conta, não se sentia muito bem, o início de uma irritação na garganta, e o dia seguinte seria mais um dia de reuniões. Tinha se esquecido de perguntar a Clark sobre o enterro, mas o pensamento seguinte foi que ela obviamente não ia querer ir — a ideia de se ver encurralada entre os paparazzi e as outras ex-mulheres de Arthur — e era nisso que estava pensando quando se levantou e caminhou pela trilha na direção do hotel, que visto da praia parecia um pouco um bolo de casamento, duas fileiras de sacadas brancas.

O saguão estava estranhamente vazio. Não havia nenhum funcionário na recepção. O porteiro usava uma máscara cirúrgica. Miranda começou a se aproximar dele para perguntar o que estava acontecendo, mas o olhar que ele lhe dirigiu foi de evidente pavor. Miranda entendeu, tão claramente como se ele tivesse gritado, que o homem não queria de jeito nenhum que ela se aproximasse. Recuou e caminhou depressa para os elevadores, abalada, o olhar dele cravado nas suas costas. Não havia ninguém no corredor do primeiro andar. De volta a seu quarto, ela abriu o laptop e, pela primeira vez naquele dia, voltou a atenção para as notícias.

Mais tarde, Miranda passou duas horas dando telefonemas, mas àquela altura já não havia meios de partir. Todos os aeroportos próximos estavam fechados.

— Escute — uma esgotada atendente da companhia aérea finalmente abriu os olhos de Miranda. — Mesmo que eu pudesse agendar a senhora em algum voo para fora da Malásia, tem certeza de que está falando sério quando diz que quer passar doze horas respirando o mesmo ar, fechada com duzentas pessoas dentro da cabine de um avião, a esta altura dos acontecimentos?

Miranda desligou o telefone. Quando recostou na cadeira, seu olhar bateu na grade do arrefrigerado acima da mesa. A ideia do ar sussurrando pelo prédio todo, impelido de um quarto a outro. Não era sua imaginação, ela estava mesmo com uma irritação na garganta.

— É psicossomático — disse Miranda em voz alta. — Você está com medo de ficar doente e então se sente doente. Não é nada.

Ela estava tentando reformular aquela história como uma aventura eletrizante, a vez que fiquei presa na Ásia durante uma epidemia de gripe; mas não se convenceu. Passou um tempo

desenhando, tentando se acalmar. Uma ilha rochosa com uma casinha em cima, luzes no horizonte, no mar escuro da Estação Onze.

Miranda acordou às quatro horas da manhã, com febre. Atacou-a com três aspirinas, mas suas articulações eram nós doloridos, as pernas estavam fracas, a pele doía onde a roupa encostava. Foi difícil atravessar o quarto até a mesa. Leu as últimas notícias no laptop, os olhos doendo com a luz da tela, e compreendeu. Podia sentir a febre enquanto apertava a fina embalagem da aspirina. Tentou ligar para a recepção, depois para os escritórios da Neptune Logistics em Nova York e Toronto, depois para os consulados do Canadá, dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Austrália, mas só havia mensagens para correio de voz ou o telefone tocava sem parar.

Miranda repousou o rosto de lado na mesa — a perfeição do laminado frio contra sua pele em brasa — e observou a pobreza do quarto. Pobreza não no sentido econômico, mas no sentido de não ser *o bastante* para a gravidade do momento, um cenário insuficiente — para o quê? Ela ainda não era capaz de pensar nisso — e ficou pensando na praia, nos navios, nas luzes no horizonte, se seria possível chegar lá, sentindo-se tão doente, pensamentos interligados de que, talvez, se ela conseguisse chegar lá, alguém na praia poderia ajudá-la, de que se ela continuasse ali no quarto apenas ficaria cada vez pior e, pelo visto, não havia ninguém na recepção ou nos consulados, todos os telefones sem atendentes. Se ela piorasse, por pouco que fosse, acabaria esquecida ali dentro, doente demais para sair do quarto. Talvez houvesse pescadores na praia. Ela se levantou vacilante. Levou muito tempo e precisou de bastante concentração para conseguir calçar os sapatos.

O corredor estava em silêncio. Era necessário caminhar bem devagar, com a mão apoiada na parede. Um homem estava encolhido, de lado, perto dos elevadores, tremendo. Ela quis falar com ele, mas falar exigiria um esforço grande demais, então ela apenas olhou para ele — vejo você, vejo você — e esperava que fosse o bastante.

O saguão estava vazio, agora. Os funcionários haviam escapado.

Do lado de fora, o ar estava pesado e parado. Uma luz esverdeada no horizonte, o começo do raiar do dia. A sensação de mover-se em câmera lenta, como andar embaixo da água ou num sonho. Era necessário concentrar-se cuidadosamente a cada passo. Aquela fraqueza terrível. Ela seguiu a trilha até a praia, caminhando muito devagar, as mãos abertas roçavam nas folhas das palmeiras dos dois lados do caminho. No fim da trilha, as espreguiçadeiras brancas do hotel estavam dispostas em fileiras sobre a areia, vazias. A praia estava deserta. Miranda desabou sobre a espreguiçadeira mais próxima e fechou os olhos.

Exaustão. Ela estava desesperadamente quente, com calafrios. Os pensamentos em desordem. Não veio ninguém.

Ela estava pensando na frota de navios porta-contêineres no horizonte. Lá, a tripulação não estaria exposta à gripe. Tarde demais para ela pegar um navio agora, mas sorriu à ideia de que, neste mundo cambaleante, havia pessoas que estavam a salvo.

Miranda abriu os olhos a tempo de ver o nascer do sol. Um jato de cor violenta, rosa, e listras brilhantes alaranjadas, os navios porta-contêineres no horizonte, suspensos entre o fulgor do céu e a água em chamas, a paisagem marinha sangrando em visões confusas da Estação Onze, seus extravagantes crepúsculos e seu mar azul-anil. As luzes da frota se apagando na manhã, o oceano gravado a fogo no céu.

VII. 0 TERMINAL

NO INÍCIO, AS pessoas no aeroporto de Severn City contavam o tempo como se estivessem apenas temporariamente ilhadas. Nas décadas seguintes, foi difícil explicar aquilo para os jovens, mas, com absoluta franqueza, toda a história de estar ilhado em aeroportos, até aquele ponto, era também uma história de, mais cedo ou mais tarde, deixar de estar ilhado, embarcar num avião e ir embora. No início, parecia inevitável que a Guarda Nacional fosse chegar, em massa, a qualquer momento, com cobertores e caixas de comida, equipes de terra voltariam em pouco tempo e aviões começariam a aterrissar e decolar outra vez. Dia Um, Dia Dois, Dia Três, Dia Quarenta e Oito, Dia Noventa, e a essa altura qualquer esperança de uma volta à normalidade já estava enterrada, e então o Ano Um, o Ano Dois, o Ano Três. O calendário foi zerado pela calamidade. Após algum tempo, voltaram à maneira antiga de contar os dias e os meses, mas mantiveram o novo sistema de contar os anos: 1º de janeiro do Ano Três; 17 de março do Ano Quatro etc. O Ano Quatro foi quando Clark se deu conta de que era daquele modo que os anos continuariam a ser marcados dali em diante, contados um a um, a partir do momento da calamidade.

Ele sabia havia bastante tempo que as mudanças ocorridas no mundo não seriam desfeitas, no entanto essa compreensão projetava uma luz ainda mais forte em suas lembranças. A última vez que comi sorvete de casquinha num parque sob o sol. A última vez que dancei numa boate. A última vez que vi um ônibus em movimento. A última vez que embarquei num avião que não foi readaptado para servir de moradia, um avião que decolava de verdade. A última vez que comi uma laranja.

Mais ou menos no fim de sua segunda década no aeroporto, Clark estava pensando em como tivera sorte. Não apenas o mero fato de ter sobrevivido, que já era notável em si mesmo, é claro, mas também o fato de ter visto um mundo terminar e outro começar. E não só ter visto os esplendores lembrados do mundo antigo, as naves espaciais, a grelha elétrica, as guitarras com amplificadores, os computadores que podiam ser levados na palma da mão e os trens de alta velocidade entre as cidades, mas ter vivido por tanto tempo entre tais maravilhas. Ter habitado aquele mundo espetacular por cinquenta e um anos de sua vida. Às vezes, Clark ficava acordado no terminal B do aeroporto de Severn City e pensava: “Eu estive lá”, e o pensamento o penetrava com uma mistura de tristeza e regozijo.

— É difícil explicar — ele se via dizendo às vezes para os jovens que entravam no seu museu, onde antigamente ficava a sala de espera da companhia aérea Skymiles, no terminal B.

Mas Clark levava a sério seu papel de curador e havia resolvido, anos antes, que a frase “é difícil explicar” não era boa, e então sempre tentava explicar tudo, de algum modo, quando alguém perguntava sobre os objetos que ele havia recolhido durante anos, no aeroporto e em outros locais — os laptops, os iPhones, o rádio de uma mesa de controle administrativo, a torradeira elétrica de uma cozinha dos funcionários do aeroporto, a vitrola e os discos de vinil

que algum catador de lixo otimista havia trazido de Severn City e, é claro, o contexto, o mundo pré-pandemia de que ele se lembrava de forma tão viva. Não, explicava agora para uma menina de dezesseis anos que havia nascido no aeroporto, os aviões não decolavam na vertical, direto para o céu. Tomavam velocidade em pistas compridas e subiam na diagonal.

— Para que precisavam de pistas? — perguntou a menina.

O nome dela era Emmanuelle. Clark tinha afeição especial por ela, porque lembrava seu nascimento como a única coisa boa que havia ocorrido naquele terrível primeiro ano.

— Eles não podiam sair do chão sem tomar velocidade. Precisavam de um impulso.

— Ah — disse ela. — Os motores não eram tão potentes assim, não é?

— Eram — disse Clark. — Mas os aviões não eram como os foguetes.

— Foguetes...

— As naves que usávamos para ir ao espaço.

— É inacreditável — disse ela, balançando a cabeça.

— Pois é.

Inacreditável, em retrospecto, tudo aquilo, mas sobretudo as partes que tinham a ver com viagens e comunicações. Foi assim que ele chegou àquele aeroporto: embarcou numa máquina que o transportou em alta velocidade dois quilômetros acima da superfície da terra. Foi assim que ele comunicou a Miranda Carroll a morte de seu ex-marido: apertou uma série de botões de um aparelho que, em um segundo, conectou-o com outro aparelho situado do outro lado do mundo, e Miranda, descalça sobre a areia branca da praia, com uma frota de navios mercantes brilhando à sua frente, no escuro, apertou um botão que a conectou, via satélite, com Nova York. Vistos como a coisa mais banal do mundo, aqueles milagres todos haviam persistido em volta deles.

No fim da Segunda Década, a maior parte da população do aeroporto ou havia nascido ali ou tinha chegado a pé, vindo de outros lugares, porém ainda havia mais ou menos dez pessoas que tinham estado lá desde o dia em que seus aviões aterrissaram. O avião de Clark pousou sem incidentes, desviado de Toronto por motivos que ninguém parecia capaz de explicar imediatamente, e taxiou para um portão do terminal B. Clark ergueu os olhos de suas emendas no relatório da avaliação de 360 graus dos subordinados e ficou chocado com a variedade de aviões na pista asfaltada. Singapore Airlines, Cathay Pacific, Air Canada, Lufthansa, Air France, jatos enormes estacionados em fileiras.

Quando Clark saiu da ponte do jato para a luz fluorescente do terminal B, a primeira coisa que notou foi a distribuição desigual de pessoas. Multidões tinham se reunido embaixo dos monitores de tevê. Clark decidiu que o que estavam vendo, fosse o que fosse, era algo que ele não seria capaz de encarar sem uma xícara de chá. Supôs que se tratava de um ataque terrorista. Comprou uma xícara de Earl Grey num quiosque e, com toda a calma, adicionou leite. Esta é a última vez que vou misturar leite no chá sem saber o que aconteceu, pensou ele, saudoso daquele momento, por antecipação, e foi se juntar à multidão reunida embaixo de um televisor sintonizado na CNN.

A notícia da chegada da pandemia à América do Norte tinha estourado enquanto Clark

estava no voo. Isso era outra coisa difícil de explicar anos depois, mas até aquela manhã a Gripe da Geórgia parecia algo muito distante, sobretudo quando a pessoa não estava ligada às redes sociais. Clark nunca havia acompanhado as notícias com muita frequência e, na verdade, tinha ouvido falar da gripe só um dia antes do voo, numa breve matéria de jornal sobre o surgimento misterioso de um vírus em Paris, e não ficou claro nem de longe que aquilo estava evoluindo para uma pandemia. Mas agora ele via na televisão a muito tardia evacuação de cidades, as revoltas diante de hospitais em três continentes, o êxodo vagaroso que congestionava e bloqueava todas as estradas, e lamentou não ter prestado mais atenção. As estradas entupidas e paradas eram uma imagem chocante, porque, afinal, para onde todas aquelas pessoas estavam indo? Se as informações tinham fundamento, a Gripe da Geórgia não só tinha chegado como já estava em toda parte. Havia imagens de funcionários de diversos governos, epidemiologistas de mangas arregaçadas, todo mundo pálido, com olhos injetados de sangue, anunciando uma calamidade, com círculos azuis e negros embaixo dos olhos vermelhos.

— Não parece ser possível prometer que o estado de emergência termine logo — disse um locutor, apresentando a situação com um grau de eufemismo jamais alcançado na história dos eufemismos, e então piscou para a câmera e algo nele pareceu titubear, a ruptura de algum mecanismo que até então mantivera separadas suas vidas pessoal e profissional, e ele se dirigiu à câmera com uma premência nova. — Mel — disse ele. — Se você está vendo isto, meu bem, leve as crianças para o rancho de seus pais. Só use estradas vicinais, meu amor, nada de rodovias. Te amo muito.

— Deve ser legal ter um canal de tevê à sua disposição — disse um homem ao lado de Clark. — Também não sei onde está minha mulher. Você sabe onde está a sua? — A voz dele tinha uma forte nota de pânico.

Clark resolveu fingir que o homem havia perguntado se ele sabia onde estava seu namorado.

— Não — respondeu. — Não tenho a menor ideia.

Afastou-se do monitor de tevê, incapaz de suportar nem mais um segundo do noticiário. Havia quanto tempo estava ali? Seu chá tinha esfriado. Vagou pelo saguão do aeroporto e ficou parado na frente dos monitores que mostravam a situação dos voos. Todos tinham sido cancelados.

Como tudo aquilo acontecera tão depressa? Por que ele não dera uma olhada nas notícias antes de ir para o aeroporto? Então ocorreu a Clark que ele devia telefonar para alguém, qualquer pessoa, devia telefonar para todo mundo que amava, falar com eles, dizer todas as coisas que de fato importavam, mas aparentemente já era tarde demais, seu celular exibia uma mensagem que Clark nunca tinha visto antes: SISTEMA SOBRECARGADO SÓ LIGAÇÕES DE EMERGÊNCIA. Comprou outro chá, porque o primeiro tinha esfriado e, além disso, agora ele era assediado por temores horríveis e andar até o quiosque pareceu uma ação com um propósito bem-definido. E também porque as duas jovens que trabalhavam no quiosque pareciam profundamente desligadas do que a CNN estava mostrando, ou porque eram muito estoicas ou porque ainda não tinham entendido, e por isso visitar as moças era como voltar no tempo, ao paraíso de meia hora antes, quando Clark ainda não sabia que tudo estava vindo abaixo.

— Pode nos contar mais sobre os... bem, sobre o que as pessoas devem observar, os sintomas? — perguntou o locutor.

— As mesmas coisas que vemos em todas as gripes — respondeu o epidemiologista —, só que piores.

— Por exemplo...

— Dores no corpo. Febre alta repentina. Dificuldade de respirar. Veja — disse o epidemiologista —, é um período rápido de incubação. Se a pessoa foi exposta, fica doente em três ou quatro horas e morre em um ou dois dias.

— Vamos fazer uma rápida pausa para os comerciais — disse o locutor.

A equipe da companhia aérea não tinha informação alguma. Estavam assustados, com os lábios tensos. Distribuíram vales-refeição, o que, por efeito de sugestão, deixou todo mundo faminto, então os passageiros formaram filas para comprar *quesadillas* de queijo gorduroso e pratos de *nacho* no único restaurante do terminal B, ostensivamente mexicano. As duas jovens do quiosque continuaram a servir bebidas quentes e bolos e pastéis ligeiramente estragados, de vez em quando olhando com sobrancelhas franzidas para os celulares inúteis dos fregueses. Clark conseguiu entrar na sala de espera da Skymiles e encontrou Elizabeth Colton numa poltrona perto de um televisor. Tyler estava sentado no chão, perto dela, de pernas cruzadas, matando alienígenas espaciais com seu console Nintendo.

— É uma loucura — disse Clark a Elizabeth, com uma insuperável dificuldade para encontrar as palavras.

Ela estava vendo o noticiário, as mãos cruzadas no pescoço.

— É algo sem precedentes — disse Elizabeth. — Em toda a história da humanidade...

Ela ficou sem voz, balançando a cabeça. Tyler gemeu de leve; tinha sofrido uma derrota na guerra contra os alienígenas. Ficaram parados e em silêncio por um tempo, vendo a tevê, até que Clark não conseguiu mais olhar, pediu desculpas e foi pegar mais *nachos*.

Um último avião estava aterrissando, um jato da Air Gradia, mas, quando Clark olhou, o avião fez uma lenta curva na pista de asfalto e, em vez de vir na direção do prédio do terminal, se afastou dele. Estacionou bem longe e nenhum pessoal de terra foi ao encontro do avião. Clark abandonou seus *nachos* e chegou perto da janela. Ocorreu a ele que o jato da Air Gradia tinha ido para o local mais distante possível do terminal. Era lá que ele estava quando veio o anúncio: por motivos de saúde pública, o aeroporto ia fechar imediatamente. Não haveria voos por um prazo indefinido. Pediam que todos os passageiros pegassem suas malas na área de retirada de bagagens, saíssem das instalações do aeroporto em ordem e, por favor, não entrassem em pânico.

— Não é possível que isto esteja acontecendo — diziam os passageiros uns para os outros, ou para si mesmos, diante dos pratos de *nacho* e em grupos indignados diante de máquinas de venda automática. Praguejavam contra a administração do aeroporto, contra a Agência de Segurança dos Transportes, contra as companhias aéreas, contra seus celulares inúteis, enfurecidos porque a fúria era a última defesa contra a compreensão daquilo que os canais de notícias estavam transmitindo. Por baixo da fúria, havia algo absolutamente indizível, o

noticiário da televisão trazia subentendida uma ideia que ninguém ainda era capaz de se obrigar a encarar. Era possível entender o alcance da onda de gripe, mas não era possível entender o que aquilo significava. Clark ficou parado junto à parede de vidro do terminal, no restaurante mexicano, observando a imobilidade do jato da Air Gradia ao longe, e mais tarde se deu conta de que, se não entendeu na hora por que o avião estava distante e sozinho, foi apenas porque não queria entender.

Os funcionários dos restaurantes e das lojas de presentes enxotaram seus fregueses, baixaram e trancaram os portões de aço e foram embora andando, sem olhar para trás. Os passageiros ao redor de Clark começaram a ir embora também, um êxodo que se fundiu com as vagarosas procissões que deixavam os outros dois saguões do aeroporto. Elizabeth e Tyler saíram da sala de espera da Skymiles.

— Estão indo embora? — perguntou Clark.

Aquilo ainda não era completamente real.

— Ainda não — respondeu Elizabeth. Ela parecia um pouco desorientada, mas todo mundo estava assim. — Para onde podemos ir? Você viu as notícias.

Todos que viram as notícias sabiam que as estradas estavam intransitáveis em toda parte, carros abandonados no meio das pistas quando a gasolina acabava, todas as companhias aéreas fechadas, não havia trens nem ônibus. Mesmo assim, a maioria das pessoas estava saindo do aeroporto, porque a voz nos alto-falantes tinha dito que deviam sair.

— Acho que vou ficar aqui por enquanto — disse Clark. Algumas pessoas aparentemente tiveram a mesma ideia, e outras que saíram acabaram voltando, depois de meia hora, contando que não havia nenhum transporte terrestre. Os demais saíram caminhando para Severn City, disseram. Clark esperava que fosse aparecer um funcionário do aeroporto para expulsar todos dali, os cento e poucos passageiros que continuavam no terminal, mas não veio ninguém. Uma funcionária da Air Gradia chorava no balcão de passagens. O monitor acima de sua cabeça ainda indicava VOO 452 AIR GRADIA POUSANDO, mas, quando seu rádio estalou, Clark ouviu a palavra *quarentena*.

Metade dos passageiros remanescentes tinha enrolado echarpes ou camisetas por cima da boca e do nariz, mas àquela altura já haviam se passado horas e, se todos fossem morrer de gripe, pensou Clark, pelo menos alguns deles já não deveriam estar doentes?

Os passageiros que ficaram no aeroporto eram, na maioria, estrangeiros. Olhavam através das

janelas para os aviões em que haviam chegado — Cathay Pacific, Lufthansa, Singapore Airlines, Air France — estacionados em fileiras na pista. Falavam em idiomas que Clark não entendia.

Uma menina pequena atravessava o terminal B inteiro, de ponta a ponta, dando piruetas.

Clark caminhou inquieto por toda a extensão do aeroporto e ficou chocado ao ver que os postos de controle da segurança estavam abandonados. Entrou e saiu três ou quatro vezes por esses postos, só porque podia fazer isso livremente. Achou que experimentaria uma sensação de liberdade, mas tudo que sentiu foi medo. Viu-se olhando fixamente para todo mundo que aparecia, em busca de sintomas. Ninguém parecia doente, mas será que eram portadores do vírus? Clark encontrou um canto o mais distante possível de seus colegas passageiros e ficou ali por um tempo.

— Temos apenas de esperar — disse Elizabeth quando ele voltou a sentar a seu lado. — Sem dúvida, amanhã de manhã vamos ver a Guarda Nacional.

Arthur sempre gostara do otimismo de Elizabeth, Clark se lembrava.

Ninguém saiu do jato da Air Gradia na pista.

Um jovem fazia flexões de braço perto do portão B20. Fez uma série de dez, depois se deitou de costas e ficou um tempo fitando o teto sem piscar, depois fez mais dez flexões etc.

Clark encontrou um exemplar do *New York Times* largado sobre um banco e leu o obituário de Arthur. Destacado ator de cinema e teatro, morto aos cinquenta e um anos. Uma vida resumida numa série de casamentos fracassados — Miranda, Elizabeth, Lydia — e um filho, cuja atual concentração em seu Nintendo portátil era total. Quando Arthur desabou no palco, alguém da plateia fez os procedimentos de reanimação cardiopulmonar, dizia o obituário, mas essa pessoa não foi identificada. Clark dobrou o jornal e guardou na mala.

Ele possuía uma noção precária da geografia do meio-oeste americano. Não tinha tanta certeza de onde se encontrava. Pelos produtos à venda na loja de souvenirs, havia deduzido que estava em algum lugar perto do lago Michigan, que ele conseguia visualizar mentalmente, porque guardara na memória uma fotografia aérea dos Grandes Lagos que vira quando morava em Toronto, só que nunca tinha ouvido falar de Severn City. O aeroporto parecia muito novo. Para além das pistas de decolagem, só conseguia ver uma faixa de árvores. Tentou verificar sua localização no iPhone, mas o mapa não carregava. Nenhum celular estava funcionando, no entanto correu a notícia de que havia um telefone público no setor de retirada de bagagens. Clark ficou meia hora na fila e então discou todos os seus números, mas só ouviu o sinal de ocupado ou chamando sem parar. Onde estava todo mundo? O homem atrás dele na fila deu um suspiro profundo, e então Clark desistiu do telefone e passou um tempo vagando pelo aeroporto.

Quando se cansou de andar, voltou para o banco que havia marcado para si, mais cedo, perto do portão B17, deitou-se de costas sobre o carpete, entre o banco e uma parede de vidro. A neve começou a cair no fim da tarde. Elizabeth e Tyler continuavam na sala de espera da Skymiles. Clark sabia que devia ser sociável e conversar com eles, mas queria ficar sozinho, ou pelo menos o mais sozinho possível, num aeroporto com mais de cem pessoas apavoradas e chorosas. Jantou flocos de milho e barras de chocolate, obtidos numa máquina de venda automática, passou algum tempo ouvindo Coltrane em seu iPod. Pensava em Robert, seu namorado havia três meses. Clark queria muito voltar a vê-lo. O que Robert estaria fazendo naquele momento? Clark ergueu os olhos para o noticiário. Por volta das dez horas da noite, escovou os dentes, voltou ao seu ponto, perto do portão B17, estendeu-se sobre o carpete e tentou imaginar que estava em casa, na sua cama.

Acordou às três da madrugada, tremendo. As notícias pioraram. O tecido estava se esgarçando. Vai ser difícil sair desta situação, pensou ele, porque naqueles primeiros dias ainda era inconcebível que a civilização talvez não se recuperasse mais de tudo aquilo.

Clark estava vendo o canal NBC quando uma adolescente se aproximou. Ele tinha notado a garota antes, sentada sozinha com a cabeça nas mãos. Parecia ter uns dezessete anos e usava um piercing de brilhante no nariz que refletia a luz.

— Desculpe perguntar — disse ela —, mas o senhor teria um comprimido de Venlafaxina?

— Venlafaxina?

— O meu acabou — disse ela. — Estou pedindo a todo mundo.

— Lamento, não tenho. O que é?

— Um antidepressivo — respondeu a garota. — Pensei que a esta hora eu já estaria em

casa, no Arizona.

— Lamento muito. Deve ser horrível para você.

— Bem — disse a garota —, obrigada mesmo assim.

E Clark a viu seguir em frente e perguntar a um casal de jovens, só um pouco mais velhos do que ela, que escutaram por um momento e depois balançaram a cabeça ao mesmo tempo.

Clark estava imaginando um tempo futuro, quando ele e Robert estariam num restaurante em Nova York ou Londres e ergueriam uma taça de vinho num brinde à sorte tremenda que tiveram por conseguirem escapar de tudo aquilo. Quantos amigos de ambos teriam morrido quando ele voltasse a encontrar Robert? Teriam de ir a muitos enterros, velórios. Provavelmente alguma dose de sofrimento e de culpa por terem sobrevivido precisaria ser superada, com a ajuda de terapia e coisas do tipo.

— Que tempo horrível aquele — disse Clark com voz suave a um Robert imaginário, treinando para o futuro.

— Horrível — concordava o Robert imaginário. — Lembra o tempo em que você ficou naquele aeroporto e eu não sabia onde você estava?

Clark fechou os olhos. As notícias continuavam nos monitores, no alto, mas ele não suportava mais olhar. Os sacos de corpos empilhados, as revoltas, os hospitais fechados, os refugiados atônitos caminhando pelas estradas interestaduais. Pense em outra coisa. Se não no futuro, no passado: dançando com Arthur quando eram jovens em Toronto. O gosto do suco de laranja Julius, aquela bebida açucarada que ele só tomava nos shoppings do Canadá. A cicatriz no braço de Robert, logo acima do cotovelo, por causa de uma grave fratura num acidente sofrido na sétima série, o buquê de lírios que Robert tinha mandado para o escritório de Clark uma semana antes. De manhã, Robert gostava de ler um romance enquanto tomava o café. Talvez fosse o hábito mais civilizado com que Clark já havia deparado. Será que Robert estava acordado naquele momento? Estaria tentando sair de Nova York? A tempestade passara e a neve tinha se acumulado bastante sobre as asas dos aviões. Não havia máquinas de descongelamento, nenhuma marca de pneu na pista, nenhuma pegada; o pessoal de terra havia ido embora. O Air Gradia 452 continuava sozinho na pista.

Houve um momento, mais tarde naquele dia, em que Clark piscou e se deu conta de que tinha ficado olhando para o vazio por um tempo. Havia insinuações de perigo, de que era arriscado permitir que os pensamentos vagassem demais, sem rumo nenhum, por isso ele tentou trabalhar, ler seus relatórios de avaliação de 360 graus, mas seus pensamentos estavam dispersos; além do mais Clark não podia deixar de pensar que o executivo-alvo e todas as pessoas que ele havia entrevistado talvez tivessem morrido.

Tentou reler seus jornais, com base na teoria de que aquilo exigia menos concentração do

que os relatórios de trabalho, topou de novo com o obituário de Arthur no *New York Times* e se deu conta de que o mundo em que Arthur havia morrido já parecia muito distante. Ele havia perdido seu mais velho amigo; porém, se as notícias da tevê diziam a verdade, era muito provável que todos ali com ele no aeroporto também haviam perdido alguém. De súbito, sentiu uma ternura dolorosa por seus colegas refugiados, aqueles cento e poucos estranhos ali no aeroporto. Dobrou o jornal e olhou para eles, seus compatriotas, dormindo ou acordados, nervosos, sobre bancos ou no carpete, andando devagar, olhando para os monitores ou para a paisagem de aviões e neve, todos à espera do que viria a seguir.

O PRIMEIRO INVERNO no aeroporto de Severn City:

Houve um frisson de entusiasmo no Dia Dois, quando alguém reconheceu Elizabeth e Tyler e a notícia se espalhou.

— Meu celular! — Clark ouviu um jovem exclamar, frustrado. Tinha uns vinte anos, o cabelo tombado sobre os olhos. — Meu Deus, por que nossos celulares não funcionam? Eu queria tanto tuitar isso.

— Pois é — disse a namorada, ansiosa. — Tipo assim: “Nada de mais, só passando frio junto com o filho de Arthur Leander em pleno fim do mundo.”

— Pode crer — disse o jovem.

Clark se afastou a fim de manter a sanidade, porém mais tarde, num momento em que se sentia mais generoso, lhe ocorreu que provavelmente os dois se achavam em estado de choque.

No Dia Três, todas as máquinas de venda automática no aeroporto ficaram vazias, sem guloseimas, e a bateria do console Nintendo de Tyler estava descarregada. Tyler chorava, inconsolável. A garota que precisava de Venlafaxina estava muito mal àquela altura. Crise de abstinência, disse ela. Ninguém no aeroporto tinha o remédio de que ela precisava. Um grupo de assalto percorreu todas as salas, os escritórios administrativos e a cela da Agência de Segurança dos Transportes Aéreos, vasculhou todas as gavetas de todas as escrivainhas, e depois foi para o lado de fora e arrombou os dez carros, ou mais, abandonados no estacionamento, revirou os porta-luvas e os porta-malas. Acharam coisas úteis em suas buscas, pares de sapato extras, agasalhos e itens semelhantes, mas entre os medicamentos só descobriram analgésicos, antiácidos e um misterioso frasco de comprimidos, que alguém achava que podia ser para úlcera estomacal. Nesse meio-tempo, a garota se deitou num banco, tremendo, ensopada de suor, e disse que sua cabeça soltava fagulhas elétricas toda vez que se mexia.

Ligaram para o número da emergência no telefone público que ficava no setor de retirada de bagagens, mas ninguém atendeu. Foram para o lado de fora e olharam para o estacionamento coberto de neve, a estrada do aeroporto sumia no meio das árvores, mas o que poderia haver lá, afinal, senão a gripe?

Os locutores da televisão não estavam dizendo exatamente que era o fim do mundo, mas a palavra *apocalypse* começou a aparecer.

— Toda essa gente — disse Clark para o Robert imaginário, mas o Robert imaginário não respondeu.

Naquela noite, eles invadiram o restaurante mexicano e cozinham um vasto jantar de carne moída e *tortilla*, com queijo e temperos espalhados por cima. Alguns tiveram sentimentos confusos sobre aquilo — obviamente, tinham sido abandonados ali, todos estavam famintos e o telefone da emergência não funcionava; por outro lado, ninguém quer ser ladrão —, mas aí um caixeiro-viajante chamado Max disse:

— Escutem, pessoal, vamos relaxar, deixa que eu cubro tudo com o meu cartão de crédito Amex.

Soaram aplausos em resposta àquela declaração. O homem tirou seu Amex da carteira com um floreio da mão, e deixou-o na caixa registradora, onde permaneceu intacto durante os noventa e sete dias seguintes.

No Dia Quatro, a comida do restaurante mexicano acabou, bem como a comida da loja de sanduíches do terminal C. Naquela noite, acenderam a primeira fogueira no asfalto da pista, queimando jornais e revistas da banca de jornais e também um banco de madeira do terminal A. Alguém tinha vasculhado a sala de espera da Skymiles. Embriagaram-se com o champanhe que encontraram lá e comeram as laranjas e os petiscos que também acharam naquela sala. Alguém sugeriu que talvez um avião ou helicóptero de passagem veria a fogueira e desceria para salvá-los, mas nenhuma luz atravessava o céu.

Mais tarde, a compreensão de que aquela provavelmente tinha sido sua última laranja. Um mundo sem laranjas!, disse Clark para si mesmo, ou talvez para o Robert imaginário, e riu de um modo que suscitou olhares preocupados dos demais. Naquele primeiro ano, todos estavam um pouco insanos.

No Dia Cinco, arrombaram a loja de presentes porque algumas pessoas não tinham roupas

limpas e, depois disso, num determinado momento, metade da população estava vestida com camisetas Beautiful Northern Michigan vermelhas ou azuis bem vistosas. Lavaram as roupas nas pias e, em toda parte que Clark olhava, via roupas penduradas para secar nos encostos dos bancos. O efeito era estranhamente alegre, como bandeirolas presas em cordões.

Os petiscos da loja de presentes do terminal B terminaram no Dia Seis. A Guarda Nacional ainda não havia chegado.

No Dia Sete, as estações de tevê começaram a sair do ar, uma a uma.

— Assim, todos os nossos funcionários poderão ficar com suas famílias — disse um âncora da CNN, olhos vidrados e sem cor, depois de quarenta e oito horas sem dormir. — Estamos suspendendo temporariamente as transmissões.

— Boa noite — disse a NBC uma hora depois. — E boa sorte.

A CBS, sem muitas explicações, passou a apresentar repetições de *America's Got Talent*. Isso aconteceu às cinco horas da manhã e todos que estavam acordados assistiram por algumas horas — era agradável fazer uma rápida pausa no fim do mundo — e depois, no início da tarde, as luzes apagaram. Voltaram quase imediatamente, mas aquilo provavelmente significava, disse um piloto, que a rede elétrica externa havia parado e o aeroporto tinha ligado os geradores de energia. Todos os funcionários que sabiam como os geradores funcionavam tinham ido embora muito antes. As pessoas vinham saindo, aos poucos, desde o Dia Três.

— É a espera. — Clark ouviu uma mulher dizer. — Não consigo aguentar a espera. Tenho de fazer *alguma coisa*, ainda que seja apenas caminhar até a cidade mais próxima e ver o que está acontecendo...

Um funcionário da Agência de Segurança dos Transportes Aéreos tinha permanecido no aeroporto, só um, Tyrone, e ele sabia caçar. No Dia Oito, ninguém novo chegara ao aeroporto, e ninguém que havia partido voltou, nenhum outro avião ou helicóptero pousou, todos estavam famintos e tentando não pensar nos filmes de apocalipse que tinham visto ao longo dos anos. Tyrone se meteu no meio das árvores, acompanhado por uma mulher que tinha sido guarda-florestal, levando duas armas de fogo retiradas do arsenal da Agência de Segurança dos Transportes Aéreos, e um tempo depois voltaram com um cervo. Penduraram o animal entre as cadeiras de metal, em cima de uma fogueira, e ao pôr do sol todos comeram carne de caça assada e beberam os restos de champanhe. Enquanto isso, a garota que precisava de

Venlafaxina esgueirou-se pela porta de entrada do outro lado do aeroporto e saiu caminhando na direção das árvores. Um grupo tentou encontrá-la, mas não conseguiu.

A garota que precisava de Venlafaxina tinha deixado para trás sua mala e todos os pertences, inclusive a carteira de motorista. Na fotografia, parecia sonolenta, uma versão ligeiramente mais jovem de si mesma, com cabelos mais compridos. O nome era Lily Patterson. Tinha dezoito anos. Ninguém sabia o que fazer com a carteira de motorista. Por fim, alguém colocou o documento sobre o balcão do restaurante mexicano, ao lado do cartão de crédito Amex.

Tyler passou os dias encolhido numa poltrona na sala de espera da Skymiles, lendo e relendo revistas em quadrinhos. Elizabeth ficou sentada a seu lado, de olhos fechados, os lábios se movendo constantemente, ligeiros, numa prece repetida.

A televisão, em silêncio, exibia padrões de teste de imagem.

No décimo segundo dia no aeroporto, as luzes apagaram. Mas as descargas das privadas continuaram a funcionar quando alguém despejava água no vaso, e então eles pegaram tabuleiros de plástico nos postos de controle de embarque, encheram de neve e levaram em carrinhos de bagagem até os banheiros, para derreter. Clark nunca havia pensado no projeto arquitetônico de um aeroporto, mas ficou agradecido por tanta coisa naquele prédio ser feita de vidro. Podiam viver durante a luz do dia e ir dormir quando o sol se punha.

Havia três pilotos entre as pessoas ilhadas no aeroporto. No décimo quinto dia, um deles comunicou que havia decidido pegar um avião e ir para Los Angeles. A neve derreteria, portanto ele achava que poderia conseguir decolar sem a ajuda das máquinas descongeladoras. As pessoas lembraram a ele que, pelo que viram nas notícias, Los Angeles parecia estar numa situação péssima.

— Sim, mas todos os lugares pareciam ruins no noticiário — respondeu o piloto. Sua família estava em Los Angeles. Ele não estava disposto a admitir a possibilidade de nunca mais vê-los. — Se alguém quiser ir comigo, tudo bem — disse ele. — É um voo grátis para Los Angeles.

Só aquilo já parecia uma prova de que o mundo estava acabando, porque eles estavam na era em que as pessoas pagavam taxas extras para levar bagagem adicional, para poder embarcar primeiro e conseguir enfiar as malas nos compartimentos acima das cabeças, antes que o espaço ficasse todo tomado, para ter o privilégio de sentar nas fileiras onde ficavam as saídas de emergência, com seus riscos de vida ou morte e seus cinco centímetros adicionais de espaço para as pernas. Os passageiros trocaram olhares.

— O avião tem combustível — disse o piloto. — Eu estava indo de Boston para San Diego quando fui desviado, e esse não deve ser um voo que consome todo o combustível. — Ocorreu a Clark que, se toda a população do aeroporto fosse com ele, ainda restariam assentos vagos no avião. — Vou dar a vocês o dia todo para pensar — disse o piloto. — Mas amanhã vou decolar, antes que a temperatura caia de novo.

É claro, não havia nenhuma garantia. Não chegara nenhuma notícia do mundo exterior desde que os televisores tinham apagado, e havia momentos de hesitação em que parecia possível — não provável! Mas possível! — que as setenta e nove pessoas abandonadas ali no aeroporto fossem as últimas vivas na face da Terra. Até onde todos ali sabiam, o aeroporto de Los Angeles era um monte de escombros fumegantes. Cálculos desesperados foram feitos. Quase todos que moravam a oeste das Montanhas Rochosas se aproximaram do piloto. A maior parte das pessoas que moravam na Ásia optou por embarcar naquele voo, o que ainda deixaria um oceano inteiro entre elas e seus familiares, mas pelo menos as deixaria duas mil milhas mais próximas do lar.

Ao meio-dia do dia seguinte, os passageiros embarcaram por uma escada com rodinhas, que encontraram num hangar, e uma multidão se aglomerou na pista para ver a partida do avião. O barulho dos motores foi impressionante, depois de tantos dias de silêncio. Houve um longo intervalo em que nada aconteceu, os motores rugiram, até que o avião se moveu e se afastou da fila de aviões estacionados, com uma série de pequenas guinadas bruscas — deixou um espaço vago entre os jatos da Cathay Pacific e da Lufthansa —, e fez uma vagarosa curva para a pista de decolagem. Alguém — impossível ver quem, àquela distância — estava acenando numa das janelas. Algumas pessoas acenaram em resposta. O avião começou a correr pela pista, ganhou velocidade, as rodas se desprenderam do solo e os espectadores prenderam a respiração na hora da subida, mas o aparelho não fraquejou, subiu em vez de cair e, quando se afastou avançando pelo céu claro e azul, Clark percebeu que tinha lágrimas no rosto. Durante sua vida de viagens frequentes, por que nunca havia reconhecido a beleza de um voo? Como era algo improvável. O barulho dos motores diminuiu, a aeronave se afastou pelo céu azul, até que o avião foi envolvido pelo silêncio e se tornou um ponto muito distante no céu. Clark observou até ele desaparecer.

Naquela noite, ao redor da fogueira, ninguém teve muito a dizer. Agora, eram cinquenta e

quatro pessoas, as que não quiseram ir para Los Angeles. A carne de caça era dura demais. Todos mastigavam calados. Tyler, que parecia não falar quase nunca, se mantinha perto de Elizabeth e olhava para as chamas.

Clark consultou seu relógio de pulso. O avião partira cinco horas antes. Estava se aproximando do litoral oeste do continente, ou tinha sido obrigado a aterrissar numa pista sem iluminação em algum ponto perto da Califórnia, ou havia caído a prumo em alguma paisagem escura e em chamas. Ia aterrissar em Los Angeles e os passageiros sairiam para um mundo diferente, ou ia aterrissar e seria recebido por uma multidão em tumulto, ou sofreria um acidente numa pista atulhada de aviões. Os passageiros iam reencontrar seus familiares, ou não. Será que ainda havia eletricidade em Los Angeles? Todos aqueles painéis solares na luz do sul. Todas as lembranças de Clark daquela cidade. Miranda naquele jantar, fumando do lado de fora da casa, enquanto o marido flertava com sua próxima mulher. Arthur tomando sol perto da piscina, uma Elizabeth grávida cochilando a seu lado.

— Não vejo a hora de tudo voltar ao normal — disse ela agora, tremendo à luz da fogueira, e Clark não conseguiu pensar em absolutamente nada para dizer.

A partida do voo para Los Angeles deixou dois pilotos, Stephen e Roy. Roy anunciou sua intenção de decolar, um dia depois de o avião partir para Los Angeles.

— Só um voo de reconhecimento — disse ele. — Acho que vou voar até Marquette, tenho um grande amigo lá, dou uma olhada na situação, tento obter alguma informação sobre o que está acontecendo, talvez conseguir alguns suprimentos, e depois volto.

Ele partiu sozinho na manhã seguinte, num avião pequeno. Não voltou.

— Não faz nenhum sentido — insistiu Elizabeth. — Quer dizer que temos de acreditar que a civilização simplesmente *chegou ao fim*?

— Bem — sugeriu Clark —, ela sempre foi um pouco frágil, não acha?

Estavam sentados juntos, na sala de espera da Skymiles, onde Elizabeth e Tyler haviam montado acampamento.

— Não sei. — Elizabeth falava devagar, olhando para a pista, do lado de fora. — Tenho frequentado cursos de história da arte há anos, nos intervalos entre meus projetos. E é claro que a história da arte é sempre pressionada pela história da não arte, vemos uma catástrofe depois da outra, as coisas mais terríveis, todos aqueles momentos em que todo mundo devia achar que o mundo estava acabando, porém todos esses momentos foram sempre temporários. Isso sempre passa.

Clark ficou calado. Ele não achava que ia passar.

Elizabeth começou a falar de um livro que tinha lido, anos antes, quando ficara presa num aeroporto — mas não *presa* daquele jeito, é óbvio —, e era um livro de vampiro, na verdade

não era o tipo de coisa que costumava ler, mas o livro tinha um artifício narrativo em que Elizabeth andava pensando muito. O cenário era pós-apocalíptico, disse ela, então a gente naturalmente supunha, enquanto estava lendo, que o mundo tinha acabado, o mundo todo, mas depois, mediante um artifício engenhoso em que se mostrava o futuro, ficava claro que, na verdade, não era toda a civilização que estava perdida, era só a América do Norte, que tinha sido posta em quarentena a fim de impedir que o vampirismo se espalhasse.

— Não acho que isto seja uma quarentena — disse Clark. — Acho que, na verdade, não existe mesmo mais nada lá fora, pelo menos nada de bom.

De fato, havia uma série de argumentos consistentes contra a teoria da quarentena, a saber, a pandemia havia começado na Europa, as últimas notícias indicavam caos e desordem generalizada em todos os continentes, menos na Antártica, e de resto, para começo de conversa, como alguém poderia pensar em isolar a América do Norte, levando em conta as viagens aéreas e o fato de a América do Sul, afinal, estar mais ou menos presa a ela?

Mas Elizabeth estava inabalável em suas convicções.

— Tudo acontece por uma razão — dizia ela. — Isto vai passar. Tudo passa.

Clark não conseguiu se obrigar a discutir com ela.

Clark tomava o cuidado de fazer a barba de três em três dias. O banheiro masculino não tinha janela, era iluminado apenas por um suprimento de velas aromáticas cada vez mais escassas, apanhadas na loja de presentes, e a água tinha de ser aquecida na fogueira do lado de fora, mas Clark tinha a sensação de que o esforço valia a pena. Vários homens no aeroporto já não faziam mais a barba e o efeito era tremendo e também bastante desagradável. Clark não gostava do aspecto de barbas compridas em geral, em parte por motivos estéticos e em parte porque, no terreno do manejo da criminalidade urbana, acreditava na teoria das janelas quebradas, ou seja, a forma como a aparência de degradação pode abrir caminho para crimes mais graves. No Dia Vinte e Sete, ele dividiu o cabelo ao meio com capricho e raspou o lado esquerdo da cabeça.

— É o corte de cabelo que eu usava há muito tempo, entre os dezessete e os dezenove anos — disse para Dolores, quando ela o olhou com uma sobrancelha erguida.

Dolores era uma mulher que viajava a negócios, solteira, sem família, o que significava que era uma das pessoas mais mentalmente sãs no aeroporto. Ela e Clark tinham feito um acordo em que ela prometera contar para Clark se ele desse sinais de que havia perdido a sanidade mental, e vice-versa. O que ele não contou para Dolores foi que, depois de tantos anos de respeitabilidade no mundo empresarial, aquele corte de cabelo lhe deu a sensação de ser de novo ele mesmo.

A manutenção da sanidade exigia certas recalibrações relacionadas à memória e à visão.

Havia coisas que Clark se proibia de pensar. Por exemplo, todo mundo que ele conhecera fora do aeroporto. E ali o voo 452 da Air Gradia, silencioso, ao longe, perto do perímetro da cerca, era um assunto jamais discutido, por força de um acordo tácito. Clark tentava não olhar para o avião e às vezes quase conseguia se convencer de que estava vazio, assim como todos os outros aviões lá fora. Não pense na decisão indescritível de manter o jato trancado, em vez de expor a um contágio fatal as pessoas que lotavam o aeroporto. Não pense no que deve ter sido necessário para fazer valer tal decisão. Não pense nas últimas horas a bordo.

A neve caiu sem parar durante alguns dias após a partida de Roy, mas Elizabeth insistiu em manter uma pista sempre desobstruída. Ela estava começando a ter um olhar fixo, de um jeito que deixava todo mundo com medo dela, então no início ela ficava sozinha lá fora, com uma pá, removendo a neve da pista sete, em turnos regulares de trabalho, mas depois algumas pessoas saíram para se juntar a ela, porque sua celebridade ainda tinha certo valor e ela estava lá fora, sozinha, deslumbrante e solitária. E também — por que não? — o trabalho físico ao ar livre era preferível a ficar vagando pelos mesmos saguões horrendos e imutáveis, ou ficar sentado pensando em todas as pessoas queridas que nunca mais ia ver, ou se convencendo de que tinha ouvido vozes vindo do jato da Air Gradia. Em pouco tempo, havia nove ou dez pessoas trabalhando para manter limpa a pista sete, um grupo central que de vez em quando atraía voluntários da periferia. E afinal, por que não? Até a teoria da quarentena de Elizabeth era bela demais para ser verdadeira — a ideia de que em algum lugar as coisas continuavam a ser como antes, intocadas pelo vírus, as crianças iam à escola e a festas de aniversário, os adultos iam trabalhar e se reuniam em festas em outro lugar, e todos falavam sobre como era lamentável terem perdido a América do Norte, mas depois a conversa acabava tratando de esportes, política, clima — havia ainda os militares, com seus segredos e seus abrigos subterrâneos, seus estoques de combustível, remédio e alimento.

— Eles vão precisar de uma pista limpa para aterrissar quando vierem nos buscar — disse Elizabeth. — Eles virão nos buscar. Você sabe disso, não sabe?

— É possível — respondeu Clark, tentando ser gentil.

— Se alguém viesse nos buscar — disse Dolores —, acho que já teriam chegado.

Mas eles viram de fato uma aeronave depois da calamidade, só uma. No Dia Sessenta e Cinco, um helicóptero cruzou o céu ao longe, uma débil vibração sonora se deslocando de norte para sul, e ficaram olhando por certo tempo, depois que passou. Continuaram de vigia por um momento, à espera, ao ar livre, em duplas, com camisetas de cores vistosas a fim de acenar para o helicóptero, na luz do dia, e mantinham uma fogueira acesa durante a noite, para servir de sinalização, porém nada cruzou o céu, a não ser os pássaros e as estrelas cadentes.

O céu da noite estava mais luminoso do que antigamente. Nas noites mais claras, as estrelas, exuberantes em sua profusão, formavam uma nuvem de luz que atravessava a extensão do céu. Quando Clark percebeu isso pela primeira vez, se perguntou se não estava tendo uma alucinação. Supôs que possuía uma reserva profunda de traumas indescritíveis que podiam, a qualquer momento, desabrochar em forma de insanidade mental, do mesmo modo como o câncer nos ossos de sua mãe havia brotado escuro nas radiografias em seus últimos meses de vida. Porém, depois de algumas semanas, Clark teve a impressão de que aquela coisa com as estrelas era persistente demais para ser uma alucinação — além de ser algo muito extremo, a forma como os aviões projetavam uma sombra mesmo quando a lua era apenas uma faixa estreita —, por isso se arriscou a comentar com Dolores.

— Não é sua imaginação — respondeu Dolores.

Ele começara a pensar em Dolores como sua melhor amiga. Haviam passado um agradável dia de camaradagem no aeroporto, fazendo faxina, e agora ajudavam a acender uma fogueira com galhos que alguém havia arrastado da mata. Dolores explicou aquilo para ele. Uma das grandes questões científicas do tempo de Galileu era se a Via Láctea era formada por estrelas individuais. Impossível imaginar que aquilo fosse posto em questão na era da eletricidade, mas o céu noturno era um jorro de luz no tempo de Galileu, e agora era um jorro de luz outra vez. A era da poluição luminosa tinha chegado ao fim. O aumento do brilho significava que a rede de energia estava deixando de funcionar e a escuridão inundava a Terra. Eu vi o fim da eletricidade. O pensamento disparou calafrios nas costas de Clark.

— As luzes vão voltar algum dia — insistia Elizabeth — e então, finalmente, vamos poder voltar para casa.

Mas havia de fato alguma razão para acreditar naquilo?

Os cidadãos no aeroporto se habituaram a reunir-se todas as noites ao redor da fogueira, uma tradição tácita que Clark detestava e amava. O que ele amava eram as conversas, os momentos de leveza ou mesmo de silêncio, em que Clark não se sentia sozinho. Mas às vezes o pequeno círculo de pessoas e a luz do fogo pareciam apenas acentuar o vazio do continente, sua solidão, a chama de uma vela acesa no meio de uma vasta escuridão.

É surpreendente como a condição de viver com uma mala de rodinhas, num banco perto de um portão de embarque, pode rapidamente começar a parecer algo normal.

Tyler usava um suéter de Elizabeth que batia nos joelhos, as mangas cada vez mais imundas estavam arregaçadas. Em geral, ficava calado, lendo histórias em quadrinhos ou o exemplar do Novo Testamento de Elizabeth.

Eles permutavam idiomas. Lá pelo Dia Oitenta, a maior parte das pessoas que tinham chegado sem saber inglês já estava aprendendo a língua, em grupos informais, e os falantes de inglês estavam estudando um ou mais idiomas dos passageiros das companhias aéreas Lufthansa, Singapore Airlines, Cathay Pacific e Air France. Clark estava aprendendo francês com Annette, comissária de bordo da Lufthansa. Ele murmurava as expressões para si mesmo enquanto cuidava dos afazeres da existência cotidiana, buscar água, lavar roupa na pia, aprender a esfolar um cervo, acender fogueiras, fazer faxina. Je m'appelle Clark. J'habite dans l'aéroport. Tu me manques. Tu me manques. Tu me manques.

Um estupro na noite do Dia Oitenta e Cinco; o aeroporto acordou depois da meia-noite com um grito de mulher. Amarraram o homem até o sol nascer e depois o levaram para a mata, sob a mira de armas, disseram que se voltasse levaria um tiro.

— Sozinho aqui fora eu vou morrer — disse ele, soluçando, e ninguém discordou, mas o que mais poderiam fazer?

— Por que ninguém veio aqui? — disse Dolores. — É nisso que fico pensando. Não estou falando de um resgate. Falo só de gente andando sem rumo.

O aeroporto não era especialmente distante. Severn City não ficava a mais de trinta quilômetros de distância. Ninguém apareceu, mas, por outro lado, quem havia sobrado? Relatos iniciais indicavam que o índice de mortalidade era de noventa e nove por cento.

— Então é preciso levar em conta o colapso social — disse Garrett. — Pode não ter sobrado ninguém. — Era um homem de negócios da costa leste do Canadá. Usava o mesmo terno desde que seu voo aterrissara, só que agora combinava o terno com uma camiseta Beautiful Northern Michigan, apanhada na loja de presentes do aeroporto. Tinha os olhos claros, de um jeito que deixava Clark desconcertado. — A violência, talvez o cólera e o tifo, todas as infecções que eram curadas por antibióticos no tempo em que era possível obter antibióticos, e depois coisas como picadas, asma... Alguém tem um cigarro?

— Você é engraçado — disse Annette.

Seus adesivos de nicotina tinham terminado no Dia Quatro. Durante uma fase especialmente penosa, algumas semanas antes, ela tentara fumar canela, que pegou no quiosque de café.

— Isso foi um não? E a diabetes — disse Garrett, aparentemente esquecendo o cigarro. — HIV. Pressão alta. Tipos de câncer que respondiam bem à quimioterapia, quando a quimioterapia era acessível.

— Não há mais quimioterapia — disse Annette. — Também já pensei nisso.

— Tudo acontece por uma razão — disse Tyler. Clark não tinha percebido sua

aproximação. Tyler andava circulando muito pelo aeroporto ultimamente e tinha um jeito de se mover tão silenciosamente que parecia se materializar de repente, do nada. Era tão raro ele falar que era fácil esquecer que Tyler estava presente. — É o que mamãe disse — acrescentou, quando todos olharam para ele.

— É, mas isso é porque a Elizabeth é uma doida varrida — disse Garrett.

Clark havia notado que ele tinha dificuldade para filtrar as palavras.

— Na frente da criança? — Annette torcia entre os dedos a echarpe de seu uniforme da Lufthansa. — É da mãe dele que você está falando. Tyler, não ligue para o que ele diz.

Tyler apenas olhava fixamente para Garrett.

— Desculpe — disse Garrett para Tyler. — Eu me descontrolei.

Tyler nem piscou.

— Sabe — disse Clark —, acho que devemos pensar em enviar um grupo de batedores para ver a situação nos arredores.

Os batedores partiram ao raiar do Dia Cem: Tyrone, Dolores e Allen, um professor de Chicago. Houve certa discussão sobre a ideia do grupo de batedores ser de fato boa ou não. Eles podiam matar cervos para continuar sobrevivendo e, ali no aeroporto, tinham as poucas coisas de que necessitavam, exceto sabão e pilhas, que haviam acabado, e além do mais o que poderia haver lá fora, senão a pandemia? No entanto, o grupo de batedores partiu armado com o revólver de Tyrone, da Agência de Segurança dos Transportes Aéreos, além de alguns mapas rodoviários.

O silêncio do Dia Cem. Aguardando o grupo de batedores voltar com suprimentos, ou trazendo a gripe, ou com sobreviventes enlouquecidos que queriam matar todo mundo, ou simplesmente não voltar. Tinha nevado na noite anterior e o mundo estava imóvel. Neve branca, árvores escuras, céu cinzento, e os logotipos das companhias aéreas na cauda dos aviões pousados eram as únicas manchas de cor na paisagem.

Clark andou até a sala de espera da Skymiles. Ultimamente, vinha evitando entrar lá porque queria evitar Elizabeth, mas era um recanto seguramente tranquilo no aeroporto e ele gostava das poltronas com vista para a pista asfaltada. Ficou olhando para a fileira de aviões e, pela primeira vez em muito tempo, se viu pensando em Robert, seu namorado. Robert era um curador — foi um curador? Sim, provavelmente Robert existia com verbos flexionados no passado, junto com quase todo mundo, tente não pensar nisso —, e quando Clark deu as costas para a janela, seu olhar bateu numa vitrine que, no passado, havia exposto sanduíches.

Se Robert estivesse ali — meu Deus, quem dera —, se Robert estivesse ali, na certa teria enchido as prateleiras com artefatos e, na mesma hora, começaria a montar um museu. Clark colocou seu iPhone inútil na prateleira de cima. O que mais? Max partira no último voo para

Los Angeles, mas seu cartão Amex ainda juntava poeira sobre o balcão do restaurante mexicano do terminal B. Além disso, a carteira de motorista de Lily Patterson. Clark levou aqueles objetos para a sala de espera da Skymiles e colocou-os lado a lado, dentro do vidro. Ali, eles pareciam algo irreal, e então acrescentou seu laptop, e isso foi o início do Museu da Civilização. Clark não mencionou aquilo para ninguém, mas, quando voltou, algumas horas depois, alguém tinha acrescentado outro iPhone, um par de sapatos vermelhos de salto alto, de doze centímetros, e um globo de vidro que imitava a neve caindo.

Clark sempre gostara muito de objetos bonitos e, em sua condição mental atual, todos os objetos eram bonitos. Ele parou para pensar melhor naquela questão e descobriu que ficava comovido com cada item que via ali, com o trabalho humano que cada objeto requeria. Vejam o caso daquele globo de vidro. Pensem na mente que inventou aquelas nevascas em miniatura, o operário que transformou pedaços de plástico em flocos brancos de neve, a mão que desenhou o projeto daquela Severn City em miniatura, com seu campanário da igreja e seu prédio da prefeitura, o operário da linha de montagem que viu o globo deslizar sobre uma esteira rolante, em algum lugar da China. Pensem nas luvas brancas nas mãos da mulher que colocou os globos de vidro dentro das caixas, empilhadas em caixas maiores, caixotes, contêineres de navio. Pensem nas partidas de baralho jogadas nos conveses inferiores, à noite, no navio que transportava os contêineres através do oceano, a mão que amassa a guimba de cigarro aceso num cinzeiro abarrotado, a neblina de fumaça azul na luz turva, a cadência de meia dúzia de idiomas unidos por grosserias comuns, os sonhos dos marinheiros com terra e mulheres, aqueles homens para quem o oceano era uma linha cinzenta no horizonte, que devia ser transposta em navios do tamanho de arranha-céus deitados. Pensem na assinatura na escritura de carga quando o navio chegava ao porto, uma assinatura diferente de todas as outras que existem no mundo, a xícara de café na mão do motorista que levou as caixas até o centro de distribuição, as esperanças secretas do homem da empresa de correio que levou as caixas de globos de vidro até o aeroporto de Severn City. Clark balançou o globo e ergueu-o sob a luz. Vistos através do globo, os aviões apareciam tortos, envolvidos pela neve que rodopiava.

O grupo de batedores voltou no dia seguinte, esgotado e com frio, trazendo três carrinhos de aço de uma cozinha industrial, empilhados até em cima com suprimentos. Tinham encontrado uma lanchonete Chili's que ainda não fora saqueada e contaram que passaram a noite tremendo dentro de cabines telefônicas. Trouxeram papel higiênico, molho de pimenta, guardanapos, sal e pimenta, enormes latas de tomate, talheres e sacos de arroz, litros de sabonete líquido rosado.

Disseram que, à frente, na estrada, logo depois do ponto que podiam enxergar de lá, havia uma barreira de tráfego, uma placa indicando quarentena. Ninguém viera ao aeroporto por causa da placa, que dizia que a gripe estava lá, com passageiros doentes, e que era preciso ficar longe. Para além da barreira, havia carros abandonados até onde a vista alcançava, alguns com cadáveres dentro. Chegaram a um hotel perto do aeroporto e discutiram se deviam pegar lençóis e toalhas, mas o cheiro era tal que eles sabiam o que os aguardava no saguão

escurecido e resolveram que era melhor não pegar nada. Então viram restaurantes fast-food um pouco à frente, na estrada. Não encontraram mais ninguém.

— Como é lá fora? — perguntou Clark.

— É um silêncio — respondeu Dolores.

Ela ficou surpresa com a emoção que a dominou em seu regresso, quando o grupo de batedores teve de se esforçar para vencer a barreira na estrada, com seus carrinhos de aço cheios de suprimentos, seus guardanapos e suas garrafas tilintantes de molho de pimenta, seguindo em frente pela estrada do aeroporto, até que o aeroporto surgiu entre as árvores. *Meu lar*, pensou Dolores, e sentiu um grande alívio.

Um dia depois, chegou o primeiro estranho. Eles tinham posicionado sentinelas com apitos para serem avisados da aproximação de algum estranho. Todos tinham visto os filmes pós-apocalípticos, com os errantes perigosos que brigavam com unhas e dentes pelas últimas migalhas. Mas, na verdade, quando parou para pensar, explicou Annette, todos os filmes pós-apocalípticos a que havia assistido tinham zumbis.

— Só estou querendo dizer que podia ser muito pior — disse ela.

Mas o primeiro homem a chegar, sob um céu baixo e cinzento, parecia mais atônito do que perigoso. Sujo, idade indeterminada, vestido com várias camadas de roupas, havia muito tempo que não fazia a barba. Apareceu na estrada com uma arma na mão, mas parou e a deixou cair na calçada quando Tyrone pediu que ele largasse a arma. Ergueu as mãos acima da cabeça e olhou fixamente para as pessoas reunidas à sua volta. Todos tinham perguntas. Ele pareceu ter de se esforçar muito para falar. Seus lábios se moviam em silêncio e ele pigarreou várias vezes antes de conseguir. Clark entendeu que fazia tempo que não falava.

— Eu estava no hotel — disse ele, afinal. — Segui as pegadas de vocês na neve.

Havia lágrimas em seu rosto.

— Está bem — disse alguém. — Mas por que está chorando?

— Pensei que eu fosse o único.

NO FIM DO Ano Quinze, havia trezentas pessoas no aeroporto e o Museu da Civilização enchia a sala de espera da Skymiles. Tempos antes, quando o aeroporto abrigava menos pessoas, Clark trabalhava o dia inteiro nos detalhes da sobrevivência: pegar lenha, buscar água para os banheiros e para manter as privadas funcionando, participar de expedições de resgate de suprimentos na abandonada cidade de Severn City, plantar nos campos estreitos de cultivo, ao longo das pistas de pouso, esfolar cervos. Mas agora havia muito mais gente, Clark estava mais velho e ninguém parecia se importar que ele se mantivesse ocupado com o museu o dia todo.

Parecia haver no mundo um número ilimitado de objetos sem nenhum fim prático, mas que as pessoas queriam preservar: celulares com seus botões delicados, iPads, o console Nintendo de Tyler, uma coleção de laptops. Havia uma porção de sapatos sem nenhum objetivo prático, em geral de saltos finos e compridos, lindos e estranhos. Havia três motores de carro, em fila, limpos e polidos, uma motocicleta feita sobretudo de peças cromadas lustrosas. Às vezes, mercadores traziam coisas para Clark, objetos sem nenhum valor real, mas que sabiam que ele ia apreciar: revistas, jornais, uma coleção de selos, moedas. Havia passaportes, carteiras de motorista, às vezes cartões de crédito de pessoas que tinham vivido no aeroporto e depois morreram. Clark mantinha um registro impecável de tudo.

Ele deixava os passaportes de Elizabeth e Tyler abertos na página das fotografias. Elizabeth havia entregado os documentos para ele na noite anterior à sua partida, no verão do Ano Dois. Clark ainda se sentia perturbado com os passaportes, depois de tantos anos.

— Eram pessoas perturbadoras — disse Dolores.

Alguns meses antes de Elizabeth e Tyler irem embora, no Ano Dois, Clark cortava galhos para usar como lenha, quando ergueu os olhos e pensou ver alguém de pé, junto ao avião da Air Gradia. Uma criança, mas havia diversas crianças no aeroporto e, àquela distância, ele não podia saber quem era. O avião ficava numa área estritamente proibida, mas as crianças gostavam de assustar-se umas às outras com histórias de fantasmas. A criança segurava alguma coisa. Um livro? Clark encontrou Tyler parado de frente para o nariz do avião, lendo um livro em voz alta.

— “Por isso num só dia virão sobre ela as pragas” — dizia ele para o avião, quando Clark se aproximou. Fez uma pausa e ergueu os olhos. — Vocês ouviram? Pragas. “Num só dia virão sobre ela as pragas. Morte, pranto e fome. Ela será consumida pelo fogo, porque forte é o Senhor Deus que a condenou.”

Clark reconheceu o texto. Durante três meses, em seus tempos de Toronto, tivera um namorado evangélico que tinha sempre uma Bíblia na mesinha de cabeceira. Tyler parou de ler e ergueu os olhos.

— Você lê muito bem para sua idade — disse Clark.

— Obrigado.

O menino estava obviamente um pouco maluco, mas o que se podia fazer por ele? No Ano Dois, todo mundo ainda estava abalado.

— O que está fazendo?

— Estou lendo para as pessoas lá dentro — respondeu Tyler.

— Não há ninguém lá dentro.

Mas é claro que havia. Clark teve um calafrio debaixo do sol. O avião continuava trancado, porque abri-lo era um pesadelo em que ninguém queria pensar, porque ninguém sabia se o vírus podia ser contraído dos mortos, porque aquilo era um mausoléu enorme. Clark nunca o vira tão de perto. As janelas do avião estavam escuras.

— Eu só quero que eles saibam que isso aconteceu por uma razão.

— Escute, Tyler, há coisas que apenas acontecem.

Assim, de tão perto, a imobilidade do avião fantasma era aterradora...

— Mas por que eles morreram, em vez de nós? — perguntou o menino, com ar de quem recita com paciência um argumento bem-ensaiado. Seus olhos não piscavam.

— Porque eles foram expostos a um vírus e nós não. Você pode buscar razões, e Deus sabe que algumas pessoas aqui ficaram meio loucas, tentando encontrá-las. Mas, Tyler, isso é tudo que existe.

— E se tivermos sido salvos por um motivo diferente?

— Salvos?

Clark estava lembrando por que ele não falava muito com Tyler.

— Algumas pessoas foram salvas. Pessoas como nós.

— O que você quer dizer com “pessoas como nós”?

— Pessoas boas — disse Tyler. — Pessoas que não eram fracas.

— Escute, não é uma questão de ter sido bom ou não... as pessoas lá dentro, no avião da Air Gradia, estavam apenas no lugar errado na hora errada.

— Certo — disse Tyler. Clark deu meia-volta e a voz de Tyler recomeçou quase imediatamente, atrás dele, agora mais suave, lendo em voz alta: — “Ela será consumida pelo fogo, porque forte é o Senhor Deus que a condenou.”

Elizabeth e Tyler estavam morando na cabine de primeira classe do avião da Air France. Ele a encontrou sentada sob a luz do sol, na escada com rodinhas que dava acesso à porta de entrada, tricotando alguma coisa. Fazia tempo que Clark não falava com ela. Não vinha evitando Elizabeth, propriamente, mas sem dúvida não procurava sua companhia.

— Estou preocupado com seu filho — disse Clark.

Ela fez uma pausa no tricô. A intensidade louca de seus primeiros dias tinha se dissipado.

— Por quê?

— Agora mesmo ele está perto do avião em quarentena — respondeu Clark —, lendo em voz alta para os mortos trechos do livro do Apocalipse.

— Ah. — Ela sorriu e retomou seu tricô. — Ele está muito adiantado na leitura.

— Acho que ele está com umas ideias muito esquisitas sobre... bem... sobre o que aconteceu.

Clark ainda não tinha palavras para aquilo, ele se deu conta. Ninguém falava do assunto de forma direta.

— Que tipo de ideias esquisitas?

— Ele acha que a pandemia aconteceu por uma razão — disse Clark.

— E aconteceu mesmo por uma razão.

— Bem, está certo, mas eu me refiro a uma razão além do fato de quase todo mundo na Terra ter pegado uma forma extremamente letal de mutação da gripe suína. Parece que ele acha que há uma espécie de julgamento divino envolvido nisso.

— Ele tem razão — disse ela.

Parou de tricotar por um instante, a fim de contar as carreiras.

Clark sentiu uma leve vertigem.

— Elizabeth, que razão pode haver para algo assim? Que tipo de plano pode exigir que...?

Ele percebeu que sua voz tinha aumentado de volume. Seus punhos estavam cerrados.

— Tudo acontece por uma razão — disse ela. Não olhava para ele. — Não cabe a nós saber.

Mais tarde, naquele verão, chegou um bando de errantes religiosos, andando rumo ao sul. A natureza exata de sua religião não ficou clara.

— Um mundo novo requer deuses novos — diziam. — Somos guiados por visões.

Falaram coisas vagas sobre sinais vistos em sonhos. O aeroporto os abrigou por algumas noites apreensivas, pois aquilo pareceu menos perigoso do que expulsá-los. Os errantes comeram a comida deles e em troca ofereceram bênçãos, que no geral envolviam colocar a palma da mão na testa e murmurar preces. Sentavam-se numa roda no terminal C e cantavam à noite, num idioma que ninguém no aeroporto jamais tinha ouvido. Quando foram embora, Elizabeth e Tyler foram junto.

— Só queremos levar uma vida mais espiritual — disse Elizabeth —, eu e meu filho.

E ela pediu desculpas por deixar todos, como se sua partida fosse uma espécie de abandono pessoal. Na hora em que foram embora, Tyler pareceu muito pequeno atrás do grupo. Eu devia ter feito mais por ela, pensou Clark. Eu devia ter puxado Elizabeth da beira do abismo. Porém Clark consumia todas as suas energias tentando se manter longe da beira do abismo; além do mais, o que poderia ter feito? Quando o grupo desapareceu na curva da estrada do aeroporto, Clark tinha certeza de que não era só ele que sentia alívio.

— Esse tipo de insanidade é contagiosa — disse Dolores, fazendo eco a seus pensamentos.

No Ano Quinze, pessoas iam ao museu para ver o passado, depois de seus longos dias de trabalho. Algumas poltronas originais da sala de espera da primeira classe continuavam ali e era possível sentar e ler os últimos jornais, de quinze anos antes, virando as páginas quebradiças com luvas que Clark havia costurado toscamente a partir de um lençol de hotel. O que acontecia ali era algo semelhante a uma prece. James, o primeiro homem a chegar de fora ao aeroporto, ia ao museu quase todos os dias para ver a motocicleta. Ele a encontrara em Severn City, no Ano Dois, e a usara até a gasolina dos automóveis estragar e o combustível de aviação terminar. Sentia muita saudade da motocicleta. Emmanuelle, a primeira criança a nascer no aeroporto, ia ali muitas vezes para olhar os telefones.

Agora, havia uma escola no terminal C. Como ocorre em toda parte com crianças educadas, as crianças da escola do aeroporto memorizavam abstrações: antigamente, os aviões que

estavam lá fora voavam pelo ar. Era possível usar um avião para viajar até o outro lado do mundo, mas — o professor era um homem que tinha sido cliente preferencial em duas companhias aéreas — quando se estava dentro do avião, era preciso desligar todos os aparelhos eletrônicos antes da decolagem e da aterrissagem, aparelhos como as pequeninas máquinas fininhas que tocavam música e as máquinas maiores, que abriam como livros e tinham telas que não ficavam sempre escuras, e por dentro eram abarrotadas de circuitos, e aquelas máquinas eram a porta para uma rede mundial. Os satélites irradiavam informação para a Terra. Mercadorias viajavam em navios e em aviões através do mundo. Não havia nenhum lugar que fosse distante demais para ser alcançado.

Contavam às crianças como era a internet, como estava em toda parte e conectava tudo, como nós éramos a internet. As crianças viam mapas e globos terrestres, as linhas das fronteiras que a internet havia transposto. Essa massa amarela de terra em forma de luva é um país; este ponto aqui na parede é Severn City. Aquele era Chicago. Aquele outro era Detroit. As crianças entendiam os pontos nos mapas — *aqui* —, mas até os adolescentes ficavam confusos com as fronteiras. Havia existido países e fronteiras. Era difícil explicar.

No outono do Ano Quinze, aconteceu algo notável. Um mercador apareceu com um jornal. Ele passava pelo aeroporto desde o Ano Seis e suas especialidades eram utensílios de cozinha, meias e material de costura. Acampou no jato da Air France para pernoitar, e de manhã, antes de ir embora, foi falar com Clark.

— Tenho uma coisa que talvez você aprecie — disse ele — para esse seu museu. — E entregou três folhas de papel amassado.

— O que é isso?

— Um jornal — respondeu o mercador.

Três números consecutivos, com alguns meses de atraso. Era publicado regularmente em New Petoskey, disse o mercador. Havia anúncios de nascimentos, de mortes, de casamentos. Uma coluna de trocas: um homem local queria sapatos novos em troca de leite e ovos; outra pessoa tinha óculos de leitura que pretendia trocar por uma calça jeans tamanho 6. Havia a história de um grupo de três selvagens que tinham sido vistos ao sul da cidade, uma mulher e duas crianças. Os residentes eram orientados a evitá-los e, em caso de contato acidental, falar com brandura e evitar fazer qualquer movimento brusco. Algo chamado Sinfonia Itinerante tinha acabado de passar pela cidade, embora Clark tenha entendido que não se tratava meramente de uma orquestra sinfônica. Havia o elogio entusiástico a uma encenação da peça *Rei Lear*, com menção especial à atuação de Gil Harris como Lear e de Kirsten Raymonde no papel de Cordélia. Uma garota local queria anunciar que tinha uma ninhada de gatos para distribuir e que a mãe dos gatinhos era uma boa caçadora de ratos. Havia o lembrete de que a biblioteca estava sempre à cata de livros e que pagava com vinho.

O bibliotecário, François Diallo, era também o editor do jornal e parecia que, quando sobrava espaço, ele completava com textos de sua coleção. O primeiro número tinha um poema de Emily Dickinson; o segundo, um excerto de uma biografia de Abraham Lincoln. A página de trás inteira do terceiro número — pelo visto, tinha sido um mês escasso de notícias

e anúncios — era preenchida com uma entrevista com a atriz que representara o papel de Cordélia, Kirsten Raymonde. Ela havia deixado Toronto com o irmão na época da calamidade, mas só sabia disso porque o irmão havia contado. Suas memórias eram limitadas, mas havia uma noite, imediatamente anterior ao fim, da qual ela se lembrava em detalhes.

RAYMONDE: Eu estava no palco junto com mais duas meninas da montagem, e eu estava atrás de Arthur, por isso não via seu rosto. Mas lembro que houve certa comoção nas fileiras da frente da plateia, bem junto ao palco. E então lembro que ouvi um barulho, uma pancada seca, e era a mão de Arthur que bateu na coluna de madeira ao lado da minha cabeça. Ele tinha cambaleado para trás, o braço rodou no vazio, procurando apoio, e então um homem da plateia subiu no palco e correu na direção dele...

Clark parou de respirar um momento enquanto lia. O choque de reencontrar alguém que havia conhecido Arthur, que não só o conhecera como também tinha presenciado sua morte.

Os jornais passaram de mão em mão pelo aeroporto durante quatro dias. Eram os primeiros jornais que viam desde o dia da calamidade. Quando devolveram os exemplares ao museu, Clark segurou-os por um bom tempo, relendo a entrevista com a atriz. Afora a menção a Arthur, ele se deu conta, aquilo em si representava um desenvolvimento extraordinário. Se agora existiam jornais, o que mais também era possível fazer? Nos velhos tempos, Clark tomara alguns voos noturnos entre Nova York e Los Angeles, e havia um momento no voo em que o sol nascente se espalhava de leste para oeste sobre a paisagem, a alvorada se refletia em rios e lagos, nove mil metros abaixo de sua janela, e embora ele claramente soubesse que era tudo uma questão de fuso horário, que era sempre noite e sempre manhã em algum lugar da Terra; naqueles momentos ele nutria um prazer secreto com a ideia de que o mundo estava despertando.

Clark esperava que chegassem mais jornais nos anos seguintes, mas não apareceu nenhum.

A ENTREVISTA NO Ano Quinze, continuação:

RAYMONDE: Você tem mais alguma pergunta?

DIALLO: Tenho mais perguntas, sim, mas você não quis respondê-las.

RAYMONDE: Vou responder, se você não anotar.

François Diallo baixou a caneta e o caderno sobre a mesa.

— Obrigada — disse Kirsten. — Vou responder suas perguntas agora, se você quiser, mas só se elas não forem publicadas no seu jornal.

— Combinado. Quando você pensa na forma como o mundo mudou durante sua vida, em que você pensa?

— Penso em matar.

Seu olhar era firme.

— É mesmo? Por quê?

— Alguma vez você já teve de fazer isso?

François suspirou. Ele não gostava de pensar naquilo.

— Certa vez, fui apanhado de surpresa na mata.

— Eu também.

Era noite e François tinha acendido uma vela na biblioteca. Ela estava acesa no meio de uma banheira de plástico, por motivos de segurança. A luz da vela atenuava a cicatriz na bochecha esquerda de Kirsten. Usava um vestido de verão com uma estampa desbotada de flores brancas em fundo vermelho, três facas embainhadas em seu cinturão.

— Quantas? — perguntou ele.

Ela virou o pulso para mostrar as tatuagens de facas. Duas.

A Sinfonia vinha descansando em New Petoskey por uma semana e meia até então, e François tinha entrevistado quase todos os integrantes. August lhe contara sobre a maneira como saíra sozinho de sua casa vazia em Massachusetts com seu violino, se associara a um culto durante três anos, antes de fugir de novo e esbarrar com a Sinfonia. Viola tinha uma história angustiante, em que ela havia pedalado de bicicleta para oeste, aos quinze anos, depois de deixar para trás as ruínas incendiadas de um subúrbio de Connecticut, nutrindo vagas ideias sobre a Califórnia, mas foi atacada por passantes muito antes de chegar lá, foi gravemente ferida, uniu-se com outros adolescentes semisselvagens numa gangue de saqueadores e depois fugiu deles; caminhou sozinha por cento e sessenta quilômetros, murmurando em francês para si mesma, porque todo o horror em sua vida havia se manifestado em inglês e ela achou que trocar de língua poderia salvá-la, e acabou entrando numa cidade onde a Sinfonia passou cinco anos depois. O terceiro violoncelo havia enterrado o pai e a mãe, que morreram por falta de insulina, e depois passou quatro anos entocado, em segurança e tédio, em seu sítio remoto na parte superior da península de Michigan; por fim acabou indo embora porque temia ficar louco se não encontrasse outro ser humano para conversar, e também porque depois de comer tanta carne de caça qualquer pessoa acaba ficando disposta a dar o braço direito para poder comer quase qualquer outra coisa; seguiu para o sul e para o leste e atravessou a ponte de Mackinac dez anos antes de a seção central da

ponte desmoronar; morou próximo de um grupo de pescadores muito organizado em Mackinaw City, até que a Sinfonia passou por lá. Quando recapitulou tudo, François se deu conta de que todas as histórias da Sinfonia eram a mesma, em duas variantes. Todos os outros tinham morrido, eu saí andando, encontrei a Sinfonia. Ou: Eu era muito jovem quando aconteceu, eu nasci depois que aconteceu, eu não tenho lembranças, ou só poucas lembranças de ter vivido de alguma outra maneira, e eu andei toda minha vida.

— Agora me conte de você — disse ela. — Em que você pensa?

— Quando penso em como o mundo mudou, você quer dizer?

— Sim.

— Penso no meu apartamento em Paris. — François estava de férias em Michigan quando as viagens aéreas haviam terminado. Quando ele fechava os olhos, ainda conseguia ver as complicadas formas das sancas de gesso no teto de sua sala, as portas altas e brancas que davam para a sacada, o piso de madeira e os livros. — Por que você pensa em matar?

— Você nunca teve que fazer isso com alguém no mundo antigo, teve?

— Claro que não. Eu era redator de anúncios.

— O quê?

— Publicitário. — Fazia tempo que não pensava nisso. — Sabe, cartazes, coisas assim. Eu redigia as palavras dos anúncios.

Ela fez que sim com a cabeça e seu olhar se desviou de François. A biblioteca era o lugar predileto dele em sua vida atual. Tinha acumulado uma considerável coleção ao longo dos anos. Livros, revistas, um armário de vidro com jornais anteriores à calamidade. Só recentemente lhe ocorrera começar um jornal próprio, e até então o projeto tinha sido estimulante. Kirsten estava olhando para a prensa improvisada, volumosa, na sombra no fundo da sala.

— Como ficou com a cicatriz no rosto? — perguntou ele.

Kirsten encolheu os ombros.

— Na verdade, não tenho a menor ideia. Aconteceu durante aquele ano de que não me lembro.

— Seu irmão nunca lhe contou, antes de morrer?

— Ele disse que era melhor que eu não lembrasse. Acreditei nele.

— Como era ele, o seu irmão?

— Era triste — respondeu Kirsten. — Lembrava tudo.

— Você nunca me contou o que aconteceu com ele.

— O tipo de morte estúpida que jamais teria ocorrido no mundo antigo. Pisou num prego e morreu de infecção. — Ela ergueu os olhos para a janela, para a noite que caía. — Tenho que ir — disse. — Já é quase noite.

Levantou-se e os cabos das facas em seu cinturão reluziram na penumbra. Aquela mulher dura, educada, porém mortífera, que andava armada com facas todos os dias da vida. François tinha ouvido, de outros membros da Sinfonia, relatos sobre a competência de Kirsten como atiradora de facas. Diziam ser capaz de acertar o centro de um alvo de olhos vendados.

— Pensei que hoje só os músicos iam se apresentar.

Como sempre, estava relutante em deixá-la ir embora.

— É verdade, mas falei para meus amigos que eu iria voltar.

— Obrigado pela entrevista.

Ele a acompanhou até a porta.

— Não tem de quê.

— Se me permite perguntar, por que não quis que eu anotasse a última parte? Não é a primeira vez que ouço confissões dessa natureza.

— Eu sei — disse ela. — Quase todo mundo na Sinfonia... mas olhe, eu coleciono recortes de fofocas sobre celebridades.

— Fofocas sobre celebridades?

— Mas só sobre um ator, Arthur Leander. Por causa da minha coleção, dos recortes de jornais e revistas, entendo alguma coisa sobre registros permanentes.

— E isso não é uma coisa pela qual você quer ser lembrada.

— Exatamente — disse ela. — Você vai ver o espetáculo?

— Claro. Vou caminhando com você.

Virou-se para apagar a vela. Agora a rua estava coberta pelas sombras, mas o céu continuava brilhante do outro lado da baía. A Sinfonia estava se apresentando em cima de uma ponte, a poucos quarteirões da biblioteca, os trailers estacionados ao lado. François ouviu as primeiras notas, a cacofonia dos músicos treinando e afinando os instrumentos. August estava tocando os mesmos dois compassos repetidas vezes, de sobrancelhas franzidas. Charlie estudava a partitura. Mais cedo, algumas pessoas da cidade tinham trazido bancos do alto do morro, retirados do prédio da câmara municipal, e agora estavam dispostos em fileiras, de frente para a baía. A maior parte dos bancos estava ocupada, os adultos conversavam entre si ou olhavam para os músicos, as crianças pareciam enfeitiçadas pelos instrumentos.

— Há lugares vagos na fileira de trás — disse Kirsten, e François a seguiu.

— Qual é o programa desta noite?

— Uma sinfonia de Beethoven. Não sei qual.

A um sinal imperceptível, os músicos pararam de afinar, treinar e conversar, tomaram seus lugares de costas para a água e ficaram quietos. Um pedido de silêncio correu pela multidão reunida na plateia. A maestrina se adiantou, na imobilidade geral, sorriu para a plateia e curvou-se, virou-se sem dizer nenhuma palavra e ficou de frente para os músicos e a baía. Uma gaiivota passou voando, no alto. A maestrina ergueu a batuta.

NAQUELA NOITE, NO verão do Ano Quinze, Jeevan Chaudhary bebia vinho à beira de um rio. O mundo agora era uma série de povoados e eles eram tudo o que importava; a terra em si não tinha mais um nome, mas no passado aquela região havia sido parte do estado da Virgínia.

Jeevan tinha caminhado mil e seiscentos quilômetros. No Ano Três, ele entrou num povoado chamado McKinley, nome dado pelos fundadores da cidade. Originalmente, eles eram oito, uma equipe de vendas da empresa comercial McKinley Stevenson Davies, ilhados num remoto retiro empresarial quando a Gripe da Geórgia varreu o continente. Alguns dias depois de deixarem o retiro, acharam um motel abandonado num trecho de estrada sem uso, distante das grandes rodovias, e pareceu um bom lugar para se fixar. A equipe de vendas instalou-se nos quartos e lá permaneceu, de início porque aqueles primeiros anos eram aterrorizantes e ninguém queria morar muito longe de outras pessoas; mais tarde, por força do hábito. Agora, havia vinte e sete famílias ali, um povoado sossegado à beira da estrada, com um rio do outro lado. No verão do Ano Dez, Jeevan casou-se com uma das fundadoras do povoado, uma ex-assistente de vendas chamada Daria, e naquela noite ela estava com ele e um amigo, sentados à beira do rio.

— Não sei — disse o amigo agora. — Ainda faz sentido ensinar às crianças como eram as coisas antigamente?

Seu nome era Michael e ele tinha sido motorista de caminhão. McKinley tinha uma escola, dez crianças que se reuniam todos os dias no quarto mais espaçoso do motel, e sua filha de onze anos tinha chegado em casa chorando naquela tarde, porque o professor deixara escapar que a expectativa de vida era muito maior antes da Gripe da Geórgia e que antigamente a idade de sessenta anos não era considerada especialmente avançada, e a menina ficou apavorada, ela não entendeu, aquilo não era *justo*, ela queria viver tanto tempo quanto as pessoas viviam antigamente.

— Para ser sincera, não tenho certeza — disse Daria. — Acho que eu gostaria que meus filhos soubessem. Todo aquele conhecimento, as coisas incríveis que tínhamos.

— Mas com que finalidade? — Michael, com um aceno de cabeça, aceitou a garrafa de vinho que ela ofereceu. — A gente vê como os olhos das crianças ficam estarrecidos quando alguém fala sobre antibióticos ou motores. Para elas, é ficção científica, não é? E se só serve para perturbá-las... — Parou a fim de tomar um gole de vinho.

— Talvez tenha razão — disse Daria. — Imagino que a questão seja a seguinte: saber tudo isso deixa as crianças mais felizes ou menos felizes?

— No caso da minha filha, menos.

Jeevan não prestava muita atenção à conversa. Não estava completamente embriagado. Apenas confortavelmente relaxado, depois de um dia que de fato tinha sido horrível: um vizinho caíra de uma escada naquela manhã, e Jeevan, a pessoa mais próxima de um médico num raio de cento e sessenta quilômetros, teve de tratar do braço fraturado do homem. Um trabalho horroroso; o paciente embriagado com aguardente, mas ainda meio enlouquecido pela dor, os gemidos escapando por trás do pedaço de pau apertado com força entre os dentes. Jeevan gostava de ser o homem que as pessoas procuravam nos momentos difíceis, para ele

tinha muito valor poder ajudar, mas a dor física na era pós-anestesia muitas vezes o deixava abalado demais. Agora os vaga-lumes subiam do capim alto na margem do rio e ele não queria falar, não queria mesmo, mas era agradável ficar descansando na companhia do amigo e da esposa, e o vinho estava embotando a parte pior das recordações daquele dia — o suor brotando na testa do paciente enquanto Jeevan punha no lugar o osso fraturado —, assim como eram agradáveis a música suave do rio, as cigarras nas árvores, as estrelas acima dos salgueiros na margem do outro lado. Mesmo depois de tantos anos, havia momentos em que ele era dominado pela ideia da sorte que tivera ao encontrar aquele lugar, aquela tranquilidade, aquela mulher, e ter sobrevivido para ver um tempo em que viver valia a pena. Apertou forte a mão de Daria.

— Quando ela chegou em casa chorando, hoje — disse Michael —, me veio a ideia de que talvez seja a hora de pararmos de contar essas histórias malucas para as crianças. Talvez seja a hora de a gente desistir.

— Não quero desistir — disse Jeevan.

— Não tem alguém chamando você? — perguntou Daria.

— Tomara que não — disse Jeevan, mas aí ele também ouviu a voz.

Foram com ele de volta ao motel, onde um homem tinha acabado de chegar, montado num cavalo, o braço ao redor de uma mulher que tinha o corpo tombado para a frente, sobre a sela.

— Minha mulher levou um tiro — disse ele e, pela maneira como falou, Jeevan entendeu que ele a amava.

Quando desceram a mulher da sela, ela estava tremendo, apesar do calor da noite, semiconsciente e com as pálpebras palpitantes. Levaram-na para o quarto do motel que servia como sala de cirurgia de Jeevan. Michael acendeu os lampiões a querosene e o quarto se encheu de uma luz amarela.

— Você é o médico? — perguntou o homem que trouxera a mulher.

Ele parecia familiar, mas Jeevan não conseguia reconhecê-lo. Talvez tivesse quarenta e poucos anos, o cabelo com trancinhas semelhantes às da mulher.

— Sou a coisa mais próxima de um médico que podemos arranjar — respondeu Jeevan. — Qual é seu nome?

— Edward. Quer dizer que não é um médico de verdade?

— Fiz treinamento de paramédico antes da gripe. Fui assistente de um médico, perto daqui, durante cinco anos, até que ele decidiu se mudar para o sul. Aprendi tudo o que pude.

— Mas você não frequentou uma faculdade de medicina — disse Edward em tom de pesar.

— Bem, eu gostaria muito, mas ouvi dizer que eles pararam de fazer matrículas.

— Desculpe. — Edward enxugou o suor do rosto com um lenço. — Disseram que você é bom. Não falei por mal. Ela está... ela levou um tiro...

— Vamos ver se eu posso ajudar.

Fazia tempo que Jeevan não via um ferimento de bala. No Ano Quinze, a munição andava escassa, as armas eram usadas raramente e só para caçar.

— Conte o que aconteceu — disse ele, sobretudo para distrair Edward.

— O profeta apareceu.

— Não sei quem é. — Pelo menos o ferimento era bem definido, um furo por onde a bala tinha entrado no abdômen, sem nenhum ferimento de saída. A mulher havia perdido sangue. Tinha o pulso fraco, mas firme. — Que profeta?

— Achei que a fama do homem já havia se espalhado — disse Edward. Ele segurava a mão da esposa. — Ele anda por todo o sul.

— Ouvi falar de uma porção de profetas ao longo dos anos. Não é uma atividade incomum. — Jeevan achou uma garrafa de aguardente no armário.

— Você esteriliza os instrumentos com isso?

— Mais cedo, esterilizei a agulha em água fervente, mas vou esterilizar de novo nisto aqui.

— A agulha? Vai costurar sem tirar a bala?

— É perigoso demais — respondeu Jeevan, em voz baixa. — Olhe, o sangramento está quase parando. Se eu abrir para procurar a bala ali dentro, ela pode sangrar demais. É mais seguro deixar a bala onde está. — Derramou um pouco de aguardente numa tigela e esfregou as mãos com o líquido, mergulhou a agulha e a linha no álcool.

— Posso fazer alguma coisa? — Edward estava indeciso.

— Vocês três podem segurá-la enquanto dou os pontos. Então apareceu um profeta — disse ele. Achava melhor distrair as pessoas que traziam pacientes.

— Ele chegou esta tarde — respondeu Edward. — Ele e seus seguidores, talvez vinte, ao todo.

Jeevan lembrou-se de onde tinha visto Edward antes.

— Você mora na antiga fazenda, não é? Fui lá com o médico algumas vezes, nos meus tempos de aprendizagem.

— Sim, na fazenda, exatamente. A gente estava fora, nos campos, quando um amigo veio correndo, disse que havia um grupo de vinte ou vinte e duas pessoas se aproximando, andando pela estrada, cantando uma espécie de hino esquisito. Depois de um tempo, eu também ouvi, até que eles chegaram aonde a gente estava. Um grupo deles, sorrindo, andando juntos num só bloco. Quando nos alcançaram, pararam de cantar e estavam em número menor do que eu esperava, talvez uns quinze.

Edward ficou calado por um momento, enquanto Jeevan entornava álcool sobre a barriga da mulher. Ela gemeu e um fino risco de sangue saiu do ferimento.

— Continue falando.

— Então a gente perguntou quem eram eles e o líder sorriu para mim e disse: Nós somos a luz.

— A luz? — Jeevan enfiou a agulha na pele da mulher. — Não olhe — disse ele quando Edward engoliu em seco. — Apenas a segure bem firme.

— Foi aí que eu soube quem ele era. A gente tinha ouvido falar, pelos mercadores e outras pessoas que passavam. Essa gente é implacável. Tem uma teologia maluca, andam armados e pegam o que querem. Então tentei ficar calmo, todos nós tentamos, percebi que meus vizinhos também entenderam com que tipo de coisa estavam lidando. Perguntei se precisavam de algo ou se era só uma visita social, e o profeta sorriu para mim e disse que tinha uma coisa que nós queríamos e estava interessado em trocar essa coisa que nós queríamos por armas e munição.

— Vocês ainda têm munição?

— Tínhamos, até hoje. Havia uma boa quantidade na fazenda. E enquanto ele estava falando, eu olhei em volta e percebi que não sabia onde estava meu filho. Ele estava com a mãe, mas onde estava a mãe dele? Perguntei para eles: O que é que vocês têm que acham que nós queremos?

— E aí?

— Então o grupo se abriu ao meio e lá estava meu filho. Eles o pegaram. O menino tem cinco anos, sabe? Eles amarraram e amordaçaram o menino. E aí fiquei apavorado, porque onde estava a mãe dele?

— Então você entregou as armas para eles?

— Entregamos as armas, eles entregaram o menino. Outro grupo deles tinha apanhado minha mulher. Por isso é que eram quinze, ali na minha frente, e não vinte. Tinham levado minha mulher pela estrada como uma espécie de, sei lá, *apólice de seguro*. — Sua voz ficou espessa de nojo. — E então nos disseram que, se ninguém fosse atrás deles, minha mulher ia voltar andando pela estrada dali a uma ou duas horas, sem sofrer nenhum mal. Disseram que estavam saindo da região, rumo ao norte, e que aquela era a última vez que os veríamos. O tempo todo sorrindo, tão sossegados, como se não tivessem feito nada de errado. Então pegamos o menino, eles partiram com as armas e a munição e esperamos. Três horas depois, ela ainda não tinha voltado, então alguns de nós fomos atrás deles e a encontramos baleada na beira da estrada.

— Por que eles fizeram isso?

A mulher estava acordada, Jeevan se deu conta. Chorava em silêncio, de olhos fechados. Um último ponto.

— Minha mulher contou que o profeta queria que ela ficasse com eles — respondeu Edward —, que fosse para o norte com eles e virasse esposa de um de seus homens, e ela disse que não, então o profeta atirou nela. Não para matar, óbvio, pelo menos não rapidamente. Só para causar dor.

Jeevan deu um nó na linha e pressionou um pano limpo na barriga da mulher.

— Atadura — falou para Daria, mas ela já estava a seu lado com tiras de um lençol velho.

Jeevan cobriu a mulher com cuidado.

— Ela vai ficar boa — disse. — Contanto que não infeccione, e não há nenhum motivo para achar que vai infeccionar. As próprias balas esterilizam o ferimento, por causa do calor. Tomamos cuidado com o álcool. Mas seria bom se vocês dois ficassem aqui por uns dias.

— Muito obrigado — disse Edward.

— Faço o que posso.

Quando terminou de fazer a limpeza e a mulher tinha caído num sono intermitente, com o marido a seu lado, Jeevan colocou a agulha ensanguentada numa panelinha e atravessou a estrada na direção do rio. Ajoelhou-se no capim para encher a panela de água e voltou ao motel, onde acendeu um fogão improvisado na frente do quarto onde morava e colocou a panelinha em cima. Sentou-se diante de uma mesinha de piquenique que ficava perto, para esperar a água ferver.

Jeevan encheu um cachimbo com o tabaco que tirou do bolso da camisa, um ritual tranquilizador. Tentando não pensar em nada, senão nas estrelas e no barulho do rio, tentando não pensar na dor da mulher, no seu sangue e no tipo de gente capaz de dar um tiro por pura maldade e abandonar a mulher caída à beira da estrada. McKinley ficava ao sul da antiga fazenda. Se o profeta tinha falado a verdade, ele e sua gente estavam se afastando de

McKinley, seguindo rumo ao norte, que de nada sabia. Por que para o norte, pensou Jeevan, e até onde pretendiam chegar? Estava pensando em Toronto, em andar no meio da neve. Pensar em Toronto o levava inevitavelmente de volta às recordações do irmão, um prédio muito alto junto ao lago, uma cidade fantasma se esfarelado, o Elgin Theatre ainda exibindo os cartazes da peça *Rei Lear*, a lembrança daquela noite, no início e no fim de tudo, quando Arthur morreu.

Daria se aproximou por trás dele. Jeevan levou um susto quando ela tocou no seu braço. A água fervia já fazia algum tempo, e a agulha provavelmente já estava esterilizada àquela altura. Daria segurou a mão dele e beijou-a com ternura.

— Já é tarde — murmurou. — Vamos dormir.

CLARK AOS SETENTA anos, no Ano Dezenove: andava mais cansado do que antigamente e se movia devagar. As articulações e as mãos doíam, sobretudo no tempo frio. Agora ele raspava a cabeça toda, não só o lado esquerdo, e usava quatro argolas enfiadas na orelha esquerda. Sua querida amiga Annette tinha morrido de uma doença desconhecida no Ano Dezessete e ele usava sua echarpe vermelha da Lufthansa em homenagem a ela. Clark já não se sentia propriamente triste, mas a consciência da morte o acompanhava o tempo todo.

Havia uma poltrona no museu de onde ele podia ver quase toda a pista de pouso. A área dos preparativos, onde os caçadores penduravam seus cervos, javalis e coelhos em um cavalete improvisado, embaixo da asa de um Boeing 737, trinchavam carne para as pessoas e alimentavam os cachorros com os miúdos. O cemitério entre as pistas seis e sete, cada sepultura marcada com uma mesinha dobrável de avião, enfiada na terra, informações sobre os mortos inscritas no plástico duro das mesinhas. Ele havia deixado algumas flores silvestres no túmulo de Annette naquela manhã e, dali da poltrona, Clark podia avistá-las, um respingo azul e púrpura. A fileira de jatos estacionados uns atrás dos outros, na periferia, agora apresentava manchas de ferrugem. As hortas estavam meio encobertas pelos aviões estacionados nos portões. O milharal, o avião da Air Gradia sozinho ao longe, a cerca de correntes no perímetro, com seus caracóis de arame farpado e, para além disso, a floresta, as mesmas árvores que ele olhava havia duas décadas.

Pouco tempo antes, Clark deixara disponíveis todos os relatórios das avaliações de 360 graus para que qualquer pessoa lesse, com base na teoria de que todos os envolvidos seguramente já estavam mortos. Os antigos executivos no aeroporto leram aquilo com grande interesse. Havia três relatórios ao todo, um para os subordinados, outro para os parceiros e o terceiro para os superiores de um executivo da empresa Water Inc., chamado Dan, provavelmente morto havia muito tempo.

— Muito bem, vamos tomar isto como exemplo — disse Garrett, em uma das tardes no aeroporto, no fim de julho. Ao longo dos anos, os dois tinham se tornado amigos. Garrett achou os relatórios particularmente fascinantes. — Você tem este título aqui, “Comunicação”, e depois...

— Qual relatório você está examinando?

Clark estava afundado em sua poltrona predileta, de olhos fechados.

— Subordinados — respondeu Garrett. — Muito bem, então, no quesito “Comunicação”, aqui está o primeiro comentário: “Ele não é bom para cascatear informações para os escalões inferiores.” Mas ele era um remador em corredeiras, Clark? Fiquei curioso.

— Pois é — respondeu Clark. — Tenho certeza de que era disso que a entrevistada estava falando. Cascatas de verdade.

— Mas este aqui é meu outro favorito: “Ele é bem-sucedido em fazer a interface com os clientes que já temos, mas quanto a clientes novos, é como tirar o pirulito de uma criança. Ele assume uma visão muito elevada, não escava fundo àquele nível de granulosidade onde podemos acionar oportunidades novas.”

Clark sacudiu a cabeça.

— Eu me lembro desse. Acho que devo ter tido um pequeno ataque do coração no escritório quando ele falou isso.

— Isso levanta algumas questões — disse Garrett.

— Não há dúvida.

— Há atitudes elevadas, pelo visto, além de pirulitos de criança, além de grãos de alguma coisa e escavações profundas.

— Supostamente era um minerador que escalava montanhas e colecionava pirulitos nas horas vagas. Orgulho-me em dizer que jamais falei desse jeito — disse Clark.

— Alguma vez usou a expressão “num mix”?

— Acho que não. Não usei. Eu não faria uma coisa dessas.

— Detestei essa em especial.

Garrett estava estudando o relatório.

— Ah, eu nem liguei muito. Me fazia pensar em comida. Quando eu era criança, minha mãe às vezes comprava sacos de biscoitos sortidos em que aparecia essa palavra.

— Lembra aqueles biscoitos com pedacinhos de chocolate?

— Eu sonho com esses biscoitos. Não me torture.

Garrett ficou calado por tanto tempo que Clark abriu os olhos dele para ter certeza de que continuava respirando. Garrett concentrou-se em observar duas crianças que brincavam na pista de pouso, escondendo-se atrás das rodas do avião da Air Canada e correndo uma atrás da outra. Ele havia ficado mais tranquilo ao longo dos anos, mas de vez em quando ainda parava e, catatônico, olhava para o nada, e Clark agora sabia qual seria sua pergunta seguinte.

— Já contei para você como foi meu último telefonema? — perguntou Garrett.

— Sim — respondeu Clark, com delicadeza. — Acho que já contou.

Garrett tivera uma esposa e dois gêmeos de quatro anos em Halifax, mas o último telefonema que fizera fora para seu chefe. As últimas palavras que falara ao telefone foram uma porção de clichês de jargão empresarial, horrivelmente gravados em sua memória.

— Vamos entrar em contato com a Nancy — lembrava-se de ter dito —, e depois era bom lançar uma linha de comunicação com o Bob e traçar a curva de regresso na semana que vem. Vou disparar um e-mail para o Larry.

Agora ele pronunciou muito baixinho as palavras “traçar a curva de regresso na semana que vem”, talvez de forma inconsciente. Pigarreou.

— Por que a gente vivia dizendo que ia *disparar* e-mails?

— Não sei. Também gostaria de saber.

— Por que não podíamos dizer apenas que íamos mandar um e-mail? Era só apertar um botão, não era?

— Nem mesmo era um botão de verdade. O desenho de um botão numa tela.

— Sim — disse Garrett. — É exatamente disso que estou falando.

— Na verdade, não havia um revólver de e-mails. Embora isso pudesse até ser bom. Eu preferia que fosse assim.

Garrett imitou um revólver com os dedos e apontou para a linha de árvores.

— *Kapau!* — sussurrou. E depois mais alto: — Antigamente eu escrevia “O-B-G”, quando queria dizer “obrigado”.

— Eu também fazia isso. Porque, veja só, exigiria tempo e esforço demais digitar mais três ou quatro letras. Não consigo entender.

— A expressão “curva de regresso” sempre me fazia secretamente pensar em barcos. A gente deixa uma pessoa em terra e depois faz a curva de regresso para pegar a pessoa de novo. — Garrett ficou calado por um tempo. — Eu gosto desta — disse. — “Em essência, ele é um sonâmbulo de alto desempenho.”

— Eu me lembro da mulher que falou isso.

Clark se perguntou o que teria acontecido com ela.

Ultimamente, vinha pensando mais no passado. Gostava de fechar os olhos e deixar que as recordações o dominassem. Uma vida, lembrava, é uma série de fotografias e filmes curtos desconexos: a peça de teatro montada na escola quando tinha nove anos, seu pai exultante na primeira fila; as boates em Toronto com Arthur, embaixo de luzes rodopiantes; uma sala de palestras na Universidade de Nova York. Um executivo, um cliente, passar as mãos no cabelo enquanto falava de seu chefe terrível. Uma procissão de amantes, recordados em minúcias: um jogo de cama com lençóis escuros, uma xícara de chá perfeita, um par de óculos escuros, um sorriso. Um pé de pimenteira brasileira no quintal da casa de um amigo em Silver Lake. Um buquê de lírios sobre a escrivaninha. O sorriso de Robert. As mãos de sua mãe tricotando enquanto ouvia a BBC.

Ele acordou ao som de vozes suaves. Aquilo vinha acontecendo cada vez com mais frequência ultimamente, aqueles cochilos inesperados, e o deixava com a perturbadora sensação de um ensaio. A pessoa adormecia por períodos curtos, depois por períodos mais longos e depois para sempre. Espreguiçou-se na poltrona, piscando. Garrett tinha ido embora. A última luz do dia caía na diagonal através do vidro e batia na perfeição cromada da motocicleta.

— Acordei você? — perguntou Sullivan. Era o chefe da segurança, tinha uns cinquenta anos e havia chegado com a filha uma década antes. — Quero apresentar você aos nossos recém-chegados.

— Como vai? — disse Clark. Os recém-chegados eram um homem e uma mulher, talvez com trinta e poucos anos, a mulher carregava um bebê numa faixa de pano a tiracolo.

— Sou a Charlie — disse a mulher. — Este é o Jeremy, meu marido, e a pequena Annabel.

Tatuagens cobriam quase todos os centímetros dos braços nus da mulher. Clark viu flores, notas musicais, nomes com ornamentos complicados, um coelho. Quatro fâças tatuadas em fileira, no antebraço direito. Ele sabia o que aquela tatuagem significava e, quando olhou, viu a contrapartida na pele do marido, duas pequenas flechas escuras no pulso esquerdo. Ela havia matado quatro pessoas, portanto, e ele, duas, e agora apareciam do nada, com um bebê, e pelos padrões absurdos do mundo novo — havia uma parte dele que nunca parava de gritar contra os absurdos padrões do mundo novo — aquilo tudo era perfeitamente normal. O bebê sorriu para Clark. Clark sorriu de volta.

— Vocês vão ficar aqui um tempo? — perguntou Clark.

— Se vocês nos aceitarem — disse Jeremy. — Nós nos perdemos do nosso grupo.

— Você nem vai acreditar quando souber qual é o grupo deles — disse Sullivan. — Lembra aqueles jornais de New Petoskey?

— A Sinfonia Itinerante — disse Charlie.

— Mas esse seu grupo... — Sullivan estava movendo a mão para distrair o bebê, que olhava para seu rosto. — Vocês não me contaram como foi que se perderam deles.

— É uma história complicada — disse Charlie. — Havia um profeta. Ele disse que era

daqui.

Daqui? Quando foi que houve um profeta no aeroporto? Clark tinha certeza de que se lembraria de um profeta.

— Qual é o nome dele?

— Acho que ninguém sabe — respondeu Jeremy. Começou a descrever o homem de cabelo louro que tinha o domínio total sobre a cidade de St. Deborah by the Water e exercia seu poder com uma mistura de carisma, violência e versículos escolhidos a dedo do livro do Apocalipse. Ele parou quando percebeu a expressão no rosto de Clark. — Algum problema?

Clark se levantou vacilante da poltrona. Olharam para ele com atenção, enquanto caminhava na direção do primeiro expositor do museu.

— A mãe dele ainda está viva?

Clark olhava para o passaporte de Elizabeth, aquela fotografia de um passado inimaginável.

— Mãe de quem? Do profeta?

— Sim.

— Acho que não — respondeu Charlie. — Nunca ouvi falar dela.

— Não tem uma mulher velha que anda com ele?

— Não.

O que aconteceu com você, Elizabeth, lá na estrada, com seu filho? Mas, afinal, o que aconteceu com todo mundo? Os pais dele, seus colegas, todos amigos da vida anterior ao aeroporto, Robert? Se todos eles desapareceram, sem explicação e sem deixar registros, por que não também Elizabeth? Clark fechou os olhos. Pensou num menino parado na pista de pouso, na frente do avião fantasma, voo 452 da Air Gradia, o filho único e amado de Arthur Leander, lendo versículos sobre pragas, em voz alta, para os mortos.

VIII. O PROFETA

TRÊS DIAS DEPOIS que Kirsten e August se separaram da Sinfonia, já nos arredores de Severn City, atrás de um abrigo de jardim, num quintal de mato alto, Kirsten acordou abruptamente com lágrimas nos olhos. Tinha sonhado que estava andando pela estrada com August, então se virou e ele tinha sumido e ela sabia que ele havia morrido. Gritou o nome dele, saiu correndo pela estrada, mas ele não estava em lugar nenhum. Quando Kirsten acordou, August olhava para ela, com a mão em seu braço.

— Estou aqui — disse ele.

Kirsten devia ter gritado seu nome.

— Não foi nada. Só um sonho.

— Também tenho pesadelos.

Com a outra mão, ele segurava sua nave espacial prateada *Enterprise*.

Ainda não havia amanhecido propriamente. O céu estava clareando, mas a noite perdurava nas sombras, mais abaixo, na luz cinzenta e nas gotas de orvalho suspensas nas folhas de capim.

— Vamos nos lavar — disse August. — Talvez encontremos gente hoje.

Atravessaram a estrada para a praia. A água espelhava o céu cor de pérola enquanto rompia o primeiro rosado do nascer do sol. Banharam-se com um xampu que Kirsten havia encontrado naquela última casa — deixou na pele um cheiro sintético de pêssego e ilhas flutuantes de bolhas sobre o lago —, e Kirsten lavou e torceu seu vestido e, mesmo molhado, vestiu-o. August tinha uma tesoura na mala. Kirsten cortou o cabelo dele — estava caindo nos olhos —, e depois ele cortou o dela.

— Tenha fé — sussurrou August. — Vamos encontrá-los.

Na beira do lago, havia hotéis *resort*, a maior parte das janelas quebradas, e os cacos de vidro refletiam o céu. Árvores invadiam os estacionamentos entre os carros enferrujados. Kirsten e August abandonaram suas malas, as rodinhas faziam barulho demais no calçamento. Pegaram lençóis, fizeram trouxas com os suprimentos e carregaram nos ombros. Depois de dois ou três quilômetros, num cruzamento, viram pendurada uma placa torta, com um avião branco e uma seta apontada para o centro da cidade.

No passado, Severn City tinha sido um lugar movimentado. Ruas comerciais com prédios de tijolos vermelhos, flores crescendo desenfreadas nos canteiros e raízes de bordo rebentando as calçadas. Uma trepadeira em flor havia coberto boa parte da agência do correio e se espalhava para o outro lado da rua. Caminhavam no maior silêncio possível, de armas em punho. Pássaros entravam e saíam por janelas quebradas e se empoleiravam em fios de luz e de telefone meio tombados.

— August.

— O quê?

— Você não ouviu o latido de um cachorro?

Logo à frente, via-se um matagal onde tinha havido um parque municipal, um morro baixo se erguia ao lado da estrada. Subiram entre os arbustos, movendo-se depressa, largaram de lado as trouxas e se agacharam. O lampejo de um movimento na ponta de uma rua transversal: um

cervo vindo da beira do lago, aos saltos.

— Alguma coisa o assustou — sussurrou August.

Kirsten ajustou e reajustou a empunhadura de sua faca. Uma borboleta-monarca esvoaçou. Kirsten observou-a, as asas como papel brilhante, enquanto escutava e esperava, atenta. Um fraco zumbido de insetos em toda a volta. Então, ela ouviu vozes e passos.

O homem que apareceu na estrada estava tão sujo que Kirsten não o reconheceu de imediato e, quando reconheceu, teve de prender a respiração. Sayid estava muito magro. Andava devagar. Tinha sangue no rosto, um olho inchado e fechado. As roupas estavam imundas e em farrapos, uma barba de vários dias no rosto. Dois homens e um menino vinham alguns passos atrás. O menino levava um facão. Um dos homens levava uma espingarda de cano serrado, o cano apontado para o chão. O outro segurava um arco, um pouco tensionado, com uma flecha pronta e uma aljava nas costas.

Movendo-se muito devagar, Kirsten tirou uma segunda faca do cinturão.

— Eu pego o da espingarda — sussurrou August. — Você, o arqueiro.

Seus dedos se fecharam em volta de uma pedra do tamanho do pulso. Levantou-se e jogou-a, traçando um arco por cima da estrada. A pedra explodiu contra a parede de uma casa meio desmoronada e o homem levou um susto, virou-se na direção do barulho exatamente na hora em que a primeira flecha de August acertou as costas do homem da espingarda. Kirsten percebeu o barulho de passos se afastando, o menino com o facão estava fugindo. O arqueiro puxou o arco, e uma flecha passou sibilando perto da orelha de Kirsten, mas a faca já havia partido de sua mão. O arqueiro caiu de joelhos, fitando espantado o cabo que sobressaía no meio de suas costelas. Um bando de pássaros se ergueu acima dos telhados e pousou de novo, no silêncio repentino.

August praguejava, a respiração ofegante. Sayid se ajoelhou na estrada, a cabeça entre as mãos. Kirsten correu até ele e segurou sua cabeça junto ao peito. Ele não ofereceu resistência.

— Sinto muito — sussurrou Kirsten junto ao cabelo de Sayid, colado com sangue seco. — Sinto muito que tenham machucado você.

— Não há nenhum cachorro — disse August. Estava com a mandíbula tensa, um brilho de suor no rosto. — Onde está o cachorro? Ouvimos um latido.

— O profeta vem atrás de nós com um cachorro — sussurrou Sayid. — Traz dois homens com ele. Nós nos separamos para seguir estradas diferentes, a mais ou menos oitocentos metros daqui.

Kirsten ajudou-o a ficar de pé.

— O arqueiro ainda está vivo — disse August.

O homem estava deitado de costas. Seus olhos seguiam Kirsten, mas ele não fazia mais nenhum movimento. Ela se ajoelhou a seu lado. O arqueiro estivera na plateia quando apresentaram *Sonho de uma noite de verão* em St. Deborah by the Water e tinha aplaudido na primeira fila, no final da apresentação, sorrindo, os olhos úmidos sob a luz das velas.

— Por que pegaram o Sayid? — perguntou ela. — Onde estão os outros dois?

— Vocês tomaram algo que nos pertence — sussurrou o homem. — Estávamos indo fazer uma troca.

O sangue se derramava depressa sobre a camisa e escorria pelas dobras do pescoço, formando uma poça embaixo dele.

— Não tomamos nada de vocês. Não tenho a menor ideia do que está falando. — August

revistou as bolsas do homem. — Não tem munição para a espingarda — disse, contrariado. — E estava descarregada.

— A garota — disse Sayid. Sua voz era um atrito seco. — Ele está falando da fugitiva clandestina.

— A quinta noiva — sussurrou o arqueiro. — Era meu dever. Ela era a escolhida.

— Eleanor? — August ergueu os olhos. — A menininha apavorada?

— Ela é propriedade do profeta.

— Tem doze anos — disse Kirsten. — Você acredita em tudo que o profeta diz?

O arqueiro sorriu.

— O vírus foi o anjo — sussurrou. — Nossos nomes estão inscritos no livro da vida.

— Está bem — disse Kirsten. — Onde estão os outros? — Ele se limitou a olhar para ela e sorrir. Kirsten se virou para Sayid. — Eles estão em algum local atrás de nós?

— A clarinetista fugiu — disse Sayid.

— E o Dieter?

— Kirsten — disse Sayid, com ternura.

— Ah, meu Deus — disse August. — Não, o Dieter não.

— Sinto muito. — Sayid cobriu o rosto com as mãos. — Eu não pude...

— E vejam — sussurrou o arqueiro —, há um paraíso novo e uma terra nova, pois o paraíso antigo e a terra antiga não existem mais.

As cores de seu rosto estavam se apagando.

Kirsten arrancou a faca do peito do arqueiro. Ele suspirou, o sangue jorrou, ela ouviu um gorgolejar em sua garganta e seus olhos se turvaram. Três, pensou ela, e sentiu-se imensamente cansada.

— Ouvimos um choro na floresta — contou Sayid. Ele andava devagar, mancando. — Naquela noite, na patrulha. Estávamos a mais ou menos um quilômetro e meio da Sinfonia, prestes a dar meia-volta, e então veio um barulho dos arbustos, parecia uma criança perdida.

— Uma armadilha — disse August.

Estava com os olhos vidrados quando Kirsten olhou de relance para ele.

— Então, como idiotas, fomos investigar, e logo depois só vi que havia algo apertando minha cara, um trapo encharcado de alguma coisa, um cheiro químico, e quando acordei estava numa clareira na mata.

— E o Dieter?

Para Kirsten, foi difícil obrigar as palavras a saírem da garganta.

— Ele não acordou.

— O que você quer dizer?

— Exatamente isso. Será que ele era alérgico a clorofórmio? Será que foi mesmo clorofórmio ou usaram algo muito mais tóxico? Os homens do profeta me deram água, disseram que queriam a menina, que pegaram dois reféns e iam fazer uma troca. Achavam que estávamos indo para o Museu da Civilização, por causa da direção da viagem e dos rumores de que a Charlie e o Jeremy tinham ido para lá. E ficavam o tempo todo me explicando isso, e

eu fiquei olhando para o Dieter, que dormia ao meu lado, ele foi ficando cada vez mais pálido e seus lábios foram ficando azuis. Tentei acordá-lo e não consegui. Não podia. Eu estava amarrado ao lado dele, fiquei chutando o Dieter, dizendo acorde, acorde, mas...

— Mas o quê?

— Ele não acordou — disse Sayid. — Esperamos o dia seguinte inteiro, eu amarrado e os homens indo e vindo, e depois, no fim da tarde, ele parou de respirar. Vi na hora que aconteceu. — Os olhos de Kirsten se encheram de lágrimas. — Eu estava olhando para ele, via como respirava — disse Sayid. — Ficou muito pálido. O peito subia e descia, e então, um último suspiro e acabou. Gritei e eles tentaram reanimá-lo, mas não deu certo... nada deu certo. Nada. Discutiram por um tempo e depois dois deles partiram e voltaram horas depois, com a clarinetista.

A VERDADE ERA que a clarinetista detestava Shakespeare. Ela havia concluído dois cursos na universidade, teatro e música, e no segundo ano da sua faculdade o mundo mudou, se incendiou com a obsessão do teatro experimental alemão do século XXI. Vinte anos depois da calamidade, ela adorava a música da Sinfonia, adorava fazer parte daquilo, mas achava insuportável a insistência da Sinfonia em representar Shakespeare. Tentava guardar essa opinião só para si e às vezes conseguia.

Um ano antes de ser capturada por um dos homens do profeta, a clarinetista estava sentada sozinha, na praia, em Mackinaw City. Era uma manhã fria e uma neblina pairava sobre a água. Eles tinham passado por aquele lugar mais vezes do que ela conseguia contar, mas ela nunca se cansava de ficar ali. Gostava da maneira como a península Upper desaparecia nos dias de neblina, uma sensação de possibilidade infinita na forma como a ponte se apagava dentro da nuvem.

Ultimamente, vinha pensando em escrever uma peça, ver se conseguia convencer Gil a montar um espetáculo com os atores da Sinfonia. Queria escrever algo moderno, algo direcionado àquela época em que, de algum jeito, eles tinham ido parar. Sobreviver talvez não bastasse, dissera a clarinetista para Dieter numa de suas conversas de fim de noite, mas, por outro lado, Shakespeare também não bastava. Dieter havia formulado seus argumentos de costume, sobre como Shakespeare tinha vivido numa sociedade sitiada pela peste, sem eletricidade, assim como a Sinfonia Itinerante. Mas, olhe, dissera a clarinetista, a diferença era que eles tinham visto a eletricidade, tinham visto tudo, tinham visto uma civilização desmoronar, e Shakespeare não. No tempo de Shakespeare, os prodígios da tecnologia ainda estavam por vir, não tinham ficado para trás, e muito menos tinham sido perdidos.

— Se você acha que pode fazer algo melhor — dissera ele —, por que não escreve uma peça e mostra ao Gil?

— Não acho que eu posso fazer melhor — respondera ela. — Não estou dizendo isso. Só estou dizendo que o repertório é inadequado.

No entanto, escrever uma peça era uma ideia interessante. Começou a redigir o primeiro ato no litoral, na manhã seguinte, mas nunca foi além da primeira fala do monólogo de abertura, que ela imaginara como uma carta: “Caros amigos, me senti imensamente fatigada e fui descansar na floresta.” Então foi distraída por uma gaivota que pousou perto de seus pés. O pássaro bicou alguma coisa nas pedras, e foi então que ela ouviu Dieter, vindo do acampamento da Sinfonia com duas canecas lascadas, cheias de uma substância que no mundo novo fazia as vezes de café.

— O que está escrevendo? — perguntou ele.

— Uma peça — disse ela.

Dobrou o papel.

Dieter sorriu.

— Bem, não vejo a hora de ler.

Ela pensou no monólogo de abertura muitas vezes ao longo dos meses seguintes, pesando bem as primeiras palavras, como moedas ou pedrinhas que a gente revira dentro do bolso, só

que não era capaz de saltar para a frase seguinte. O monólogo continuou como um fragmento, enfiado bem no fundo de sua mochila, até onze meses mais tarde, no dia em que a Sinfonia o desenterrou, horas depois de ela ter sido raptada pelos homens do profeta, e imaginou que estava diante de um bilhete suicida.

Enquanto liam aquele fragmento, ela acordava numa clareira, de um sono não natural. Sonhara com uma sala, um local de ensaio numa faculdade, uma sensação de riso — alguém havia contado uma piada — e ela tentava se apegar àquilo, se apegar àqueles fragmentos, porque, mesmo antes de estar completamente desperta, era óbvio que tudo estava errado. Ela se encontrava deitada de lado, na floresta. Sentia-se envenenada. O chão era duro embaixo do ombro e ela sentia muito frio. As mãos estavam amarradas nas costas, os tornozelos presos e, imediatamente, se deu conta de que a Sinfonia não estava em nenhum lugar próximo, uma ausência terrível. Ela estava enchendo recipientes de água junto com Jackson, e depois? Lembrava-se de ouvir um barulho às suas costas e virar-se, quando um pano foi apertado contra seu rosto, a mão de alguém pressionou sua nuca. Agora era o fim da tarde. Seis homens estavam agachados, num círculo, ali perto. Dois com espingardas grandes, um com um arco normal e uma aljava de flechas, outro armado com uma besta estranha, feita de metal, o quinto com um facão. O sexto estava de costas para ela e por isso não dava para ver se carregava alguma arma.

— Mas a gente não sabe que estrada eles vão tomar — disse um dos homens com espingarda.

— Olhe aqui no mapa — respondeu o homem de costas para ela. — Esse é exatamente o caminho mais lógico, daqui para o aeroporto de Severn City.

Ela reconheceu a voz do profeta.

— Eles podem pegar a Lewis Avenue quando chegarem a Severn City. Não parece um caminho muito mais longo.

— Vamos nos separar — disse o profeta. — Dois grupos, um para cada caminho, e depois nos encontramos na estrada do aeroporto.

— Suponho que os senhores tenham um plano.

Era a voz de Sayid, em algum lugar próximo. Sayid! Ela queria falar com ele, perguntar onde estavam e o que estava acontecendo, contar para ele que a Sinfonia tinha procurado por ele e por Dieter depois que desapareceram, mas ela se sentia muito enjoada para poder se mexer.

— Já explicamos, só queremos trocar vocês dois pela noiva — disse o homem da espingarda. — Contanto que ninguém tente fazer nenhuma bobagem, vamos pegar a noiva e depois vocês vão seguir seu caminho.

— Entendo — disse Sayid. — Vocês gostam desse tipo de trabalho ou fazem isso pela remuneração?

— Que remuneração? — perguntou o que estava com o facão.

Era muito jovem. Parecia ter quinze anos.

— Tudo isso — disse o profeta, sereno —, todas as nossas atividades, Sayid, você precisa

entender, todo o seu sofrimento, tudo é parte de um plano maior.

— Vocês ficariam surpresos se soubessem como essa ideia me traz um consolo muito pequeno.

A clarinetista estava lembrando algo que sempre soubera a respeito de Sayid: sua dificuldade de manter a boca fechada quando ficava zangado. Ela esticou o pescoço e viu Dieter, deitado de costas, a poucos metros, imóvel. Sua pele parecia mármore.

— Certas coisas nesta vida parecem inexplicáveis — disse o arqueiro —, mas temos de confiar na existência de um plano maior.

— Lamentamos muito — disse o menino com o facão, e parecia sincero. — Lamentamos muito pelo seu amigo.

— Tenho certeza de que vocês lamentam por todo mundo — disse Sayid —, mas já que estamos aqui discutindo estratégia, não existe nenhum motivo para raptarem a clarinetista.

— Dois reféns são mais persuasivos do que um só — respondeu o arqueiro.

— Vocês são tão *inteligentes*, todos vocês — disse Sayid. — É o que mais admiro em vocês, eu acho.

O homem da espingarda resmungou alguma coisa e começou a levantar, mas o profeta pôs a mão no seu braço e ele afundou no chão, de novo, balançando a cabeça.

— O refém é um teste — disse o profeta. — Será que conseguimos suportar as zombarias dos caídos? Não é parte de nossa missão?

— Desculpe — murmurou o homem da espingarda.

— Os caídos andam entre nós. Temos de ser a luz. Nós *somos* a luz.

— Nós somos a luz — repetiram os outros quatro, num murmúrio em uníssono.

A clarinetista se moveu dolorosamente — o movimento provocou uma tempestade de pontos escuros em sua visão — e espichou o pescoço até conseguir ver Sayid. Ele estava a três ou quatro metros dela, amarrado.

— A estrada fica a cinquenta passos direto para o leste — falou ele. — Dobre à esquerda quando chegar lá.

A clarinetista fez que sim com a cabeça e fechou os olhos, sob uma onda de náusea.

— Sua amiga clarinetista continua dormindo? — Era a voz do arqueiro.

— Se tocarem nela, eu mato vocês — disse Sayid.

— Não há nenhuma necessidade disso, amigo. Ninguém vai mexer com ela. Estamos só querendo evitar que se repita...

— Deixe que ela durma — disse o profeta. — A Sinfonia teve mesmo que dar uma parada para pernoitar. Vamos alcançá-los de manhã.

Quando a clarinetista abriu os olhos, os homens pareciam estar dormindo, encolhidos no chão da floresta. Tinha passado algum tempo. Será que ela havia dormido? Estava se sentindo menos mal do que antes. Alguém colocara um pano sobre o rosto de Dieter. Sayid estava sentado no mesmo lugar onde ela o vira na última vez, falando com o menino do facão, que estava de costas para ela.

— No sul? — dizia o menino. — Não sei. Não gosto de pensar nisso. Fizemos o que era preciso.

Ela não ouviu a resposta de Sayid.

— Isso deixa a gente oco — disse o menino —, ficar pensando no que fez. Lembrar o que a gente fez, isso faz meu estômago embrulhar. Não sei de que outro jeito posso dizer.

— Mas vocês acreditam no que ele diz? Todos vocês?

— Bem, Clancy é um crente de verdade. — Ela ouvia a voz do menino, muito suave. Ele fez um gesto na direção dos homens que dormiam. — Steve também, provavelmente a maioria dos outros. Se você não for um crente de verdade, não vai confessar. Mas o Tom? O mais jovem com uma espingarda? Para ser franco, acho que talvez ele esteja neste negócio só porque nosso líder é casado com a irmã dele.

— Muita esperteza da parte dele — disse Sayid —, mas ainda não entendi por que o profeta está com vocês.

— Ele sai em patrulhas, assim, de vez em quando. O líder precisa, de tempos em tempos, liderar seus homens dentro da mata.

Será que ela estava imaginando a tristeza na voz do menino? A clarinetista continuou deitada e parada por um tempo, até que localizou a Estrela Polar. Descobriu que, deitando de lado e arqueando as costas, era possível trazer os pés para perto das mãos, o suficiente para que as mãos afrouxassem a corda que prendia os tornozelos. Sayid e o menino continuavam conversando baixinho.

— Certo — ela ouviu Sayid dizer —, mas vocês são seis e nós somos trinta. Todos na Sinfonia estão armados.

— Você sabe como a gente anda sem fazer barulho nenhum. — O menino deu um suspiro. — Não estou dizendo que é direito — disse. — Sei que não é.

— Se sabe que não é direito...

— Que escolha eu tenho? Você sabe como... como é este tempo em que a gente vive, você sabe como a pessoa é obrigada a fazer certas coisas.

— Essa parece uma afirmação estranha — disse Sayid —, vindo de alguém jovem demais para lembrar-se de algo diferente.

— Li revistas, livros, uma vez até achei um jornal. Sei que tudo era diferente no passado.

— Mas, voltando ao nosso assunto, são apenas seis do seu lado e...

— Você não percebeu nossa chegada, vindo por trás, pela estrada, não foi? Isso é por causa de nosso treinamento. Andamos sem fazer barulho nenhum e atacamos por trás. Foi assim que desarmamos dez cidades, tomamos suas armas para nosso líder, antes de chegarmos a St. Deborah by the Water. Foi assim que capturamos duas das mulheres do nosso líder. E olhe sua amiga, por exemplo. — A clarinetista fechou os olhos. — Chegamos por trás dela, na floresta, e ela não ouviu nada.

— Eu não...

— A gente podia ir pegando vocês um de cada vez, um por um — disse o menino. Parecia pedir desculpas. — Estou em treinamento desde os cinco anos. Vocês têm armas, só que não têm nossa habilidade. Se a Sinfonia não trocar você pela garota, poderemos matar vocês, um de cada vez, na segurança da floresta, até que devolvam a noiva.

A clarinetista começou a se mexer de novo, manipulando freneticamente o nó que prendia seus tornozelos. Sayid podia vê-la, ela se deu conta, mas ele mantinha o olhar fixo no rosto do menino. Passou um bom tempo sem que ela escutasse a conversa, concentrando-se apenas na corda. Quando os tornozelos ficaram livres, ela lutou para libertar os joelhos.

— Mas não sei se estou entendendo bem — dizia Sayid. — Aquela parte na sua filosofia sobre *ser* a luz. Como é que vocês *trazem* a luz, se vocês *são* a luz? Duvido que consiga me explicar...

A clarinetista era um dos melhores caçadores da Sinfonia. Havia sobrevivido sozinha na mata por três anos, depois da calamidade, e agora, mesmo sentindo-se mal por causa do veneno que tinham usado contra ela, mesmo com os pulsos amarrados às costas, foi capaz de virar-se e desaparecer silenciosamente no meio das árvores, afastar-se da clareira e não fazer quase ruído nenhum, ao fugir para a estrada. Correu enquanto a noite se desfazia na luz cinzenta do alvorecer, andando e tropeçando através das horas que se arrastavam; ora tinha alucinações, ora sonhava com água, até cair nos braços dos batedores da retaguarda da Sinfonia, de manhã, quando o céu escureceu no alto e deu seu recado — “você deve mudar de rumo” —, conforme eles a levavam de volta para a Sinfonia, onde a última árvore que bloqueava a estrada tinha acabado de ser serrada. Os primeiro pingos de chuva caíam enquanto a maestrina ouvia a mensagem e ordenava uma imediata mudança de rumo; batedores foram enviados para localizar e trazer Kirsten e August — que tinham ido pescar em algum lugar à beira da estrada, mais à frente —, mas, como não conseguiram localizá-los na tempestade, a Sinfonia deu uma guinada para o interior do continente e tomou um novo rumo, uma tortuosa combinação de estradas vicinais que acabariam levando ao aeroporto de Severn City; a clarinetista ora perdendo a consciência, ora voltando à lucidez, na traseira do primeiro trailer, enquanto Alexandra segurava uma garrafa de água junto aos seus lábios.

AS TATUAGENS DE faca no pulso de Kirsten:

A primeira assinalava um homem que veio para cima dela quando estava em seu primeiro ano com a Sinfonia, aos quinze anos. Ele saiu afoito do mato, com ar letal, e não pronunciou nenhuma palavra, mas Kirsten entendeu qual era sua intenção. Quando se aproximou dela, o som foi drenado do mundo e o tempo pareceu andar mais vagaroso. Kirsten estava levemente consciente de que ele se movia depressa, porém o tempo foi mais do que suficiente para puxar a faca do cinturão e lançá-la rodopiando — tão devagar, o aço rebrilhando no sol —, até ela se fundir com o homem e ele agarrar o pescoço com as mãos. Deu um berro — Kirsten não pôde ouvir, mas viu sua boca abrir e sabia que outros deviam ter escutado, porque toda a Sinfonia de repente surgiu à volta de Kirsten, e foi então que o volume aumentou lentamente e o tempo retomou seu ritmo normal.

— É uma reação psicológica ao perigo — disse Dieter quando Kirsten comentou a ausência de som naqueles segundos, a maneira como o tempo se dilatou e se expandiu.

Parecia uma explicação bastante razoável, mas em sua memória não havia nada que explicasse como ela se sentiu calma depois de tudo, quando arrancou a faca do pescoço do homem e limpou a lâmina, e foi por isso que parou de tentar lembrar o ano que tinha passado perdida na estrada, os treze meses apagados da memória, entre a partida de Toronto com o irmão e a chegada à cidade em Ohio, onde os dois ficaram até ele morrer e ela partir com a Sinfonia. O que quer que aquele ano na estrada contivesse, Kirsten entendeu, não era nada que ela desejasse saber.

A segunda faca foi para um homem que tombou dois anos depois, nos arredores de Mackinaw City. A Sinfonia tinha sido avisada de que havia bandoleiros na região, mas foi um choque quando eles se materializaram, surgindo da neblina, na estrada em frente. Quatro homens, dois com espingardas e dois com facões. Um dos homens com espingarda pediu comida, quatro cavalos e uma mulher, numa voz plana e monótona.

— Dê o que a gente quer — disse ele —, e ninguém precisa morrer.

Mas Kirsten sentiu mais do que ouviu o sexto violonista ajustando uma flecha em seu arco, às suas costas.

— Primeiro os de espingarda — murmurou ele, perto da orelha de Kirsten. — Eu pego o da esquerda. Um, dois...

No três, os homens de espingarda estavam caindo, um olhava espantado, por baixo da flecha fincada em sua testa, e o outro agarrava a faca de Kirsten cravada em seu peito. A maestrina deu cabo dos outros dois, com dois rápidos disparos. Recolheram as armas, arrastaram os homens para dentro da mata para servirem de comida aos bichos e seguiram caminho para Mackinaw City, a fim de representar *Romeu e Julieta*.

Kirsten torcia para que nunca houvesse um terceiro.

— Há um paraíso novo e uma terra nova — tinha sussurrado o arqueiro.

Ela viu a expressão no rosto de August, logo depois, e entendeu que o homem com a espingarda tinha sido o primeiro dele — August tivera a sorte colossal de ter alcançado o Ano Vinte sem matar ninguém —, e se Kirsten não estivesse tão cansada, se não precisasse usar

toda sua energia para continuar respirando, em face das notícias terríveis que Sayid havia trazido, poderia ter contado para August o que ela já sabia: é possível sobreviver a isso, mas não é possível ficar inalterado, e você vai carregar consigo esses homens por todas as noites de sua vida.

Onde estava o profeta? Em geral, caminhavam em silêncio, atordoados pela dor, Sayid mancava, atento a qualquer som do cachorro. As placas para o aeroporto os levaram para longe do lago, saindo do centro da cidade, e eles subiram pelas ruas residenciais de casas feitas de madeira. Alguns telhados tinham desabado, na maior parte sob o peso de árvores caídas. Sob a luz da manhã, havia beleza na decrepitude; o sol batia nas flores que tinham brotado no meio do cascalho das entradas para as garagens das casas, tomadas pelo mato fazia muito tempo, varandas cobertas de musgos ganhavam uma cor verde brilhante, um arbusto branco e fluorescente apinhado de borboletas. Que mundo deslumbrante. Um aperto na garganta de Kirsten. As casas rarearam, espaços maiores entre as entradas de carro tomadas pelo mato, e então a pista direita da estrada ficou entupida de veículos, exoesqueletos enferrujados sobre pneus murchos. Quando espiava pelas janelas dos automóveis, Kirsten só via lixo do mundo antigo, sacos de batata frita amassados, restos de caixas de pizza, objetos eletrônicos com botões e telas.

Quando chegaram à rodovia, havia uma placa indicando a direção para o aeroporto, mas encontrá-lo era muito simples, bastava seguir o engarrafamento. Pelo visto, todo mundo tentou chegar lá, no final, pouco antes de ficarem sem gasolina ou terem de abandonar seus carros no congestionamento ou morrerem de gripe ao volante. Não havia nem sinal do profeta, nenhum movimento entre as fileiras intermináveis de carros que reluziam ao sol.

Caminharam no acostamento de cascalho. Havia um lugar onde a hera se alastrara para fora da mata e cobrira de verde muitos acres da rodovia. Eles caminharam no meio da hera, as folhas tocavam suaves nos pés de Kirsten, calçados em sandálias. Todos os sentidos estavam em sintonia com o ar em volta, no esforço para perceber a posição do profeta — atrás ou na frente? —, e só encontravam a zoeira do mundo ao redor deles, as cigarras, os passarinhos, as libélulas, uma família de cervos. O alinhamento dos carros era enviesado, alguns haviam parado em ângulos estranhos, alguns bateram com força no para-choque do carro da frente, outros estavam meio para fora da estrada. Os limpadores de para-brisa estavam levantados, correntes enferrujadas emboladas em volta de algumas rodas. Portanto tinha nevado, talvez muito, e a neve da rodovia não fora removida. Os carros haviam deslizado e derrapado sobre a neve socada e sobre o gelo.

— O que é isso? — perguntou August, e Kirsten se deu conta de que ela havia parado.

A gripe, a neve, o congestionamento, a decisão: esperar dentro do carro, encaixotado por todos os outros carros que tinham se empilhado atrás, e deixar o aquecimento ligado até a gasolina acabar? Ou abandonar o carro e caminhar, talvez com crianças pequenas, mas para onde, exatamente? Ir para a frente, rumo ao aeroporto? Voltar para casa?

— Está vendo alguma coisa? — sussurrou Sayid.

August o vinha escorando por um quilômetro e meio, mais ou menos. O braço de Sayid se

apoiava nos ombros dele.

Eu vejo tudo.

— Não é nada — disse Kirsten.

Certa vez, perto de Kincardine, ela havia encontrado um velho que jurara que os assassinados seguiam seus assassinos até a sepultura, e ela estava pensando nisso enquanto caminhavam, a ideia de arrastar almas pelas paisagens, como latas presas a um cordão. A maneira como o arqueiro havia sorrido, bem no fim.

Tomaram a saída para o aeroporto e, no meio da tarde, alcançaram a barreira na estrada. Uma antiga placa de quarentena, feita de madeira compensada, dava o alerta da Gripe da Geórgia, uma fileira de cones de trânsito tombados e uma cerca de plástico laranja também caída no chão. A ideia de caminhar por ali, debaixo de uma nevasca, numa desesperada fuga da doença que grassava na cidade, e no fim da caminhada topar com aquela placa e entender que não seria possível fugir. Àquela altura, você talvez já estivesse doente, talvez carregasse nos braços uma criança febril. Kirsten deu as costas para a barreira na estrada e, sem olhar, percebeu que haveria esqueletos ali, no interior da floresta. Algumas pessoas teriam dado meia-volta e retornado pelo mesmo caminho, por quilômetros, tentando encontrar outro meio de escapar de uma doença que estava em toda parte, que já era inescapável. Outros, doentes ou muito cansados, teriam deixado a estrada e deitado de costas para ver a neve caindo em cima deles e contemplar o céu frio, no alto. *Noite passada, sonhei que vi um avião.* Kirsten parou de andar, dominada pela lembrança de Dieter, e naquele momento de imobilidade ouviu o latido distante de um cachorro.

— Kirsten — disse August por cima do seu ombro. Ela notou pelo seu rosto que ele não tinha ouvido o que ela ouvira. — Estamos quase chegando.

— Dentro da mata — disse ela, baixinho. — Acho que ouvi o cachorro do profeta.

Ajudaram Sayid a deixar a estrada. Ele estava muito pálido agora. Desabou entre os arbustos, ofegante, e fechou os olhos.

No silêncio que seguiu o latido, Kirsten ficou agachada no meio dos arbustos e ouviu as batidas do próprio coração. O profeta e seus homens tinham ficado a certa distância, atrás deles. Passou-se muito tempo antes de Kirsten ouvir seus passos. O barulho parecia estranhamente amplificado, mas ela sabia que era apenas a tensão zumbindo dentro dela, seus sentidos mais aguçados por causa do medo. Naquele trecho da estrada, a luz do sol era filtrada pelas folhas e a primeira imagem que Kirsten viu foi o comprido cano do fuzil do profeta saindo e entrando da sombra, enquanto ele caminhava. Ele liderava o grupo, sereno e sem pressa, o cachorro trotando a seu lado. O menino que havia escapado da emboscada de Kirsten e August naquela manhã agora levava um revólver, o facão preso às costas, e atrás deles vinha um homem com uma arma complicada, de um tipo que Kirsten nunca tinha visto, uma terrível besta de metal com quatro flechas curtas já engatilhadas, além de um quarto homem com uma espingarda.

Não parem. Não parem. Mas o cachorro se desviou para o lado dos arbustos onde Kirsten estava escondida, andou mais devagar e ergueu o focinho. Kirsten prendeu a respiração. Ela não tinha se afastado muito da estrada, percebeu então. Estava a apenas dez passos de distância.

— Sentiu o cheiro de alguma coisa, Luli? — perguntou o homem com a besta.

O cachorro latiu uma vez. Kirsten prendeu a respiração. Os homens se juntaram ao redor do

cão.

— Provavelmente é só mais um esquilo — disse o menino, mas pareceu preocupado.

Kirsten viu que ele estava com medo, e perceber aquilo provocou uma grande tristeza. Eu nunca quis nada disso.

— Ou então tem alguém escondido no mato.

— Na última vez que latiu, era só um esquilo.

O cachorro ficara imóvel, o focinho palpitando. Por favor, pensou ela, por favor. Mas Luli latiu de novo e olhou direto para Kirsten, através da malha de folhas.

O profeta sorriu.

— Estou vendo você — disse o homem com a besta.

Ela podia levantar dos arbustos baixos e atirar uma faca e, enquanto a faca rodopiasse pelo ar, Kirsten seria derrubada por uma bala ou uma flecha de metal — a besta e as três armas de fogo estavam apontadas para ela agora —, ou podia continuar imóvel até que eles fossem obrigados a se aproximar, atacar a curta distância e ser morta por um dos outros. Mas será que iam se aproximar realmente ou iam atirar para o mato, onde ela estava escondida? Kirsten sentiu a aflição de August, uma corrente baixa no ar. Ele estava mais bem escondido do que ela, agachado atrás de um toco de árvore.

Uma flecha de metal se enfiou na terra perto de seu pé, com um baque surdo.

— A próxima vai acertar seu coração. — O homem com a besta era mais velho do que o profeta, uma antiga cicatriz de queimadura no rosto e no pescoço. — Levante. Devagar. Mãos para cima.

Kirsten se levantou e saiu do esconderijo.

— Largue a faca.

Ela deixou a arma cair da mão, no meio do mato baixo. Tinha plena consciência das outras duas facas, presas na cintura, tão próximas, porém inalcançáveis. Se movesse a mão agora, se fosse rápida o bastante, teria tempo de acertar ao menos o profeta, antes que a primeira bala rasgasse seu coração? Improvável.

— Ande para cá. Se tentar pegar as facas, está morta. — O homem com a besta falava com calma.

Nada naquela situação era novidade para ele. O menino parecia chocado.

O choque de entender que aquilo era provavelmente o fim, depois de uma vida inteira escapando por muito pouco, e depois de tanto tempo. Kirsten caminhou para a frente através do mundo radiante, luz do sol, sombra e verde. Pensar em fazer algo heroico, atirar uma faca rodopiando através do ar, enquanto ela caía morta. Pensar: por favor, não deixe que encontrem August e Sayid. Pensar em Dieter, embora pensar nele causasse uma dor quase física, como mexer numa ferida aberta. Kirsten pisou no solo duro da estrada e ficou parada na frente do profeta, com as mãos para cima.

— Titania — disse o profeta.

Ergueu a ponta do fuzil para o ponto entre os olhos de Kirsten. No olhar dele, ela viu apenas curiosidade. Estava interessado em ver o que ia acontecer agora. As três armas estavam apontadas para Kirsten. O homem com a besta apontava sua arma para os arbustos, mas nada em seus movimentos ou em sua pontaria indicava que tivesse visto August ou Sayid. O profeta balançou a cabeça para o menino, que se adiantou e puxou as facas de Kirsten do cinturão, com delicadeza. Agora ela o reconhecia. Era a sentinela que eles haviam deixado

para trás, em St. Deborah by the Water, que vigiava a saída da cidade e assava seu jantar num espeto. O menino não olhava nos olhos de Kirsten. O cachorro parecia ter perdido o interesse em farejar o mato, havia se abaixado na estrada e olhava para eles, com o queixo apoiado nas patas da frente.

— De joelhos — disse o profeta.

Ela obedeceu. A ponta do fuzil a acompanhou. Ele chegou mais perto.

Ela engoliu em seco.

— Você tem nome? — perguntou ela.

Um vago instinto de adiar.

— Às vezes, nomes são um estorvo. Onde estão seus companheiros?

— A Sinfonia? Não sei.

A dor daquilo, mesmo agora, quando já era tarde demais para ter qualquer importância. Pensar na Sinfonia, os trailers puxados por cavalos se movendo debaixo do céu de verão, o som dos cascos dos cavalos. Viajando para algum lugar ou talvez já no aeroporto, em segurança. Ela os amava desesperadamente.

— E seus outros companheiros? Os que ajudaram você a matar meus homens na estrada, hoje de manhã?

— Não tivemos escolha.

— Entendo — disse ele. — Onde estão?

— Morreram.

— Tem certeza?

Ele moveu o fuzil bem de leve, traçando um pequeno círculo no ar.

— Éramos três — disse ela —, incluindo Sayid. Seu arqueiro acertou os dois, antes de morrer. — Era plausível. O menino com o facão tinha fugido antes de o arqueiro tombar. Ela tomou o cuidado de não olhar para ele.

— Meu arqueiro era um bom homem — disse o profeta. — Leal.

Kirsten ficou em silêncio. Compreendia os cálculos que August fazia naquele momento. A ponta do fuzil do profeta estava a dois centímetros da testa de Kirsten. Se August revelasse sua posição, alvejando um dos homens, os outros cairiam sobre ele e Sayid num segundo. Sayid estava indefeso, estirado, sem forças, e Kirsten — de joelhos na estrada, desarmada, com uma arma apontada para a cabeça —, com toda a probabilidade, morreria do mesmo jeito.

— Eu caminhei a vida inteira por este mundo maculado — disse o profeta — e vi muitas trevas, muitas sombras e horrores.

Kirsten não queria mais olhar para o profeta ou, mais precisamente, não queria que a última coisa que visse na terra fosse seu rosto e a ponta do fuzil. Ela ergueu a cabeça para olhar para além dele, para as folhas que cintilavam sob o sol, para o brilho azul do céu. Canto de passarinho. Consciente de cada respiração, cada batida de coração dentro dela. Gostaria de poder mandar uma mensagem para August, tranquilizá-lo de algum modo: sei que era eu ou nós três. Entendo por que você não pôde atirar. Ela gostaria de poder dizer a Sayid que ainda o amava. A memória sensorial de estar deitada junto a Sayid, durante a noite, antes de se separarem, a curva das costelas dele embaixo da mão de Kirsten, quando ela apalpava seu corpo de cima para baixo, os cachinhos macios em sua nuca.

— Este mundo — disse o profeta — é um oceano de trevas.

Kirsten ficou espantada de ver que o menino chorava, tinha o rosto molhado. Quem dera ela pudesse falar para August. Viajamos tanto e sua amizade significava tudo para mim. Foi muito difícil, mas houve momentos de beleza. Tudo termina. Não estou com medo.

— Alguém está vindo — disse um dos homens do profeta.

Kirsten também ouviu. O som distante de cavalos trotando, dois ou três se aproximando num passo ligeiro, vindo da direção da rodovia.

O profeta franziu a testa, mas não desviou o olhar do rosto de Kirsten.

— Sabe quem está vindo? — perguntou ele.

— Não — sussurrou ela.

A que distância estavam os cavalos? Ela não conseguia saber.

— Quem quer que sejam eles — disse o profeta —, vão chegar tarde demais. Você acha que está ajoelhada diante de um homem, mas está ajoelhada diante do nascer do sol. Nós somos a luz que se move na superfície das águas, sobre as trevas de Submarina.

— Submarina? — sussurrou ela, mas o profeta já não estava mais escutando.

Uma expressão de serenidade perfeita havia tomado seu rosto e ele olhava não para ela, e sim *através* dela, com um sorriso nos lábios.

— “Tudo que desejamos é voltar para casa” — falou Kirsten. Era uma citação do primeiro volume, *Estação Onze*. Um confronto direto entre o Dr. Onze e um adversário de Submarina.

— “Sonhamos com a luz do sol, sonhamos poder caminhar na Terra.”

A expressão do profeta era impenetrável. Será que tinha reconhecido o texto?

— “Estamos perdidos há tanto tempo” — falou Kirsten, ainda citando a mesma cena. Ela olhou para o menino, atrás do profeta. O menino estava olhando para a arma em suas mãos. Fazia que sim com a cabeça, para si mesmo, aparentemente. — “Tudo que desejamos é o mundo em que nascemos.”

— Mas é tarde demais para isso — disse o profeta.

Respirou fundo e firmou o fuzil nas mãos.

O tiro soou tão alto que Kirsten sentiu o som no peito, um baque no coração. O menino estava em movimento e ela não estava morta, o tiro não tinha vindo do fuzil do profeta. No silêncio insondável logo depois do som do tiro, Kirsten tocou a testa com a ponta dos dedos e viu o profeta tombar à sua frente, o fuzil frouxo nas mãos. O menino alvejara o profeta na cabeça. Os outros dois homens pareceram congelados de espanto, só por um momento, mas naquele instante uma das flechas de August cantou pelo ar e o homem com a besta se dobrou ao meio, sufocado em sangue. O homem com a espingarda disparou loucamente na direção das árvores e então seu gatilho estalou em vão, sem munição. Ele praguejou e revirou o fundo do bolso até que outra flecha se fincou em sua testa e ele caiu, e então Kirsten e o menino ficaram sozinhos, juntos, na estrada.

O menino tinha os olhos esgazeados, os lábios se moviam, olhava fixamente para o profeta caído sobre uma poça de sangue que aumentava depressa. Ele ergueu o revólver até a boca.

— Não — disse Kirsten —, não, por favor...

Mas o menino fechou os lábios em volta do cano e atirou.

Ficou ali ajoelhada, olhando para eles, e depois se deitou de costas para contemplar o céu. Pássaros rodando. O choque de estar viva. Virou a cabeça e olhou para dentro dos olhos azuis e mortos do profeta. Os ouvidos de Kirsten estavam zunindo. Ela agora sentia a vibração dos cascos na estrada. August gritou seu nome e ela olhou quando os batedores avançados da Sinfonia dobraram a curva da estrada, montados a cavalo, como a imagem de um sonho, Viola e Jackson, a luz do sol brilhando em suas armas e nos binóculos pendurados no pescoço de Viola.

— Você quer isto? — perguntou August um tempo depois. Kirsten ficara sentada junto ao profeta, olhando para ele, enquanto Jackson ajudava Sayid a sair da floresta e August e Viola revistavam as bolsas do profeta e de seus homens. — Achei na bolsa do profeta.

Um exemplar do Novo Testamento, com a lombada colada com fita adesiva. Kirsten abriu numa página ao acaso. Estava quase ilegível, uma massa de anotações nas margens, pontos de exclamação e trechos sublinhados.

Uma folha de papel dobrada caiu de dentro do volume.

Era uma página arrancada de um exemplar de *Dr. Onze*, vol. I, Nº I: *Estação Onze*, a primeira página de *Estação Onze* que Kirsten via que não tinha vindo dos seus exemplares. A página inteira era ocupada por uma única imagem: o Dr. Onze de joelhos junto ao corpo sem vida do Capitão Lonagan, seu amigo e mentor. Estão numa sala que o Dr. Onze às vezes usa como local de reunião, um escritório com uma parede de vidro que dá para a Cidade, as pontes, as ilhas e os barcos. Está abalado, a mão na boca. Um companheiro está com ele, um balão de fala flutua acima da cabeça: “Você era o vice-comandante, Dr. Onze. Na ausência dele, você tem de comandar.”

Quem era você? Como foi que essa página ficou em seu poder? Kirsten estava de joelhos junto ao profeta, junto à poça de seu sangue, porém ele não passava de mais um homem morto em mais uma estrada, sem respostas, o portador de mais uma história insondável sobre deixar um mundo para trás e penetrar em outro. Um de seus braços estava esticado na direção dela.

August estava falando com Kirsten de novo, agachado a seu lado.

— A Sinfonia está apenas poucas horas atrás de nós — dizia ele, num tom de voz bem gentil. — Viola e Jackson vão voltar para junto deles e nós três vamos seguir em frente, rumo ao aeroporto. Não está longe.

Eu caminhei a vida inteira por este mundo maculado. Depois que ela saiu de Toronto com o irmão, caminhando, depois daquele primeiro ano impossível de lembrar, seu irmão tinha sido atormentado por pesadelos. “A estrada”, ele dizia sempre, quando Kirsten o sacudia para acordá-lo e perguntava o que tinha sonhado. Ele dizia: “Espero que você nunca se lembre.”

O profeta tinha mais ou menos a idade dela. No que quer que o profeta tivesse se transformado, no passado fora um menino sem destino na estrada e talvez tenha tido a infelicidade de lembrar-se de tudo. Kirsten passou a mão no rosto do profeta para fechar seus olhos e colocou na mão dele o papel dobrado com a página de *Estação Onze*.

QUANDO SAYID, AUGUST e Kirsten se afastaram dos cadáveres na estrada, retomando sua vagarosa caminhada rumo ao aeroporto, o cachorro do profeta os seguiu a certa distância. Ao pararem a fim de descansar, o cachorro sentou-se a poucos metros, observando.

— Luli — disse Kirsten. — Luli.

Ela jogou uma lasca de carne seca que o cachorro abocanhou no ar. Aproximou-se e deixou Kirsten afagar sua cabeça. Ela passou os dedos entre os pelos grossos na base do pescoço. Quando partiram outra vez, o cachorro continuou perto dela.

Uns oitocentos metros à frente, a estrada fazia uma curva, afastando-se das árvores, e o vasto prédio do terminal surgiu a curta distância. Era um monólito de dois andares, de concreto e vidro, reluzente sobre um oceano formado pelo estacionamento. Kirsten sabia que era quase certo estarem sendo observados àquela altura, mas não via nenhum movimento na paisagem. O cachorro gemia e erguia o focinho no ar.

— Sentiu o cheiro? — perguntou Sayid.

— Alguém está assando carne de cervo — disse August. A estrada se dividia à frente dele, caminhos separados para Desembarque, Embarque e Estacionamento. — Qual caminho?

— Vamos fingir que existe um modo de sair deste continente. — Sayid tinha no rosto uma expressão distante. A última vez que vira um aeroporto fora dois meses antes da calamidade, quando voltou para casa depois de visitar a família em Berlim e aterrissou pela última vez no aeroporto O'Hare, de Chicago. — Vamos para o Embarque.

O caminho para o Embarque subia para uma entrada no segundo andar, uma fila de portas giratórias de vidro e aço, um ônibus municipal cintilando à luz do sol. Eles estavam a uns cem metros da porta quando o apito ressoou, três breves sopros. Duas sentinelas saíram de trás do ônibus, uma mulher e um homem, suas bestas apontadas para o chão.

— Desculpe pelas bestas — disse o homem com voz amável. — Uma precaução necessária, infelizmente...

Mas então parou, parecendo confuso, porque o arco da mulher a seu lado caiu no chão com um estalo, e ela correu ao encontro dos recém-chegados; ela ria e gritava seus nomes e tentava abraçá-los todos ao mesmo tempo.

Havia 320 pessoas morando no aeroporto de Severn City naquele ano, um dos maiores assentamentos que Kirsten tinha visto. August levou Sayid para a enfermaria e Kirsten deitou-se, deslumbrada, dentro da barraca de Charlie.

No começo do Ano Dois, os ocupantes do aeroporto ficaram enjoados de olhar uns para os outros, mas por outro lado não queriam dormir muito afastados, por isso construíram duas fileiras de barracas ao longo de toda a extensão do terminal B. As barracas eram de tamanhos variados, com estruturas feitas de galhos arrastados da mata, quadrados de mais ou menos seis metros de lado, com tetos em ponta. Tinham vasculhado os escritórios do aeroporto à cata de grampeadores e grampearam lençóis por cima da armação de galhos. Houve certo debate sobre ser ou não aquele o melhor uso possível para a montanha de lençóis que pegaram nos hotéis nos arredores, porém havia um desejo muito forte de privacidade, àquela altura. Na barraca de Charlie e Jeremy, havia uma cama, dois baús de plástico para roupas e fraldas, e seus instrumentos musicais. Uma luz difusa atravessava o pano. Luli se enfiou na barraca e deitou ao lado de Kirsten.

— Fiquei muito triste pelo Dieter — disse Charlie. — August me contou.

— Não parece real. — Kirsten queria fechar os olhos, mas tinha medo do que ia sonhar se dormisse. — Há algum tatuador aqui, Charlie?

Charlie esfregou a ponta dos dedos no pulso direito de Kirsten, as duas facas pretas pintadas com dois anos de intervalo.

— Quantos?

— Um. Um arqueiro na estrada.

— Tem um tatuador que mora no jato da Lufthansa. Vou apresentar a você amanhã.

Kirsten estava observando uma formiga atravessar o teto da barraca pelo lado de fora, a sombra de seu corpo minúsculo e as impressões finíssimas de suas patas sobre o pano.

— Tenho pensado no quarto de criança — disse ela.

Alguns anos antes, haviam topado com uma enorme casa de campo, perto da desembocadura do rio St. Clair, Kirsten, Charlie e August, um local que tinha sido pilhado mais de uma vez, mas que não era visitado fazia anos, talvez uma década, poeira por todo lado, e em algum momento August falou algo sobre voltarem para a Sinfonia. Kirsten subiu ao primeiro andar da casa para buscar Charlie e a encontrou no quarto que obviamente havia sido um quarto de criança, fitando um conjunto de chá feito de porcelana, para bonecas. Ela nem ergueu os olhos quando Kirsten chamou seu nome.

— Temos de ir, Charlie — dissera. — Estamos a um quilômetro e meio da estrada. — Mas Charlie não deu nenhum sinal de ter ouvido. — Venha — insistira Kirsten —, podemos levar com a gente.

E apontou para o conjunto de chá, que tinha sido arrumado com uma precisão incrível numa mesa em miniatura.

Charlie continuou sem falar. Olhava fixamente para o conjunto de chá, como que num transe. August chamou por elas, do térreo, e subitamente Kirsten teve a impressão de que alguém no canto do quarto estava observando as duas, só que não havia ninguém além dela e de Charlie. A maior parte dos móveis tinha sumido, nada restara a não ser aquela mesinha para bonecas e lá adiante, no canto, uma cadeira de balanço de tamanho infantil. Como aquela mesa pôde permanecer arrumada enquanto o restante da casa era saqueado e deixado em total desordem? Quando Kirsten prestou atenção, se deu conta de que não havia poeira no conjunto de chá. As únicas pegadas na poeira eram dela e de Charlie, e Charlie estava sentada a uma distância da mesa que não lhe permitia tocá-la. Que mão pequenina havia arrumado as xícaras de boneca na mesa? Era muito fácil imaginar que a cadeira de balanço estava oscilando bem de leve.

Kirsten tentou não olhar para ela. Embrulhou numa fronha os pratinhos e os pires diminutos, o mais depressa possível, enquanto Charlie observava, ainda sem falar, e depois Kirsten enfiou a trouxa na bolsa de Charlie, pegou-a pela mão e levou-a para o térreo, saindo para o gramado tomado pelo mato, onde Charlie piscou e voltou a si lentamente, sob a luz do final da primavera.

— O quarto de criança foi só um momento estranho — disse Charlie agora, na barraca do aeroporto, muitos anos depois. — Um momento estranho numa vida inteira de momentos estranhos. Não consigo explicar o que deu em mim.

— Foi só isso? Um momento estranho?

— Já falamos sobre isso mil vezes. Não havia mais ninguém no quarto.

— Não havia pó no conjunto de chá.

— Está perguntando se acredito em fantasmas?

— Não sei. Talvez sim.

— Claro que não acredito. Imagine só quantos fantasmas existiriam.

— Sim — disse Kirsten. — É exatamente isso.

— Feche os olhos — murmurou Charlie. — Vou ficar aqui com você. Tente dormir.

Houve música naquela noite: August, Charlie e o sexto violonista. Sayid dormiu na enfermaria, que ficava lá embaixo, no setor de bagagem, e suas feridas foram limpas e cobertas com ataduras. Charlie tocou violoncelo de olhos fechados, sorrindo. Kirsten ficou atrás da multidão. Tentou se concentrar no som, mas a música sempre a deixava à deriva e seus pensamentos vagavam a esmo. Dieter. O profeta, a única pessoa que Kirsten tinha visto que possuía algum material da *Estação Onze*. O arqueiro na estrada, a faca de Kirsten no peito. Dieter no papel de Teseu, *Sonho de uma noite de verão*. Dieter coando seu café de mentira pela manhã, Dieter discutindo com ela sobre tatuagens. Dieter na noite em que ela o conheceu, no centro de Ohio, quando Kirsten tinha catorze anos e Dieter beirava os trinta, já com metade de uma vida para trás.

Na primeira noite de Kirsten na Sinfonia, Dieter serviu o jantar para ela ao pé da fogueira. Desde a morte do irmão, Kirsten andava muito sozinha e, quando a Sinfonia concordou em aceitá-la, pareceu que foi a melhor coisa que já havia lhe acontecido e, naquela primeira noite, Kirsten estava tão empolgada que mal conseguiu comer. Lembrava-se de Dieter falando com ela sobre Shakespeare, as obras de Shakespeare e sua família, a vida de Shakespeare atormentado pela peste.

— Espere, você quer dizer que ele tinha a peste? — perguntara Kirsten.

— Não — respondera Dieter. — Quero dizer que ele foi definido pela peste. Não sei até que ano você estudou na escola. Sabe o que isto significa, ser definido por uma coisa?

Sim. *Há um paraíso novo e uma terra nova*. Kirsten deu as costas para a luz e para a música. A parede sul do terminal era quase toda de vidro, havia marcas de mãos de criança, aqui e ali, na altura da cintura. A noite estava caindo, aviões iluminados sob a luz das estrelas. Ela ouviu os movimentos distantes das quatro vacas do aeroporto, recolhidas a uma plataforma de carga para passarem a noite, o cacarejar de galinhas. Um movimento líquido

embaixo, na pista de asfalto; um gato caçando nas sombras.

Um velho estava sentado num banco a certa distância da apresentação musical, observando a aproximação de Kirsten. Ele tinha raspado o cabelo todo e, no pescoço, usava uma echarpe de seda, presa com um nó complicado. Ela viu o brilho de brincos, quatro argolas no lóbulo esquerdo. Kirsten não queria falar com ninguém, mas, na hora em que viu o homem, já era tarde demais para se desviar sem parecer rude, por isso ela o cumprimentou com a cabeça e sentou-se na outra ponta do banco.

— Você é Kirsten Raymonde. — Ele conservava vestígios de sotaque britânico. — Clark Thompson.

— Desculpe — disse ela. — Já fomos apresentados antes, não fomos?

— Você ia deixar que eu a levasse a uma visita ao meu museu.

— Eu gostaria de ver, sim. Talvez amanhã. Agora estou muito cansada.

— Entendo. — Ficaram calados durante alguns minutos, escutando a música. — Eu soube que a Sinfonia vai chegar em breve — disse ele.

Ela fez que sim com a cabeça. Agora, sem Dieter, seria uma Sinfonia diferente. A única coisa que ela queria era dormir. Escutou-se o som de patas estalando no chão quando Luli veio ao encontro dela. Sentou-se ao lado de Kirsten e apoiou o queixo em seu colo.

— Esse cachorro parece devotado a você.

— É meu amigo.

Clark pigarreou.

— Passei muito tempo com a Charlie durante o último ano. Ela comentou que você se interessa por eletricidade. — Ele se levantou, apoiando-se na bengala. — Sei que está cansada — disse ele. — Entendo que teve dias muito difíceis. Mas há uma coisa que acho que você ia gostar de ver.

Kirsten pensou bem por um momento, antes de aceitar. Não tinha o hábito de seguir desconhecidos, mas ele era idoso, se movia devagar e Kirsten levava três facas na cintura.

— Aonde vamos?

— À torre de controle do tráfego aéreo.

— Do lado de fora?

Ele andava, se afastando dela. Kirsten o seguiu através de uma porta de aço, perto da entrada do museu, desceu um lance de escadas às escuras e saiu para a noite. O canto das cigarras, um morceguinho voando em disparada para caçar. Visto da pista de asfalto, o concerto era um borrão de luz no terminal C.

De perto, os aviões eram maiores do que ela havia imaginado. Ergueu os olhos para as janelas escuras, para a curva das asas. Impossível imaginar que máquinas enormes como aquelas tivessem voado algum dia. Clark andava devagar. Kirsten viu o gato de novo, correndo depressa, abaixado, na base da torre de controle do tráfego aéreo, e ouviu o guincho de um roedor quando o gato deu o bote. A porta de aço da torre abriu e Kirsten se viu dentro de uma sala pequena onde um guarda vigiava através de um orifício de observação, uma vela acesa nas portas dos elevadores. A porta para a escada estava aberta, presa por uma pedra.

— São nove andares — disse Clark. — Receio que vá tomar um bom tempo.

— Não tenho pressa.

Era tranquilizador subir a escada com ele. Parecia não esperar nenhuma conversa da parte de Kirsten. A subida vagarosa entre os degraus escuros e os patamares iluminados pelo luar,

as batidas da ponta da bengala no aço. A respiração dele era penosa. A cada patamar, paravam para descansar, e numa das vezes demoraram tanto tempo que Kirsten quase pegou no sono, antes de ouvir Clark subir, se apoiando no corrimão. O cachorro deitava e dava um suspiro teatral a cada patamar. Havia janelas abertas em todos os andares, mas naquela noite não corria brisa nenhuma e o ar estava quente e parado.

— Li aquela entrevista que você deu, faz alguns anos — disse Clark no sexto andar.

— Aquele jornal em New Petoskey.

— Sim. — Clark estava enxugando a testa com um lenço. — Quero conversar com você sobre isso amanhã.

No nono andar, Clark bateu na porta com a bengala, numa sequência de batidas codificada, e eles foram admitidos numa sala octogonal, com paredes de vidro, e uma série de telas escurecidas, quatro pessoas de binóculos vigiando a pista, o terminal, as sombras dos jardins, a cerca. O cachorro farejou em volta, na sombra. Era desorientador estar tão alto, tão distante do solo. Os aviões reluziam de leve, sob a luz das estrelas. O concerto no terminal C parecia haver terminado.

— Olhe aqui — disse Clark. — Para o sul. É o que eu queria mostrar para você. — Ela seguiu a direção que ele apontava com o dedo, para o horizonte ao sul, onde as estrelas pareciam mais turvas do que em qualquer outra região do céu. — Apareceu lá faz uma semana — disse ele. — É algo extraordinário. Não sei como fizeram isso numa escala tão grande.

— Você não sabe como fizeram o quê?

— Vou mostrar para você. James, podemos usar o telescópio? — James moveu o tripé e Clark olhou através do instrumento, as lentes apontadas para um ponto imediatamente abaixo da área turva, no céu. — Sei que está cansada esta noite. — Ele ajustava o foco, os dedos endurecidos no botão de controle. — Mas espero que concorde que isto vale todo o esforço de subir até aqui.

— O que é?

Ele recuou.

— O telescópio está focado — disse. — Não mexa nele, só olhe.

Kirsten olhou, mas a princípio não conseguiu entender o que estava vendo. Recuou.

— Não é possível — disse ela.

— Mas está lá. Olhe de novo.

Ao longe, pontinhos de luz dispostos numa grade. Lá, nitidamente visível na encosta de um morro, a quilômetros de distância: uma cidade, ou um povoado, cujas ruas estavam iluminadas com eletricidade.

KIRSTEN OLHA ATENTAMENTE pelo telescópio para a cidade com luz elétrica.

No prédio do terminal, Charlie e August estão sentados ao lado da cama de Sayid, na enfermaria, no setor de bagagens, e contam para ele sobre o concerto, e ele sorri pela primeira vez em vários dias.

Mil e seiscentos quilômetros ao sul do aeroporto, Jeevan está assando pão num forno ao ar livre. Agora, raramente pensa na sua vida antiga, embora às vezes tenha sonhos sobre um palco, um ator que cai na neve cintilante, e outros sonhos em que empurra carrinhos de supermercado no meio de nevascas. Seu filho pequeno ajoelha a seus pés, brincando com um cachorrinho. Esse menino nasceu no mundo novo, e sua mãe descansa dentro de casa com o bebê.

— Frank — diz Jeevan para o filho. — Vá ver se sua mãe está com fome.

Levanta do forno o tabuleiro com o pão, e o forno, em outra encarnação, foi um barril de gasolina. Seu filho corre para dentro da casa, o cachorrinho vai atrás, nos seus calcanhares.

É uma noite quente e ele ouve a risada do vizinho. Um aroma de gardênias é levado pela brisa. Dali a pouco, Jeevan vai descer para o rio a fim de pegar a carne que conservava refrigerada dentro de uma velha lata de café mergulhada na água, fará sanduíches para sua pequena família e oferecerá um pouco de pão aos vizinhos, mas por ora ainda fica ali para observar a silhueta da mulher e dos filhos por trás das finas cortinas do quarto onde moram. Daria se debruça para erguer o bebê do berço, se abaixa de novo para apagar a vela com um sopro e, naquele momento, ela desaparece, as silhuetas se apagam e Frank corre para fora, na frente dela, sobre o capim.

— Venha ver o pão — diz Jeevan, e o pequeno Frank se ajoelha diante do pão com uma fisionomia séria, apalpa com o dedo, aproxima a cabeça e inala o calor.

— Ele parece estar melhor — diz Daria.

Frank teve febre na noite anterior. Ela cantou para o filho doces cantigas de ninar, enquanto Jeevan colocava compressas frias em sua testa.

— De volta ao normal — diz Jeevan. — Que tal a cara desse pão, Frank?

— Acho que está quente demais para comer.

— Vamos deixar descansando um tempo.

O garoto se vira para os pais e, por um momento, na penumbra, parece seu xará, o irmão de Jeevan. Ele se aproxima dos pais, o momento já passou, e Jeevan o levanta nos braços para

beijar seus cabelos sedosos. Sempre aquelas lembranças, não de todo submersas.

Bem ao norte, num local tão distante que, naquele mundo sem aviões, poderia ser como outro planeta, os trailers da Sinfonia Itinerante estão chegando ao aeroporto de Severn City.

{ IX. ESTAÇÃO ONZE }

EM SUA DERRADEIRA manhã na Terra, Arthur estava cansado. Ficou acordado, deitado, até o sol nascer, e depois se desvencilhou de um semissono crepuscular, no fim da manhã, desidratado e mole, uma dor de cabeça palpitante por trás dos olhos. O suco de laranja teria ajudado, mas, quando olhou na geladeira, só havia um último gole no fundo da caixa de papelão. Por que não comprou mais? Estava com insônia havia três noites e sua exaustão era tamanha que bastava aquilo para mandá-lo rodopiando para algo não muito distante da fúria, a fúria contida com dificuldade, respirando profundamente e contando até cinco, e suavizada pelo ar frio no rosto. Ele fechou a porta da geladeira, comeu seu último café da manhã — ovos mexidos —, tomou banho de chuveiro, vestiu-se, penteou o cabelo, saiu para o teatro bem cedo, para ter tempo de se demorar com o jornal, enquanto bebia seu segundo café em sua cafeteria predileta, todos os pequenos detalhes que compõem uma manhã, uma vida.

As previsões do tempo estavam repletas de sinais de uma nevasca a caminho e ele sentia aquilo no ar, no peso cinzento do céu do fim da manhã. Tinha decidido: quando *Lear* terminasse a temporada, iria se mudar para Israel. A ideia era estimulante. Ia largar suas obrigações e seus bens e recomeçar a vida no mesmo país de seu filho. Ia comprar um apartamento bem perto da casa de Elizabeth e assim poderia ver Tyler todos os dias.

— Parece que é neve — disse a garota na cafeteria.

Arthur cumprimentou com a cabeça o cara da barraquinha de cachorro-quente, que sempre ficava na mesma esquina, a meio caminho entre o hotel e o teatro. O cara do cachorro-quente sorriu. Um pombo andava em círculos perto da barraquinha, na esperança de cair migalhas de pão e restos de molho. A beleza do pescoço radiante do pombo.

Ele chegou ao teatro ao meio-dia para tratar das anotações ao texto da peça, porém as observações se desdobraram numa extensa discussão e ultrapassou muito o horário programado. Arthur tentava prestar atenção, mas o café não estava produzindo um efeito tão bom quanto ele esperava. No fim da tarde, deitou num sofá em seu camarim, na esperança de se revigorar com um cochilo, mas, a despeito de toda sua exaustão, o camarim parecia opressivo. Seus pensamentos disparavam. Ele acabou levantando e saindo do teatro. Ignorou

os fotógrafos entediados na porta dos fundos, que tiraram fotografias e fizeram perguntas sobre Miranda enquanto ele acenava para os táxis que passavam. Será que ele havia arrastado Miranda de novo para as páginas dos jornais sensacionalistas quando ela o visitara, duas semanas antes? Arthur sentiu a antiga culpa. Ela nunca havia pedido nada daquilo.

— Queen Street oeste com Spadina — falou para o motorista de um táxi laranja e verde e apoiou a cabeça no vidro para observar o trajeto.

Aquele foi um de seus bairros, no passado, mas todas as lojas e cafés que conhecia tinham sumido. Arthur estava pensando num restaurante perto da Queen Street oeste, esquina com Spadina, um lugar que ele frequentava com Clark quando tinham dezessete anos. Não conseguia lembrar exatamente onde ficava, mas acabou encontrando, um pouco mais a leste do que esperava.

Tantas décadas depois, o lugar estava misteriosamente inalterado. A mesma fileira de assentos acolchoados diante das mesinhas, bancos redondos ao longo de toda a extensão do balcão, um relógio antigo na parede. Seria possível que fosse a mesma garçonete? Não, sua memória pregava uma peça nele, porque a cinquentona que servia seu café pelando quando ele tinha dezessete anos não poderia, logicamente, continuar sendo uma cinquentona. Lembrava-se de estar ali com Clark às três, quatro ou, às vezes, cinco da manhã, durante o que parecia, na época, sua vida de adulto, e em retrospecto parecia um sonho. O sonho durou só um instante, mas o momento foi radioso: os dois estavam tendo aulas de teatro, Arthur trabalhava de garçom, enquanto Clark torrava uma pequena herança. Clark tinha sido realmente generoso, pensando agora. Um metro e oitenta e sete, magro, com um fraco por ternos chiques, metade do cabelo raspada, a outra metade desgrenhada, tingida de rosa, às vezes de turquesa ou roxo, sombra nos olhos nas ocasiões especiais, aquele cativante sotaque de quem estudou em colégios internos na Inglaterra.

O sanduíche de queijo grelhado de Arthur chegou. Pensou em ligar para Clark, um rápido momento — “Você nunca vai adivinhar de onde é que eu estou telefonando!” —, mas mudou de ideia. Quis telefonar para seu filho, mas eram quatro horas da manhã em Israel.

Arthur terminou o jantar e pegou um táxi para o teatro, onde ainda tinha algum tempo de sobra. Sentou-se num sofá em seu camarim e deu uma olhada no script — sabia suas falas de cor e salteado, mas tinha o costume de tentar gravar também as falas de alguns outros, ou de todos os personagens, porque ele gostava de saber o que viria a seguir —, mas antes do fim do primeiro ato, bateram na porta. Quando ele levantou, o camarim não chegou a rodar, propriamente, mas não ficou tão firme quanto deveria. Tanya entrou rápido e passou por ele.

— Você está horrível — disse ela. — Está tudo bem?

— Cansado — respondeu Arthur. — Tive insônia outra vez.

Beijou-a e ela subiu num dos sofás. Que leveza Arthur sentia sempre que a via. Como sempre acontecia, ficou cativado pela juventude excessiva. Tanya tinha pouco mais do que metade da idade dele. O trabalho dela era cuidar das três atrizes mirins que representavam versões infantis das filhas de Lear.

— Você esqueceu que ia tomar o café da manhã comigo, não esqueceu?

Arthur estalou a palma da mão na própria testa.

— Desculpe. Hoje eu não estou com as pilhas bem carregadas. Quanto tempo ficou esperando?

— Meia hora.

— Por que não me telefonou?

— Meu celular estava sem bateria — respondeu Tanya. — Mas tudo bem. Você pode me recompensar com uma taça de vinho.

Aquilo era uma coisa que Arthur adorava nela, a maneira como não se chateava com nada. Que situação adorável ficar com uma mulher que não brigava, ele andava pensando ultimamente. Achou uma garrafa meio vazia de vinho tinto na geladeira — ela gostava de vinho gelado — e, quando serviu a taça de Tanya, percebeu que as mãos tremiam.

— Você realmente está com uma cara péssima — disse ela. — Tem certeza de que não está doente?

— Só cansado, eu acho.

Gostava de ver Tanya beber vinho, a forma como se concentrava no sabor. Ela sabia apreciar as coisas finas, como acontece com pessoas que cresceram com pouco dinheiro.

— Você não teria ainda um daqueles chocolates sobrando?

— Acho que tenho, sim.

Ela sorriu para ele — como aquele sorriso o revigorava! — e colocou a taça sobre a mesinha de centro. Depois de vasculhar por alguns minutos o armário e a louça junto à pia, Tanya emergiu com ar de triunfo e uma caixinha dourada na mão. Escolheu uma trufa de chocolate amargo com recheio de framboesa.

— O que é isto? — perguntou Tanya, mastigando o chocolate, e pegou o *Dr. Onze*, Vol. I, Nº I: *Estação Onze*, na mesinha de centro.

— Minha ex-mulher deixou aqui, algumas semanas atrás.

— Qual delas?

Arthur sentiu uma pontada de tristeza. Aquilo era um grave sinal de ter vivido por caminhos maltraçados, não era? Ter mais de uma ex-mulher? Ele não conseguia dizer com segurança o que havia feito de errado.

— A primeira. Miranda. Na verdade, não sei o que fazer com isso.

— O quê? Não vai guardar?

— Não leio histórias em quadrinhos — respondeu Arthur. — Ela me deu dois exemplares de cada uma, então mandei o outro par para meu filho.

— Você me contou que estava tentando se desfazer de seus bens, ou algo assim, não é?

— Exatamente. Elas são um encanto, mas eu não quero mais *coisas*.

— Acho que entendo. — Tanya ficou lendo. — A história é interessante — disse, depois de algumas páginas.

— Não sei — falou Arthur. — Na verdade, nunca entendi o significado disso, para ser sincero. — Havia algum alívio em admitir aquilo para alguém, depois de tantos anos. — Principalmente a Submarina. Todas essas pessoas no limbo, à espera, o tempo todo conspirando, para quê?

— Eu gosto — disse Tanya. — O desenho é muito bom, não é?

— Ela preferia desenhar a escrever os diálogos.

Só agora Arthur se lembrou. Certa vez, abriu a porta do escritório de Miranda e ficou

observando a esposa trabalhar durante alguns minutos, antes que ela percebesse que ele estava ali. A curva do pescoço de Miranda, debruçada sobre a mesa de desenhar, sua concentração absoluta. Como ela parecia vulnerável, quando mergulhada em seu trabalho.

— É maravilhoso.

Tanya estava examinando um desenho de Submarina, uma sala pesadamente sombreada com hachuras, com arcos de mogno retirado das florestas submersas da Estação Onze. A sala trazia à memória de Arthur algum lugar onde ele estivera, mas não conseguia determinar qual era.

Tanya olhou para seu relógio de pulso.

— Acho que preciso ir. Minhas pequenas encenqueiras vão chegar em quinze minutos.

— Espere, tenho uma coisa para você.

Um peso de papel feito de vidro tinha chegado pelo correio duas semanas antes, enviado por Miranda, de seu hotel, depois que os dois se encontraram. Num bilhete, Miranda explicava que Clark levava o peso de papel para a casa de Los Angeles e que ela se arrependeu de ter ficado com ele, tinha certeza de que a intenção de Clark era dá-lo a Arthur, e não a ela, mas, quando Arthur segurou a bola de vidro na mão, descobriu que não havia nenhuma lembrança associada àquele objeto; ele não tinha a menor recordação de Clark ter dado aquilo para eles e, de todo modo, a última coisa que queria na vida era um peso de papel.

— É deslumbrante — disse Tanya quando Arthur o entregou a ela. Observou com atenção as profundezas nubladas. — Obrigada.

— Ligo para você se a Kirsten aparecer aqui no camarim. Vou ver você depois do espetáculo?

Tanya beijou-o.

— Claro — respondeu.

Quando ela foi embora, Arthur deitou-se no sofá e fechou os olhos, mas Kirsten apareceu em sua porta quinze minutos depois. A exaustão de Arthur chegava ao nível de uma doença. O suor escorria pela testa quando ele se levantou. Deixou Kirsten entrar e sentou-se depressa.

— Mamãe comprou um livro que tem você na capa — disse ela.

Sentou-se de frente para ele, no outro sofá.

O único livro que existia com a imagem de Arthur na capa era *Querida V*. Ele sentiu uma onda de náusea.

— Você leu?

— Mamãe não vai me deixar ler. Diz que é impróprio.

— Foi o que ela disse? Que é impróprio?

— Foi.

— Bem — disse Arthur —, acho que é impróprio que o livro exista. Ela tem razão de não mostrar para você.

Na única ocasião em que ele encontrou a mãe de Kirsten, ela o encurralara para perguntar se tinha algum projeto futuro com um papel para uma menina. Ele teve vontade de sacudir a mulher. Sua filha é tão pequena, Arthur teve vontade de dizer. Deixe que ela seja criança, dê uma chance a ela, não sei por que a senhora deseja isso para sua filha. Ele não entendia por que alguém podia desejar que seu filho se envolvesse em filmes.

— O livro é ruim?

— Eu preferia que ele nem existisse. Mas, sabe, estou feliz por você ter vindo aqui — disse

Arthur.

— Por quê?

— Tenho um presente para você.

Sentiu uma pontada de culpa quando lhe entregou as revistas em quadrinhos do *Dr. Onze*, porque, afinal de contas, Miranda gostaria que ficassem com ele, só que Arthur não queria as revistas em quadrinhos, porque não queria juntar bens. Não queria nada, exceto o filho.

Quando ficou sozinho outra vez, Arthur pôs a roupa de seu personagem. Sentou-se alguns minutos, com suas vestes espalhafatosas, desfrutando o peso da capa de veludo, deixou a coroa na mesinha de centro, ao lado das uvas, e seguiu pelo corredor para a sala de maquiagem. O prazer de estar com outras pessoas. Na certa havia comido alguma coisa pesada, concluiu ele. Talvez no restaurante. Ficou uma hora sozinho em seu camarim, onde bebeu chá de camomila e proferiu suas falas em voz alta diante do próprio reflexo no espelho, caminhou devagar, beliscou as bolsas embaixo dos olhos, ajeitou a coroa na cabeça. Quando tocou o sinal avisando que faltava meia hora, telefonou para Tanya.

— Quero fazer alguma coisa por você — disse ele. — Vai parecer muito repentino, mas tem uma semana que ando pensando nisso.

— O que é?

Ela estava distraída. Ele ouviu as três meninas brigando, ao fundo.

— Quanto é que você ainda está devendo do empréstimo que fez para estudar?

Um dia Tanya contou, mas Arthur não conseguia lembrar a quantia.

— Quarenta e sete mil dólares — respondeu ela, e Arthur sentiu a esperança na voz dela, a esperança que não se atreve a existir, a descrença.

— Quero saldar sua dívida.

Não era para isso que servia o dinheiro? Afinal, era isso que sua vida ia significar, depois de tantos anos sem conseguir ganhar o Oscar, aquela série de fracassos de bilheteria. Ele ficaria conhecido como o homem que torrou sua fortuna. Só guardaria o dinheiro suficiente para viver. Ia comprar um apartamento em Jerusalém, ver Tyler todos os dias e recomeçar a vida.

— Arthur — disse ela.

— Deixe-me fazer isso por você.

— Arthur, é demais.

— Não é não. Quanto tempo você vai levar para pagar — perguntou ele com voz delicada — com o que você vem ganhando hoje?

— Vou ter uns sessenta e cinco anos, por aí, mas a dívida é minha, eu...

— Então me deixe ajudar — disse ele. — Nenhum compromisso. Prometo. É só vir ao meu camarim depois do espetáculo e eu lhe darei um cheque.

— O que vou dizer para meus pais? Se contar para eles, vão querer saber onde arranjei o dinheiro.

— Conte a verdade. Conte que um ator excêntrico lhe deu um cheque de quarenta e sete mil dólares, sem nenhum compromisso.

— Não sei como agradecer — disse ela.

Quando desligou o telefone, Arthur sentiu uma paz inesperada. Iria se desfazer de tudo que pudesse ser descartado, o peso do dinheiro e dos bens, e graças àquele desprendimento ele se tornaria um homem mais leve.

— Quinze minutos — avisou o contrarregra do outro lado da porta fechada.

— Obrigado, quinze — disse Arthur, e começou a repassar suas falas desde o início.

Em “nossa primogênita, fale primeiro”, ele olhou para o relógio de pulso. Ainda eram seis da manhã em Israel, mas ele sabia que Tyler e Elizabeth acordavam cedo. Arthur convenceu Elizabeth a deixá-lo falar com o filho.

— Só dois minutos, Elizabeth. Sei que Tyler está se preparando para ir à escola, eu só queria ouvir a voz dele.

E fechou os olhos para ouvir os ruídos do telefone sendo transferido para as pequeninas mãos do filho. Meu primogênito, meu único filho, meu coração.

— Por que ligou?

Aquela vozinha desconfiada. Arthur lembrou que Tyler estava zangado com ele.

— Queria dar um alô.

— Então por que não veio para o meu aniversário?

Arthur tinha prometido ir a Jerusalém, para o aniversário de Tyler, mas fizera a promessa dez meses antes e acabara esquecendo o assunto, até Tyler telefonar na véspera. As desculpas de Arthur não convenceram.

— Não posso ir aí, parceiro. Se pudesse, iria. Mas você não vai vir a Nova York daqui a pouco? Não vou ver você na semana que vem? — Tyler nada tinha a dizer sobre aquilo. — Você vai pegar o avião para Nova York esta noite, não vai?

— Acho que vou.

— Leu as histórias em quadrinhos que mandei?

Tyler não respondeu. Arthur ficou sentado no sofá e apoiou a testa na palma da mão.

— Gostou das revistas, Tyler? As histórias em quadrinhos?

— Gostei.

— Dez minutos — avisou o contrarregra atrás da porta.

— Obrigado, dez. Eu li a história em quadrinhos — disse Arthur —, mas acho que não entendi muito bem. Achei que talvez você pudesse me explicar.

— O que você não entendeu?

— Bem, fale sobre o Dr. Onze.

— Ele vive numa estação espacial.

— É mesmo? Numa estação espacial?

— É igual a um planeta, só que um planeta pequeno — disse Tyler. — Na verdade, está meio quebrado. Entrou por um buraco de minhoca no espaço e então fica escondido nas profundezas do espaço, mas seus sistemas ficaram danificados e por isso o que é que ele tem na superfície? É quase todo de água.

Ele estava ficando animado com o assunto.

— Todo de água! — Arthur ergueu a cabeça. Foi um erro deixar que Tyler fosse para tão longe, mas talvez o erro não fosse irreparável. — Então eles vivem dentro da água, o Dr. Onze e seu... seu povo?

— Vivem numas ilhas. Eles têm uma cidade que é toda feita de ilhas. São que nem pontes e

barcos, entende? Mas é perigoso, por causa dos cavalos-marinhos.

— Os cavalos-marinhos são perigosos?

— Não são como os cavalos-marinhos que vimos dentro de um vidro em Chinatown naquela vez. São grandes.

— De que tamanho?

— Muito grandes mesmo. Acho que são grandes de verdade. São enormes, assim... aquelas coisas *enormes*, e eles saem da água e têm olhos que nem olhos de peixe e as pessoas montam neles que nem montam em cavalos e eles também querem pegar a gente.

— O que acontece se um cavalo-marinho pegar a gente?

— Puxa a gente para debaixo d'água — respondeu Tyler —, e aí a gente fica pertencendo a Submarina.

— Submarina?

— É o mundo que tem no fundo do mar. — Agora ele estava falando depressa, empolgado.

— São os inimigos do Dr. Onze, só que na verdade não são maus. Só querem ir para casa.

— Parceiro — disse Arthur —, Tyler, quero que saiba que amo você.

O silêncio foi tão longo que ele poderia pensar que a ligação havia caído, não fosse pelo som de um carro passando. O menino devia estar na frente de uma janela aberta.

— Eu também — disse Tyler.

Foi difícil ouvir. A voz saiu muito baixa.

A porta do seu camarim abriu com um estalo.

— Cinco minutos — avisou o contrarregra.

Arthur acenou em resposta.

— Parceiro — disse ele. — Agora tenho que ir.

— Você está fazendo um filme?

— Hoje não, parceiro. Estou indo para o palco.

— Está bem, tchau — disse Tyler.

— Até mais. A gente se vê em Nova York semana que vem.

Arthur desligou e ficou sentado sozinho por alguns minutos. Foi muito duro encontrar os próprios olhos no espelho do camarim. Estava muito cansado.

— A postos — disse o contrarregra.

O cenário daquela montagem de *Rei Lear* era grandioso. Uma alta plataforma tinha sido construída na parte de trás do palco, pintada de forma a parecer uma varanda com colunas requintadas, pedras quando vista de frente, madeira compensada quando vista de trás. No primeiro ato, a plataforma eram os aposentos de um rei idoso e Arthur tinha de sentar-se numa poltrona roxa, enquanto a plateia ia chegando, de lado para o público, segurando a coroa na mão. Um rei cansado, no final de seu reinado, talvez não tão sagaz quanto tinha sido, enfrentando uma divisão desastrosa de seu reino.

Abaixo do palco principal, três meninhas brincavam de bater as palmas das mãos umas nas outras, num jogo ritmado, debaixo de uma iluminação muito tênue. A um sinal do contrarregra, elas levantavam e sumiam nos bastidores à esquerda, as luzes do teatro ficavam

mais fracas, e aquela era a deixa para Arthur ficar de pé e escapar. Ele seguiu para os bastidores, às escuras, seu caminho guiado por um assistente de palco, com uma lanterna, na hora em que Kent, Gloucester e Edmund entravam no palco pela direita.

— Não entendo — disse Arthur para o diretor, cujo nome era Quentin e de quem ele, em segredo, não gostava muito. — Por que fico lá?

— Bem, explique você mesmo — disse Quentin. — Você está divagando sobre os caprichos do poder, certo? Está diante da divisão da Inglaterra. Está pensando em suas economias para se aposentar. Represente como quiser. É só confiar em mim, é um bom efeito visual.

— Então eu estou lá porque você gosta da *imagem*?

— Tente não pensar muito nisso — respondeu Quentin.

Mas o que se podia fazer ali no alto da plataforma senão pensar? Na noite da pré-estreia, Arthur ficou sentado na cadeira enquanto a plateia ia chegando, ouvindo os murmúrios dos espectadores quando eles notavam sua figura lá em cima, olhando a coroa nas mãos, e Arthur se surpreendeu ao ver como se sentia inseguro. Tinha feito aquilo antes, ficar à toa no palco enquanto o público entrava, mas se deu conta de que, na última vez que fizera aquilo, tinha vinte e um anos. Lembrava-se de ter gostado da experiência na ocasião, o desafio de viver no mundo da peça antes de a peça começar propriamente, mas agora as luzes estavam perto demais, quentes demais, e o suor brotava e escorria nas costas.

Em seu primeiro casamento, ele e Miranda tinham ido a uma festa de Golden Globes que, no fim da noite, acabou desandando. Miranda, que talvez tivesse bebido um pouco demais e não estava acostumada a usar sapato de salto alto, tinha tropeçado e torcido o tornozelo, debaixo do estrondo de flashes de câmeras, na hora em que estavam saindo, Arthur perto dela, mas fora do alcance, e, no exato instante em que Miranda caiu, ele previu que aquilo ia virar reportagem nos jornais sensacionalistas. Naquele tempo, ele conhecia um casal de atores cujas carreiras haviam ardido em chamas e se transformado nas cinzas de uma semivida de reabilitações de alcoolismo e divórcios, e Arthur sabia o que figurar na reportagem de um tabloide podia fazer com uma pessoa, o efeito corrosivo daquele tipo de exposição. Ele repreendeu Miranda, sobretudo por causa de um sentimento de culpa, e os dois disseram coisas desagradáveis um para o outro, já dentro do carro. Ela entrou em casa com passos firmes e sem falar com ele.

Mais tarde, Arthur passou pela porta aberta do banheiro e ouviu Miranda falando sozinha enquanto tirava a maquiagem: “Não me arrependo de nada”, dizia ela para seu reflexo no espelho. Arthur deu meia-volta e se afastou, mas aquelas palavras ficaram na memória. Anos depois, em Toronto, no segundo andar da estrutura de madeira compensada da montagem de *Rei Lear*, as palavras esclareceram seu problema. Ele descobriu que era um homem que se arrependia de quase tudo, os arrependimentos se aglomeravam à sua volta como mariposas ao redor de uma lâmpada. Na verdade, era essa a principal diferença entre ter vinte e um anos e ter cinquenta e um, concluiu Arthur, o mero volume de arrependimento. Ele tinha feito coisas de que não se orgulhava. Se Miranda era tão infeliz em Hollywood, por que ele simplesmente não a levou embora de lá? Não seria difícil. A maneira como trocou Miranda por Elizabeth e Elizabeth por Lydia e Lydia por outra pessoa qualquer. A maneira como deixou que Tyler fosse levado para o outro lado do planeta. A maneira como passou a vida inteira perseguindo alguma coisa, dinheiro, fama, imortalidade ou tudo isso junto. Na verdade, ele nem conhecia seu único irmão. Quantas amizades ele havia negligenciado, até que acabaram se extinguindo?

Na primeira noite da pré-estreia, saiu do palco a duras penas. Na segunda noite, chegou à plataforma com uma estratégia. Ficou olhando fixo para sua coroa e repassou mentalmente uma lista secreta de tudo que havia de bom.

As magnólias cor-de-rosa no quintal da casa de Los Angeles.

Concertos ao ar livre, o modo como o som se ergue para o céu.

Tyler na banheira, aos dois anos, rindo dentro de uma nuvem de espuma durante o banho.

Elizabeth na piscina à noite, no começo, antes de terem uma única briga, o modo como ela mergulhava quase sem fazer barulho, as duas luas na superfície, se rompendo em cacos.

Dançando com Clark quando os dois tinham dezoito anos, seus documentos de identidade falsos no bolso, Clark faiscando embaixo das luzes estroboscópicas.

Os olhos de Miranda, o modo como ela olhava para ele, quando Miranda tinha vinte e cinco anos e ainda o amava.

Sua terceira mulher, Lydia, fazendo ioga no pátio dos fundos, de manhã.

Os croissants no café do outro lado da rua, em frente ao seu hotel.

Tanya bebendo vinho, seu sorriso.

Dirigindo o varredor de neve de seu pai quando tinha nove anos, a vez que Arthur contou uma piada e seu pai e sua mãe não conseguiam parar de rir, o puro prazer que ele sentiu naquele momento.

Tyler.

Na noite de sua última apresentação, Arthur estava apenas no meio da lista quando avisaram que estava na hora de sair do palco. Ele seguiu a seta de fita adesiva branca e a lanterna do assistente de palco e desceu pela direita. Viu Tanya nos bastidores, no outro lado do palco, conduzindo as três meninas na direção dos camarins. Tanya lançou um sorriso para ele, que soprou um beijo em resposta — por que não? — e ignorou os murmúrios que brotaram na área dos bastidores.

Mais tarde, uma mulher dos figurinos pôs uma coroa de flores na cabeça de Arthur. Ele estava com seu traje de farrapos, para a cena da loucura. Viu Tanya de novo do outro lado do palco — já na última semana de sua vida, a Gripe da Geórgia estava bem próxima agora — e então apareceu um assistente de palco perto dele, segurando a mão de Kirsten.

— Oi — sussurrou Kirsten. — Adorei as histórias em quadrinhos.

— Já leu?

— Só tive tempo de ler o início.

— Está na minha vez de entrar em cena — sussurrou Arthur. — Falo com você depois.

E saiu, sob os efeitos sonoros de uma tempestade.

— Quem vem lá? — falou o homem no papel de Edgar. Em quatro dias, morreria de gripe.

— Jamais a sã razão vestirá seu senhor assim.

— Não, eles não podem me prender por cunhar moedas — disse Arthur, estropiando sua fala. Foco, disse para si mesmo, mas estava disperso, um pouco tonto. — Eu sou o próprio rei.

— Ah — disse Edgar. — Visão de cortar o peito!

Gloucester ergueu a mão até os olhos cobertos por um véu. Dali a sete dias, ele morreria de frio numa rodovia em Quebec.

Arthur tinha dificuldade para respirar. Ouviu um tremular de música de harpa e em seguida as crianças apareceram, as meninas que tinham sido suas filhas no início, alucinações de si mesmas, pequenos fantasmas. Duas delas morreriam de gripe na terça-feira da semana seguinte, uma de manhã e a outra no fim da tarde. A terceira, Kirsten, passou depressa atrás de uma coluna.

— Da cintura para baixo, elas são centauros — disse Arthur, e foi então que aconteceu.

Uma dor aguda, uma contração, um peso no peito. Ele cambaleou e estendeu a mão para se apoiar na coluna de compensado, que ele sabia estar em algum lugar perto, mas calculou mal a distância e bateu com a mão na madeira. Apertou o peito com a mão e teve a impressão de que já havia feito aquilo antes, algo familiar no gesto. Quando tinha sete anos, na ilha Delano, ele e o irmão encontraram um passarinho ferido na praia.

— O pintassilgo também faz isso — disse Arthur, pensando no passarinho, mas para os próprios ouvidos sua voz soou sufocada. Edgar olhou para ele de um modo que fez Arthur pensar que havia errado sua fala, pois agora tinha a cabeça muito aérea. — O pintassilgo...

Um homem na primeira fileira se levantou da poltrona. Arthur aninhou a mão no coração, exatamente como havia segurado o passarinho quando menino. Já não tinha mais certeza de onde se encontrava, ou talvez estivesse em dois lugares ao mesmo tempo. Ele podia ouvir o barulho das ondas na praia. As luzes do palco estavam deixando rastros nas trevas, da mesma forma como um cometa tinha feito, um dia, quando ele era adolescente e estava no terreno junto à casa de sua amiga Victoria, olhando para o céu da noite, o cometa Hyakutake, suspenso como uma lanterna no céu frio. O que se lembrava daquele dia na praia quando tinha sete anos era que o coração do passarinho tinha parado na palma de sua mão, uma trepidação que titubeou e acabou cessando de todo. Agora o homem na primeira fileira da plateia corria e Arthur também estava em movimento; tombou de encontro a uma coluna e começou a deslizar para baixo, e a neve caía à sua volta, cintilando nas luzes dos refletores. Ele achou que era a coisa mais linda que já tinha visto.

Em *Dr. Onze*, vol. I, Nº2: *A Perseguição*, o Dr. Onze recebe a visita do fantasma de seu mentor, o Capitão Lonagan, que fora morto recentemente por um assassino de Submarina. Miranda descartou quinze versões daquela imagem, trabalhando horas e horas seguidas, antes de concluir que tinha encontrado a representação exata do fantasma, e anos depois, no fim, delirante numa praia vazia no litoral da Malásia, com aves marinhas subindo e mergulhando pelo ar e uma fileira de embarcações se apagando no horizonte, aquela era a imagem em que Miranda pensava sem parar, afastando-se à deriva e depois voltando para ela, e depois, de algum modo, deslizando para fora do quadro: o capitão está representado com suaves cores de tinta guache, uma silhueta translúcida na penumbra do escritório do Dr. Onze, idêntico ao setor administrativo do escritório de Leon Prevant, em Toronto, até mesmo os grampeadores na mesa. A diferença é que o escritório de Leon Prevant tinha uma vista para a ampla área tranquila do lago Ontário, ao passo que a janela do escritório do Dr. Onze dá para a Cidade, ilhas rochosas e pontes em arco por cima de portos. O cão lulu-da-pomerânia, Luli, está todo encolhido, dormindo num canto do quadro. Dois pedaços do escritório estão barrados por balões de diálogo.

Dr. Onze: Como foi para você, no final?

Capitão Lonagan: Foi exatamente como acordar de um sonho.

A SINFONIA ITINERANTE partiu do aeroporto numa manhã radiante de setembro. Ficaram lá cinco semanas, descansando e fazendo reparos nos trailers, representando Shakespeare e tocando música em noites alternadas, e deixaram em sua esteira uma ressaca orquestral e teatral. Naquela tarde, Garrett cantarolava baixinho um concerto de Brandenburgo enquanto trabalhava na horta, Dolores sussurrava para si fragmentos de Shakespeare enquanto varria o chão do terminal, as crianças praticavam luta de espada com pedaços de pau. Clark se retirou para o museu. Passava um espanador de penas em seus objetos e pensava na Sinfonia descendo pela costa, levando seu Shakespeare, suas armas e a música.

No dia anterior, Kirsten dera para Clark uma das duas revistas em quadrinhos do *Dr. Onze*. Ele notou que ela sofreu por se separar da revista, mas a Sinfonia ia entrar em território desconhecido e ela queria garantir que pelo menos uma delas estaria em segurança, caso houvesse problemas na estrada.

— Até onde sei, a direção para onde estão indo é perfeitamente segura — disse Clark. Tinha garantido aquilo à maestrina alguns dias antes. — Às vezes chegam mercadores, vindo de lá.

— Mas não é nosso território habitual — disse Kirsten e, se Clark já não a conhecesse um pouco, depois das semanas em que a Sinfonia residira no terminal A, apresentando concertos ou Shakespeare toda noite, ele poderia não notar a emoção na voz dela. Kirsten estava morrendo de ansiedade para ver a cidade no extremo sul onde havia aquela grade de luz elétrica. — Quando eu passar por aqui na volta, vou levar essa revista comigo e deixar a outra. Assim, pelo menos uma revista sempre vai estar em segurança.

No início da noite, Clark termina de tirar a poeira de seus objetos queridos no Museu da Civilização e se instala em sua poltrona predileta para ler as aventuras do Dr. Onze, à luz de uma vela.

Ele se detém na cena de um jantar na Estação Onze. Havia ali algo de familiar. Uma mulher de óculos quadrados recorda algo da vida na Terra: “Viajei pelo mundo antes da guerra”, diz ela. “Passei um tempo na República Tcheca, sabe, em *Praha*...” E lágrimas brotam dos olhos de Clark, porque de repente reconhece aquele jantar, ele esteve *lá*, lembra a mulher que falou “*Praha*”, seus óculos e sua pretensão. O homem sentado ao lado dela tem uma vaga semelhança com o próprio Clark. A mulher loura na ponta da mesa da história em quadrinhos é, inequivocamente, Elizabeth Colton, e o homem depois dela, nas sombras, parece um pouco Arthur. Um dia, no passado, Arthur esteve com todos eles em Los Angeles, em volta de uma mesa, sob a luz elétrica. Na página, só falta Miranda, sua cadeira é ocupada pelo Dr. Onze.

Na versão da história em quadrinhos, o Dr. Onze está sentado de braços cruzados, sem ouvir a conversa, perdido em pensamentos. Na memória de Clark, os garçons servem vinho e ele sente uma enorme afeição por eles, todos eles: os garçons, os convidados, os anfitriões,

até por Arthur, que está se comportando pessimamente, até pelo advogado bronzeado de Arthur, pela mulher que disse “Praha” em vez de “Praga”, pelo cachorro que espia através do vidro. Na ponta da mesa, Elizabeth mira o vinho em sua taça. Na memória, Miranda pede desculpas e se levanta, e Clark a vê esgueirar-se para a noite lá fora. Ele sente certa curiosidade a respeito dela, deseja conhecê-la melhor, então diz para os outros que precisa fumar um cigarro e vai atrás da mulher. O que será que houve com Miranda? Clark ficou muito tempo sem pensar nela. Todos aqueles fantasmas. Ela passou a trabalhar numa empresa de navegação, ele lembra.

Clark ergue os olhos e observa a atividade noturna na pista de decolagem, os aviões que estão pousados há vinte anos, o reflexo de sua vela refletindo no vidro. Clark não tem nenhuma esperança de ver um avião levantar voo outra vez em sua vida, mas será possível que em algum lugar existam barcos partindo? Se existem de novo cidades com luzes nas ruas, se existem sinfonias e jornais, então o que mais pode conter este mundo que desperta? Talvez embarcações estejam soltando as amarras neste exato momento, viajando na direção dele, ou para longe dele, conduzidas por marinheiros munidos de mapas e do conhecimento das estrelas, levados pela necessidade ou talvez simplesmente pela curiosidade: o que será que aconteceu com os países do outro lado? Pelo menos, é agradável imaginar a possibilidade. Ele gosta de pensar em navios que se movem pela água, rumo a outro mundo, lá onde os olhos não alcançam.

AGRADECIMENTOS

NOTAS

O livro mencionado no Capítulo 43 (vampiros, América do Norte em quarentena etc.) é *A Passagem*, de Justin Cronin.

A frase inscrita no primeiro trailer e tatuada no braço de Kirsten, “Sobreviver não é suficiente”, provém de *Star Trek: Voyager*, episódio 122, que foi ao ar pela primeira vez em setembro de 1999 e foi escrita por Ronald D. Moore.

Tenho uma dívida de inspiração com Simon Parry, cujo artigo de 28 de setembro de 2009 no *Daily Mail*, intitulado “Revelado: A frota fantasma da recessão está ancorada a leste de Cingapura”, inspirou os capítulos do livro passados na Malásia.

A montagem da peça *Rei Lear*, em Toronto, descrita neste livro se baseia em especial na requintada produção de 2007 de James Lapine encenada em Nova York, na qual ele apresentou o inusitado acréscimo de três meninas que representaram papéis sem falas, como versões infantis das filhas de Lear.

AGRADEÇO

A minha magnífica agente, Katherine Fausset, e os colegas da Curtis Brown;

A Anna Webber e seus colegas da United Agents;

Aos meus editores, cujo trabalho incansável tornou este livro muito melhor do que teria sido sem eles. Em ordem alfabética: Jenny Jackson, da Knopf, Sophie Jonathan, da Picador UK e Jennifer Lambert, da HarperCollins Canada;

A todos que compraram este livro ou trabalharam nele na Knopf, na Picador, na HarperCollins e outros;

A Sohail Tavazoie, por tão gentilmente ter incluído meu livro em sua programação;

A Greg Michalson, Fred Ramey e seus colegas da Unbridled, por seu apoio e generosidade;

A Michele Filgate e Peter Geye, por ler e comentar versões iniciais dos originais;

A Pamela Murray, Sarah MacLachlan, Nancy Miller, Christine Kopprasch, Kathy Pories, Maggie Riggs, Laura Perciaseppe e Andrea Schulz, por seu entusiasmo com o trabalho e por seus comentários editoriais extremamente úteis;

A Richard Fausset, pela assistência antropológica;

A Jon Rosten, pelas informações sobre a ponte Mackinac;

A Kevin Mandel, sempre, por tudo.

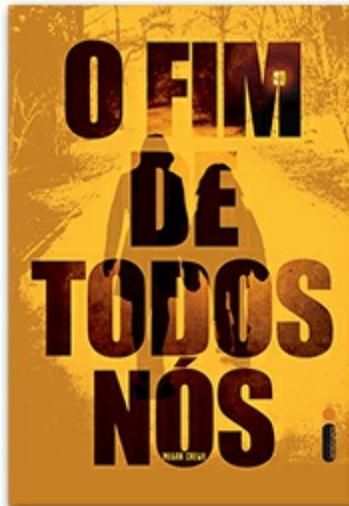
SOBRE A AUTORA

Dese'Rae L. Stage

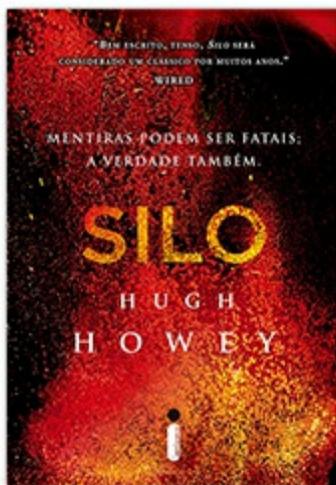


EMILY ST. JOHN MANDEL nasceu na costa oeste do Canadá. Estudou dança contemporânea na School of Toronto Dance Theatre e morou por um breve período em Montreal antes de se mudar para Nova York. *Estação Onze*, seu quarto romance, foi finalista em 2014 do National Book Award, do PEN / Faulkner Award, do Baileys Women's Prize (antigo Orange) e vencedor do Arthur C. Clarke Award, além de ter sido considerado um dos melhores livros do ano por veículos como *The Washington Post*, *San Francisco Chronicle*, *Chicago Tribune*, *Entertainment Weekly*, *Time*, *The Huffington Post*, *BookPage*, *Time Out* e *Book Riot*. Emily faz parte da equipe da revista literária on-line *The Millions* e mora com o marido em Nova York.

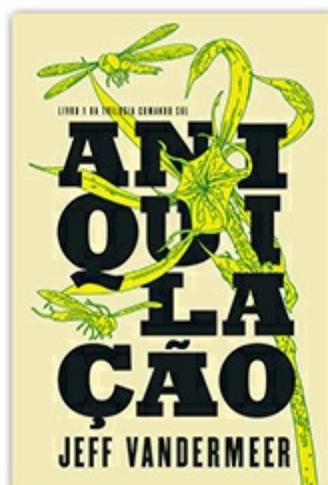
LEIA TAMBÉM



[*O fim de todos nós*](#)
[Megan Crewe](#)



[*Silo*](#)
[Hugh Howey](#)



[*Aniquilação*](#)

[Jeff Vandermeer](#)



[Toda luz que não podemos ver](#)
[Anthony Doerr](#)

Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[I. O teatro](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[II. Sonho de uma noite de verão](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[III. Prefiro você com a coroa](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[IV. A nave espacial](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[V. Toronto](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[VI. Os aviões](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[VII. O terminal](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[VIII. O Profeta](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[IX. Estação Onze](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)